



# NEEJA

## **NÚCLEO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

CAXIAS DO SUL – 4ª CRE

Rua Garibaldi, 660 – Centro

CEP – 95080-190

Fone –(54) 3221-1383

Email – [neejacxs@gmail.com](mailto:neejacxs@gmail.com)

# **ENSINO MÉDIO**

## **CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS**

**2021**

## **Objetivos da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:**

- Analisar e problematizar processos e fenômenos naturais, sociais, filosóficos, sociológicos, históricos e geográficos, adotando condutas de investigação voltadas para a promoção de conhecimentos, da sustentabilidade ambiental, da interculturalidade e em defesa da vida.
- Articular teorias filosóficas às problemáticas contemporâneas do campo das ciências e da tecnologia identificando-as nas diferentes expressões de vida humana.
- Compreender a organização do espaço sociogeográfico brasileiro e mundial, sua organização e constantes alterações, inserindo-se e percebendo-se como agente social.
- Valorizar o direito à cidadania dos indivíduos, dos grupos e dos povos como condição de efetivo fortalecimento da democracia.
- Instigar o raciocínio e a reflexão crítica, cultivando o interesse pela cultura e pelo fatos que circundam o cotidiano fomentando o prazer pela interrogação.
- Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
- Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seus impactos nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento, no mundo do trabalho e na vida social.

# GEOGRAFIA

## DIFERENTES TIPOS DE ESPAÇO: O ESPAÇO NATURAL E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Desde os primórdios da humanidade, antes mesmo da invenção da escrita, os seres humanos atuam no processo de modificação da natureza. Com o tempo, essa prática foi se tornando cada vez mais comum e culminou no desenvolvimento das civilizações, todas elas dotadas de seus espaços, sem os quais não seria possível ter referências sobre elas. Assim sendo, esse espaço é parte constituinte da sociedade que o constrói e, de certa forma, reflexo dela, sendo o produto de suas visões de mundo, práticas sociais, religiões, culturas e, claro, de seu poder.

Quando afirmamos que a humanidade modifica e organiza o espaço, queremos dizer que ela transforma a natureza primitiva, também chamada de primeira natureza ou espaço natural, em uma espécie de segunda natureza, que corresponde à natureza humanizada, também chamada de espaço artificial ou cultural.

O espaço geográfico carrega consigo elementos do passado e do presente, sendo o testemunho mais explícito das diferenças de valores culturais, arquitetônicos e morais dos diferentes períodos da história. Quando observamos um prédio antigo ou andamos por ruas centenárias, somos capazes de perceber, ao menos em partes, os valores de épocas anteriores.

Portanto, o espaço geográfico é o espaço mais significativo para a Geografia. É esse que se apresenta como uma totalidade nas suas formas visíveis e invisíveis (ex. fluxo de comunicação e fluxo de informação), no qual ocorrem relações econômicas, políticas e sociais em escalas local, regional, nacional e global.

## OUTROS CONCEITOS PARA COMPREENSÃO DOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

O espaço natural, cada vez mais reduzido e modificado pelos seres humanos, é aquele que resultou da evolução da natureza, da ação de fenômenos geológicos, climáticos e outros.

**Paisagem:** é o espaço da superfície que podemos captar através dos nossos sentidos. É tudo aquilo que se manifesta diante de nós (natural ou cultural), aquilo que podemos ver, ouvir, sentir, tocar e cheirar.

**Lugar:** Pedaco do espaço geográfico onde vivemos nosso cotidiano e desenvolvemos nossas relações sociais e afetivas, gerando um sentimento de identificação. Exemplo: a casa, a rua e o bairro onde você mora. A escola e/ou igreja onde frequenta e assim por diante.

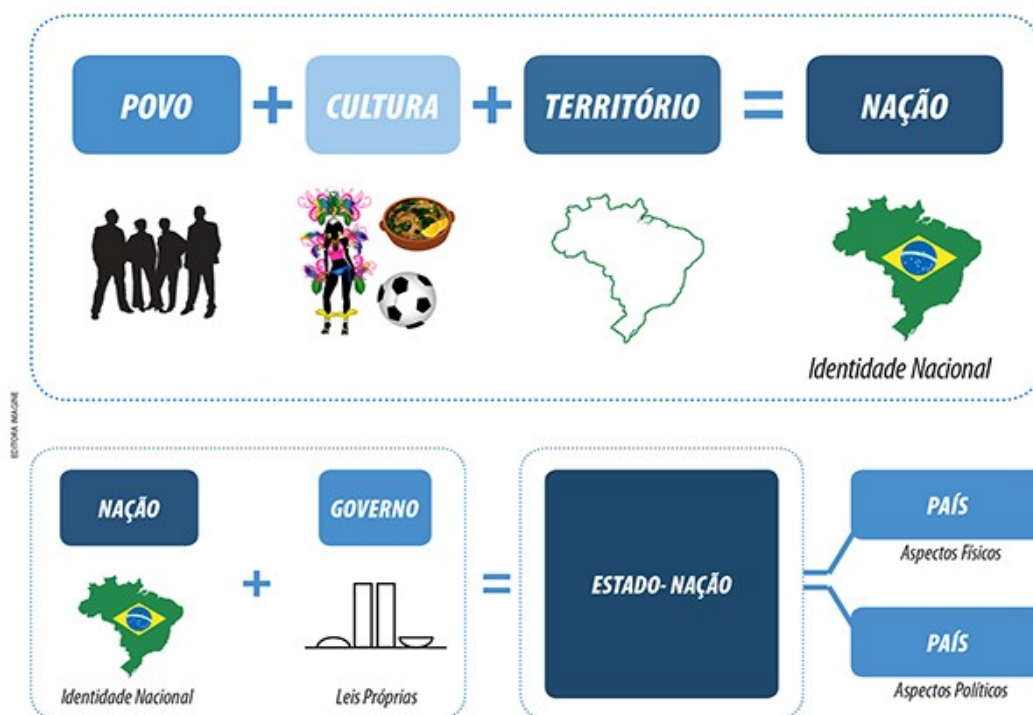
**Região:** é um dos conceitos mais complexos da Geografia e possui várias definições. Pode-se dizer que região é uma área ou porção do espaço dividido conceitualmente pelo homem conforme suas características (clima, economia, relevo, política, entre outros). As regiões não existem na natureza, pois se tratam de uma construção intelectual humana. Assim, o homem pode elaborar diferentes regiões conforme os seus interesses, seja para planejar ações, seja

para realizar estudos. Exemplo: as regiões brasileiras segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

**Território:** É a porção do espaço geográfico estabelecida sob uma relação de poder. Classicamente representado pelos territórios nacionais, que são pedaços do espaço geográfico delimitados por fronteiras, onde cada país (Estado-Nação) exerce sua soberania, ou seja, seu poder. Também pode haver territórios paralelos ao poder do Estado-Nação, é o caso, por exemplo, das favelas brasileiras, onde o poder do tráfico de drogas muitas vezes se sobrepõe ao poder do país.

Um **Estado-Nação** é constituído por uma massa de cidadãos que se considera parte de uma mesma nação.

Analise o esquema abaixo:



## A ORGANIZAÇÃO E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

O homem transforma o espaço terrestre segundo as suas necessidades e interesses, criando, assim, espaços geográficos. Porém, esses espaços não são todos organizados da mesma forma, isto é, são as relações, que condicionam a organização e as desigualdades espaciais, dependem em grande parte do grau de desenvolvimento tecnológico de determinada sociedade. Em cada paisagem encontramos diferentes registros históricos dos indivíduos e de grupos que percebemos através das formas de produção, características naturais e cultura.

## MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL

O meio técnico-científico-informacional corresponde à atual fase dos processos de transformação da natureza e de construção do espaço geográfico.

O geógrafo Milton Santos deixou como um dos seus principais legados teóricos, a noção de meio técnico-científico-informacional, que corresponde à evolução dos processos de

produção e reprodução do meio geográfico.

Para compreender o seu conceito, é necessário entender a evolução das transformações do espaço, que vão desde o meio natural, passando pelo meio técnico, até chegar ao período atual, em que há uma maior inserção das ciências e do meio informacional sobre as formas com que as produções espaciais ocorrem.

**O meio natural** corresponde ao período em que o emprego das técnicas esteve diretamente vinculado à dependência sobre a natureza, da qual o homem fazia uso sem propiciar grandiosas transformações. Assim, as ações de interferência sobre o meio eram, sobretudo, locais, e a participação das atividades antrópicas, bem como as suas transformações, eram limitadas pela harmonização e preservação da própria natureza. Ex. técnicas de pousio, rotação de culturas e agricultura itinerante, em que o uso do solo limitava-se à sua preservação para manter um equilíbrio entre uso e preservação da natureza.

**O meio técnico** representa a emergência do espaço mecanizado, com a introdução de objetos e sistemas que provocaram a inserção das tecnologias no meio produtivo. Podemos citar como exemplo mais determinante a I Revolução Industrial, mesmo que antes disso já houvesse algumas técnicas em que a atuação mecânica existisse e agisse sobre o meio geográfico.

**O meio técnico-científico-informacional** representa a atual etapa na qual se encontra o sistema capitalista de produção e transformação do espaço geográfico, estando relacionado, sobretudo, à Terceira Revolução Industrial, que, não por acaso, passou a ser reconhecida como Revolução Científica Informacional, cuja impactação manifestou-se de forma mais intensa a partir dos anos 1970. Nesse momento ocorreu uma união entre técnica e ciência, guiadas pelo funcionamento do mercado, que, graças aos avanços tecnológicos, expande-se e consolida o processo de Globalização.

## Ondas de Transformação



## ORIENTAÇÃO GEOGRÁFICA ( REVISÃO)

O método de orientação é usado para auxiliar no deslocamento e determinar os

caminhos para seguir o rumo certo, até mesmo quando não é possível se conduzir pelos acidentes geográficos.

### Meios de orientação:

**Sol:** O sol nasce sempre ao leste e se põe sempre ao oeste. Com isso obtemos os Pontos Cardeais.

**Lua:** Possui o mesmo processo que o sol.

**Cruzeiro do Sul:** É uma constelação que aparece apenas no hemisfério sul, apontando sempre o sul.

**Ventos:** Conhecimento da direção dos ventos dominantes.

**Rosa-dos-ventos:** A rosa-dos-ventos é um instrumento de orientação formada pelos pontos cardeais, pontos colaterais e pontos subcolaterais.

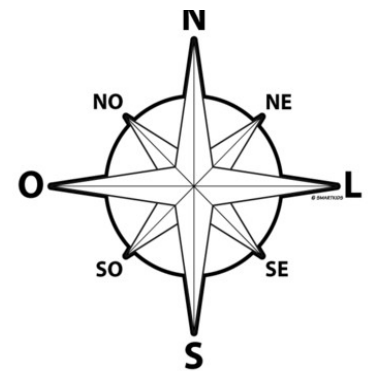
### Pontos cardeais:

N: Norte (setentrional)

S: Sul (meridional)

L ou E: Leste ou Este (oriental)

O ou W: Oeste (ocidental)



**ROSA DOS VENTOS**

### Pontos colaterais: Ficam sempre entre os pontos cardeais.

Nordeste-NE: está entre os pontos norte e este.

Sudeste-SE: está entre os pontos sul e este.

Sudoeste-SO: está entre os pontos sul e oeste.

Noroeste-NO: está entre os pontos norte e oeste.

## CARTOGRAFIA

A cartografia é a área do conhecimento responsável pela elaboração e estudo dos mapas e representações cartográficas em geral, incluindo plantas, croquis e cartas gráficas. Essa área do conhecimento é de extrema utilidade não só para os estudos em Geografia, mas também em outros campos, como a História e a Sociologia, afinal, os mapas são formas de linguagem para expressar uma dada realidade.

### CONFIRA, A SEGUIR, UM RESUMO DOS PRINCIPAIS CONCEITOS DA CARTOGRAFIA

Para começar, analise os exemplos:

Mapa	Planta	Croqui	Escala
<p>Mapa político</p>	<p>Primeira planta oficial de Caxias - 1890</p>		<p><b>Escala</b></p> <p>✓ Informa quantas vezes uma área da superfície terrestre foi reduzida.</p> <p>• TIPOS DE ESCALA:</p> <p>✓ Numérica = 1:50.000 ou 1/50.000</p> <p>✓ Gráfica =</p>

**Mapa** – um mapa é uma representação reduzida de uma dada área do espaço geográfico. Um mapa temático, por sua vez, é uma representação de um espaço realizada a partir de uma determinada perspectiva ou tema, que pode variar entre indicadores sociais, naturais, regionais, políticos, econômico entre outros.

Exemplos mapas:

- Mapa climático – indica os tipos de clima que atuam sobre uma região.
- Mapa hidrográfico – mostra os rios principais, bacias hidrográficas de uma determinada região ou país.
- Mapa político – aponta a divisão do território em países, estados, regiões e municípios.
- Mapa econômico – indica as atividades produtivas do homem em uma determinada região.
- Mapa demográfico – apresenta a distribuição da população em uma determinada região.
- Mapa rodoviário – apresenta as rodovias e as estradas de um país.
- Mapa topográfico – estuda o relevo em níveis de altura, também incluindo os rios mais importantes do lugar.

**Plantas** – representação cartográfica realizada a partir de uma escala muito grande, ou seja, com uma área muito pequena e um nível de detalhamento maior. É muito utilizada para representar casas e moradias em geral, além de bairros, municípios, parques e empreendimentos.

**Croqui** – é um esboço cartográfico de uma determinada área ou, em outras palavras, um mapa produzido sem escala e sem os procedimentos padrões na sua elaboração, servindo apenas para a obtenção de informações gerais de uma área.

**Escala** – é a proporção entre a área real e a sua representação em um mapa. Geralmente, aparece designada nos próprios mapas na forma numérica e/ou na forma gráfica.

#### • Como resolver exercícios de Escala

A escala indica a relação existente entre a distância que separa dois pontos em um mapa e a correspondente distância na realidade.

1 - Lembre-se que 1 km = 100.000 cm. São cinco zeros para serem trabalhados.

2 - Se o exercício quiser a distância real em km e sua resposta estiver em cm, basta cortar os 5 zeros ou a depender do número, mover a vírgula 5 casas para a esquerda.

Ex= 250.000 cm = 2,5 km.

3 - Se a resposta pedir a distância no mapa em cm e sua resposta estiver em km, basta acrescentar 5 zeros ao número ou a depender do número, mover a vírgula 5 casas para a direita.

Ex =2,5km=250.000

4 - Desenhe essa tabela de medidas abaixo, para converter cm em km e vice-versa.

Quilômetro	Hectômetro	Decâmetro	Metro	Decímetro	Centímetro	Milímetro
<b>km</b>	<b>hm</b>	<b>dam</b>	<b>m</b>	<b>dm</b>	<b>cm</b>	<b>mm</b>



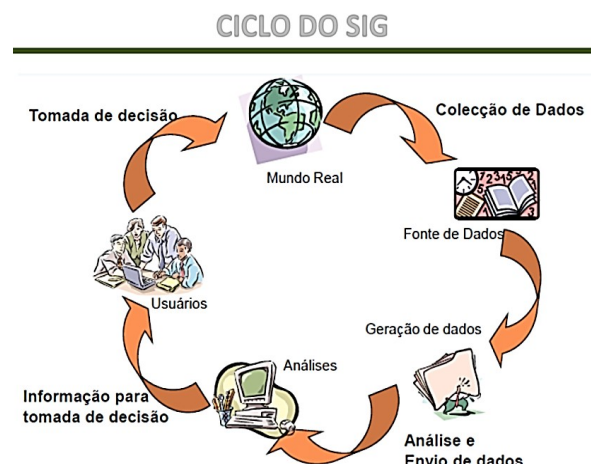
Exemplo: Para converter a escala gráfica de um mapa que é de 650 km em escala numérica escrevemos 650 em baixo do km e acrescentamos 5 zeros até chegar no cm, ficando assim: 65.000.000. Então a escala numérica é 1: 65.000.000

**Legenda** – é a utilização de símbolos em mapas para definir algumas representações e está sempre presente em mapas temáticos. Alguns símbolos cartográficos e suas legendas são padronizados para todos os mapas, como o azul para designar a água e o verde para indicar uma área de vegetação, entre outros.

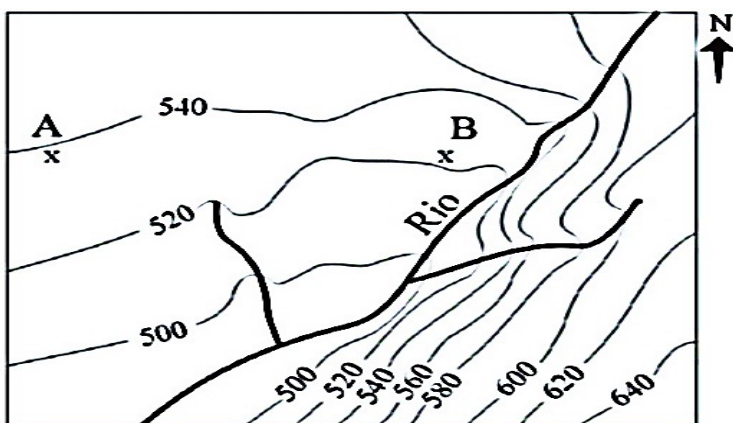
**Orientação** – é a determinação de ao menos um dos pontos cardeais, importante para representar a direção da área de um mapa. Alguns instrumentos utilizados na determinação da orientação cartográfica são a Rosa dos Ventos, a Bússola e o aparelho de GPS.

**Aerofotogrametria** – é a cobertura aerofotográfica executada para fins de mapeamento. Uma aeronave equipada com câmeras fotográficas métricas percorre o território fotografando-o verticalmente, seguindo alguns preceitos técnicos como: ângulo máximo de cambagem 3°, sobreposição frontal entre as fotos de 60%, sobreposição lateral de 30%.

**SIG** – sigla para “Sistemas de Informações Geográficas” é o conjunto de métodos e sistemas que permitem a análise, coleta, armazenamento e manipulação de informações sobre uma dada área do espaço geográfico. Utilizam, muitas vezes, técnicas e procedimentos tecnológicos, incluindo softwares, imagens de satélite e aparelhos eletrônicos em geral.



**Curvas de Nível** – As curvas de nível ou isoípsas são linhas que no mapa unem pontos de mesma altitude. A distância entre as curvas de nível, no traçado geral, indica nos o grau de declividade que será: suave (quando as curvas de nível das cotas usadas estiverem distantes entre si) ou acentuada (quando as curvas de nível estiverem muito próximas umas das outras). Através das curvas de níveis, também podemos traçar o perfil do relevo.





**Projeções Cartográficas** – são o sistema de representação da Terra, que é geoide e quase arredondada, em um plano, de forma que sempre haverá distorções. No sistema de projeções cartográficas, utiliza-se a melhor estratégia para definir quais serão as alterações entre o real e a representação cartográfica com base no tipo de mapa a ser produzido.

**PROJEÇÃO CARTOGRÁFICA**

É a forma pela qual uma superfície esférica (no caso, a terra) é representada num plano, ou seja, no mapa.

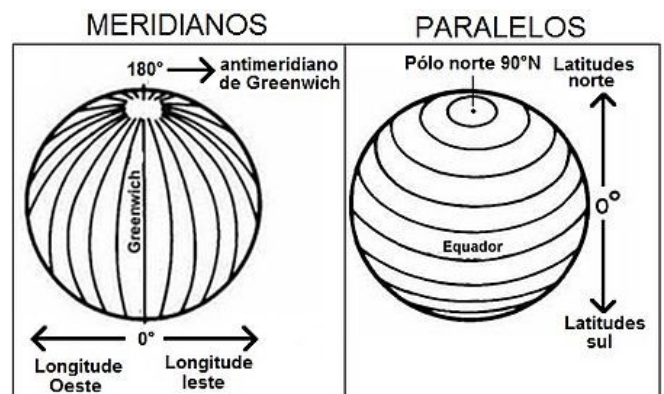
### PRINCIPAIS TIPOS DE PROJEÇÕES CARTOGRÁFICAS



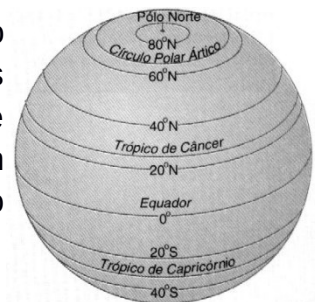
### SISTEMA DE COORDENADAS

#### TERRESTRES

Olhe, detalhadamente para um mapa ou um globo terrestre. Onde os lugares se localizam? Cada lugar tem o seu endereço global, que diz exatamente onde se localiza no mundo. Existem dois números no endereço global: um para a latitude e outro para a longitude. Se conhecermos esses dois números e soubermos como usá-los, poderemos encontrar qualquer lugar na superfície da Terra e dar sua localização exata. Para isso, foram criadas as coordenadas geográficas, que são as linhas imaginárias determinantes da latitude (paralelos) e da longitude (meridianos).



**Paralelos** – são as linhas imaginárias traçadas horizontalmente sobre o planeta ou perpendiculares ao eixo de rotação terrestre. Os principais paralelos são a Linha do Equador, os Trópicos de Câncer e Capricórnio e os Círculos Polar Ártico e Antártico. Todo paralelo da Terra possui um valor específico de latitude, que varia de 0° a 90° para o sul ou para o norte.



**Meridianos** – são as linhas imaginárias traçadas verticalmente sobre o planeta ou paralelas ao eixo de rotação terrestre. O principal meridiano é o de Greenwich, estabelecido a partir de uma convenção internacional. Todo meridiano da Terra possui um valor específico de longitude, que varia entre 0° e 180° para o leste ou para o oeste.

**Latitude** – é a distância, medida em graus, entre qualquer ponto da superfície terrestre e a Linha do Equador, que é um traçado imaginário que se encontra a igual distância entre o extremo norte e o extremo sul da Terra.

**Longitude** – é a distância, medida em graus, entre qualquer ponto da superfície terrestre e o Meridiano de Greenwich, outra linha imaginária que é empregada para definir a separação dos hemisférios leste e oeste.

### AS COORDENADAS GEOGRÁFICAS E FUSOS HORÁRIOS

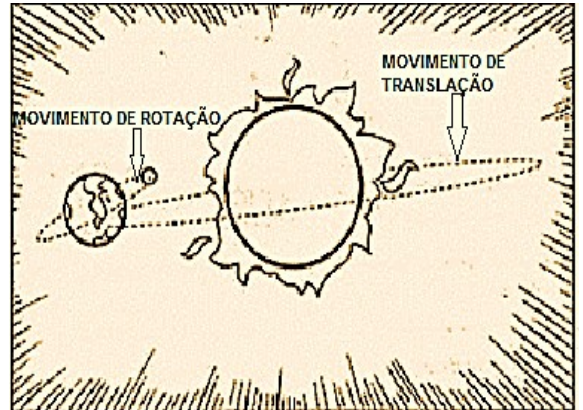
O movimento que a Terra executa (rotação) ao redor de si própria ou ao redor do seu eixo imaginário, no tempo de aproximadamente 24 horas, influencia diretamente dias e noites e no cálculo dos fusos horários mundiais através dos meridianos. Em decorrência desse movimento a Terra expõe ao sol a esfera terrestre, que tem 360° graus de circunferência (180° para leste e 180° para oeste). Considerando que o nosso planeta leva 24 horas para realizar seu movimento, a cada hora o sol ilumina uma faixa de 15° ( $360^\circ: 24 = 15^\circ$ ). Essas faixas são chamadas de fusos horários. Seguindo essa lógica cada 15° representam uma hora.

## O PLANETA TERRA

O Planeta Terra está situado na via Láctea e faz parte do sistema solar, de todos os planetas integrantes somente a Terra possui temperaturas favoráveis ao desenvolvimento e proliferação da vida, isso por que nosso planeta não é muito quente e nem muito frio. Em circunstâncias normais a temperatura média da Terra é de 15°C.

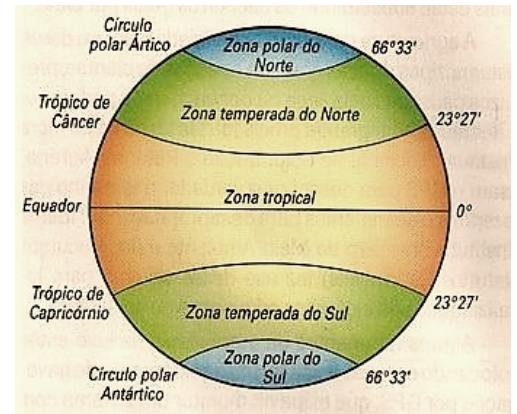
A Terra realiza diversos movimentos, porém os principais são os de **rotação** e **translação**. O primeiro corresponde a um movimento que a Terra realiza em torno de si mesma e que requer vinte quatro horas para ser concretizado, esse é responsável pelo surgimento dos dias e das noites.

O segundo corresponde ao movimento que a Terra realiza em torno do sol e para completá-lo são necessários 365 dias e 6 horas e 366 dias nos anos bissextos, às seis horas são somadas ao longo de quatro anos, totalizando 24 horas ou um dia. O movimento de translação é responsável pelo surgimento das estações do ano, essa variação no clima corresponde às posições que a Terra se encontra em relação ao sol em determinados períodos do ano.



## ZONAS CLIMÁTICAS

A Terra tem zonas climáticas diferenciadas em razão de seu formato geóide, que se assemelha a uma esfera. Por isso, as diferentes áreas do globo não recebem luz solar com intensidades iguais. As regiões próximas à Linha do Equador são atingidas pelos raios solares de forma perpendicular. Saindo do Equador em direção ao norte ou ao sul, os raios solares atingem a Terra de maneira inclinada. Segundo essa variação solar, a Terra foi dividida em regiões térmicas, ou climáticas. Em decorrência do movimento de translação, bem como pela inclinação do planeta ao longo do ano, os raios solares apresentam-se de maneiras diferenciadas provocando dois fenômenos: os equinócios - períodos do ano em que a Terra é iluminada igualmente nos dois hemisférios. Nesse momento, os dias e as noites possuem a mesma duração, esses períodos correspondem a 21 junho, solstício de inverno no hemisfério sul (e de verão no hemisfério norte), com os dias menores do que as noites, e no dia 21 de dezembro, há os solstícios de verão no nosso hemisfério, com as noites menores do que os dias. Já nos equinócios nas proximidades do dia 21 de março, quando ocorre o equinócio de outono no hemisfério sul, e dia 23 de setembro, ocorre o equinócio de primavera, os dias e as noites possuem a mesma duração.



O Planeta Terra é composto por camadas que partem desde a superfície terrestre até o núcleo, desse modo são denominadas litosfera, crosta, manto. Todas essas camadas são formadas por diferentes tipos de minérios e gases, embora os principais sejam: ferro, oxigênio, silício, magnésio, níquel, enxofre e titânio.

A respeito da formação do Planeta Terra existem duas explicações: o evolucionismo e o criacionismo, o primeiro se baseia na teoria do Big Bang e o segundo acredita na criação divina, ou seja, criada por Deus.

Atualmente, a teoria mais aceita perante a classe científica é de que o planeta Terra teria sua formação a partir do agrupamento de poeira cósmica, logo depois houve um aquecimento promovido por grandes reações químicas, essa junção formou corpos maiores devido à gravidade. A gravidade existente atraiu alguns gases formando assim uma espécie de atmosfera primitiva.

Os elementos que favorecem a vida na Terra são chamados de **Biosfera ou “esfera da vida”**, essa é composta pela **litosfera**, **atmosfera** e **hidrosfera** formada há aproximadamente 3,5 bilhões de anos. Os elementos citados interagem entre si e com os seres vivos presentes no planeta Terra (animais, vegetais e o homem).

### ATMOSFERA, TEMPO E CLIMA

A atmosfera, camada gasosa que envolve a Terra, é heterogênea, pois se torna rarefeita à medida que a altitude aumenta. Ao contrário, ou seja, ao nível do mar, a concentração de gases é maior e a composição é de 78% de nitrogênio, 21% de oxigênio e apenas 1% de outros. A atmosfera é composta basicamente por cinco camadas, com destaque para a troposfera, que nos envolve diretamente, atingindo em média 10 km de altitude e concentrando 75% dos gases e 80% da umidade atmosférica.

### FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

Existem diversos fenômenos atmosféricos naturais e que não apresentam nenhum tipo de prejuízo para o homem. Mas em meio a eles, existem aqueles que, em sua maioria, causados pela ação humana, interferem e muito na vida do ser humano.

Entre os principais fenômenos estão o Efeito Estufa, a Chuva Ácida, a Inversão Térmica e as Ilhas de Calor.

### **Efeito Estufa**

É importante entender que o que chamamos de efeito estufa é um fenômeno natural e benigno, uma vez que ele age simplesmente mantendo a quantidade ideal de calor na atmosfera terrestre, mantendo assim a vida tal qual a conhecemos. O problema é o agravamento deste efeito, que ocorre principalmente através da queima de combustíveis fósseis. Os gases emitidos pelos carros, ônibus e caminhões são os principais causadores desse agravamento, seguidos pelas enormes chaminés de fábricas e indústrias, que soltam seus gases tóxicos na atmosfera todos os dias.

### **Chuva ácida**

Este fenômeno ocorre também em função da queima de combustíveis fósseis e pela emissão de poluentes na atmosfera. A partir da liberação de dióxido de enxofre (SO<sub>2</sub>) e dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) na atmosfera, que posteriormente combinam-se com o hidrogênio já presente na atmosfera. O resultado desta combinação são as chuvas com elevado nível de acidez, que se tornam nocivas por alterarem a composição química do solo e das águas. Além disso, interferem em diversos biomas além de, lentamente, corroerem monumentos e edifícios.

### **Ilhas de calor**

Este fenômeno tipicamente urbano é caracterizado pelo aquecimento exagerado de uma área. Pode ocorrer por diversos fatores, mas principalmente por edifícios altos e/ou espelhados (que agem dificultando a circulação do vento e uso de materiais de construção com pouca capacidade de absorver o calor), quantidades exageradas de automóveis liberando calor e impermeabilização do solo (asfalto), que implica diretamente em diminuição da área verde urbana. Por todos esses motivos, esse fenômeno é mais comum nas grandes cidades.

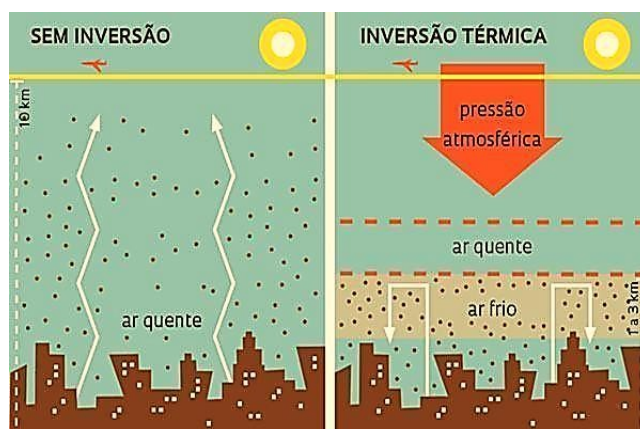
A oscilação de temperatura entre o centro de uma grande cidade e uma zona rural pode variar entre 4°C, 6°C ou até mesmo 11°C; o que proporciona muitos inconvenientes à população em virtude dos incômodos que o calor excessivo provoca.

### **Inversão térmica**

A inversão térmica é um fenômeno atmosférico responsável pela retenção do ar próximo à superfície em áreas cercadas por serras e montanhas, o que impede ou diminui a circulação dos ventos. Nas grandes cidades, esse fenômeno dificulta a dispersão dos poluentes emitidos pelas fábricas e pelos carros, fazendo com que esses permaneçam “parados”, tornando o ar mais impuro e causando inúmeros problemas respiratórios.

Esse fenômeno é natural, ou seja, existe com ou sem a participação do homem. No entanto, a emissão de poluentes na atmosfera torna-se um problema quando a inversão térmica manifesta-se em espaços geográficos urbanizados.

A inversão térmica acontece quando o ar frio (que é mais denso) é impedido de circular por uma camada de ar quente (que é menos denso), em consequência disso ocorre uma





alteração na temperatura. No entanto, em dias frios, mais comuns nas manhãs de inverno, a superfície não consegue aquecer o ar o suficiente para fazer com que ele suba, formando uma camada de ar quente logo acima dele. Como o ar frio, mais pesado, já se encontra abaixo do ar quente, não há movimentação do ar, diminuindo a circulação dos ventos e impedindo a dispersão dos poluentes.

Na cidade de São Paulo, os invernos são conhecidos pelo aumento das taxas de poluição do ar, provocando frequentes problemas respiratórios oriundos desse fenômeno. Pessoas portadoras de doenças como asma, bronquite e enfisema pulmonar tendem a sofrer mais com esse problema. Além disso, a ausência da circulação do ar somada à grande concentração de pessoas nas cidades também contribui para a difusão de vírus e doenças contagiosas.

Em virtude dessas questões, é muito importante que o ser humano condicione a sua vivência no sentido de emitir uma menor quantidade de poluição na atmosfera, pois, nas grandes cidades, esse problema pode ser facilmente sentido e as consequências podem ser graves.

## CLIMA E TEMPO

**Tempo** corresponde ao estado da atmosfera num determinado momento, ou seja, é como se fosse uma “fotografia” da atmosfera, pela qual se percebem as condições meteorológicas, por exemplo: nublado e não nublado.

**Clima** corresponde à sequência habitual de tempos. Por exemplo, no Brasil predominam o verão chuvoso e o inverno seco, formando o clima tropical continental. Portanto, o clima é mais duradouro ou permanente e não muda constantemente como o tempo. Mas, modernamente, a ciência considera que tempo e clima são mutáveis, sendo este último explicado pela ação antrópica, alterando a natureza.

Os **elementos climáticos** são instáveis ou heterogêneos, isto é, variam no planeta em virtude dos fatores. O exemplo clássico corresponde à variação de temperatura pela altitude, isto é, quanto maior a altitude, menor será a temperatura, e vice-versa. Esse fato é explicado pela irradiação, ou seja, o aquecimento da atmosfera ocorre de baixo (terra) para cima, associado ao fato de que o ar retém calor e torna-se rarefeito com o aumento da altitude, portanto, quanto menos ar houver menor será o calor retido. São os elementos climáticos: temperatura- vento - umidade - pressão - atmosférica - precipitações.

Os **fatores climáticos** são os responsáveis pelas características ou modificações dos elementos do clima e devem ser analisados em conjunto: uma localidade, por exemplo, pode estar perto do mar e ser seca, ou pode estar próxima à linha do equador e ser fria. São fatores climáticos: altitude – latitude– maritimidade– continentalidade– relevo– vegetação– circulações atmosférica e oceânica.

Ao caracterizar o clima de uma determinada região, estabelecemos um panorama sobre o regime anual de chuvas, as estações que se definem localmente, as temperaturas médias e uma série de elementos que marca as suas condições naturais. Por outro lado, quando caracterizamos o tempo desse local, estabelecemos se está chovendo ou se vai chover em um determinado dia, se vai fazer calor ou frio, entre outros aspectos de curto prazo.

Existem, no mundo, vários tipos de clima. Essa ampla variação está ligada à grande quantidade de fatores que influenciam o clima, como os já citados anteriormente.

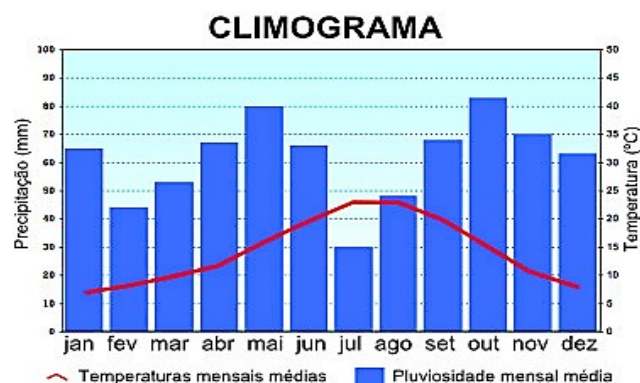


Assim, cada tipo climático possui características específicas de temperatura, umidade, pressão atmosférica e radiação solar.

Uma das maneiras mais eficazes de representar as condições climáticas de um determinado lugar ao longo do ano é através do climograma — um tipo de gráfico que traz, em suas abscissas (coordenadas horizontais), a sucessão dos meses e, em suas ordenadas (coordenadas verticais), as temperaturas médias mensais à direita e as temperaturas à esquerda.

No exemplo podemos notar que os meses mais quentes são julho e agosto, enquanto o período do ano mais frio vai de novembro a fevereiro. Já em termos de chuvas, os meses com maiores precipitações são outubro e maio, e os menos chuvosos são julho e fevereiro.

Conhecer a dinâmica climática das diferentes partes do mundo é muito importante para planejar melhor atividades econômicas, como o turismo, a agricultura e outras, além de prever ações públicas de planejamento, como períodos para construções públicas e inúmeros outros elementos.



## EL NIÑO E LA NIÑA

Tanto o El Niño quanto o La Niña são expressões tiradas do espanhol (que significam “o menino” e “a menina”) para designar algumas anomalias climáticas que acontecem no planeta.

O El Niño é uma anomalia climática causada pelo aquecimento das águas do Oceano Pacífico na região próxima ao Peru. Ele acontece, em média, duas vezes a cada dez anos e dura 18 meses.

As consequências do El Niño são várias: altera a vida marinha no Oceano Pacífico, aumenta as chuvas na América do Sul e em parte dos Estados Unidos, intensifica as secas no Nordeste do Brasil, provoca fortes tempestades no meio do Oceano Pacífico, entre outras consequências.

Esse nome foi escolhido porque os pescadores do litoral do Peru percebiam que o aquecimento das águas do oceano acontecia sempre na época do Natal. Dessa forma, eles escolheram esse nome em referência ao Menino Jesus (Niño Jesus, em Espanhol).

Quando o El Niño acaba, geralmente, surge logo em seguida outro fenômeno chamado de La Niña, por ser exatamente o contrário do El Niño.

O La Niña também é uma anomalia climática caracterizada por provocar o efeito contrário do El Niño e acontece porque as águas dos oceanos que estão mais ao fundo (e mais frias) vão para a superfície e esfriam aquilo que o El Niño tinha esquentado. Costuma durar cerca de nove meses.

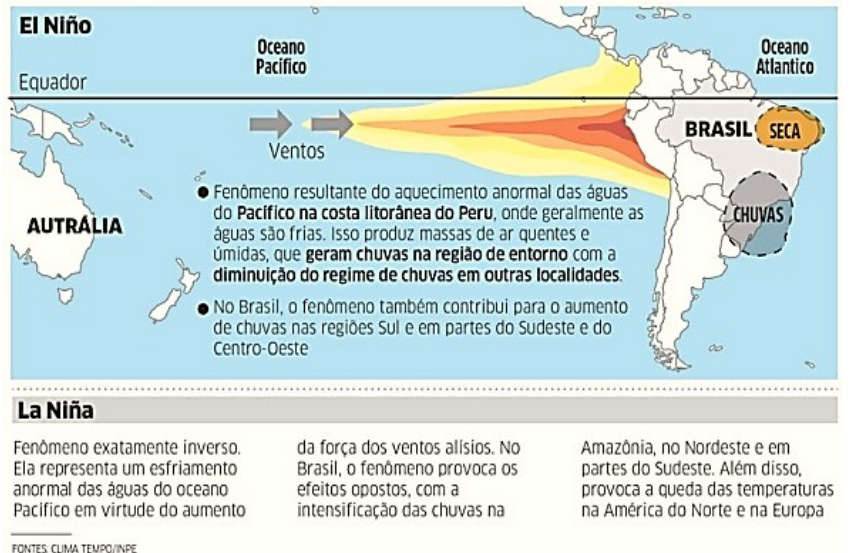
Durante o La Niña também acontecem vários efeitos: a região Centro-Oeste do Brasil fica mais fria durante um rápido período, chove muito no Nordeste, o verão fica mais frio, o Paraguai fica com clima seco, as temperaturas na Austrália ficam bem maiores e as chuvas no Caribe aumentam.

O El Niño e o La Niña são fenômenos climáticos que provocam sérias consequências em todo mundo. Seus efeitos não são apenas climáticos, mas também econômicos, pois quando chove demais em um lugar e de menos em outros, a agricultura, por exemplo, pode acabar sendo prejudicada.

### CICLO HIDROLÓGICO

O ciclo hidrológico ou ciclo da água é o movimento que a água faz na natureza. Este movimento é infinito e circular, pois ocorre através do processo de evaporação das águas da superfície (rios, lagos, oceanos, etc.) do planeta Terra e também pela transpiração dos seres vivos.

### Diferenças



### DISTRIBUIÇÃO DA ÁGUA NO MUNDO

A água é uma substância abundante no planeta Terra e cobre, aproximadamente, três quartos da superfície do planeta. Onde encontramos? Nos oceanos, na atmosfera, sob a forma de nuvens, calotas polares, rios, lagos, aquíferos e em todos os organismos vivos. Os recursos hídricos podem ser considerados sob três aspectos distintos, em função de sua utilidade:

- como elemento ou componente físico da natureza;
- como ambiente para a vida (ambiente aquático);
- como fator indispensável para a manutenção da vida terrestre.

### OCEANOS

A topografia da Terra fez com que as águas se deslocassem para os terrenos mais baixos, formando, assim, os oceanos. O sal, característica marcante dos oceanos, é oriundo de erupções vulcânicas que espalharam os sais das profundezas da Terra e, ao atingirem a superfície, foram arrastados pelas águas das chuvas até os oceanos.

**Importância dos Oceanos:** manutenção da vida no planeta, extração de Minerais, influencia o clima e abriga cerca de 80% das espécies de vida da Terra.

### AQUÍFEROS

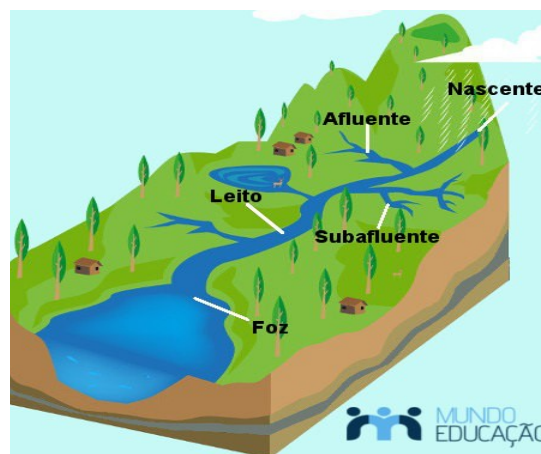
Aquífero é uma formação geológica subterrânea que funciona como reservatório de água. As águas das chuvas infiltram no subsolo e abastecem esse reservatório. Suas rochas têm características porosas e permeáveis, com capacidade de reter e ceder água. Os aquíferos abastecem poços e nascentes e são responsáveis por sua manutenção.

O aquífero Guarani é o principal manancial de água doce da América do Sul. É o maior manancial de água doce subterrânea transfronteiriço do mundo. Sua maior ocorrência se dá em território brasileiro (2/3 da área total), abrangendo os Estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Outro aquífero

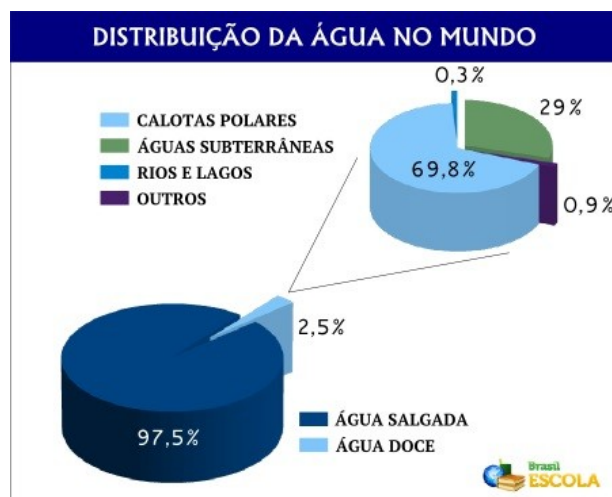
importante é Alter do Chão recentemente descoberto. A importância do Aquífero Alter do Chão vem se tornando cada vez maior em função de recentes descobertas científicas que comprovaram ser esse o maior aquífero do mundo em termos de volume de reserva de água. Ele está localizado em uma parte da região amazônica, mais precisamente em partes do Pará, do Amazonas e também em um pequeno trecho do Amapá.

## RIOS

Rio é um curso de água que corre naturalmente de uma área mais alta para uma mais baixa do relevo, geralmente deságua em outro rio, lago ou no mar. Esses cursos de água se formam a partir da chuva, que é absorvida pelo solo até atingir áreas impermeáveis no subsolo onde se acumula, constituindo o que chamamos de lençol freático. Quando o lençol freático aflora na superfície, dá origem à nascente de um rio. Apesar dessa definição, há rios que se formam de outras maneiras, como por exemplo, a partir do degelo em picos montanhosos, além de alguns originarem de águas de lagos.



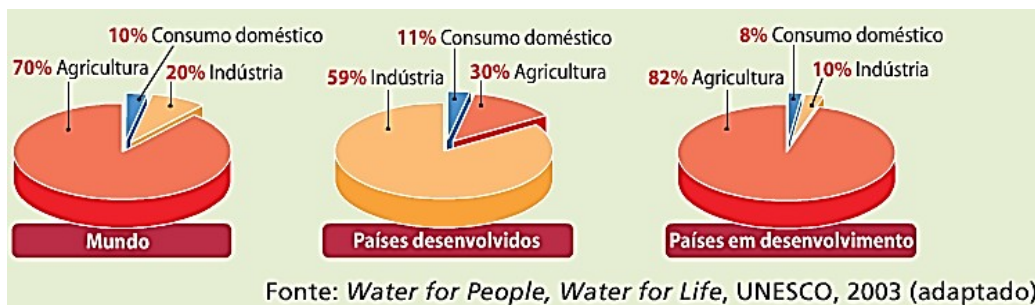
No que se refere, portanto, à distribuição da água na biosfera terrestre, podemos perceber que a maior parte da água existente no mundo é salgada (97%) e está concentrada principalmente nos oceanos e mares, mas também presente em alguns lagos salinos, tais como o Mar de Aral e o Mar Morto. Essa água não costuma ser muito utilizada para consumo ou em atividades de irrigação e abastecimento, exceto em locais onde são aplicadas técnicas de dessalinização da água, que, embora útil para alguns países, ainda não apresenta uma completa eficiência. Os 3% restante corresponde à água doce. No entanto, desse total, quase 70% encontram-se em calotas polares, sendo inviáveis para a exploração e utilização. As águas subterrâneas (29% da água doce), por sua vez, são a principal fonte de captação de recursos hídricos no mundo, apresentando-se nos lençóis freáticos e aquíferos que possuem a capacidade de absorver e filtrar a água. Já os rios e lagos correspondem a apenas 0,9% de toda a água potável disponível no mundo, mas mesmo assim são uma importante fonte de obtenção desse recurso para muitas localidades e precisam ser conservados.



Se falarmos, então, da distribuição da água doce própria para consumo entre as diferentes partes da superfície terrestre, ou seja, entre as diversas localidades, podemos notar como essa distribuição é naturalmente desproporcional. As Américas, juntas, reúnem 41% de todos os recursos hídricos disponíveis, seguidas pela Ásia (maior e mais habitado continente) com 30%, pela África com 10%, depois a Europa com 7%, a Oceania com 5% e a Antártida com 5%. Entretanto, no interior de alguns continentes, existe uma escassez muito grande de recursos hídricos, tais como o norte da África, o Oriente Médio, o Sul da Ásia e algumas outras

regiões do planeta. Tal fator agrava-se com a poluição de rios e reservas subterrâneas, além do esgotamento dos demais elementos que mantêm o equilíbrio natural do planeta.

Observe as informações abaixo e reflita sobre o consumo de água doce:



## FORMAÇÃO DO RELEVO

O relevo corresponde às irregularidades contidas na superfície terrestre. Sua formação pode ter duas origens, provenientes de fatores endógenos (internos) e exógenos (externos).

Os fatores internos da formação do relevo são o tectonismo e o vulcanismo. O tectonismo influencia na formação de relevo por meio das acomodações das placas litosféricas que podem ser de aproximação ou de afastamento.

Os movimentos das placas litosféricas são provocados pela quantidade de calor existente dentro da Terra, dando origem às correntes de convecção que podem ser convergentes e divergentes: a primeira quando as placas se chocam e a segunda quando se afastam.

O processo de vulcanismo interfere na formação do relevo, pois quando existe uma grande pressão no interior da Terra, as camadas da crosta se rompem. De uma forma geral, o vulcanismo dá origem a duas formas de relevo: as montanhas e os planaltos.

Já os fatores exógenos (externos) formam o relevo por meio de erosões, que podem ser pluviais (provocadas pela água da chuva) e fluviais (provocadas pelas águas dos rios e mar). Nesses casos, o relevo sofre alterações, pois o escoamento das águas o desgasta dando a ele gradativamente novas formas.

As geleiras também promovem modificações no relevo através da erosão glacial, quando ocorrem avalanches e porções de rochas se desprendem, alterando, assim, o relevo do local. Por fim, existe a modificação do relevo por meio da ação dos ventos, denominada erosão eólica.

O homem também é um agente externo de transformação do relevo. Essas modificações são provenientes das atividades e das relações humanas. O homem, através do trabalho, transforma o relevo segundo os interesses econômicos ou mesmo para habitação.

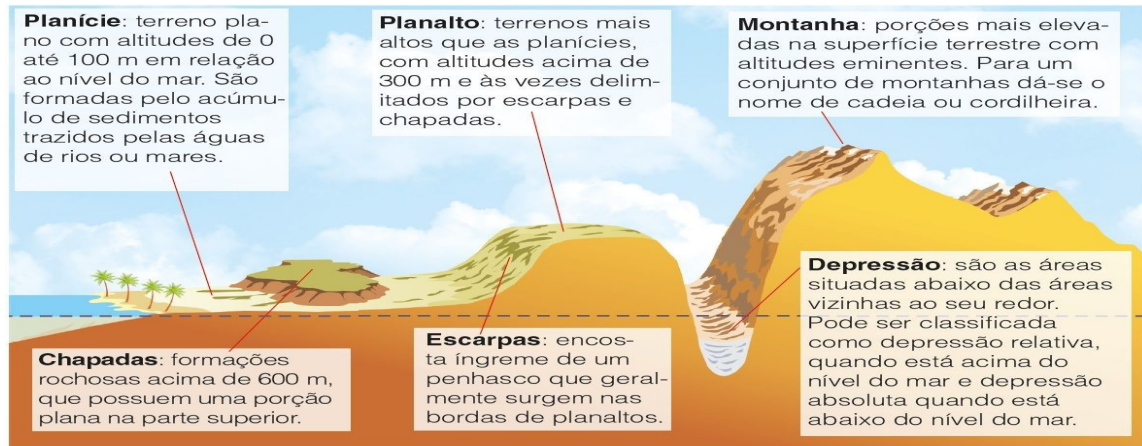
As águas das chuvas, dos rios e o mar, a neve e o vento também são agentes modeladores do relevo. A água pode alterar a composição das rochas, causando o intemperismo químico. Com isso, ocorre a desagregação das rochas, que podem se romper ou desencadear erosões. A ação dos ventos também contribui para a aceleração desse processo.

Os seres vivos também atuam na transformação do relevo. Algumas espécies formam buracos e orifícios na terra e em formações rochosas em busca de alimento ou abrigo. As formações vegetais, com a formação de raízes, também modificam o relevo ou até ajudam a



preservar a sua forma original. Entretanto, dentre todas as espécies de animais, é o ser humano quem mais transforma o relevo, atuando tanto diretamente quanto indiretamente nesse processo.

## PRINCIPAIS FORMAS DE RELEVO



## SOLOS, FORMAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

O solo é a camada superficial da Terra. De maneira geral, ele é conhecido como sendo “a terra”, aquilo em que pisamos; mas sob o ponto de vista da Geografia, é o espaço utilizado e transformado pelo homem e pelos demais seres vivos, sendo, portanto, uma importante fonte de vida. Os solos são, dessa forma, um elemento natural que compõe a paisagem terrestre.

Entre os fatores que contribuem para a caracterização do solo estão o clima, a incidência solar, a rocha que originou o solo, matéria orgânica, cobertura vegetal, etc. O solo pode ser classificado em arenoso, argiloso, humoso e calcário.

**Solo arenoso:** possui grande quantidade de areia. Normalmente ele é pobre em nutrientes.

**Solo argiloso:** é formado por grãos pequenos e compactos, apresentando grande quantidade de nutrientes, característica essencial para a prática da atividade agrícola.

**Solo humoso:** chamado em alguns lugares de terra preta, esse tipo de solo é bastante fértil, pois contém grande concentração de material orgânico em decomposição. O solo humoso é muito adequado para a realização da atividade agrícola.

**Solo calcário:** com pouco nutriente e grande quantidade de partículas rochosas em sua composição, o solo calcário é inadequado para o cultivo de plantas. Ele é típico de regiões desérticas.

Portanto, as características do solo influenciam diretamente na prática da agricultura e no desenvolvimento socioeconômico de um determinado lugar. Porém, é importante destacar que técnicas agrícolas têm adaptado alguns solos para o cultivo, através da introdução de nutrientes.

## VEGETAÇÃO MUNDIAL

A composição dinâmica da biosfera produz diferentes vegetações. Variam de grandes florestas tropicais a desertos, montanhas e imensas geleiras. Para a consolidação dos mais variados tipos de vegetações existentes no mundo é preciso que haja a interação entre os elementos naturais (clima, solo, relevo, vegetação e energia). Isso fica evidente quando notamos as regiões com predominância de clima quente e chuvoso, que deriva grandes



florestas tropicais com enorme umidade e precipitação. Já nos lugares de climas áridos, semiáridos e desérticos a composição de vegetação é muito diferente, pois as plantas e os animais são adaptados às condições adversas, como a falta de água e alimento.

Os principais tipos de vegetação são: desértica, estepe, floresta de coníferas, floresta temperada, floresta tropical, floresta equatorial, savana, tundra e pradaria.

## **BIODIVERSIDADE**

De uma maneira bem simples, podemos dizer que biodiversidade são toda a riqueza e a variedade que encontramos entre os seres que têm vida, no reino animal e vegetal. Qualquer planta, da árvore gigantesca até um minúsculo mato, todos os animais e os microrganismos que nos fornecem alimentos e remédios fazem parte da biodiversidade e está presente em todo lugar: nos desertos, no alto das montanhas geladas, nas fontes, rios e mares. Os pesquisadores não sabem ao certo quantas espécies vegetais e animais há no mundo. Mas calculam que existam entre 10 e 50 milhões. Entretanto, desse universo, os cientistas conseguiram classificar apenas 1,5 milhão de espécies. O Brasil é considerado o país campeão da biodiversidade porque aproximadamente 20% das espécies conhecidas no mundo estão aqui. Está em primeiro lugar no ranking dos países megabiodiversos, e é estimado que o país tenha a maior diversidade biológica do planeta, com cerca de 150 mil espécies catalogadas e pesquisadas, o que representa 13% de todas as espécies existentes no mundo. A maioria desses recursos está na Amazônia, com mais de duas mil e quinhentas espécies de árvores e liderando ainda o ranking de espécies de peixes de água doce do planeta. Porém, a abundância de vida no Brasil é um ponto considerado vulnerável, uma vez que a grande maioria das espécies ainda não foi reconhecida pelos pesquisadores do país. Isto as torna presas fáceis para empresas, instituições e laboratórios internacionais que se apropriam deste conhecimento, através de patentes pedidas no mercado exterior.

---

## **BIOPIRATARIA**

A biopirataria consiste no ato da retirada ilegal de material genético, espécies de seres vivos e exploração da sabedoria popular de uma nação para a exploração comercial em outra, sem pagamento de patente. Essa atividade caracteriza-se principalmente pelo envio ilegal de animais e plantas para o exterior.

O Brasil, por possuir uma enorme biodiversidade, é alvo constante da biopirataria. Além da biodiversidade, outro fator que contribui para a biopirataria no Brasil é a falta de uma legislação específica. A ação dos “biopiratas” é facilitada pela ausência de uma legislação que defina as regras de uso dos recursos naturais brasileiros.

No Brasil, a biopirataria atrai colecionadores de animais, que encomendam determinadas espécies, que são capturadas e vendidas. O potencial genético que o Brasil possui atrai também o interesse de indústrias de diferentes países nos mais variados ramos de atividade econômica, são principalmente indústrias de alimentos, têxtil e farmacêutica.

O cupuaçu, planta amazônica, é um alimento tradicional da população indígena. Porém, essa fruta foi registrada por uma empresa japonesa, que detém os direitos mundiais sobre a fruta e seus derivados. Esse fato prejudica economicamente os produtores brasileiros nas exportações do fruto.

Políticas de combate à biopirataria no Brasil devem ser implantadas, protegendo a biodiversidade brasileira da ação dos caçadores de gens. É necessário que haja investimentos para a realização de pesquisas, proporcionando o desenvolvimento de novos produtos através da utilização de recursos naturais encontrados no país.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "Biopirataria no Brasil"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/biopirataria-no-brasil.htm>. Acesso em 31 de outubro de 2019.

---

## **POPULAÇÃO MUNDIAL**

A população mundial já ultrapassou o patamar dos sete bilhões de pessoas e continua a aumentar. No entanto, a distribuição, as características, as práticas culturais, a diversidade étnica e muitos outros fatores são bastante variados ao longo das diferentes áreas do planeta. Ao todo são milhares de idiomas, etnias, tradições, culturas, religiões entre outras, o que denota a diversidade marcante das sociedades de todo o globo terrestre.

Em termos de distribuição, a população mundial encontra-se em maior parte concentrada no continente asiático, onde estão alguns dos países mais populosos do planeta, como a China e a Índia. Esses dois países, juntos, somam um total superior a dois bilhões e meio de pessoas. Assim, se somarmos com os demais países desse continente, temos um total de 4,4 bilhões de pessoas em 2014, segundo dados do Banco Mundial.

Já na Europa, por exemplo, a população não chega sequer a um quarto desse total, alcançando os 742,5 milhões de habitantes. Nesse continente, além de haver uma população menos numerosa, há também um crescimento demográfico muito baixo, o que vem disseminando preocupações a respeito do envelhecimento populacional, principalmente em países como Alemanha, França e outros. Esses países, inclusive, estão promovendo medidas de incentivo aos casais para que eles possam ter mais filhos.

A África, por sua vez, apresenta uma perspectiva inversa. Com 1,1 bilhões de pessoas, esse é o continente que mais aumenta a sua população em termos proporcionais, com verdadeiras explosões demográficas em países como a Nigéria e a África do Sul. Esse crescimento é resultado das relativas melhorias de sua população e de boa parte dela ainda ser predominantemente rural (onde as taxas de natalidade costumam ser maiores), além da relativa melhoria de suas taxas de mortalidade, que permitem que a população continue crescendo.

A Oceania, por ser o menor entre os continentes, apresenta também a menor das populações, com apenas 37 milhões de pessoas, um número menor, por exemplo, do que o da população brasileira e de muitos outros países. Na Austrália, principal país desse continente, cerca de 80% da população encontra-se distribuída nas áreas litorâneas, haja vista que o interior do país apresenta muitas áreas desertas, totalmente inóspitas.

O continente americano, por sua vez, possui uma população de pouco menos de um bilhão de habitantes. Os Estados Unidos abrigam 316 milhões desse total e o Brasil abriga um pouco mais de 200 milhões. Os dois juntos, portanto, somam mais da metade de toda a população das Américas. Dessa forma, os países mais populosos do mundo são segundo dados do Banco Mundial: China: 1 369 811 000, Índia: 1 267 402 000, Estados Unidos: 319 020 000, 252 812 000 e Brasil 202 034 000.

O quadro desses países, no entanto, deverá se alterar ao longo das próximas décadas, pois alguns deles apresentam taxas de crescimento mais acentuadas do que outros. A Rússia e o Japão, por exemplo, vêm apresentando decréscimo no número de seus habitantes. Assim, a tendência é que o Paquistão e a Nigéria ultrapassem o Brasil, que deverá ficar em sétimo. Já a Índia deverá liderar o ranking mundial em breve, pois suas taxas de crescimento são bem superiores às taxas dos chineses, que vêm adotando rígidos controles de natalidade.

Espera-se, assim, que a população do mundo inteiro continue aumentando, porém em um ritmo menor do que o anterior, com uma contínua desaceleração. Alguns demógrafos chegam a afirmar que, em 2050, a população mundial parará de crescer, atingindo os nove bilhões de pessoas, o que, no entanto, não é um consenso, pois há quem afirme que, em 2100, chegaremos a 12 bilhões de habitantes. De todo modo, a necessidade principal é a de melhorar as condições de vida e o desenvolvimento humano em todo o globo terrestre.

## TEORIAS DEMOGRÁFICAS

### 1ª FASE OU FASE DO CRESCIMENTO LENTO

Essa fase vai desde os primórdios da humanidade até o final do século XVIII, cujas características são: alta natalidade e alta mortalidade, ocasionando baixo índice de crescimento demográfico. Nessa época, a expectativa ou esperança de vida era baixa. Acredita-se que, na Grécia e na Roma Antigas, a média de vida era de apenas 25 anos.

É nessa fase que ocorre grande crescimento da população e hoje a maioria dos países subdesenvolvidos encontra-se ainda com um grande contingente populacional.

Os países desenvolvidos industrializados da Europa ocidental, os chamados “desenvolvidos velhos”, foram os primeiros a atingir essa fase, principalmente no século XIX, ao passo que nos países “desenvolvidos novos” (Estados Unidos, Canadá, Rússia, Japão) ela ocorreu na primeira metade do século XX e, nos países subdesenvolvidos, a partir da segunda metade do século XX.

### 2ª FASE OU FASE DO CRESCIMENTO RÁPIDO

Caracterizada pelas baixas taxas de natalidade e baixas taxas de mortalidade, resultando em baixíssimo crescimento e até mesmo em estagnação do crescimento populacional. A transição demográfica aqui se encontra concluída. Hoje estão nessa fase os países desenvolvidos, a maior parte deles com taxas de crescimento muito baixas (geralmente inferiores a 1%), nulas e até negativas.

### 3ª FASE OU FASE DO BAIXÍSSIMO CRESCIMENTO OU ESTAGNAÇÃO

Nos países desenvolvidos, tem ocorrido uma transformação na estrutura familiar. A taxa de fecundidade é baixa, permanecendo em torno de 1,5 filho por mulher. Muitos países apresentam taxas inferiores a 2,1 filhos por mulher, mantendo assim estabilizado o tamanho de sua população.

**FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A DIMINUIÇÃO DA TAXA DE FECUNDIDADE:**

- Urbanização (exigências da vida urbana);
- Aumento da escolarização (que pode levar maior acesso a métodos de planejamento familiar);
- Incorporação das mulheres no mercado de trabalho (acúmulo de trabalho dentro e fora do lar).

Por volta de 1750, a Grã-Bretanha, pioneira na Revolução Industrial, tinha pouco mais de 5 milhões de habitantes. Desde então, o processo de crescimento populacional foi rápido. Em 1840, atingiria mais de 10 milhões de habitantes. Meio século depois, passava a marca dos 20 milhões. Essa tendência generalizou-se nos demais países europeus que acompanharam a primeira fase da Revolução Industrial. Com base na observação da etapa inicial desse processo, surgiu a mais polêmica teoria sobre o crescimento populacional, a Teoria Malthusiana.

A Teoria Malthusiana foi publicada na Inglaterra, em 1798, pelo economista e sacerdote anglicano Thomas Robert Malthus (1766-1834), que estava preocupado com os problemas enfrentados por seu país durante a Revolução Industrial (êxodo rural, desemprego, aumento populacional etc.). Malthus expôs sua famosa teoria na obra “Ensaio sobre o Princípio da População”, na qual atribuiu a culpa da situação caótica da época, ao excessivo crescimento dos pobres.

A Teoria Malthusiana se fundamenta na relação entre crescimento populacional e meios de subsistência, apoiada nas seguintes premissas:

1º. Caso não seja detida por obstáculos (guerras, epidemias etc.), a população tende a crescer segundo uma progressão geométrica, duplicando a cada 25 anos.

2º. Os meios de subsistência, na melhor das hipóteses, só podem aumentar segundo uma progressão aritmética.

A Teoria de Malthus é caracterizada como antinatalista e conservadora. Para o autor, a erradicação da pobreza e da fome se dava por meio do controle da natalidade e outras medidas, como casamentos tardios, número de filhos compatível com os recursos dos pais etc.

O crescimento geométrico da população previsto por Malthus não ocorreu e a produção de alimentos ultrapassou os 3% e a média do crescimento populacional anual, nos últimos vinte anos, ficou em torno de 2%. A emancipação progressiva da mulher (certamente não prevista por Malthus) tem sido decisiva no controle da natalidade (a mulher passou a decidir o número de filhos que quer ter).

A Europa e as demais áreas desenvolvidas do mundo mostraram que o desenvolvimento econômico e o bem-estar social são fórmulas para deter o crescimento populacional.

A maior parte das terras agrícolas dos países subdesenvolvidos (grandes propriedades rurais) é utilizada para culturas de exportação, nem sempre atendendo às necessidades alimentares das populações locais.

O desenvolvimento científico e tecnológico ocorrido no campo da agropecuária e da genética tornou possível produzir alimentos suficientes para suprir as necessidades de toda a humanidade.

A explosão demográfica do período pós-Segunda Guerra Mundial ressuscitou as ideias de Malthus. Conhecidos como neomalthusianos ou alarmistas, os adeptos dessa teoria assumiram novas posturas e a aprimoraram.

Os neomalthusianos atribuíam a culpa pela situação de miséria dos países subdesenvolvidos ao acelerado crescimento populacional e concordavam que a agricultura era capaz de produzir alimentos suficientes para todos. Além disso, defendiam programas rígidos e oficiais de controle da natalidade, em geral rotulados de planejamento familiar, como o emprego de diversos métodos, as pílulas anticoncepcionais, a ligadura de trompas, o DIU (dispositivo intrauterino), o aborto e a vasectomia.

Já os reformistas, que defendem teorias demográficas marxistas, ao contrário dos neomalthusianos, consideraram a própria miséria como sendo a responsável pelo acelerado crescimento da população. Portanto seriam necessárias reformas socioeconômicas que permitam a elevação do padrão de vida, melhoria da distribuição de renda e de alimentos e aumento da escolaridade, que resultaria num planejamento familiar e na diminuição da natalidade e do crescimento vegetativo.

Dentro desse contexto surge a Teoria Ecomalthusiana, que utiliza uma argumentação de cunho ecológico ou ambiental, ressaltando o quanto o crescimento populacional pressiona o ambiente natural.

Segundo os Ecomalthusianos, o grande crescimento populacional intensifica a utilização dos recursos naturais para garantir o abastecimento da população, provocando grandes problemas ambientais.

O controle populacional nos países pobres, localizados em sua maioria na zona intertropical, justifica-se pela necessidade de preservar a riquíssima biodiversidade dos

ecossistemas tropicais, pois, segundo eles, o crescimento nesses países “sufoca” o ambiente natural.

	<b>Malthusiana</b>	<b>Neomalthusiana / Alarmista</b>	<b>Reformista / Marxista</b>	<b>Ecomalthusiana</b>
<b>Período</b>	Fim do século XVIII	Meados do século XX	Meados do século XX	Fim do século XX
<b>Ideia</b>	Crescimento populacional elevado gera fome	Crescimento populacional elevado gera pobreza	Pobreza gera crescimento populacional acelerado	Crescimento populacional acelerado destrói os recursos naturais
<b>Proposta</b>	Política anti-natalista e sujeição moral	Planejamento familiar e métodos contraceptivos	Redistribuição de renda e combate à pobreza	Desenvolvimento sustentável

### **CRESCIMENTO POPULACIONAL E O DESAFIO DA ALIMENTAÇÃO**

O planeta já abriga mais de 7 bilhões de pessoas. Alimentar tanta gente é possível, dizem os especialistas. A média do crescimento populacional do planeta é de 83 milhões de pessoas por ano: um pouco mais do que o total dos habitantes da Alemanha. Caso essa tendência se mantenha, em 2050 já haverá 9 bilhões de pessoas no mundo, e até o final do século serão mais de 10 bilhões.

Dentre as alternativas para erradicar a pobreza e conseqüentemente a fome, podemos apontar que um dos caminhos é sem dúvida melhorar as condições de vida dessa população. Entretanto, só reduziremos a pobreza através de investimentos nos serviços de saúde, educação, saneamento básico, eliminação ou redução ao máximo do desperdício na produção, transporte, armazenamento, comercialização e consumo de alimentos.

Além disso, todos devem ter acesso e não uma minoria como tem ocorrido ao longo da história da humanidade. A partir desses investimentos é possível reduzirmos consideravelmente o índice de analfabetismo, as taxas de mortalidade infantil e a pobreza no mundo.

### **A MOBILIDADE POPULACIONAL**

Os deslocamentos populacionais são denominados migrações. Os movimentos migratórios são caracterizados por dois aspectos principais: a saída, também denominada emigração, e a entrada, denominada imigração. Mundialmente, em termos de mobilidade, a população caracteriza-se por grandes correntes migratórias sendo que uma das mais significativas ocorreu durante e após a 2ª Guerra Mundial.

Tipos de movimentos migratórios:

- Migrações definitivas – o migrante permanece para sempre no local de destino.
- Migrações temporárias – período indefinido, mas com retorno ao local de origem.

Classificação das migrações:

a) Migrações Internas (dentro do país): b) Êxodo Rural (campo-cidade); c) Pendular (diária); d) Transumância ou Sazonal; e) Migração rural-rural; f) Migração urbana; g) Migração urbano-rural; h) Externas (internacionais): i) Espontâneas (vontade do migrante); j) Forçadas (contra a vontade do migrante).

Causas das migrações: Política (desterritorialização); Religiosa (peregrinação); Conflitos étnico-raciais; Naturais (fenômenos naturais); Econômicos (fatores estruturais ou conjunturais).



Consequências das migrações: Contribui com o processo de ocupação; Contribui com o processo de miscigenação e difusão cultural; Contribui com o desenvolvimento, quando for de mão-de-obra qualificada (fuga de cérebro); Concorrência com a mão-de-obra local gera o xenofobismo; mudanças de costumes; Solução para problemas estruturais para o país de emigração.

O grande desafio desse século XXI é o respeito às diferenças, a convivência entre os povos e a aceitação do pluralismo cultural.

### POPULAÇÃO ATIVA E OS SETORES DA ECONOMIA

Todo país possui uma população economicamente ativa (PEA) e uma população economicamente inativa (PEI). A PEA corresponde às pessoas que trabalham e possuem vínculo empregatício ou que estão procurando trabalho. Já a PEI refere-se às pessoas que se encontram inseridas no mercado informal, os desempregados a mais de um ano, aposentados, donas de casa e os jovens (crianças e adolescentes com idades impróprias para o trabalho).

Em relação à população economicamente ativa, existe uma divisão segundo os setores de atividades, ou seja, cada trabalhador atua em um determinado setor da economia. Desse modo, essa população está distribuída em três setores da atividade econômica, são eles: **setor primário** (compreende a pecuária, agricultura e o extrativismo), **setor secundário** (compreende atividades industriais), **setor terciário** (compreende as atividades de serviços: bancos, comércio, escolas, prestação de serviços, funcionalismo público, turismo, transportes, propagandas etc).

O setor terciário é marcante nos países que possuem um elevado grau de desenvolvimento econômico, pois quanto mais rica é uma região, maior é a presença de atividades deste setor e mais a população recebe uma variedade de serviços.

Atualmente temos um novo setor o **setor quaternário** que está relacionado com a revolução tecnocientífica, esse, compreende as atividades de pesquisa de alto nível: biotecnologia, robótica, aeroespacial, etc.

### A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES TERCIÁRIAS

Na atual fase da evolução do capitalismo, o setor terciário assume uma importância cada vez maior, e suas principais atividades adotam métodos do setor secundário, como a produção em massa e a substituição do homem pela máquina. Entre as atividades terciárias de grande expansão na economia globalizada, podemos destacar as empresas de telecomunicação, o turismo e o setor de prestação de serviços variados, caracterizado por pequenas empresas e pelo crescimento da informática e da Internet. Além disso, as atividades terciárias oferecem cada vez mais vagas a empregados diferenciados, uma vez que precisam de mão de obra mais qualificada e especializada. Existem indústrias que dão suporte técnico a essas atividades, como a produção de softwares na informática e a biotecnologia para as indústrias de alimentos e a agricultura.

### NOVAS ESTRATÉGIAS: A TERCEIRIZAÇÃO

A estratégia da indústria para obter mais lucro está sempre se aperfeiçoando. Depois das transnacionais, que buscavam vantagens nos países subdesenvolvidos, e das empresas globais, que encomendam seus produtos em países emergentes, temos a indústria "sem fábrica" em vários setores.

A **terceirização** é mais uma forma que as empresas encontraram para reduzir seus custos. Consiste em contratar outras companhias para fabricar produtos ou fornecer serviços.

Apesar das vantagens financeiras, quem terceiriza sua produção corre riscos. Além da quebra de sigilo, a empresa contratada pode repassar o serviço a outros e, com isso, haver queda de qualidade. Mas, na verdade, os maiores prejudicados são os empregados, que podem ser despedidos se o setor em que trabalham for terceirizado.

Hoje em dia, é muito comum as grandes empresas contratarem prestadores de serviços, como firmas de limpeza, de segurança e preparo de refeições.

### O ESPAÇO URBANO DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

As cidades existem há mais de 6 mil anos, mas somente após o advento da Primeira Revolução Industrial, é que podemos perceber a intensificação das populações nas áreas urbanas e a excessiva demanda por recursos para estes centros, passando a imprimir um ritmo acelerado à produção de bens e consumo na qual vivenciamos hoje.

Uma cidade nasce a partir do momento em que um determinado número de pessoas se instala numa certa região através de um processo denominado de urbanização. Diversos fatores são determinantes na formação das cidades, tais como a industrialização, o crescimento demográfico, etc...

No caso dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, a urbanização é um fato bem recente. Hoje, quase metade da população mundial vive em cidades, e a tendência é aumentar cada vez mais.

A cidade subordinou o campo e estabeleceu uma divisão de trabalho segundo a qual cabe a ele fornecer alimentos e matérias-primas a ela, recebendo em troca produtos industrializados, tecnologia etc. Mas o fato de o campo ser subordinado à cidade não quer dizer que ele perdeu sua importância, pois não podemos deixar de levar em conta que:

1. Por não ser autossuficiente, a sobrevivência da cidade depende do campo;
2. Quanto maior a urbanização maior a dependência da cidade em relação ao campo no tocante à necessidade de alimentos e matérias-primas agrícolas.

O processo de urbanização dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos apresenta diferenças significativas e estão diretamente relacionadas ao processo de industrialização.

Nos **países desenvolvidos**, o processo de industrialização passou por diferentes etapas (1ª, 2ª e 3ª Revoluções Industriais), e foi evoluindo gradativamente. Consequentemente, o processo de urbanização acompanhou esse ritmo de desenvolvimento, fazendo com que milhares de pessoas fossem migrando para as cidades ao longo de todo esse processo. Portanto, podemos concluir que a urbanização nos países desenvolvidos ocorreu de maneira lenta e gradativa, assim como a industrialização, contribuindo para a criação de infraestruturas urbanas.

Já nos **países subdesenvolvidos**, a urbanização também acompanhou o ritmo da industrialização, porém como esse processo ocorreu em um curto espaço de tempo, foi possível perceber que a urbanização ocorreu de maneira rápida e desordenada. Sendo assim, as cidades que ao receberem grandes fluxos migratórios, não se encontravam preparadas para o rápido crescimento urbano, o que causou a formação de espaços segregados. As favelas são uma característica marcante desses espaços, onde se observa a reduzida oferta de água encanada, rede de esgoto e pavimentação de vias.

#### Consequências da urbanização acelerada:

- Aumento do desemprego por causa da incapacidade de absorção dos imigrantes;
- Proliferação de submoradias: favelas, cortiços, moradores de rua;
- Adensamento populacional e dificuldade de acesso aos lugares;

- Ineficiência dos meios de transportes públicos
- Adensamento de carros particulares gerando engarrafamentos gigantescos
- Ineficiência ao acesso à educação e a saúde
- Contrastes sociais nas paisagens urbanas formando assim as segregações espaciais
- Construções de edifícios arranha-céu, dificultando a circulação de ar e aumentando o calor e a poluição atmosférica.

Isso leva à proliferação de outros problemas: violência urbana, roubos, assaltos, sequestros, assassinatos. É por essas razões que o estresse é o “mal do século”, atingindo principalmente os habitantes das grandes metrópoles.

### **Aglomerações Urbanas**

A expansão da urbanização gerou o aparecimento de várias modalidades de aglomerações urbanas, além de termos que cada vez mais fazem parte de nosso cotidiano, abaixo definiremos algumas dessas modalidades e termos:

a) Rede urbana: Segundo Moreira e Sene (2002), “a rede urbana é formada pelo sistema de cidades, no território de cada país, interligadas umas as outras através dos sistemas de transportes e de comunicações, pelos quais fluem pessoas, mercadorias, informações, etc”. Nos países desenvolvidos devido a maior complexidade da economia a rede urbana é mais densa.

b) Hierarquia urbana: Corresponde a influência que exercem as cidades maiores sobre as menores. O IBGE identifica no Brasil a seguinte hierarquia urbana: metrópole nacional, metrópole regional, centro submetropolitano, capital regional e centros locais.

c) Conurbação: Corresponde ao encontro ou junção entre duas ou mais cidades em virtude de seu crescimento horizontal. Em geral esse processo dá origem a formação de regiões metropolitanas.

d) Metrópole: Segundo Coelho e Terra (2001), “metrópole seria à cidade principal ou cidade-mãe, isto é, a cidade que possui os melhores equipamentos urbanos do país (metrópole nacional), ou de uma grande região do país (metrópole regional)”. No Brasil cidades como São Paulo e Rio de Janeiro são metrópoles nacionais, e Belém, Manaus, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Salvador, Recife e Fortaleza são metrópoles regionais.

e) Região metropolitana: Corresponde ao conjunto de municípios conurbados a uma metrópole e que desfrutam de infraestrutura e serviços em comum.

f) Megalópole: Corresponde a conurbação entre duas ou mais metrópoles ou regiões metropolitanas. No Brasil temos a megalópole Rio-São Paulo, localizada no sudeste brasileiro, no vale do Paraíba, incluindo municípios da região metropolitana das duas grandes cidades, o elo dessa megalópole é a Via Dutra, estrada que interliga as duas cidades principais.

g) Megacidade: Corresponde ao centro urbano com mais de dez milhões de habitantes. Hoje em torno de 21 cidades do mundo podem ser consideradas megacidades, dessas 17 estão em países subdesenvolvidos. No Brasil São Paulo e Rio de Janeiro estão nessa categoria.

h) Tecnopolo: Corresponde a uma cidade tecnológica, ou seja, locais onde se desenvolvem pesquisas de ponta. No Brasil, temos alguns tecnopolos localizados em especial no estado de São Paulo, como Campinas (UNICAMP), São Carlos (UFSCAR), e a própria capital (USP).

i) Cidade global: são as cidades que polarizam o país todo e servem de elo entre o país e o resto do mundo, possuem o melhor equipamento urbano do país, além de concentrarem as sedes das instituições que controlam as redes mundiais, como bolsas de valores, corporações

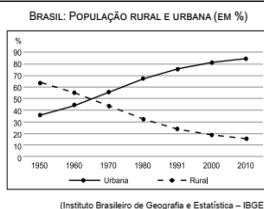
bancárias e industriais, companhias de comércio exterior, empresas de serviços financeiros, agências públicas internacionais. As cidades mundiais estão mais associadas ao mercado mundial do que a economia nacional.

j) Desmetropolização: Processo recente associado à diminuição dos fluxos migratórios em direção das metrópoles. Esse processo se deve em especial a chamada desconcentração produtiva, que faz com que empresas em especial indústrias, se retirem dos grandes centros onde os custos de produção são maiores, e se dirijam para cidades de porte médio e pequeno, onde é mais barato produzir, em função de vários fatores como, por exemplo, os incentivos fiscais. Hoje no Brasil cidades como Rio de Janeiro ou São Paulo não são mais aquelas que recebem os maiores fluxos de migrantes, mas sim regiões como interior paulista, o sul do país ou até mesmo o nordeste brasileiro.

k) Verticalização: Processo de crescimento urbano que se manifesta através da proliferação de edifícios. A verticalização demonstra valorização do solo urbano, ou seja, quanto mais verticalizado, mais valorizado.

l) Especulação imobiliária: Os especuladores imobiliários são aqueles proprietários de terrenos baldios no espaço urbano que deixam estes espaços desocupados a espera de valorização. Uma das consequências da especulação é a falta de moradias em locais mais bem localizados, fazendo com que as populações de mais baixa renda tenham que viver em áreas distantes do centro (crescimento horizontal), ou em favelas.

m) Condomínios de luxo e favelas: os dois estão aqui juntos, pois é fruto da segregação social e econômica que se vive nas cidades, sendo eles o reflexo espacial dessas. Os condomínios são áreas fechadas muito protegidas e bem estruturadas, onde em geral mora a elite; as favelas são áreas sem infraestrutura adequada e com graves problemas como o tráfico de drogas, onde grande parte da população está desempregada, e a maioria dela é pobre.



Mais da metade da população brasileira vive em 6% das cidades do país, segundo dados divulgados pelo IBGE (...). De acordo com o instituto, somente 317 municípios, de um total de 5.568, concentram uma população de 118,9 milhões de pessoas (57%), de um total de 208,5 milhões de habitantes no país.

Saiba mais em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/mais-da-metade-da-populacao-brasileira-vive-em-5-das-cidades-do-pais.shtml>> Acesso 02 jul. 2020

## CLASSIFICAÇÃO DAS CIDADES

### As cidades podem ser classificadas da seguinte forma:

a) Quanto ao sítio: sítio urbano refere-se ao local no qual está superposta a cidade, sendo assim a classificação quanto ao sítio leva em consideração a questão topográfica. Como exemplos têm: cidades onde o sítio é uma planície, um planalto, uma montanha, etc.

b) Quanto à situação: situação urbana corresponde à posição que ocupa a cidade em relação aos fatores geográficos. Como exemplos têm: cidades fluviais, marítimas, entre o litoral e o interior, etc.

c) Quanto à função: função corresponde à atividade principal desenvolvida na cidade. Como exemplos têm: cidades industriais, comerciais, turísticas, portuárias, etc.

d) Quanto à origem: pode ser classificada de duas formas: planejada e espontânea. Como exemplos têm: Brasília, cidade planejada e Belém, cidade espontânea.

## SISTEMAS ECONÔMICOS

Um sistema econômico pode ser definido como sendo a forma política, social e econômica pelo qual está organizada uma sociedade. Engloba o tipo de propriedade, a gestão da economia, os processos de circulação das mercadorias, o consumo e os níveis de desenvolvimento tecnológico e da divisão do trabalho.

Quanto à classificação, atualmente, se conhece a existência de dois sistemas econômicos distintos: o **Capitalismo** e o **Socialismo**. O sistema capitalista ou economia de mercado é regido pelas forças de mercado, predominantemente a livre iniciativa e a propriedade privada dos fatores de produção. O sistema Capitalista predomina na maioria dos países industrializados ou em fase de industrialização e sua economia baseia-se na separação entre trabalhadores juridicamente livres, que dispõem, apenas da força de trabalho e a vendem em troca de salário, e capitalistas, os quais são proprietários dos meios de produção e contratam os trabalhadores para produzir mercadorias (bens dirigidos para o mercado) visando à obtenção de lucros. Já o Socialismo é o oposto do Sistema Capitalista; caracteriza-se pela ideia de transformação da sociedade através da distribuição equilibrada de riquezas e propriedades, diminuindo a distância entre ricos e pobres.

### DIFERENÇAS ENTRE PAÍSES DESENVOLVIDOS E SUBDESENVOLVIDOS

PAÍSES DESENVOLVIDOS	PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS
* As diferenças entre os maiores e os menores salários não são tão grandes. * A oportunidade de estudar, cursar uma universidade e se especializar permite que os habitantes tenham melhores condições de vida e, por conseguinte, menores desigualdades sociais.	* As diferenças entre os maiores e os menores salários são astronômicas. * A falta de oportunidades nos campos educacional ou trabalhista produz uma sociedade com desigualdades sociais, má distribuição da renda, concentração das terras e riquezas.

Além da classificação acima, há também os emergentes que embora não exista uma definição exata para os "países emergentes", podemos dizer que são aqueles países cujas economias partiram de um estágio de estagnação ou subdesenvolvimento e se encontram em desenvolvimento econômico. São também chamados de "países em desenvolvimento", portanto, apresentam melhores indicadores como, por exemplo, o IDH – Índice de Desenvolvimento Econômico - que mede o grau de desenvolvimento dos países com base em três principais indicadores sociais: poder aquisitivo, educação e saúde.

### A NOVA ORDEM MUNDIAL E OS BLOCOS ECONÔMICOS

Na economia mundo, há uma grande ampliação das trocas comerciais internacionais. E por causa dessa forte interação, alguns países procuram agrupar-se para enfrentar melhor a concorrência no mercado mundial.

A formação de blocos econômicos é uma regionalização dentro do espaço mundial, mas também uma forma de aumentar as relações em escala global, pois, ao participar de um bloco, um país tem acesso a vários mercados consumidores, dentro e fora do seu bloco. São exemplos de blocos econômicos mundiais: **União Europeia** (UE), **MERCOSUL** (Mercado Comum do Sul), **NAFTA** (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), **APEC** (Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico).

### A GLOBALIZAÇÃO

De modo geral, a **globalização** é um conjunto de mudanças que estão ocorrendo na esfera econômica, financeira, comercial, social e cultural, intensificando a relação entre os



países, os povos e os sistemas produtivos. Implica a uniformização global de padrões econômicos e culturais.

Trata-se de um processo em curso, uma nova fase do capitalismo e do imperialismo, comandado pelas grandes empresas transnacionais, que procuram abrir novos mercados. O poder dessas empresas ultrapassa cada vez mais o poder das economias nacionais. Vale ressaltar que nem todos os países se inserem na economia global no mesmo ritmo.

Nos últimos tempos, saímos de uma economia baseada em indústrias e entramos numa economia baseada em informações.

A quantidade de informações disponíveis através dos meios de comunicações é muito grande, mas é necessário saber selecionar onde devemos investir nosso tempo, visando o nosso crescimento profissional e intelectual.

Diante desta nova realidade, cada vez mais os clientes exigem produtos e serviços rápidos, aliados à qualidade e preços competitivos, e as empresas buscam adequar-se para se tornarem mais competitivas.

Por isso, investem em novas tecnologias e mudanças nos processos de trabalhos até hoje utilizados, e assim, o profissional se torna o sujeito e o objeto da mudança e precisa se esforçar para melhorar o desempenho e a qualidade do trabalho realizado, sem se descuidar da produtividade.

Toda essa mudança ocasionada pela globalização acaba exigindo novas adaptações também dos colaboradores, parceiros e fornecedores das empresas.

Esta busca pela melhoria contínua visa o fortalecimento da empresa e os profissionais precisam atender a estas exigências, procurando obter maior produtividade em um menor espaço de tempo e com menor custo.

O profissional apto a atender às exigências e às transformações pelas quais passam as empresas detém melhores chances de sucesso.

Fazer cursos, falar vários idiomas e participar de seminários são requisitos fundamentais para ser bem-sucedido na carreira.

Também é importante usar a criatividade, buscar formas e meios de fazer de forma diferente o que todos fazem de forma igual, e tudo isso para atingir os resultados esperados pela empresa.

Tudo está mudando numa rapidez cada vez maior e é preciso aprender sempre, adaptando-se a novas realidades.

### **AS CONSEQUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO**

**Positivas:** Com a globalização, os países têm acesso a novas tecnologias, o que permite que a população tenha mais conhecimento e se desenvolva cultural e economicamente.

Culturalmente, o país acaba recebendo “influências” de outros países, absorvendo alguns de seus costumes e tradições.

Economicamente, o país tem mais mercado para seus produtos e tem acesso a recursos que permitem que os mesmos melhorem; as indústrias têm maior reconhecimento e “aprendem” formas de diminuir seus gastos e aumentar os lucros. O país tem melhoras, pois conhecendo melhor os outros acabam se espelhando em “ideias” que deram certo.

**Negativas:** A principal consequência negativa é a dominação que os países desenvolvidos (que possuem a tecnologia) exercem sobre os menos desenvolvidos. Um exemplo disso é a Crise Mundial que afetou todos os países, apesar de ter sido “iniciada” nos Estados Unidos.

E da mesma maneira que as “boas ideias” são copiadas, as “más” também (a violência vem se e aumentando e ganhando novas formas).

As atividades antes realizadas por humanos vêm sendo cada vez mais automatizadas (realizadas por máquinas), o que faz milhares de pessoas perderem seus empregos.

## CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO BRASILEIRO - BRASIL, UM PAÍS MUITO EXTENSO

O Brasil é uma república federativa presidencialista com separação entre os três poderes (executivo, legislativo e judiciário). O mandato presidencial tem quatro anos, com possibilidade de reeleição. Desde 1988, o país segue a mesma constituição, sua lei máxima, cujo cumprimento é assegurado pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

O Brasil tem um dos mais extensos territórios do mundo: é o quinto maior país em área.

Em relação aos países do continente americano, o Brasil tem o terceiro maior território, depois do Canadá e dos Estados Unidos. Dos países da América do Sul, é o maior em extensão.

	País	Área (km <sup>2</sup> )	Continente
1º	Rússia	17 075 400	Europa e Ásia
2º	Canadá	9 970 610	América
3º	China	9 597 000	Ásia
4º	Estados Unidos	9 372 615	América
5º	Brasil	8 514 876	América



### BRASIL: POSIÇÃO GEOGRÁFICA

O Brasil possui terras em três dos quatro hemisférios: norte, sul e oeste. O território brasileiro está situado totalmente a oeste do principal meridiano, o meridiano de Greenwich (Inglaterra). Portanto, está localizado inteiramente no hemisfério ocidental ou oeste.

A linha do Equador atravessa o norte do território, determinando a localização do país em dois hemisférios: 7% de terras ao norte, ou no hemisfério setentrional, e 93% de terras ao sul, ou no hemisfério meridional. O Brasil é o único país do mundo cortado pela linha do Equador, ao norte (0°), e pelo Trópico de Capricórnio, ao sul (23°27'). O Brasil tem 92% do seu território zona tropical ou intertropical (entre os trópicos de Câncer e de Capricórnio) e 8% na zona temperada (abaixo do trópico de Capricórnio). O Brasil ocupa 47% do território sul-americano, localizando-se na sua porção centro-oriental. Em terras brasileiras está o centro geográfico da América do sul, localizado no estado de Mato Grosso. A leste, o Brasil é banhado pelo oceano Atlântico. Tem 23.102 km de fronteiras, sendo 15.735 km terrestres e 7.367 km marítimas. As *fronteiras marítimas* estendem-se de norte a sul: do cabo Orange, no Amapá, até o arroio Chuí, no Rio Grande do Sul. Com exceção do Equador e do Chile, o Brasil faz fronteiras terrestre com todas as nações da América do Sul.

### FUSOS HORÁRIOS NO BRASIL

O Brasil, desde 2013, passou a contar novamente com quatro fusos horários. Essa mudança ocorreu durante o segundo turno das eleições presidenciais de 2010, através de um referendo em que a população votou no restabelecimento do horário antigo, o que só foi

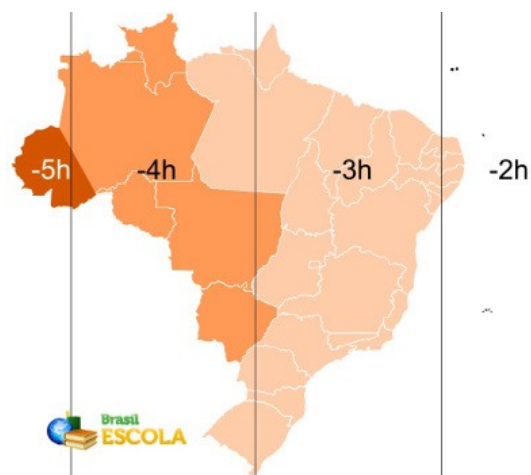
executado em novembro de 2013. Portanto, há, novamente, quatro fusos horários no Brasil, conforme podemos observar no mapa a seguir:

**O primeiro fuso horário** brasileiro encontra-se duas horas atrasado em relação ao Meridiano de Greenwich, considerado como o “marco zero” para a medição do horário mundial. Nesse fuso, encontram-se apenas algumas ilhas pertencentes ao Brasil, com destaque para Fernando de Noronha.

**O segundo fuso horário** encontra-se três horas atrasado em relação a Greenwich, abrangendo a maior parte do território brasileiro, incluindo a capital Brasília. Fazem parte desse fuso as regiões Nordeste, Sudeste, Sul e partes das regiões Norte e Centro-Oeste.

**O terceiro fuso horário** encontra-se quatro horas atrasado em relação ao horário oficial de Greenwich, estando uma hora atrasado em relação à capital do Brasil. Envolve parte das regiões Norte e Centro-Oeste.

**O quarto e último fuso** horário brasileiro encontram-se cinco horas atrasado em relação ao horário de Greenwich e duas horas atrasado em relação à capital Brasília. Conforme podemos observar no mapa anterior, ele abrange somente o estado do Acre e uma pequena parte do território do Amazonas.



## RELEVO BRASILEIRO

O relevo brasileiro pode ser classificado da seguinte forma:

**Planalto:** formado a partir de erosões eólicas (pelo vento) ou pela água.

**Planície:** como o próprio nome já diz são áreas planas e baixas. As principais planícies brasileiras são as planícies Amazônica, do Pantanal e Litorânea.

**Depressões:** resultado de erosões

## OS CLIMAS DO BRASIL

O território brasileiro, em razão de sua grande extensão, recebe influência de diferentes climas. A maior parte do país pertence à Zona Climática Intertropical (entre os Trópicos de Câncer e Capricórnio), o extremo sul do Brasil, por sua vez, integra a Zona Climática Temperada do Sul (entre o Trópico de Capricórnio e o Círculo Polar Antártico).

Nas regiões próximas à linha do Equador, que “corta” o país no extremo norte, são comuns temperaturas altas, com baixas amplitudes térmicas (variações de temperatura). Ao sul, as variações de temperatura são maiores e ocorrem de acordo com as estações do ano, sendo que os verões podem atingir temperaturas muito elevadas, e os invernos são extremamente frios. Os climas do Brasil são classificados em: Equatorial, Tropical, Tropical de altitude, Subtropical, Tropical atlântico.

## HIDROGRAFIA DO BRASIL

A Hidrografia do Brasil envolve o conjunto de recursos hídricos do território brasileiro, as bacias hidrográficas, o Oceano Atlântico, os rios, lagos, as lagoas, os arquipélagos, os golfos, as baías, as cataratas, as usinas hidrelétricas, as barragens etc.

**Bacias Hidrográficas:** É a área compreendida por um rio principal, seus afluentes e subafluentes.

## PRINCIPAIS BACIAS HIDROGRÁFICAS DO BRASIL

**Bacia Amazônica:** considerada a maior do planeta, ela abrange na América do Sul, uma área de 6 milhões de km.

**Bacia do Tocantins:** ocupa quase 10% do território nacional. É a maior bacia localizada inteiramente dentro do território brasileiro.

**Bacia do São Francisco:** também é totalmente brasileira, juntamente com a Bacia do Tocantins.

**Bacia do Paraná:** essa bacia é usada na construção de usinas hidrelétricas, dentre elas, Furnas, Marimbondo e a maior hidrelétrica do mundo – Itaipu – (entre o Brasil e Paraguai).

**Bacia do Uruguai:** apesar de não ser muito usada para a fabricação de usinas hidrelétricas podemos destacar as usinas Garibaldi, Socorro, Irai, Pinheiro e Machadinho.

**Bacias secundárias:** formada por rios que não pertencem a nenhuma bacia principal, porém foram reunidas em 3 grupos de bacias isoladas devido a sua localização: Bacia do Norte-Nordeste, Bacia do Leste e Bacia do Sudeste-Sul.

## VEGETAÇÃO DO BRASIL

Vários fatores como luz, calor e tipo de solo contribuem para o desenvolvimento da vegetação de um dado local.

**A Floresta Amazônica** caracteriza-se por ser heterogênea, havendo um elevado quantitativo de espécies, com cerca de 2500 tipos de árvores e mais de 30 mil tipos de plantas. Ela é perene, ou seja, permanece verde durante todo o ano, não perdendo as suas folhas no outono. Apresenta uma densidade elevada, o que é propício ao grande número de árvores por m<sup>2</sup>.

**A Mata Atlântica** é menos densa que a Floresta Amazônica. Quase 100% dela já foi destruída, porém, antes podíamos encontrar o pau-brasil, cedro, peroba e o jacarandá. Os micos-leões, a lontra, a onça-pintada, o tatu-canastra e a arara-azul-pintada são originários da Mata Atlântica, porém estão ameaçados de extinção.

**Caatinga** é uma vegetação típica do clima semiárido do sertão nordestino. Vegetação pobre, com plantas que são adaptadas à aridez, são as chamadas plantas xerófilas (mandacaru, xiquexique, faveiro), elas possuem folhas atrofiadas, caules grossos e raízes profundas para suportar o longo período de estiagem. Arbustos e pequenas árvores (juazeiro, aroeira e braúna) também fazem parte da paisagem.

**Mata de Araucária** corresponde às áreas de clima subtropical, é uma mata homogênea, pois há o predomínio de pinheiros, erva-mate, imbuia, canela, cedros e ipês. Quanto a fauna, destacam-se a cutia e o garimpeiro (espécie de ave).

**Cerrado** é típico da região centro-oeste do Brasil, formado por plantas tropófitas, ou seja, plantas adaptadas a uma estação seca e outra úmida. Há também o predomínio de arbustos com galhos retorcidos, cascas grossas e raízes profundas, para ajudar a suportar o período de seca. Quase 50% da vegetação dos cerrados foi destruída devido o crescimento da agropecuária no Brasil.

**Pantanal** Vegetação heterogênea: plantas higrófilas (em áreas alagadas pelo rio) e plantas xerófilas (em áreas altas e secas), palmeiras, gramíneas. O Pantanal sofre a influência de vários ecossistemas (cerrado, Amazônia, chaco e Mata Atlântica), ou seja, o Pantanal é a união de diferentes formações vegetais. Por causa da sua localização e também às temporadas de seca e cheia com altas temperaturas, o Pantanal é o local com a maior reunião

de fauna do continente americano, encontramos jacarés, araraunas, papagaios, tucanos e tuiuiú.

**Os Campos** é uma vegetação rasteira e está localizada em diversas áreas do Brasil a paisagem é marcada pelos banhados (ecossistemas alagados). Predomínio da vegetação de juncos, gravatas e aguapés que propiciam um habitat ideal para as várias espécies de animais (garças, marrecos, veados, onças-pintadas, lontras e capivaras). De todos os banhados, o banhado do Taim, considerado ótimo para a pastagem rural, é o mais importante, devido a riqueza do seu solo.

**Vegetações Litorâneas** São características das terras baixas e planícies do litoral. Formam vários tipos de vegetação: mangues ou manguezais, a vegetação de praias, a vegetação das dunas e a vegetação das restingas.

## REGIONALIZAÇÃO

MAPA DO BRASIL E SUAS REGIÕES



Regionalizar é dividir de um espaço ou território em unidades de áreas que apresentam certo número de características que as individualizam.

As divisões regionais surgiram como forma de facilitar o planejamento regional e a integração nacional, ferramenta de planejamento essencial, usada pelo governo.

A atual regionalização oficial do IBGE considerou como critérios de divisão, elementos demográficos, econômicos e naturais. Além disso, nessa regionalização foram considerados os limites territoriais dos estados.

## REGIÕES GEOECONÔMICAS OU COMPLEXAS REGIONAIS



Além da divisão regional brasileira composta por cinco macrorregiões (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste), existe outra divisão do território nacional (ainda não oficial). Essa outra proposta de regionalização tem como critérios os aspectos naturais e, principalmente, os socioeconômicos, são as chamadas **regiões geoeconômicas do Brasil**.

Essa divisão estabelece três regiões geoeconômicas – a **Amazônia, o Nordeste e o Centro-Sul**. Os estados que integram essas regiões apresentam várias características em comum, no entanto, é necessário ressaltar que não há homogeneidade, sendo que cada unidade apresenta peculiaridades socioeconômicas.

## AS CAUSAS DAS DESIGUALDADES REGIONAIS NO BRASIL

- Industrialização concentrada: núcleo econômico do Brasil. Triângulo central: São Paulo-Rio de Janeiro-Belo Horizonte.
- O Centro-sul se beneficiou com o modelo de industrialização de substituição de importação.
- Com a abertura econômica, o Centro-sul recebeu a maioria dos investimentos internacionais diretos.
- A maioria das sedes de empresas do território nacional localiza-se no Centro-sul;
- Concentração das melhores universidades nacionais e centro de pesquisas;
- Os incentivos fiscais para industrialização do Nordeste e da Amazônia beneficiaram empresário do Centro-sul.



## ASPECTOS ECONÔMICOS, POLÍTICOS E HUMANOS DO BRASIL

Com aproximadamente 210 milhões de habitantes, o Brasil tem a quinta maior população do mundo, mas apresenta baixas densidades populacionais – devido à grande extensão do seu território. Os brasileiros se concentram ao longo do litoral, principalmente na zona da mata nordestina e na região sudeste. A partir da década de 1940, houve intensa migração para as cidades, gerando crescimento urbano (hoje, a maior parte da população é urbana) e diminuição das taxas de natalidade e de mortalidade. A maior parte da população é jovem ou adulta, caminhando para o envelhecimento.

Embora esteja passando por um momento de crise, provocada principalmente por problemas políticos, o Brasil ainda apresenta uma economia forte e sólida. O país é um grande produtor e exportador de mercadorias de diversos tipos, principalmente *commodities*\* minerais, agrícolas e manufaturados. As áreas de agricultura, indústria e serviços são bem desenvolvidas e encontram-se, atualmente, em bom momento de expansão. Considerado um país emergente, o Brasil ocupa o 9º lugar no *ranking* das maiores economias do mundo. O Brasil possui uma economia aberta e inserida no processo de globalização.

\* **Commodities** são produtos que funcionam como matéria-prima, produzidos em escala e que podem ser estocados sem perda de qualidade, como petróleo, suco de laranja congelado, boi gordo, café, soja e ouro. Commodity vem do inglês e originalmente tem significado de mercadoria.

### PRINCIPAIS ÍNDICES E DADOS DA ECONOMIA BRASILEIRA

**PIB** de 2018 (Produto Interno Bruto): R\$ 6,87 trilhões

**Renda per Capita** de 2018 (PIB per capita): R\$ 30.548

**Força de trabalho:** 103,5 milhões de trabalhadores (de março a maio de 2017): 89,7 milhões ocupados e 13,8 milhões desocupados.

**Taxa de desemprego:** 11,8% (2019) - 12,5 milhões de desempregados.

**Salário Mínimo Nacional:** R\$ 998,00 (a partir de 1º de janeiro de 2019).

**Dívida Externa:** US\$ 335,3 bilhões (setor público e setor privado) - dados relativos a outubro de 2016.

**Saldo da balança comercial** (2016): **Superávit** de US\$ 47,692 bilhões (R\$ 156,1 bilhões).

**Países de quem o Brasil mais importou** (2016): China, Estados Unidos, Alemanha, Argentina e Coreia do Sul.

**Países para os quais o Brasil mais exportou** (2016): China, Estados Unidos, Argentina, Holanda, Alemanha e Japão.

**Principais produtos exportados pelo Brasil** (2016): minério de ferro, ferro fundido e aço; óleos brutos de petróleo; soja e derivados; automóveis; açúcar de cana; aviões; carne bovina; café e carne de frango.

**Principais produtos importados pelo Brasil** (2016): petróleo bruto; circuitos eletrônicos; transmissores/receptores; peças para veículos, medicamentos; automóveis, óleos combustíveis; gás natural, equipamentos elétricos e motores para aviação.

**Organizações comerciais que o Brasil pertence:** Mercosul, Unasul e OMC (Organização Mundial de Comércio).

**Tipos de energia consumida no Brasil (dados de 2016):**

Petróleo e derivados: 37,6% , Hidráulica: 14,4%, Gás natural: 10,1%, Carvão Mineral: 5%, Biomassa: 21,3%, Lenha: 9,5%, Nuclear: 1,4%, Eólica: 0,6%.

### **CONCENTRAÇÃO E DESCONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL NO BRASIL**

O processo de industrialização do Brasil ocorreu de maneira muito tardia, porém se manifestou em um período de tempo relativamente curto, isto é, iniciou-se a partir da década de 1930 e consolidou-se a partir da década de 1970 em diante. Em termos de distribuição espacial, houve uma grande concentração das indústrias no país, fruto, principalmente, do aproveitamento das infraestruturas previamente existentes na economia cafeeira da região Sudeste do país.

Nesse sentido, referir-se aos processos de concentração e desconcentração industrial no Brasil é referir-se ao movimento migratório realizado pelas fábricas e empresas por todo o território brasileiro ao longo dos últimos tempos. Em síntese, pode-se afirmar que a intensa concentração industrial na região Sudeste do país está lentamente se desfazendo, embora o quadro esteja muito longe de se reverter.

O processo de concentração industrial do Brasil ocorreu com o desenvolvimento da política de substituição de importações, assumida de maneira mais proeminente durante o Governo Vargas, após os eventos relativos à Crise de 1929 e o consequente declínio da economia cafeeira. Assim, graças às estruturas de transporte e comunicação existentes e também ao maior poderio político e econômico das elites do eixo São Paulo-Rio de Janeiro, a maior parte das indústrias ergueu-se nessa região, o que enfraqueceu a produção têxtil e alimentícia preponderantes na região Nordeste.

Mais tarde, durante o Governo JK, houve novamente um impulso à industrialização do Brasil e de novo sob a ótica da política de substituição de importações anteriormente preconizada. Com isso, a partir da liderança das indústrias automobilísticas, o processo de industrialização do Brasil manifestou-se de maneira mais efetiva e reproduziu a concentração anteriormente existente.

Para reverter esse cenário, o governo brasileiro começou a reunir esforços para promover uma maior democratização, o que se efetivou a partir de 1968 com o desenvolvimento da Zona Franca de Manaus. Seguindo nesse ritmo, foram criadas as usinas hidrelétricas de Tucuruí, Sobradinho e outras na região Norte do país a fim de oferecer condições estruturais para a instalação de mais empresas no interior do território nacional.

Mas podemos dizer que a desconcentração industrial do Brasil passou a acontecer, de fato, a partir da década de 1990, quando a maior presença de infraestruturas (comunicação e meios de transporte) nas áreas anteriormente marginalizadas passou a apresentar um maior efeito.

Outro peso muito importante para isso foi à difusão da “Guerra Fiscal”, em que os estados e municípios passaram a competir pela atração de empresas por meio do fornecimento de incentivos fiscais, traduzidos em isenção de impostos e outras condições, como fornecimento de terrenos em posições estratégicas e formações dos polos industriais ou tecnopolos. Além disso, as grandes indústrias migraram em busca de mão de obra mais barata e sindicalmente desorganizada a fim de reduzir os custos e elevar os lucros.

Atualmente, existe uma migração, mesmo que gradativa, das grandes companhias em direção às áreas interioranas dos estados e, principalmente, às chamadas Cidades Médias. Com a evolução das técnicas e dos meios de transporte e comunicação, a tendência atual é a formação de regiões especializadas em setores produtivos específicos, como o farmoquímico, o automobilístico, o alimentício, o industrial de base, entre muitos outros. Existe, com isso, uma

série de fatores locais que deve ser atendida pelos governos regionais e municipais para a atração do maior número de empresas, geração de empregos e dinamização da economia.

### PROBLEMAS AMBIENTAIS NO BRASIL

Os atuais problemas ambientais brasileiros estão bastante relacionados com o desenvolvimento da agropecuária, o extrativismo vegetal e a falta de infraestrutura das cidades. Eles ocorrem desde a época da colonização, estendendo-se aos subsequentes ciclos econômicos (cana, ouro, café etc.). Atualmente, os principais problemas estão relacionados com as práticas agropecuárias predatórias, o extrativismo vegetal (atividade madeireira) e a má gestão dos resíduos urbanos.

Os principais agravantes de ordem rural e urbana são:

- perda da biodiversidade em razão do desmatamento e das queimadas;
- degradação e esgotamento dos solos por causa das técnicas de produção;
- escassez da água pelo mau uso e gerenciamento das bacias hidrográficas;
- contaminação dos corpos hídricos por esgoto sanitário;
- poluição do ar nos grandes centros urbanos.

#### Desmatamento

O índice de desmatamento em nosso território é tão alarmante que chega a pontuar proporcionalmente o Brasil como o segundo país, atrás apenas da China, com maiores áreas devastadas em todo o mundo.

A Floresta Amazônica, tida como a maior reserva natural do planeta, já teve cerca de 15% de sua área original desmatada, e da Mata Atlântica restam apenas 7% de sua composição silvestre.

De acordo com ambientalistas, na Amazônia, uma área de aproximadamente 50 mil km<sup>2</sup> é atingida por queimadas em períodos de um ano. Por causa disso, ocorre um empobrecimento do solo, acelerando o processo de desertificação. A fumaça liberada, além de causar problemas à saúde, também contribui para o aquecimento do planeta.

Diante dessa situação degradante, é necessário que cada cidadão assuma uma postura ambientalista, reivindicando de nossos representantes (do poder público) a intensificação de ações e programas preventivos que realmente combinem o desenvolvimento econômico do país com os princípios de sustentabilidade ecológica.

Fica a dica!



#### Atividades:

01) “Esta categoria pode ser definida como o espaço percebido, ou seja, uma determinada área ou ponto do espaço da forma como são entendidos pela razão humana. Seu conceito também se liga ao espaço afetivo, aquele local em que uma determinada pessoa possui certa familiaridade ou intimidade, como uma rua, uma praça ou a própria casa.”

A que categoria geográfica refere-se o fragmento acima?

- a) região                      b) território                      c) paisagem cultural                      d) lugar

02) O conceito geográfico associado a tudo aquilo que a visão alcança e é interpretado pelo nosso conhecimento pessoal:

- a) a Região                      b) o Lugar                      c) o Território                      d) a Paisagem

03) O conceito geográfico associado a separação de uma área do todo através de um critério por suas semelhanças:

- a) a Região                      b) o Lugar                      c) o Território                      d) o Espaço Geográfico

04) Relacione as colunas:

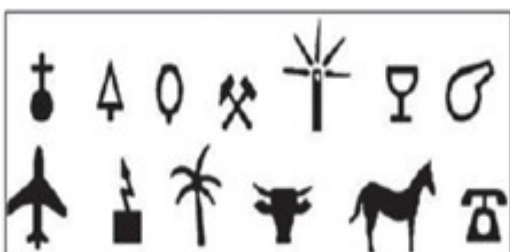
- |                        |   |
|------------------------|---|
| a) Sociedades          | ( ) A paisagem que existe quase sem alterações provocadas pelo homem.                                   |
| b) Paisagem natural    | ( ) Engloba os elementos da natureza e também os elementos artificiais, feitos pelo homem.              |
| c) Paisagem humanizada | ( ) Grupos de pessoas que vivem no mesmo lugar, de acordo com as mesmas leis e regras de sobrevivência. |
| d) Espaço geográfico   | ( ) É a paisagem que passa a existir após a interferência humana.                                       |

05) Além da ação humana a paisagem de um lugar também está continuamente sendo transformada ao longo do tempo pela ação da natureza, muitas dessas transformações deixam marcas nas paisagens, que nos auxiliam a compreender a dinâmica natural, no passado e no presente. Qual das opções está correta em relação a dinâmica da natureza que interfere na paisagem.

- a) ventos, chuvas, marés, erupções de vulcões.  
 b) ventos, chuvas, hidrelétricas, rios.  
 c) ventos, chuvas, marés, plantações.  
 d) ventos, chuvas, erupções de vulcões, hidrelétricas.

6) Os mapas são uma das ferramentas muito úteis aos geógrafos e inclusive para pessoas comuns que os utilizam em seu dia-a-dia. A respeito dos mapas é **incorreto afirmar**:

- a) eles apenas representam a realidade de um espaço geográfico, podendo ser temáticos, como exemplo um mapa rodoviário do Brasil.  
 b) eles representam a realidade, reproduzindo especificamente dados da realidade local, ou mundial.  
 c) é a única fonte de informação de um determinado espaço geográfico.  
 d) são de extrema utilidade em diversos setores das atividades humanas.



7) Na representação cartográfica, símbolos como os apresentados ao lado são adequados para a composição da:

- a) escala numérica  
 b) legenda  
 c) escala gráfica  
 d) projeção

8) Existem várias formas de representar a superfície terrestre. Relacione corretamente:

(1) Mapa                      (2) Planta                      (3) Croqui                      (4) Maquete

( ) São representações tri dimensões em miniatura, que mostram a área representada em três dimensões: altura, comprimento e largura.

( ) Tipo de representação cartográfica que representa pequenas áreas como casas, escolas e bairros.

( ) São representações reduzidas da superfície terrestre sobre um plano. Representa países, estados ou o planeta inteiro.

( ) É uma representação de um lugar ou paisagem na forma de desenho livre.

A sequência correta é:

a) 1 2 3 4                      b) 4 3 2 1                      c) 4 2 1 3                      d) 1 4 3 5

9) Complete as lacunas com as palavras do retângulo abaixo:

--

a) A distância em graus de qualquer ponto na superfície terrestre em relação à linha do Equador denomina-se \_\_\_\_\_.

b) A distância em graus de qualquer ponto na superfície terrestre em relação ao Meridiano de Greenwich denomina-se \_\_\_\_\_.

c) Os \_\_\_\_\_ são linhas imaginárias verticais traçadas do polo Norte ao polo Sul.

d) Os \_\_\_\_\_ são linhas imaginárias horizontais que circulam o planeta.

e) O encontro ou cruzamento das linhas imaginárias determina uma \_\_\_\_\_.

10) Marque a alternativa correta sobre as quatro estações do ano.

a) As estações do ano são bem definidas em todo o planeta.

b) O outono é a estação do ano que recebe maior quantidade de radiação solar.

c) O verão é a estação do ano que começa com o término do outono e antecede a primavera.

d) O movimento de translação, juntamente com a inclinação do eixo da Terra em relação ao plano orbital, é responsável pelas estações do ano.

11) As rochas são aglomerados naturais de incontáveis grãos de minerais. Há três tipos de rochas diferentes. A partir dessa informação relacione a primeira coluna com a segunda:

( 1 ) rochas magmáticas ou ígneas                      ( ) mármore

( 2 ) rochas sedimentares                      ( ) basalto

( 3 ) rochas metamórficas                      ( ) calcário

12) Em relação às características do território brasileiro, assinale a Opção INCORRETA :

a) O Brasil é um País com grande Extensão territorial.

b) O Brasil é considerado um 'País-Continente'.

c) O Brasil está Entre os cinco Maiores países do Mundo em área territorial.

d) O Brasil possui 8,5 Bilhões de km<sup>2</sup> e é um dos menores países do Mundo.

13) Marque a opção com o único hemisfério da Terra onde o Brasil não possui terras:

a) Hemisfério Ocidental (Oeste de Greenwich)



- b) Hemisfério Oriental (Leste de Greenwich)
- c) Hemisfério Meridional ( Sul do Equador)
- d) Hemisfério Setentrional (Norte do Equador)

14) Relacione as colunas considerando as sub-regiões do Nordeste brasileiro.

1. Meio Norte              2. Sertão              3. Agreste              4. Zona da Mata

- (    ) Maior extensão, predomínio do clima semiárido e vegetação de caatinga; tem pecuária extensiva e agricultura tradicional.
- (    ) Clima úmido e quente, vegetação de mata de cocais; tem base econômica no extrativismo vegetal e agricultura comercial.
- (    ) Características ambientais de transição, predomina a policultura comercial e pecuária leiteira.
- (    ) Clima quente e úmido litorâneo, predominam as monoculturas comerciais, concentração econômica e demográfica.

Assinale a sequência CORRETA encontrada:

- a) 4 - 3 - 1 - 2
- b) 1 - 2 - 3 - 4
- c) 2 - 1 - 3 - 4
- d) 1 - 2 - 4 - 3

15) Assinale a resposta que define biodiversidade:

- a) Biodiversidade é o conjunto de todas as espécies que vivem no ecossistema aquático.
- b) Biodiversidade é o conjunto de todas as espécies de seres vivos (microrganismos, plantas e animais), que compõe a vida na Terra, e os ecossistemas dos quais fazem parte.
- c) Biodiversidade é o conjunto de todas as espécies de plantas e pássaros que habitam o planeta.
- d) Biodiversidade é o conjunto de todas as espécies de planta existentes na Terra.

16) À medida que as sociedades desenvolvem-se, suas atividades econômicas tornam-se mais complexas e interligadas. Assim, nos países em desenvolvimento, a dependência em relação às práticas da agropecuária e do extrativismo costuma ser maior. No entanto, enquanto essas zonas vão se industrializando, o número de empregos e a participação dessas atividades no meio econômico costumam diminuir. Atualmente, os principais países passam por um estágio em que as áreas do serviço e do comércio estão a exercer uma maior centralidade. Nos Estados Unidos, esses campos empregam quase 80% da população economicamente ativa. A ocorrência desse fenômeno de transferência da mão de obra e da renda para os setores do comércio e dos serviços é denominada por:

- a) transferência da informação              b) terciarização
- c) terceirização                                  d) expansão da informalidade trabalhista

17) Analise a tabela abaixo e marque (V) para as alternativas verdadeiras e (F) para as falsas.

	População (em milhões)	Densidade demográfica	Expectativa de vida	Crescimento demográfico
Brasil	193,7	22,7	76 anos	1%
China	1.345,8	140,5	75 anos	0,6%
Estados Unidos	314,7	33,5	81 anos	0,9%
Afeganistão	28,2	43,2	44 anos	3,4%
Mônaco	0,033 (33 mil)	16.417	85 anos	0,3%

- ( ) Com mais de 1,3 bilhão de habitantes, a China é o país mais populoso e mais povoado.
- ( ) O Afeganistão é a nação que apresenta o maior crescimento demográfico e a menor expectativa de vida.
- ( ) Entre os países analisados, o Brasil é o terceiro mais populoso, além de ser o menos povoado.
- ( ) Com aproximadamente 33 mil habitantes, Mônaco possui a maior expectativa de vida, além de ser o mais povoado.
- ( ) Estados Unidos é menos populoso que a China e mais povoado que o Afeganistão, além de possuir crescimento demográfico superior a Mônaco.

18) Sobre a indústria brasileira, sua concentração e desconcentração espacial, a alternativa correta é:

- a) A industrialização brasileira foi tardia, ao longo do século XIX, concentrando-se na região Sudeste do Brasil, reproduzindo as desigualdades regionais sociais e econômicas.
- b) No governo de Getúlio Vargas, no período do Estado Novo, a preocupação estatal foi com a indústria de base, com enfoque na produção de energia e setor de transportes; já no governo de Juscelino Kubitschek, o setor automobilístico teve a atenção maior.
- c) A industrialização como substituição de importações, com capital estatal abundante e mão-de-obra barata, acontece no Brasil através da indústria de bens de consumo duráveis e com destaque para o setor têxtil e produção de alimentos.
- d) A partir de 1950, como parte do planejamento estatal do governo federal, inicia-se a desconcentração industrial, acentuada depois de 1990, pela crescente abertura econômica e desenvolvimento técnico- científico.
- e) Com a desconcentração industrial, o Sudeste brasileiro, principalmente São Paulo, passou por grandes mudanças espaciais e sociais, deixando de ser a área de maior concentração industrial, posto ocupado hoje pelo Nordeste brasileiro.

19) Leia atentamente o texto a seguir.

“A população, sem limitações, aumenta em proporção geométrica. Os meios de subsistência aumentam em proporção aritmética. Um pequeno conhecimento dos números mostrará a imensidade do primeiro poder em comparação com o segundo. Pela lei de nossa natureza que torna o alimento necessário à vida do homem, os efeitos dessas forças desiguais devem ser mantidos em pé de igualdade”.

O texto acima refere-se a uma concepção:

- a) neoliberal.
- b) neomarxista.

c) marxista-leninista.

d) malthusiana.

20) No final do século XX e em razão dos avanços da ciência, produziu-se um sistema presidido pelas técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema uma presença planetária. Um mercado que utiliza esse sistema de técnicas avançadas resulta nessa globalização perversa.

SANTOS, M. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record, 2008 (adaptado).

Uma consequência para o setor produtivo e outra para o mundo do trabalho advindas das transformações citadas no texto estão presentes, respectivamente, em:

- a) Limitação dos fluxos logísticos e fortalecimento de associações sindicais.
- b) Diminuição dos investimentos industriais e desvalorização dos postos qualificados.
- c) Concentração das áreas manufatureiras e redução da jornada semanal.
- d) Automatização dos processos fabris e aumento dos níveis de desemprego.

### Gabarito

1- D	9- latitude, longitude, meridianos, paralelos, coordenadas geográficas		
2- D	10- D	17- F,V,V,V,F	
3- A	11- 3,1,2	18- B	
4- B,D,A,C	12- D	19- D	
5- A	13- B	20- D	
6- C	14- B		
7- B	15- B		
8- C	16- B		

## HISTÓRIA

### O ORIENTE MÉDIO

Após milhares de anos, os seres humanos aprenderam a cultivar vegetais e a domesticar animais. Aos poucos, dentro dos grupos formados, foram se estabelecendo relações sociais cada vez mais complexas decorrente, entre outras razões, da diversidade das atividades de produção e da especialização do trabalho. Dessa diversificação das relações sociais surgiram as cidades, o comércio, a religião, a escrita e o Estado.

Observando os mapas desta página, podemos perceber um dos primeiros territórios onde se desenvolveram essas sociedades. Ele forma um contorno parecido com o quarto crescente da fase lunar, uma espécie de meia-lua. Exatamente por causa desse formato, a região recebeu o nome de Crescente Fértil.

O Crescente Fértil está localizado entre a Europa, a Ásia e a África. Na Antiguidade, existiam na região várias áreas férteis, que a tornavam refúgio privilegiado para os grupos humanos que se deslocavam em busca de alimentos e de abrigo. Nesta Unidade, vamos estudar as sociedades que se formaram na região do Crescente Fértil. Elas são algumas das primeiras sociedades complexas da história da humanidade.

### **ATIVIDADE:**

Explicar o “Crescente Fértil” nos seguintes aspectos: localização, importância e sociedades que ali se formaram:

---

## **O EGITO**

No nordeste do continente africano, ao longo das margens do rio Nilo, constituiu-se uma das mais duradouras e exuberantes sociedades da história.

Ainda hoje a cultura egípcia continua a despertar admiração, interesse e curiosidade. Historiadores, arqueólogos, caçadores de tesouros, simples curiosos. Muitos são os que procuram saber mais a respeito da sociedade que construiu pirâmides colossais e que desenvolveu inúmeros conhecimentos utilizados até os dias de hoje.

### **O MEIO GEOGRÁFICO**

As cheias periódicas do rio Nilo transformam o Egito numa espécie de oásis em meio ao deserto do nordeste africano. Elas são provocadas por chuvas abundantes que caem na nascente do rio, no interior do continente, e chegam ao Egito depois de atravessar uma extensão de terra de mais de 5 mil quilômetros.

As cheias começam no final de junho e atingem seu volume máximo em setembro; em seguida, o rio começa a baixar, voltando ao seu leito em dezembro. Com as cheias, as águas inundam uma grande extensão das margens e formam uma espécie de limo, o húmus, que torna as terras muito férteis.

Ao longo de muitas gerações, os egípcios foram aprimorando um amplo sistema de irrigação. Construindo diques e canais, aprenderam a controlar e a aproveitar ao máximo as inundações para o desenvolvimento da agricultura.

A importância das águas do rio Nilo para a população que vivia em suas margens era tal que os egípcios consideravam o rio um de seus deuses. No século VI a.C., o historiador grego Heródoto, refletindo sobre essa condição, chegou a afirmar que o Egito era uma “dádiva do Nilo”.

### **AS ATIVIDADES ECONÔMICAS**

A economia era controlada pelo faraó, dono nominal da maioria das terras. Grande parte das atividades produtivas era organizada e administrada por ele. Desde o planejamento e a construção de canais e diques para a irrigação das terras até o armazenamento e a distribuição da produção.

A principal atividade era a agricultura. A produção agrícola, de modo geral, estava voltada para suprir as necessidades da população. Cabia aos funcionários do soberano guardar uma parte dessa produção para ser distribuída em períodos de escassez.

### **A RELIGIÃO**

A religiosidade constituiu, sem dúvida nenhuma, o traço mais marcante da sociedade egípcia. Como inúmeros povos da Antiguidade, os egípcios eram politeístas, ou seja, adoravam diversos deuses. De um modo geral, esses deuses correspondiam às forças naturais mais importantes no cotidiano dos egípcios. Não por acaso, os principais deuses eram Rá (o Sol) e Osíris (o Nilo). Animais como o boi, o crocodilo, o gato e o falcão eram considerados sagrados.

## **OS SABERES**

Os egípcios desenvolveram significativamente várias áreas do conhecimento.

As áreas em que mais se destacaram foram a astronomia e a geometria. A necessidade de prever as enchentes do Nilo e de executar obras para o aproveitamento das águas do rio levou-os à observação dos astros e à construção de fórmulas para medir superfícies. Utilizavam a soma, a subtração e a divisão.

Além disso, criaram um calendário solar, no qual o ano, de 365 dias, era dividido em doze meses de trinta dias cada, ao qual acrescentavam cinco dias festivos.

## **A MESOPOTÂMIA**

O nome Mesopotâmia foi dado pelos gregos e significa “terra entre rios” (meso = no meio; potamos = rio). Compreendida entre os rios Tigre e Eufrates, a Mesopotâmia estava localizada entre áreas montanhosas e desérticas, na extremidade oriental do Crescente Fértil. Dividia-se em duas áreas com características naturais distintas: ao sul, as férteis planícies da Suméria (depois chamada Caldéia); ao norte, o árido e montanhoso solo da Assíria.

O Tigre e o Eufrates nascem nas montanhas da Armênia e correm um ao lado do outro em direção ao golfo Pérsico. Na primavera, o degelo da neve que cobre as montanhas da Armênia provoca inundações, tornando as terras da baixa, planície da Suméria extremamente férteis, fenômeno semelhante àquele que ocorre com o Nilo.

## **OS POVOS DA MESOPOTÂMIA**

A Mesopotâmia funcionava como uma espécie de corredor por onde passavam muitos povos nômades vindos de diferentes regiões. Atraídos pelas terras férteis, alguns deles aí se estabeleceram. Do convívio entre muitas dessas culturas, floresceram as chamadas sociedades mesopotâmicas.

## **POLÍTICA, ECONOMIA E ORGANIZAÇÃO SOCIAL**

Embora fossem considerados representantes dos deuses e não divindades, como os faraós do Egito, os soberanos da Mesopotâmia também exerciam forte domínio sobre a sociedade.

Os impérios, em geral, organizaram-se em províncias, administradas por chefes locais ou por funcionários nomeados pelo soberano.

A agricultura era a principal atividade econômica na Mesopotâmia.

O soberano mais destacado, e o principal responsável pela amplitude do chamado Antigo Império da Babilônia, foi Hamurábi (cerca de 1728-1686 a. C. ). Em seu governo, foi elaborado um dos primeiros códigos de leis da Antiguidade, conhecido como Código de Hamurábi. Nele, além dos julgamentos do próprio rei, foram incluídas várias das tradições e dos valores da sociedade mesopotâmica. O Código de Hamurábi era muito diferente dos nossos atuais códigos de leis. Sua aplicação não era obrigatória pelos juízes; servia, sobretudo para ilustrar os valores, a justiça e o poder do soberano.

Após a morte de Hamurábi, a Mesopotâmia foi abalada por sucessivas invasões, até a chegada dos assírios.



## A ANTIGUIDADE CLÁSSICA

### A GRÉCIA ANTIGA

#### A formação da Grécia antiga

Ao contrário do que temos hoje, a Grécia Antiga não chegou a formar um Estado unificado. Seu território era de fato ocupado por várias cidades autônomas, cada qual com sua própria organização social, religiosa, política e econômica. Por tais características, essas cidades, chamadas pólis pelos gregos, são denominadas cidades-estados. As principais cidades-estados gregas foram Esparta, Atenas, Tebas e Corinto.

A pólis era constituída por um núcleo principal, algumas vilas e áreas agrícolas. No núcleo principal ficavam a acrópole (centro religioso que também servia como fortaleza militar), a ágora (praça central) e o asti (espécie de mercado).

#### As cidades-estados

Diferenças profundas afastavam as duas principais cidades da Grécia Antiga. Esparta se destacava pelo espírito guerreiro e por ser uma sociedade rigidamente estratificada. Em Atenas, ao contrário, desenvolveu-se uma sociedade mais tolerante, marcada pela participação dos cidadãos nos negócios públicos.

Esparta e Atenas, cada uma em seu momento, conquistaram a hegemonia no mundo grego. A rivalidade entre elas, e mesmo entre outras cidades da Grécia Antiga, levaria ao mútuo enfraquecimento e consequente declínio diante das investidas expansionistas de outros povos.

Assim, depois de se unirem e vencerem o poderoso Império Persa, Esparta, Atenas e as demais cidades gregas envolveram-se em diversos conflitos e acabaram incorporadas ao Império da Macedônia.

Ilíada pelos macedônios, a cultura grega se espalharia por várias regiões do mundo antigo, ao mesmo tempo que sofreria influências de outros povos. Dessa mescla de valores surgiria o helenismo.

### O LEGADO GREGO

#### Uma religião de muitos deuses

Como a maior parte dos povos da Antiguidade, os gregos eram politeístas. Seus deuses, entretanto, assim como os seres humanos, possuíam sentimentos de raiva, de ódio, de compaixão. Segundo a crença grega, a maioria desses deuses habitava o monte Olimpo, a mais alta montanha da península Balcânica.

A religião dos gregos não tinha dogmas ou mandamentos. Desde que não provocasse a fúria divina, a crença era livre. O culto religioso tinha o objetivo de assegurar proteção para o indivíduo, para a família ou para a cidade.

A divindade mais importante era Zeus, considerado o deus dos deuses do Olimpo. Senhor dos raios e da chuva, era também o protetor de toda a Grécia. Havia inúmeras divindades, dentre as quais as mais conhecidas são:

Na Terra reinavam Deméter, que protegia os agricultores e as colheitas, e Dioniso, protetor dos vinhedos. Nos mares, reinava Posêidon, irmão de Zeus. No reino dos mortos, no interior da Terra, ficava Hades, outro irmão de Zeus.

Para conhecer a vontade dos deuses, os gregos interpretavam certos sinais – os presságios – ou dirigiam-se aos oráculos, isto é, aos santuários nos quais os sacerdotes respondiam às consultas feitas às divindades.

Outra manifestação religiosa eram as festas para homenagear os deuses. As mais importantes eram os jogos olímpicos, realizados para Zeus na cidade de Olímpia. Nessas ocasiões, estabelecia-se uma “trégua sagrada” e até as guerras eram interrompidas.

## As artes

A arquitetura e a escultura eram a expressão máxima da religiosidade dos gregos. Os templos constituíam o principal e quase único requinte das cidades-estados. Relativamente pequenos, não se destinavam a abrigar fiéis; guardavam apenas a estátua da divindade, seus tesouros e as oferendas recebidas.

A escultura desenvolveu-se ligada à arquitetura e destinava-se principalmente a embelezar os templos. No início, apresentava nítida influência egípcia. Posteriormente, adquiriu características próprias, como a vitalidade e o equilíbrio das formas representadas. Os grandes escultores gregos foram Fídias, Míron, Praxíteles.

## A história

Os gregos, como outros povos, procuravam conhecer e explicar suas origens. Para isso, recorriam aos mitos e às lendas, que, em geral, descreviam as façanhas de deuses ou de heróis, dotados de poderes extraordinários. Todavia, surgiu entre os gregos uma preocupação em relatar acontecimentos históricos, sem recorrer às narrativas míticas.

O primeiro grego que fez isso foi Heródoto (484-425 a.C.) o “pai da história”.

## Filosofia

A palavra filosofia significa amor ou amizade pela sabedoria (do grego philo ou philia = amor, amizade; sophia = sabedoria).

Na segunda metade do século V a. C., a atenção dos pensadores deslocou-se para os problemas da vida social e política. Essa nova tendência iniciou-se com uma corrente filosófica denominada sofista.

Sócrates e Platão foram dois dos principais filósofos do século IV a.C. Sócrates acusava os sofistas de não procurarem o verdadeiro saber. Defendia a existência de verdades válidas universalmente. A frase “Conhece-te a ti mesmo” é um exemplo de seus ensinamentos. Foi condenado à morte pelas autoridades de Atenas, sob a acusação de corromper a juventude, violar as leis e os preceitos da religião. Sócrates nada escreveu. Tudo o que se sabe a seu respeito foi transmitido por seus discípulos, dos quais o principal foi Platão.

Ao contrário de Sócrates, Platão deixou registros de seu pensamento em obras como “O banquete” e “A República”.

O pensamento filosófico desse período foi sistematizado, em grande parte, por Aristóteles. Ex-discípulo de Platão, Aristóteles foi tutor de Alexandre, o Grande. Fundador do Liceu em Atenas, seu pensamento abarcou quase todos os ramos da filosofia e das ciências naturais. Foi ele quem iniciou o estudo sistemático da lógica. Uma de suas obras mais conhecidas é “A política”, na qual analisou as diferentes formas de governo.

### ATIVIDADE:

Por que, ao contrário do que temos hoje, a Grécia Antiga não chegou a formar um Estado unificado?

---



---

Qual a origem dos jogos olímpicos?

---



---

## ROMA

### ORIGENS DE ROMA

De acordo com as pesquisas históricas, o que se sabe é que a cidade de Roma existe desde o final do segundo milênio a. C. perto do rio Tibre, nas proximidades do mar Tirreno. Nessa região, protegida por colinas, instalaram-se grupos latinos e sabinos, que teriam sido os fundadores da cidade.

Esse pequeno núcleo urbano originaria um vasto império. A trajetória desse império, para efeito de estudos, é dividida em três períodos, caracterizados por diferentes formas de organização política:

- Monarquia (753 a 509 a.C.)
- República (509 a 27 a.C.)
- Império (27 a.C. a 476)

### A CONQUISTA DO MEDITERRÂNEO ORIENTAL

Antes mesmo de encerrar o confronto com Cartago, Roma já iniciara um movimento de conquista do antigo império de Alexandre Magno, na região do Mediterrâneo oriental. Assim, em 149 a.C., a Macedônia tornou-se uma província romana e, dois anos depois, foi a vez de a Grécia ser incorporada pelos romanos.

Em seguida, veio a formação da província da Ásia (129 a.C.) e o estabelecimento de um protetorado no Egito, mais tarde convertido também em província. Com essas conquistas, os romanos efetivaram sua hegemonia no Mediterrâneo, que eles denominaram *mare nostrum*, ou seja, nosso mar.

As conquistas territoriais também transformaram a cultura romana. O contato com as sociedades orientais trouxe novos costumes, desde os hábitos de alimentação até mudanças na conduta moral.

A sociedade tornou-se cosmopolita, isto é, passou a reunir diferentes povos sob um mesmo Estado e atraiu para a cidade de Roma intelectuais, pensadores e artistas das mais diversas origens, sobretudo gregos.

Novos valores foram assimilados dos povos dominados. Dos gregos, a influência se fez sentir nos hábitos cotidianos, nas artes, na vida intelectual e na religião. Os deuses gregos foram adotados em Roma recebendo nomes latinos:

Em 235, iniciou-se um longo processo que se estenderia pelos dois séculos seguintes e culminaria com a desagregação de grande parte do Império Romano. As principais características desse processo foram:

- as crises políticas, já que não havia um critério definido de sucessão para o trono. Muitas vezes, a sucessão era marcada por guerras entre os generais mais poderosos; O colapso do sistema escravista, causado pelo fim das guerras de conquistas a partir do governo de Adriano (117-138). Com o término das conquistas, perdeu-se a principal fonte de mão-de-obra – os prisioneiros escravizados;
- os problemas econômicos: para pagar suas despesas, o governo era obrigado a aumentar os impostos e a emitir dinheiro, gerando inflação e descontentamento;
- as dificuldades para proteger e manter as inúmeras fronteiras do Império. Sem dinheiro para pagar os soldados, extensas áreas ficaram desprotegidas, o que facilitou a invasão de povos inimigos, sobretudo os de origem germânica (os bárbaros);
- a difusão do cristianismo, que pregava valores contrários à manutenção do trabalho escravo e à divinização dos imperadores.

Todos esses aspectos provocaram o enfraquecimento do comércio e da produção em todo o Império. Aos poucos, a população abandonaria as cidades para se abrigar no campo, onde encontraria maior proteção contra a invasão de povos inimigos, chamados de “bárbaros” pelos romanos.

Mais tarde, Teodósio, que governou de 378 a 395, promoveu ainda outras medidas para contornar a crise. Em 391, instituiu o cristianismo como religião oficial do Império. No âmbito

administrativo, realizou, em 395, a divisão do Império em duas partes, uma no Ocidente, com capital em Roma, e outra no Oriente, sediada em Constantinopla.

### **A FRAGMENTAÇÃO DO IMPÉRIO**

As duas partes do Império conheceriam destinos históricos diferentes.

No Ocidente, o poder central mostrava-se impotente para conter as sucessivas invasões das fronteiras por outros povos, que passaram a controlar extensas regiões do Império Ocidental.

Entre os séculos IV e V, a situação se agravaria com a chegada dos hunos à Europa. Temido por sua habilidade na guerra, esse povo, vindo da região central da Ásia, provocava pânico entre os germanos, que invadiam o Império para fugir de seus ataques.

Em 476, após inúmeras invasões e acordos dos germânicos com o Império Romano do Ocidente, Odoacro, rei dos hérulos, destronou Rômulo Augusto, último imperador romano. Com esse ato, desintegrava-se o Império Romano do Ocidente, em cujo território surgiriam diversos reinos germânicos.

Enquanto isso, o Império Romano do Oriente, ou Império Bizantino, ainda que também enfrentando muitas invasões, conseguiria manter-se por quase mil anos, até 1453, quando seria conquistado pelos turcos.

### **O LEGADO CULTURAL DE ROMA**

Os romanos assimilaram muitos aspectos da cultura dos povos vencidos, principalmente dos gregos. Dotados de notável senso prático, souberam reelaborar essas influências, nas quais introduziram inovações que levaram à formação de uma cultura original. Com isso, acabaram por legar às gerações futuras várias contribuições nas mais diversas áreas. De seu idioma, os latins derivaram diversas línguas modernas, como o português, o francês, o espanhol e o italiano. Sua criação mais original, entretanto, foi o Direito, que ainda hoje inspira muitos sistemas jurídicos.

### **ATIVIDADE:**

1) Após conquistar um imenso território ao redor do Mar Mediterrâneo, Roma entrou em um processo de desagregação. Quais as principais características desse processo?

---

## **IDADE MÉDIA**

### **A FORMAÇÃO DO FEUDALISMO**

Os romanos, a exemplo dos gregos, chamavam de bárbaros a todos aqueles que não tinham seus costumes e que não falavam sua língua. Entre esses povos, estavam os germanos, cujas invasões provocariam a desestruturação do Império Romano do Ocidente.

A partir do final do século III, com o enfraquecimento do poderio de Roma, alguns povos que habitavam nas proximidades das fronteiras do Império começaram a se instalar pacificamente em seu território, como aliados, isto é, como colonos e, sobretudo, como soldados.

No final do século IV, os hunos, povo guerreiro de origem asiática, chegaram à Europa oriental e mudaram esse quadro, acelerando o processo de desintegração do Império Romano. Praticamente empurrados pelas invasões dos hunos, os povos germânicos levariam de roldão as fragilizadas defesas das fronteiras romanas. Assim, francos, burgúndios, alamanos, ostrogodos, visigodos, anglos e saxões invadiam e pilhavam as cidades do Império.

Em 410, os visigodos ocuparam a península Itálica, tomando e saqueando Roma. Os vândalos, por sua vez, avançaram pela península Ibérica, atravessaram o estreito de Gibraltar e estabeleceram-se no norte da África.

O golpe definitivo ocorreu em 476, quando Odoacro, rei dos hérulos, destronou o imperador de Roma, pondo fim ao Império Romano do Ocidente. Esse acontecimento assinala a passagem entre a Antiguidade e a Idade Média na Europa ocidental.

Assim, ao término do século V, toda a porção ocidental do Império Romano, agora sob o domínio dos germanos, começava a assumir uma configuração inteiramente diversa, do ponto de vista de sua organização social, política e econômica. Era o mundo feudal que começava a se formar.

Mas seriam necessários mais de três séculos para que as estruturas da nova sociedade estivessem plenamente consolidadas. Nesse período, a administração centralizada do Império Romano daria lugar a diversos reinos, como o dos ostrogodos, o dos francos e outros (ver mapa abaixo), nos quais vigoravam formas descentralizadas de poder.

De todos os reinos feudais, o mais duradouro foi o dos francos. Por volta do século IX, seu poder era tão grande que alguns acreditavam na possibilidade de o Império Romano do Ocidente voltar a surgir.

A base social dos reinos feudais se constituiria a partir do encontro e da combinação de tradições, costumes, crenças e estruturas sociais herdadas dos romanos e dos povos germânicos.

A Igreja se transformaria também na maior proprietária de terras da Europa ocidental, em um período em que a terra era a principal fonte de poder e de riqueza.

A nova organização social que despontava na Europa com a desagregação do Império Romano – o feudalismo – só assumiu sua forma mais acabada por volta dos séculos VIII e IX. Nessa época, outra onda de invasões, desta vez empreendidas pelos povos árabes, húngaros, eslavos e normandos (ou vikings), isolou a Europa ocidental do Oriente. O clima de insegurança e isolamento criado pela nova onda de invasões dificultava a circulação de pessoas, debilitando ainda mais as atividades comerciais e a força das cidades.

O poder político se transferiu para os grandes proprietários de terras, os senhores feudais, a quem a população recorria para pedir proteção.

Os camponeses tinham de viver com o pouco que sobrava. Moravam em casas de madeira, sem divisões internas, com telhado de palha e chão batido. Assim como os senhores, em sua maioria não sabiam ler nem escrever. Vestiam-se com roupas de lã, linho ou couro. Seu divertimento, geralmente, estava relacionado à fé cristã e aos festejos comemorativos por ocasião do plantio e da colheita.

## **SOCIEDADE FEUDAL**

Jacques Le Goff e George Duby, especialistas em Idade Média, dividem a sociedade medieval em três grandes ordens. A primeira compreendia os integrantes do clero, que cuidavam da fé cristã; a segunda reunia os senhores feudais, responsáveis pela guerra e pela segurança; a última ordem era aquela constituída pelos servos, que trabalhavam para sustentar toda a população.

A mobilidade social praticamente inexistia. Rígidas tradições e vínculos jurídicos determinavam a posição social de cada indivíduo desde o nascimento.

## **UM PODER FRAGMENTADO**

Como vimos após a desintegração do Império Romano do Ocidente, a Europa foi ocupada por vários reinos, cuja principal característica era a descentralização do poder, dividido entre o rei e os senhores dos feudos. O rei cumpria, sobretudo, funções simbólicas. Era considerado o principal suserano. Também subordinado às obrigações do sistema de



suserania e vassalagem, dependia do exército formado por seus vassallos e dos tributos recolhidos em seus próprios domínios feudais.

o ser reconhecido e legitimado pela Igreja, o poder do rei revestia-se de um caráter sagrado: ele era “rei pela graça de Deus”. Apesar disso, não tinha poderes para interferir nas terras de seus vassallos. Nelas, o senhor feudal era soberano, comandando o seu funcionamento e fazendo justiça segundo as tradições e o direito consuetudinário, isto é, o direito consagrado pelos costumes.

### **A ECONOMIA FEUDAL**

Já vimos anteriormente que na Alta Idade Média ocorreu uma acentuada retração das atividades comerciais e artesanais. Em razão disso, houve um processo de ruralização da sociedade da Europa ocidental, com o predomínio da agricultura de subsistência.

Os caminhos precários e perigosos do interior da Europa dificultavam a troca de mercadorias entre regiões distantes. Dessa forma, o feudo tinha de ser praticamente autossuficiente, produzindo quase tudo de que precisava.

Nesse período, algumas cidades ficaram despovoadas, outras desapareceram, e o comércio e a produção artesanal diminuíram drasticamente. No interior de alguns feudos, mantinham-se pequenas vilas, que reuniam poucos moradores e serviam de refúgio contra invasores.

### **ATIVIDADE:**

A quem os romanos chamavam de bárbaros?

---

Descreva a sociedade e a economia feudais:

---



---

## **A CULTURA FEUDAL**

### **AS UNIVERSIDADES**

A principal inovação medieval realizada pelos europeus no campo do ensino e do conhecimento foi a criação das universidades.

No final do século XI, a primeira instituição de ensino superior a aparecer foi a Escola de Direito de Bolonha, no norte da atual Itália. Outras instituições surgiram quase simultaneamente na península Itálica, na França e na Inglaterra. Até o final do século XIV já havia mais de quarenta delas espalhadas por diversas regiões da Europa.

A disseminação desses estabelecimentos de ensino teve relação com o ressurgimento urbano e comercial que ocorreu na época. Com esse ressurgimento, tornou-se necessário um número crescente de letrados para gerir os negócios, tanto públicos como privados.

Inicialmente regulamentadas pela Igreja, as universidades restringiam-se ao ensino de disciplinas do “trivium” e do “quadrivium”. No século XIV ganharam independência e passaram a assumir um caráter mais voltado para a vida secular, ministrando também cursos de artes, de medicina, além de direito e teologia.

## **O MUNDO FEUDAL EM TRANSFORMAÇÃO**

### **AS CRUZADAS**

No século XI, grande parte dos domínios árabes, incluindo a Terra Santa – lugares por onde Jesus viveu e pregou sua doutrina – caiu em poder dos turcos seldjúcidas, um povo vindo do Oriente, que se convertera ao Islã. Diferentemente dos árabes, que nunca haviam se oposto às peregrinações dos cristãos à Terra Santa, os turcos as proibiram.

Diante disso, o papa Urbano II, falando aos nobres reunidos em Clermont, na França, em 1095, fez-lhes um apelo pela libertação da Terra Santa. Por trás da exortação estavam os interesses da Igreja em aumentar seu prestígio e em expandir seu domínio sobre os territórios controlados pelos muçulmanos.

## **CIDADES E COMÉRCIO: NOVA PAISAGEM**

A partir das Cruzadas, a mudança mais visível na Europa ocidental ficou conhecida pelo nome de renascimento comercial e urbano. Ele significou o desenvolvimento do comércio e das cidades, que tinham tido pouca importância durante os séculos anteriores.

O comércio, ainda incipiente, era praticado nas feiras que se realizavam nas vilas ou perto dos castelos e outros lugares fortificados. Inicialmente periódicas, as feiras tornaram-se permanentes, propiciando o aparecimento de núcleos urbanos, os chamados burgos.

A partir dos burgos, desenvolveram-se novas cidades, ao mesmo tempo em que ganharam vida as mais antigas, que não haviam desaparecido por completo.

As cidades atraíam cada vez mais artesãos, que nelas se fixavam para viver de seu ofício. Atraíam também servos camponeses que as buscavam para tentar vender os seus excedentes agrícolas ou para viver como trabalhadores livres. Atraíam, ainda, comerciantes de sal, de ferro e de inúmeras outras mercadorias, provenientes de regiões distantes.

### **A TROCA DE MOEDA**

As atividades comerciais restabeleceram o uso regular da moeda. Logo, diferentes moedas circulavam nas feiras e nos núcleos urbanos, provenientes de vários feudos e regiões da Europa. Essa variedade criou a necessidade do câmbio, isto é, da troca de moedas. Os que se dedicavam a ele eram chamados de cambistas.

Mais tarde, os cambistas passaram a realizar empréstimos e a fazer outras operações financeiras. Assim surgiram os bancos, palavra de origem italiana que designava o assento ocupado pelo cambista. Durante muito tempo, os banqueiros mais importantes eram os da península Itálica.

### **DENTRO DOS BURGOS, A BURGUESIA**

As cidades que se formaram ao pé das fortificações estavam estreitamente vinculadas aos senhores feudais. Esses nobres, proprietários das terras onde ficavam os burgos, cobravam pesadas taxas daqueles que os habitavam.

No início, toda a população do burgo chamava-se burguesia; posteriormente esse termo passou a designar apenas comerciantes, banqueiros e alguns artesãos enriquecidos.

Com o aumento do comércio e o fortalecimento da burguesia, alguns desses burgos obtiveram pacificamente autorização para negociar sem pagar aos senhores nenhuma tributação. Muitos, porém, tiveram de lutar, unindo-se aos reis, a fim de conseguir dos senhores feudais licença (franquia) para efetuar suas atividades nas cidades.

### **AS CORPORAÇÕES DE OFÍCIO**

Nas cidades, a produção artesanal e o comércio tornaram-se tão intensos que aqueles que se dedicavam a essas ocupações passaram a se organizar em associações com o intuito de regular suas atividades.

As chamadas corporações de ofício dos artesãos controlavam a produção e impediam a concorrência desleal, fixavam os preços, os salários e os padrões de qualidade. Dentre todas essas funções, destacava-se a de reservar o mercado da cidade aos seus membros, além, é claro, de torná-los mais fortes para negociar com os senhores feudais.

Da mesma forma que as corporações dos artesãos, formaram-se associações de comerciantes ou guildas, como medida para regular o mercado no interior dos burgos. Garantir a proteção contra os comerciantes de regiões distantes era uma das principais funções das guildas.

Essas associações de artesãos e comerciantes negociavam também os impostos com os senhores feudais. Quando a organização interna das cidades adquiriu completa autonomia em relação aos feudos, elas passaram a cuidar da administração das cidades livres.

#### **ATIVIDADE:**

O que eram os burgos e quem eram seus habitantes?

---

---

### **CAPITALISMO VERSUS FEUDALISMO**

O renascimento comercial e urbano, ocorrido a partir do século XI, introduziu muitas novidades na organização da sociedade feudal. Surgiram diferentes grupos sociais, tais como a burguesia e os trabalhadores assalariados.

Criaram-se novas formas de enriquecimento, por meio do crescimento das atividades bancárias e do comércio de mercadorias. Ganhou importância o comércio em grande escala e a produção para o mercado.

Essas novidades indicavam o aparecimento de um novo sistema econômico: o capitalismo. Aos poucos, o sistema capitalista acabaria por substituir inteiramente o feudalismo, tornando-se dominante nos séculos seguintes.

### **A CRISE DO SÉCULO XIV**

A dissolução do feudalismo foi apressada no final da Idade Média por uma sucessão de acontecimentos que geraram a chamada “crise do século XIV”.

A produção de alimentos sempre foi deficiente no sistema feudal, de modo que a fome era uma ameaça constante. Entre 1315 e 1317, a situação se agravou e provocou surtos de fome em vários lugares da Europa.

A falta de estrutura das cidades, para suportar o aumento populacional, associada ao problema da fome acabou desencadeando uma série de epidemias. A pior de todas foi a chamada peste negra, que assolou a Europa entre 1348 e 1350 e matou cerca de um terço de toda a população.

Inúmeras guerras também contribuíram para aumentar a mortandade e tornar a situação na Europa ainda mais difícil. A maior delas foi, sem dúvida, a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), travada entre as monarquias feudais da Inglaterra e da França.

Sob a ação dos três flagelos do século XIV – a fome, a peste e a guerra –, a população diminuía e a mão-de-obra se tornava cada vez mais escassa. Isso levou os senhores feudais a aumentar a exploração sobre os camponeses. Em consequência, houve inúmeras revoltas, nas quais os camponeses rebelados queimavam propriedades e assassinavam senhores feudais. Em algumas cidades, também se verificaram desordens e motins.

A crise apontava também para uma transformação na estrutura de poder descentralizada, que não conseguia gerar respostas para os problemas que surgiam. Os governos centralizados começaram então a ganhar força, pois conseguiam arbitrar os conflitos inevitáveis em uma sociedade que ganhava complexidade.

Foi nesse contexto que se deu o fortalecimento do poder dos reis e a consequente formação do Estado moderno.

Desse modo, pode-se dizer que as transformações da Baixa Idade Média – desenvolvimento do comércio e das cidades, uso da moeda, aparecimento da burguesia,

fortalecimento do poder central nas mãos do rei – condenaram o feudalismo à dissolução. A essas mudanças podemos acrescentar o Renascimento na península Itálica, no século XIV e as Grandes Navegações, no século XV, todas apontando para o advento dos chamados tempos modernos, que começaremos a estudar na próxima Unidade.

#### **ATIVIDADE:**

Descreva a crise do século XIV que apressou a dissolução do feudalismo:

---

---

## **MUNDO MODERNO**

### **A CENTRALIZAÇÃO DO PODER**

#### **O senhor da balança**

Em sua luta para centralizar o poder, o rei teve alguns aliados. O principal deles foi a burguesia mercantil e financeira, formada por comerciantes e banqueiros.

O fato de cada feudo cunhar suas próprias moedas, aliado aos diferentes sistemas de pesos e medidas existentes em cada um deles, trazia enormes entraves às atividades mercantis. Além disso, o pagamento de pedágios imposto pelos senhores feudais às caravanas de mercadores prejudicava ainda mais os negócios da burguesia. Um poder centralizado e forte poderia, entre outras coisas, resolver esses problemas e, ainda, oferecer proteção às rotas comerciais, o que não acontecia no mundo feudal.

#### **A caminho do estado moderno**

Aos poucos, o rei impôs sua autoridade sobre territórios cada vez mais vastos. Os limites entre esses territórios começaram a ganhar sentido político, fiscal e militar, fixando-se e tornando-se fronteiras.

Dentro desses novos limites, prevaleceram as línguas faladas nas regiões hegemônicas, assim definidas por sua riqueza ou por sua importância política. O idioma oficial da Espanha, por exemplo, derivou do castelhano, língua falada em Castela, o principal reino formador do país.

Nessas circunstâncias, surgiu o Estado moderno, igualmente chamado de Estado nacional ou monarquia nacional. Fenômeno novo na história, uma de suas características principais era o caráter fortemente centralizado do poder monárquico em oposição à fragmentação vivida no sistema feudal.

A formação do Estado moderno ocorreu de forma diversa em cada região da Europa. Em todas elas, entretanto, foi o resultado de longos e sangrentos conflitos.

#### **ATIVIDADE:**

Como surgiu o Estado Moderno e qual a sua característica principal?

---

---

## **O RENASCIMENTO E O HUMANISMO**

### **AS ORIGENS DO RENASCIMENTO**

O ressurgimento do comércio permitiu à burguesia acumular riqueza suficiente para financiar as obras de escritores e artistas. Assim, tornou-se comum a figura dos mecenas, indivíduos ricos que, em busca de glória e prestígio, patrocinavam o trabalho de artistas e escritores. Entre os mecenas da península Itálica, destacaram-se a família Sforza – senhora do ducado de Milão –, os Médici – família de banqueiros que exercia o controle político da República de Florença – e os papas Júlio II e Leão X.

## PRINCIPAIS FUNDAMENTOS

No âmbito do pensamento, o Renascimento se caracterizou pelo individualismo, pelo racionalismo e pelo humanismo.

O individualismo valorizava a capacidade de o ser humano fazer escolhas livremente, valendo-se apenas de suas próprias forças, sem apelar para o sobrenatural.

O racionalismo enfatizava a razão como principal instrumento para compreender o universo e a natureza.

O humanismo, por sua vez, colocava o ser humano como centro das preocupações e indagações dos pensadores, considerando-o a obra suprema de Deus. Essa orientação é denominada antropocentrismo e representava uma forte oposição ao teocentrismo (theo vem do grego e significa deus) da Igreja Católica.

Em 1445, o germânico Johannes Gutenberg inventou o sistema de impressão com tipos móveis, revolucionando o processo de produção dos livros, até então feitos à mão. Com o novo invento, foi possível difundir as ideias humanistas para um número cada vez maior de pessoas.

## O CINQUECENTO

Leonardo da Vinci distinguiu-se em muitos campos do conhecimento, como a engenharia, a arquitetura, a matemática e a física, mas notabilizou-se sobretudo como pintor. É conhecido pelo tratamento psicológico que dava aos personagens e pelo domínio da técnica que ele mesmo chamou de *chiaroscuro* (claro-escuro), que consiste no jogo de luz e sombra. Suas obras mais famosas são Sant'Ana, Monalisa e A Última Ceia.

Escultor e pintor, Michelangelo foi o autor dos afrescos da Capela Sistina, em Roma. Como escultor, suas obras inspiraram artistas de todas as épocas. Entre as mais importantes, destacam-se Pietá, Moisés e Davi.

No âmbito da literatura e do pensamento político, o “Cinquecento” produziu autores de importância universal, como Ludovico Ariosto, Torquato Tasso e, principalmente, Nicolau Maquiavel (1469-1527).

### ATIVIDADE:

O que foi o Renascimento e quais os seus principais fundamentos?

---

## OS EUROPEUS CHEGAM À AMÉRICA

### AS GRANDES NAVEGAÇÕES

De forma geral, podemos dizer que os europeus foram impelidos a empreender as Grandes Navegações por duas razões econômicas: as necessidades de expandir o comércio e de obter grandes quantidades de metais preciosos.

No início do século XV, era intenso o comércio de produtos vindos do Oriente: as chamadas especiarias – cravo, canela, pimenta –, seda e outros artigos. Esses produtos eram trazidos do Oriente pelos árabes até os portos do Mediterrâneo, onde eram comprados, principalmente, pelos mercadores da península Itálica, que os revendiam na Europa. Esse quase monopólio encarecia muito os artigos orientais. Impedidos de efetuar negócios mais lucrativos, os comerciantes de outras regiões começaram a procurar no Atlântico a saída para esse entrave.



Entre os avanços técnicos estavam instrumentos como a bússola e o astrolábio, além, é claro, da caravela. Muitos desses equipamentos já eram utilizados por outros povos e foram aperfeiçoados e adaptados pelos portugueses à navegação marítima.

## O PIONEIRISMO DE PORTUGAL

A atividade pesqueira, prática largamente difundida no litoral português, sem dúvida contribuiu para que os portugueses se familiarizassem com o oceano Atlântico e aprendessem a enfrentar o mar aberto.

Além disso, as cidades portuárias de Portugal funcionavam como uma espécie de parada obrigatória para o abastecimento das embarcações que utilizavam a rota marítima do Atlântico. Como consequência, Portugal acabou se transformando num importante centro onde circulavam as ideias mais avançadas a respeito de navegação.

Nessa época, dom Henrique, o Navegador – filho do rei dom João I –, reuniu inúmeros cartógrafos, navegadores e astrônomos para desenvolver em Sagres os estudos e as experiências náuticas. Mais tarde, o conjunto de ideias ali gerado foi denominado Escola de Sagres.

## NAVEGAÇÕES PORTUGUESAS

Entre 1487 e 1488, Bartolomeu Dias alcançou o cabo das Tormentas, no extremo sul da África, rebatizado pelo rei de Portugal de cabo da Boa Esperança.

Este último feito abria caminho para a realização de um projeto mais ambicioso, que havia se esboçado após a conquista do cabo Bojador: chegar às Índias, contornando a África.

Em 1497, dez anos após a viagem de Bartolomeu Dias, o rei dom Manuel, o Venturoso (1495-1521), entregou a Vasco da Gama o comando de uma expedição que deveria estabelecer relações comerciais com as índias. Dez meses depois da partida, em maio de 1498, Vasco da Gama chegava a Calicute, próspera cidade do litoral indiano. Seu retorno a Lisboa ocorreu em setembro de 1499. De sua expedição restaram apenas 2 navios e 55 homens e a certeza de poder estabelecer uma rota comercial entre a Europa e o Oriente contornando o litoral da África.

## UMA BATALHA DIPLOMÁTICA

Para estabelecer os domínios no Atlântico foi necessária uma longa batalha diplomática entre Espanha e Portugal.

Pouco depois da volta de Colombo, o papa expediu, em maio de 1493, a bula *Inter Coetera* reconhecendo ao reino de Castela o domínio sobre todas as terras que se encontrassem a oeste de um meridiano localizado a 100 léguas a oeste das ilhas de Açores e Cabo Verde.

Portugal, sentindo-se prejudicado, não aceitou a bula papal e exigiu uma negociação direta. O resultado foi o Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, em que os reinos ibéricos estabeleceram uma divisão do mundo.

Segundo o tratado, terras e mares encontrados ou por encontrar (desde que não pertencentes a nenhum rei cristão) seriam divididos entre Espanha e Portugal. O meridiano que passa a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde foi tomado como linha divisória. As terras localizadas a oeste pertenceriam a Espanha, as do leste a Portugal.

Para os portugueses, o tratado era altamente positivo, pois lhes assegurava a posse do litoral atlântico da África, região que já vinham explorando. A Espanha acabaria impondo seu domínio sobre grande parte do continente americano e sobre os povos que o habitavam. Com

os metais preciosos encontrados no novo continente, tornar-se-ia a nação mais rica da Europa. Por isso, na história espanhola, o século XVI ficou conhecido como século de ouro.

## **AS GRANDES NAVEGAÇÕES**

### **A EUROPA APÓS AS NAVEGAÇÕES**

As Grandes Navegações deram ao comércio europeu um impulso extraordinário. Para ter uma ideia desse crescimento, basta lembrar que antes das navegações a cidade de Veneza comprava no Egito 420 mil libras de pimenta por ano; com o novo comércio, uma única embarcação portuguesa podia trazer de uma só vez carregamentos de até 200 mil libras. Além de colocar no mercado europeu quantidades inusitadas de mercadorias, o novo comércio estabeleceu um intercâmbio sem precedentes entre os diversos continentes. O mundo todo havia sido unificado pelo comércio.

Essas mudanças operaram uma verdadeira revolução nas relações internacionais, nos hábitos de consumo, nas mentalidades, na organização das sociedades europeias e não europeias. Além disso, consolidaram o poder absolutista dos reis e fizeram da burguesia o grande agente das transformações sociais.

### **ATIVIDADE:**

Quais as consequências das Grandes Navegações?

---

---

## **REFORMA E CONTRARREFORMA**

### **REFORMA**

Num período de tantas transformações, como as que se verificaram na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, era previsível que também ocorressem mudanças nas esferas ideológica e espiritual.

No decorrer do século XV, alguns humanistas apontavam deturpações cometidas pela Igreja e criticavam a corrupção reinante em sua alta hierarquia.

Nesse contexto surgiu Martinho Lutero, que propunha mudanças na Igreja de Roma. Suas propostas provocariam um intenso movimento de transformação religiosa em toda a Europa ocidental, que ficou conhecido como Reforma Protestante.

Ora, o grande objetivo do sistema capitalista, a busca do lucro, era condenado pela Igreja. Martinho Lutero, ao contrário, tinha uma visão mais tolerante em relação a isso. Outros reformadores, como Calvino, iriam mais longe, defendendo abertamente o direito ao lucro. Seria natural, então, que comerciantes e homens de negócio os apoiassem.

### **A CONTRARREFORMA CATÓLICA**

A reação da Igreja Católica ao avanço das propostas de reforma ficou conhecida como Contrarreforma. O Concílio de Trento (1545 e 1563), do qual participaram representantes da Igreja Católica de toda a Europa, coordenou e orientou o movimento.

O Concílio não fez nenhuma concessão em matéria de doutrina religiosa, confirmando todos os pontos criticados pelos protestantes. Todavia, tomou providências para moralizar o clero e fortalecer a autoridade da hierarquia católica.

Um importante papel na Contrarreforma foi desempenhado pela Companhia de Jesus. Essa ordem religiosa foi fundada em 1534 por Ignácio de Loyola, ex-soldado espanhol que estudou teologia em Paris. Reconhecida pelo papa seis anos depois, a Companhia de Jesus (ou ordem dos jesuítas) teve uma atuação destacada no Concílio de Trento. Seus integrantes,

os jesuítas, logo se espalhariam pelo mundo com o objetivo de expandir a fé católica, colaborando assim de maneira decisiva com a cúpula da Igreja no combate ao protestantismo.

Na parte da América dominada pelos portugueses, eles começaram a chegar a partir de 1549. Uma vez aqui, dedicaram-se principalmente à catequese dos indígenas e à educação infantil entre os colonos, fundando e mantendo inúmeros colégios.

### **CONSEQUÊNCIAS DA REFORMA**

A Reforma Protestante pôs um fim no monopólio espiritual da Igreja Católica, oferecendo aos fiéis novas opções religiosas.

Um dos efeitos do movimento, sobretudo a partir do calvinismo, foi o estímulo ao desenvolvimento capitalista, na medida em que criou uma ética favorável ao lucro, ao trabalho árduo e ao enriquecimento pessoal.

Outra consequência foi o impulso à alfabetização. Lutero incentivou o aprendizado da leitura, ao propor que qualquer pessoa podia ser "sacerdote de si mesma", desde que lesse e interpretasse corretamente a Bíblia.

Por outro lado, a Reforma Protestante resultou na intolerância religiosa diante das artes e da ciência, tanto por parte dos católicos como dos protestantes. Exemplos disso foram a publicação do Índice – lista dos livros proibidos pela Igreja Católica – e a perseguição e condenação de inúmeros intelectuais.

### **ATIVIDADE:**

O que foi a Reforma e no que se relaciona com a Contrarreforma?

## **O ANTIGO REGIME**

### **O ABSOLUTISMO**

O Estado absolutista dominava a tal ponto a vida política da sociedade europeia na Idade Moderna que um rei pôde dizer de si mesmo: "O Estado sou eu". Essa frase foi atribuída a Luís XIV, conhecido como "rei Sol", que governou a França entre 1661 e 1715.

Na atmosfera cultural e política da Idade Moderna, as palavras do rei não causaram escândalo nem protestos. Tratava-se simplesmente de uma constatação. Essa visão do poder certamente seria compartilhada por outros monarcas absolutistas da Europa. Não era fruto do acaso, refletia as práticas políticas em vigor na Europa durante os séculos XVI, XVII e XVIII.

### **DA ECONOMIA FEUDAL PARA A ECONOMIA CAPITALISTA**

A economia europeia nessa época reunia aspectos feudais e capitalistas. Dos vínculos com o sistema feudal, mantinham-se, basicamente:

- O sistema das corporações de ofício surgido na Baixa Idade Média, responsável pela produção artesanal nas cidades;
- As formas de trabalho servil no campo, que obrigavam os camponeses à corveia (trabalho gratuito nas terras do senhor) e ao pagamento da talha (entrega de parte da produção ao senhor) e do dízimo (contribuição dada à Igreja).

A presença de características do capitalismo era observada, notadamente:

Na produção realizada segundo o sistema doméstico, no qual os artesãos trabalhavam em casa, com suas próprias ferramentas, por encomenda de um comerciante. Essa foi a forma encontrada por alguns comerciantes para contornar as restrições impostas pelas corporações de ofício, numa época de expansão dos mercados. Depois de algum tempo, esses comerciantes perceberam que aumentariam ainda mais a produção e os lucros se reunissem

os artesãos num único local como trabalhadores assalariados. Surgiram assim as primeiras manufaturas;

- na rápida difusão do trabalho assalariado;
- no surgimento de novas formas de organização econômica, como sociedades anônimas, bancos, documentos de crédito etc.

Essa foi a época do capitalismo comercial, quando se realizou a acumulação primitiva de capital. A expressão designa um longo processo histórico durante o qual reuniram-se as condições necessárias (dinheiro, equipamentos, fábricas, mão-de-obra etc.) para impulsionar o capitalismo industrial, a partir de segunda metade do século XVIII.

Na fase do capitalismo comercial, a burguesia conseguiu concentrar enormes riquezas, que foram investidas posteriormente na produção fabril. A essas riquezas juntavam-se, ainda, os ganhos com o comércio internacional, incluídos aí o tráfico de africanos escravizados e a exploração colonial da América.

#### **ATIVIDADE:**

Durante a Idade Moderna (1453-1789), a economia europeia reunia aspectos feudais e capitalistas. Citar as características que os diferenciava:

---

## **A AMÉRICA COLONIAL E AS GUERRAS EUROPEIAS**

### **A OCUPAÇÃO DO CONTINENTE AMERICANO**

O primeiro europeu a chegar à América foi Cristóvão Colombo. Viajando a serviço da Espanha, o navegador genovês aportou numa ilha do Caribe, que denominou de San Salvador. Eram 12 de outubro de 1492. Em seguida, Colombo explorou outras ilhas da região. Em uma delas, batizada por ele de Hispaniola – Haiti e República Dominicana atuais –, fundou uma fortaleza. Assim tinha início a ocupação da América pelos europeus.

### **A CONQUISTA DA AMÉRICA**

Colombo morreu em 1506, depois de fazer mais três viagens à América. Até o último momento, no entanto, ele acreditou ter chegado às Índias. O erro seria corrigido logo após sua morte pelo navegante florentino Américo Vespúcio, um de seus companheiros de viagem. Vespúcio conseguiu demonstrar que as terras conquistadas por Colombo e outros navegadores faziam parte de um mesmo continente, desconhecido dos europeus, ao qual deram o nome de América, em sua homenagem. Por muito tempo, porém, a América continuaria a ser chamada também de Índias Ocidentais.

Em novembro de 1519, ao entrar em Tenochtitlán, o conquistador foi recebido amistosamente por Montezuma que, acreditando nas previsões de alguns mitos religiosos, interpretou a chegada dos europeus como a volta de antigos deuses astecas. Em pouco tempo, porém, ficaria claro o grande equívoco do imperador.

Cortés e seus homens permaneceram vários meses em Tenochtitlán. Quando precisou se ausentar da cidade, seu substituto no comando das tropas acabou deflagrando um conflito de consequências dramáticas: ordenou o massacre de cerca de 6 mil nativos no interior de um templo. Ao retornar, Cortés não conseguiu acalmar os ânimos dos astecas.

Em junho de 1520, os astecas revidaram e infligiram pesada derrota aos espanhóis. Em resposta, Cortés buscou novos reforços e sitiou a cidade. Os astecas lutaram até o esgotamento. Finalmente, em 13 de agosto de 1521, o último imperador, Quatemozim, teve de

render-se. O Império Asteca foi destruído e passou ao domínio da Coroa espanhola sob o nome de Nova Espanha, governada por Hernán Cortés.

## **O SISTEMA COLONIAL**

Para garantir total controle sobre a riqueza produzida na América, o governo espanhol decidiu regulamentar as atividades econômicas e estabelecer as regras do sistema colonial.

Assim como ocorria em outras potências europeias, a concepção que orientava a ação da Espanha na América era a do mercantilismo. Por isso, o principal objetivo era estabelecer uma balança comercial favorável ao país europeu. Em geral, produziam-se na colônia bens que podiam ser comercializados com grande margem de lucro pelos reinos europeus (também chamados de metrópole). A economia das colônias deveria ser, portanto, complementar à da metrópole.

No caso da Espanha, as riquezas exploradas foram o ouro e a prata.

As colônias deviam ainda consumir as mercadorias produzidas na metrópole, em geral produtos manufaturados. Por essa razão, o comércio das colônias podia ser feito somente por intermédio de comerciantes autorizados pela metrópole. O conjunto dessas medidas políticas ficou conhecido como pacto colonial.

Como vimos, os principais produtos levados da América para a metrópole espanhola eram metais preciosos (ouro e, principalmente, prata), além de corantes (cochonila, anil) pérolas, peles e fumo. Da Espanha, os navios traziam para as colônias grãos, vinho, azeite e produtos manufaturados, estes em geral importados de outras regiões da Europa.

Segundo o pacto colonial, a Coroa, além de proibir a produção de manufaturados nas colônias, em geral também não permitia que houvesse comércio entre elas. E embora na prática não fosse possível impedir completamente essas atividades, a proibição acabou inibindo o pleno desenvolvimento econômico das colônias.

Para evitar o contrabando, a metrópole instituiu ainda o sistema de porto único, segundo o qual todo o contato com as colônias devia ser feito por um único porto na Espanha – primeiramente Sevilha e depois Cádiz.

## **A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NA AMÉRICA**

### **O PERÍODO PRÉ-COLONIAL**

De 1500 a 1530, período em geral chamado de pré-colonial, o governo português não esboçou nenhum plano de ocupação das terras americanas. Limitava-se a enviar esporadicamente algumas expedições ao litoral, ou para conhecer o território ou para retirar dele o precioso pau-brasil.

Como vimos, a madeira do pau-brasil – encontrada também no Oriente – era um produto de grande importância econômica usado na produção de um corante destinado às manufaturas têxteis. Existia em grande quantidade na mata Atlântica, que à época recobria quase todo o litoral brasileiro.

Sem uma ocupação mais efetiva, as novas terras ficaram à mercê da ação de piratas e negociantes de outros países, principalmente franceses. Para combater "os intrusos", sobretudo entre 1516 e 1526, Portugal enviou algumas expedições denominadas guarda-costas.

No comércio do pau-brasil, tanto franceses quanto portugueses contaram com a ajuda de alguns povos indígenas. Os nativos cortavam a madeira no interior do território e transportavam as toras até o litoral. Lá chegando, elas eram recolhidas nas feitorias, de onde seguiam para os navios. Os europeus recompensavam o trabalho oferecendo aos nativos algumas mercadorias de pouco valor econômico, mas muito apreciadas por eles, como contas de vidros, espelhos e facas. A essa troca deu-se o nome de escambo.



## O INÍCIO DA COLONIZAÇÃO

Em 1530, Portugal finalmente decidiu implementar a colonização das terras americanas. A decisão foi tomada por três razões: por um lado, o governo português estava preocupado com o risco de perder as terras para os franceses, caso não promovesse a ocupação. Esses ignoravam os termos do Tratado de Tordesilhas e ameaçavam tomar as terras que não estivessem efetivamente ocupadas por portugueses ou espanhóis.

Por outro lado, o comércio de especiarias com o Oriente estava cada vez mais complicado. As despesas de viagem eram enormes e Portugal enfrentava uma baixa nos preços dos produtos provocada pela concorrência com outros países.

Para completar, sua grande rival, a Espanha, obtinha êxito com a ocupação dos territórios americanos, onde explorava ouro e prata.

O marco da ocupação portuguesa na América foi a expedição comandada por Martim Afonso de Sousa, enviada em 1530 pelo rei dom João III. Martim Afonso percorreu grande parte do litoral do Brasil atual e promoveu algumas incursões pelo interior, na esperança de encontrar ouro e prata. Não foi bem-sucedido nessa empreitada, mas conseguiu destruir uma feitoria francesa no atual estado de Pernambuco e, bem mais ao sul, fundou em 1532 a vila de São Vicente, no litoral do atual estado de São Paulo.

É importante lembrar que a relação entre europeus e nativos, relativamente amistosa até esse momento, iria passar por grande mudança. Afinal, os portugueses estavam invadindo terras indígenas e logo iriam impor o trabalho compulsório e metódico entre os nativos. Os índios viviam livres e não estavam habituados a nenhum tipo de disciplina, por isso poucos aceitaram a imposição. A maioria deles reagiu com violência contra os invasores, dando início a longos conflitos.

## AS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

O êxito da expedição de Martim Afonso estimulou a Coroa portuguesa a promover a ocupação sistemática do território que lhe cabia na América, nos termos do Tratado de Tordesilhas. Para isso, o governo adotou o sistema de capitanias hereditárias.

O sistema já havia sido implantado com sucesso na colonização das ilhas do Atlântico. Na América portuguesa, primeiro as terras foram divididas em lotes gigantescos e depois concedidas a altos funcionários da Corte, chefes militares e membros da baixa nobreza interessados em administrá-las. Esses administradores foram denominados capitães donatários.

Ao todo, eram quinze capitanias hereditárias, concedidas a doze donatários.

Os poderes do donatário eram amplos. Em seus domínios, ele estava autorizado a fundar vilas, exercer a justiça, criar cargos, nomear funcionários e empregar a mão-de-obra nativa. Podia ainda conceder, dentro dos limites da capitania, lotes de terra a pessoas de todas as condições (incluindo os estrangeiros), com exceção dele mesmo, de sua esposa e de seus herdeiros. Esses lotes eram conhecidos como sesmarias, e quem as recebiam, o sesmeiro, devia ser católico e assumir a obrigação – poucas vezes cumprida – de iniciar o cultivo da terra num prazo de cinco anos.

### ATIVIDADE:

Devido a grande extensão das terras brasileiras, para facilitar a colonização, foi dividida em capitanias hereditárias. O que foram as capitanias hereditárias?

---

---

## **AS REALIZAÇÕES DOS GOVERNOS-GERAIS**

Os três primeiros governadores-gerais foram Tomé de Sousa, Duarte da Costa e Mem de Sá.

A administração de Tomé de Sousa teve início em 1549 e deu significativo impulso à ação colonizadora. O governador-geral desembarcou em território brasileiro acompanhado de mais de mil pessoas, entre funcionários civis e militares, missionários e colonos.

Tomé de Sousa distribuiu terras e implementou a pecuária e a lavoura açucareira na região da Bahia. Mandou vir escravos africanos, que começaram a chegar por aqui já no segundo ano de seu governo. Para capital da colônia, ergueu Salvador, que recebeu foros de cidade.

Com Tomé de Sousa vieram os primeiros jesuítas que, chefiados por Manuel da Nóbrega, iriam se dedicar à catequese dos índios e ao ensino na colônia. Em 1551, instituiu-se o primeiro bispado em terras brasileiras, e dom Pero Fernandes Sardinha foi nomeado bispo. Era um passo importante para consolidar e unir os poderes político e religioso na estrutura administrativa da colônia portuguesa.

O segundo governador-geral, Duarte da Costa, assumiu a administração em 1553. Seu governo foi prejudicado pelos conflitos que colocaram jesuítas, bispo, colonos e o próprio governador uns contra os outros. Os jesuítas, querendo impedir a escravização dos índios, entraram em choque com os colonos. Por sua vez, dom Pero Fernandes Sardinha criticava a tolerância dos jesuítas em relação aos costumes indígenas (a nudez, por exemplo) e também censurava os hábitos desregrados dos colonos.

A censura do bispo atingiu o filho do próprio governador dando início a uma crise que teve repercussão até em Portugal. Chamado a Lisboa, o religioso seguiu num barco que acabou naufragando; ele se salvou, mas foi capturado e devorado pelos índios caetés.

No quadro de dificuldades surgidas no governo de Duarte da Costa, sobreveio a invasão do Rio de Janeiro pelos franceses, que aí se estabeleceram em 1555, fundando um núcleo de povoamento, ao qual deram o nome de França Antártica.

O sucessor de Duarte da Costa, Mem de Sá, ficou no cargo de 1558 a 1572. Mem de Sá impulsionou a colonização, restabelecendo e consolidando a autoridade real na colônia. Uma de suas primeiras atitudes foi combater os índios caetés, que sofreram uma perseguição implacável. Em 1567, o governador-geral conseguiu expulsar os franceses da região da baía de Guanabara, onde seu sobrinho Estácio de Sá havia fundado o povoado de São Sebastião do Rio de Janeiro, no começo de 1565.

## **A ECONOMIA DO AÇÚCAR**

A concepção que orientou a estrutura da exploração econômica na colônia portuguesa foi claramente mercantilista. Ao adotar essa política, o principal objetivo era gerar lucros em grande escala para o comércio e a Coroa de Portugal. Por isso, desde o começo a economia da colônia assumiu o caráter exportador ou agroexportador. Para maior rentabilidade, a economia se baseava na monocultura de produtos tropicais, na grande propriedade da terra e no trabalho escravo. Com êxito, essa política definiria as características básicas de toda a colonização portuguesa na América.

## **A LAVOURA**

As primeiras mudas de cana foram trazidas para a América por iniciativa de Martim Afonso de Sousa e plantadas no núcleo fundado por ele em São Vicente. Com as mudas, vieram também alguns peritos nas técnicas de produção de açúcar.

Em seguida, tentou-se, com maior ou menor sucesso, produzir açúcar em várias capitanias hereditárias. Quando a Coroa criou o cargo de governador-geral, era o desenvolvimento da lavoura canavieira que tinha em mira. O regimento de Tomé de Sousa previa o incentivo dessa cultura por meio da concessão de vantagens aos colonos, como a isenção temporária de impostos.

## **AÇÚCAR E RIQUEZA**

Plantada nas capitanias da Bahia e de Pernambuco, a cana-de-açúcar consolidaria a colonização portuguesa na América. Algumas circunstâncias econômicas, históricas, geográficas e ecológicas se combinaram para que isso se tornasse possível. Entre elas:

- a experiência portuguesa anterior nas ilhas do Atlântico;
- a existência, na colônia, de condições ecológicas apropriadas, sobretudo o clima tropical e o solo de massapê (terra argilosa quase sempre preta, especialmente fértil para a cultura da cana-de-açúcar);
- a possibilidade de obtenção de créditos de banqueiros holandeses dispostos a financiar a produção e o transporte do açúcar até portos europeus;
- o interesse de capitalistas flamengos em refinar na Holanda a maior parte do açúcar bruto produzido na colônia portuguesa e comercializá-lo na Europa.

## **O TRÁFICO NEGREIRO**

Num primeiro momento, o comércio de africanos era feito por meio de escambo nas feitorias construídas em certos pontos do litoral da África. No entanto, com o início da colonização da América, no decorrer do século XVI, o tráfico se tornou mais complexo e passou a mobilizar chefes locais, que trocavam seus prisioneiros de guerra por diversas mercadorias, como a aguardente e o fumo produzidos na América. Uma vez comprados, os escravos eram embarcados em navios – os chamados navios negreiros ou tumbeiros – e enviados ao continente americano.

As condições da viagem transoceânica justificavam o nome de tumbeiro (de tumba ou túmulo) dado aos barcos. Comprimidos em grande número nos porões das embarcações – entre 100 e 400 pessoas –, os escravos viajavam quase nus, sufocados pela falta de ar e torturados pela fome e pela sede.

A tortura era lenta e prolongada: saindo, por exemplo, de Angola, o navio levava em média 35 dias para chegar a Pernambuco e 40 para alcançar a Bahia. Muitos escravos – calcula-se que cerca de 15% do total – morriam durante a travessia do Atlântico.

### **ATIVIDADE:**

O que eram os tumbeiros?

---

---

## **ENTRE A RESIGNAÇÃO E A REVOLTA**

Ao chegar à América, o escravo africano se deparava com um mundo que em tudo lhe era estranho e hostil. Com as relações familiares desfeitas antes do embarque para terras desconhecidas – marido, mulher, pais e filhos eram separados e vendidos, seguindo destinos diferentes – nada restava da sua comunidade de origem.

Abatido pelas perdas, o escravo enfrentava ainda condições desumanas de trabalho nos canaviais ou alimentando as fornalhas nos engenhos. Às mulheres cabia fazer todo o serviço doméstico, atender às necessidades das esposas e filhos do senhor e satisfazer sexualmente aos seus donos brancos. Escravos e escravas viviam sob a ameaça constante de castigos físicos. De que modo reagiram esses homens e mulheres ao peso da escravidão? Alguns com resignação, adaptando-se à cultura dos senhores e aceitando pacificamente a discriminação racial. Outros, porém, se revoltavam, feriam ou matavam os feitores e provocavam incêndios nos canaviais. Outros ainda entravam em depressão – conhecida como banzo – e se suicidavam.

Mas havia outra forma de reagir que levava a ações coletivas e reafirmava os sentimentos de identidade étnica e cultural desses homens e mulheres. Por meio da fuga, os escravos reconquistavam a liberdade e reconstruíam formas comunitárias semelhantes às da África, no interior das quais podiam preservar o que restava de sua cultura. Essas comunidades chamavam-se quilombos e seus habitantes, quilombolas.

A vida econômica dos quilombos se organizava em torno de atividades de subsistência e do trabalho artesanal. Em muitos casos, praticava-se também o comércio com os povoados mais próximos.

## **A UNIÃO IBÉRICA**

### **AS INVASÕES HOLANDESA**

Diante da resolução espanhola, os comerciantes holandeses, apoiados e instruídos por seu governo, resolveram reagir. Para isso dispunham de recursos, armas e homens reunidos pela Companhia das Índias Ocidentais, criada naquele mesmo ano de 1621. A Companhia era uma empresa típica da época do mercantilismo. Formada por capitais privados, contava com o apoio do Estado, que participava de sua administração. Além disso, detinha o monopólio holandês do comércio com a América e estava encarregada de estabelecer colônias nesse continente. Em tudo era semelhante à Companhia das Índias Orientais, outra empresa holandesa, criada em 1602, mas voltada para o comércio e a colonização do Oriente.

Com a interdição dos portos açucareiros pela Coroa espanhola, a Companhia das Índias Ocidentais (WIC) reuniu uma frota poderosa que incluía dezenas de navios de guerra, centenas de canhões e mais de 3 mil homens e partiu para a invasão da Bahia, em 1624. Em poucas horas, Salvador foi ocupada sem opor resistência. Um ano depois, uma esquadra luso-espanhola expulsaria os holandeses da capitania.

A WIC passou então a planejar a ocupação de Pernambuco, maior produtor mundial de açúcar. Montou para isso uma grande operação com 56 navios e mais de 7 mil homens. Em fevereiro de 1630, depois de vários dias de intensos combates, Olinda, a capital, e alguns povoados próximos, como o porto de Recife, foram tomados. Para organizar a resistência local, o governador Matias de Albuquerque refugiou-se com seus homens no interior da capitania, onde ergueu o arraial do Bom Jesus.

Depois de expulsos, os holandeses levaram as técnicas de produção do açúcar para a região das Antilhas, onde implantaram um sistema produtivo semelhante ao da colônia portuguesa, baseado na grande propriedade monocultora e no trabalho escravo.

Em poucos anos, a produção açucareira das Antilhas cresceu e passou a concorrer, em melhores condições, com a da América portuguesa. Com o aumento da oferta do produto no mercado internacional, os preços caíram. Ao mesmo tempo, caiu também a quantidade exportada pela colônia portuguesa. Esse quadro desfavorável acabou gerando séria crise nos engenhos de Pernambuco e de outras capitanias e o declínio do comércio português de açúcar. Apesar disso, o açúcar produzido em terras brasileiras continuou sendo o principal item no comércio de exportação da colônia.

### **ATIVIDADE:**

Relacionar a expulsão dos holandeses do Brasil, com o declínio do comércio português de açúcar: \_\_\_\_\_

## AS BANDEIRAS E A EXPANSÃO TERRITORIAL

Desde o início da conquista, os portugueses manifestavam interesse em desbravar os sertões da terra americana em busca de ouro e prata.

Fracassadas as primeiras incursões ao interior, a colonização acabou se fixando no litoral e em terras próximas, onde foram construídas as primeiras vilas e povoações e se desenvolveu a cultura da cana-de-açúcar. São Paulo, erguida em 1554 no planalto de Piratininga, seria, por muito tempo, a única exceção à tendência de ocupação da faixa litorânea.

Localizada relativamente longe do litoral, no topo da serra do Mar, a vila de São Paulo desempenharia importante papel no processo de expansão territorial da colônia. Como a vila não apresentava condições climáticas favoráveis à cultura da cana-de-açúcar, sua população acabou se dedicando, inicialmente, à lavoura de subsistência, com o cultivo de gêneros alimentícios, como milho, trigo e mandioca.

Logo surgiu, no entanto, um negócio muito mais rendoso para os habitantes de São Paulo: a caça e a venda de índios escravizados. A atividade era realizada por meio de expedições organizadas por particulares, conhecidas como bandeiras. No início, as bandeiras iam à procura do índio no interior da mata virgem. Mais tarde, a principal fonte de abastecimento dessas expedições passou a ser as missões (ou reduções) jesuíticas.

As missões consistiam em grandes aldeias, nas quais Os índios eram catequizados pelos padres, aprendiam a lavrar a terra e a executar diversos tipos de tarefa. Como esses nativos já estavam adaptados ao trabalho agrícola, os integrantes das bandeiras – os bandeirantes – achavam muito mais interessante e lucrativo caçá-los no interior das missões. Os ataques das bandeiras começaram ainda no século XVI, mas tornaram-se mais intensos e brutais no século XVII.

Além de caçar índios, as bandeiras também procuravam ouro, prata e pedras preciosas. As bandeiras que se dedicavam à caça aos nativos ficaram conhecidas como bandeiras de apresamento; já as que buscavam minerais preciosos foram chamadas de bandeiras de prospecção. Em ambos os casos, as expedições levaram a presença luso-brasileira a muitas terras distantes na colônia. No período em que vigorou a União Ibérica, os bandeirantes cruzavam sem restrições a linha de Tordesilhas, contribuindo para expandir os limites da colônia portuguesa. Nessa época, os principais alvos das bandeiras de apresamento eram as missões jesuíticas da região situada entre os rios Uruguai e Paraguai, no atual estado do Rio Grande do Sul.

### ATIVIDADE:

O que foram as bandeiras? Diferenciar os tipos de bandeiras:

---

## TRABALHO E MISTIÇAGEM NAS ZONAS DE MINERAÇÃO

A grande maioria dos trabalhadores que extraíam ouro e diamantes nas áreas das minas era formada por escravos. O trabalho, extremamente penoso, devia ser realizado nos leitos de rios ou no interior de galerias profundas. As péssimas condições de trabalho provocavam doenças frequentes, o que fazia com que a vida útil de um escravo fosse muito curta. Por isso, a importação de africanos cresceu muito no século XVIII. Considerando-se as características da atividade, os mineradores davam preferência aos escravos do sexo masculino, o que provocou forte desequilíbrio entre homens e mulheres na região das minas.

Em alguns aspectos, a sorte da população escrava era melhor nas minas do que nos engenhos. Nas zonas de mineração, por exemplo, podia-se obter a liberdade (alforria) com mais facilidade do que na rígida sociedade açucareira.

Outro aspecto que acabou favorecendo a população mais pobre foi a atividade artística desenvolvida nas vilas mineiras, criando um canal de ascensão social. A construção de igrejas,



com todas as obras adicionais, empregava entalhadores, escultores e pintores, geralmente de origem humilde e mestiça. Não por acaso, o mais conhecido artista da época foi o mestiço Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. No campo da música, a maioria dos compositores e instrumentistas também era proveniente das camadas mais pobres da população.

## **A CRISE DA MINERAÇÃO**

O auge da produção aurífera ocorreu entre 1730 e 1750. A partir dessa data, a produção de ouro começou a decrescer. A população mineira voltou-se então para as atividades complementares que haviam se desenvolvido em pequena escala na região, notadamente a agricultura e a pecuária. Para a colônia como um todo, a diminuição do ouro levou ao "renascimento agrícola". Com a valorização das atividades tradicionais, que, durante a febre da exploração de ouro e de diamantes, ficaram relegadas a segundo plano.

Para Portugal, entretanto, começava outro período de dificuldades, particularmente nas décadas de 1760 e 1770. Mais uma vez, a saída encontrada pela Coroa foi aumentar a exploração da colônia. Na verdade, o ouro e os diamantes levados da América portuguesa não garantiram o desenvolvimento da economia portuguesa como havia acontecido com a Espanha.

Em Portugal, o ouro se esvaía rapidamente, pois era utilizado em obras suntuosas, como a construção de palácios e o embelezamento de igrejas, além de ser gasto para promover as festas da nobreza. A maior parte do metal acabava sendo transferida para outros países, sobretudo a Inglaterra, para o pagamento do déficit da balança comercial.

### **ATIVIDADE:**

Qual o destino do ouro brasileiro em Portugal?

---

## **A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL**

### **SURGEM AS FÁBRICAS**

A Revolução Industrial foi o resultado de um longo processo que teve início na Baixa Idade Média, com o aparecimento das corporações de ofício e o renascimento das cidades e do comércio na Europa ocidental. Nessa época, ganharam importância cada vez maior às noções de lucro e de produtividade, fundamentais para o desenvolvimento de uma mentalidade voltada para o enriquecimento e para a acumulação: a mentalidade empresarial capitalista.

A transformação mais importante no modo de produção, porém, foi causada pelo emprego de máquinas movidas a vapor nas unidades fabris, o que selou a passagem da produção artesanal domiciliar para a produção em grande escala. Reproduzindo o trabalho humano à exaustão, as máquinas ampliaram ainda mais a produção de mercadorias. Assim, surgiram as indústrias modernas, reunindo centenas de trabalhadores.

### **A INGLATERRA SAI NA FRENTE**

A Inglaterra foi o primeiro país a reunir as condições necessárias para o desenvolvimento do sistema fabril. Entre os numerosos aspectos que favoreciam esse processo destaca-se, em primeiro lugar, o controle de vasto mercado consumidor.

Em segundo lugar, para o pioneirismo inglês foi importante a acumulação de capital. Entende-se por capital todos os recursos utilizados com o objetivo de se obter lucro (dinheiro e equipamentos, por exemplo). Os países que mais concentraram capital na Europa, a partir das Grandes Navegações, foram a Inglaterra, a Holanda e a França, todos ligados ao comércio marítimo, ao tráfico negreiro e à exploração colonial. A abundância de capital e a perspectiva de lucros estimulavam a produção e a ampliação dos negócios.

Naquele momento, porém, de nada adiantava o acúmulo de capital se não houvesse também disponibilidade de mão-de-obra. Desde o século XVII, existia na Inglaterra um grande contingente de mão-de-obra provocado principalmente pela expulsão dos camponeses da terra. O principal motivo para essa expulsão foi a demanda por lã para abastecer a produção de tecidos, sobretudo de fábricas localizadas nos países Baixos. Para atender a essa demanda, os senhores de terra ingleses começaram a cercar áreas antes utilizadas na produção agrícola com o objetivo de criar ovelhas. Sem terra para trabalhar, os camponeses tiveram de procurar outras atividades nos emergentes centros urbanos, ou seja, tornaram-se mão-de-obra abundante para as fábricas.

Também os artesãos, não podendo competir com a produção fabril, transformaram-se, após muita resistência, em trabalhadores assalariados.

Na segunda metade do século XVIII, a Inglaterra possuía ainda outras características que explicam seu pioneirismo na Revolução Industrial, como um sistema bancário eficiente; disponibilidade de matérias-primas, como carvão e minério de ferro; um grupo social formado por empresários empenhados no desenvolvimento econômico; uma ideologia (a calvinista) que valorizava o enriquecimento e o trabalho.

## SIGNIFICADOS DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Durante o século XVIII, a Revolução Industrial consistiu num fenômeno inteiramente inglês. Mas a partir do século seguinte, começou a se expandir para vários países, provocando grandes transformações na vida das pessoas.

Do ponto de vista da produção, o sistema fabril acabou se consolidando. Com máquinas cada vez mais sofisticadas, a fábrica tornou-se o local adequado para a produção, favorecendo a divisão do trabalho, a imposição do horário e da disciplina ao trabalhador, além do aumento da produtividade.

No âmbito social, surgiu o proletariado, classe social formada pelos trabalhadores fabris e de transportes. Devido aos baixos salários, mulheres e crianças também eram obrigadas a trabalhar, recebendo remuneração ainda menores que as dos homens. A Revolução Industrial causou graves consequências na vida dos trabalhadores. Os donos das fábricas impunham salários miseráveis e longas jornadas, que chegavam a dezoito horas diárias.

Contra essa condição subumana, os trabalhadores lutaram de diversas maneiras, resistindo, por exemplo, à mecanização crescente da produção, considerada responsável pelo desemprego. Um dos episódios que retrata bem a situação desesperadora dessa época foi a constante destruição de máquinas pelos trabalhadores, principalmente entre 1811 e 1812, forma de protesto que ficou conhecida como *ludismo*.

Ao longo do século XIX, os trabalhadores acabariam se organizando e usando a força de sua classe profissional para reivindicar melhores condições de trabalho e defender seus direitos.

### ATIVIDADE:

Qual a transformação mais importante ocorrida no modo de produção que caracteriza a Revolução Industrial (século XVIII)?

---

Quais as condições que permitiram ser a Inglaterra o primeiro país a fazer a Revolução Industrial?

---

Descreva a nova classe social que surgiu a partir da Revolução Industrial:

---

## O ILUMINISMO

### NOVOS PRINCÍPIOS EM CENA

Os iluministas tinham como objetivo livrar os seres humanos das trevas da ignorância, ao valorizar a razão (racionalismo) e o conhecimento da verdade. Acreditavam que este era o caminho para a conquista da liberdade e da plena autonomia intelectual.

Sinais do racionalismo podiam ser encontrados na Europa desde o Renascimento, entre os séculos XV e XVI.

### OS IDEAIS DAS LUZES

A obra dos filósofos iluministas, em seu conjunto, apresentava algumas características comuns. De modo geral, mantinha a crença inabalável no futuro e uma visão positiva da humanidade – em outras palavras, os iluministas acreditavam no progresso contínuo do ser humano.

A fonte de todo o progresso e da liberdade individual era a razão, guia para a compreensão do mundo e das relações sociais, única forma para se livrar da ignorância e da servidão. Nesse sentido, muitos iluministas se opunham aos dogmas da Igreja, à tradição e ao fanatismo.

Os pensadores desse período centravam suas ideias no indivíduo, tendo como referencial os novos ideais burgueses que se desenvolviam desde o fim da Idade Média.

Além disso, afirmavam que as formas de governo haviam sido criadas pelas relações humanas e não pela vontade divina. Defendiam a tese de que os governos deveriam existir para o bem da sociedade, com a função de garantir a liberdade econômica e individual (suprimindo a escravidão e a servidão) e a igualdade de todos perante a lei. Com base nesses princípios, lutavam pela supressão dos privilégios de nascimento e argumentavam que os nobres e os clérigos deviam pagar impostos e ser julgados por tribunais comuns a todas as pessoas.

O Estado defendido pelos iluministas fundamentava-se na ideia de contrato social, segundo a qual cada indivíduo nasce com direitos inalienáveis, como o direito à vida, à liberdade e à propriedade. Por isso, eles são também chamados de contratualistas ou jusnaturalistas – palavra derivada da expressão latina *jus naturalis*, que significa direito natural.

### ATIVIDADE:

O que defendiam os iluministas e o que combatiam?

---

---

## A REVOLUÇÃO FRANCESA

### AS DIFICULDADES DA FRANÇA NO FINAL DO SÉCULO XVIII

Desde 1774, a França era governada por Luís XVI. Distante dos interesses da maioria da população, que vivia na miséria, o rei governava o país de longe, do Palácio de Versalhes, nos arredores de Paris. Para sustentar o luxo de sua corte – formada por numeroso séquito de nobres ociosos –, Luís XVI dependia dos tributos pagos pela população mais pobre. Para essa camada menos favorecida, a situação era insustentável e a insatisfação, crescente.

As desigualdades sociais e políticas tinham como causa um conjunto de fatores. Primeiramente, a sociedade estava dividida em três estados: o clero, a nobreza e o povo. Os

dois primeiros estados mantinham vários privilégios do sistema feudal, como o direito de cobrar tributos, ao contrário do que ocorria com o povo, que não possuía direito algum.

Outro fator que aprofundava as diferenças era a grande dificuldade de romper com a economia agrária e de implementar o desenvolvimento industrial no país.

Para completar o quadro, a desorganização do governo era total. Proliferavam leis e instituições diversas em várias províncias, as contas do rei se confundiam com as contas do governo e constantes déficits eram provocados por gastos excessivos.

Essa situação causava enorme descontentamento à maioria da população que formava o terceiro estado. Desse estamento, também fazia parte a burguesia (representada por comerciantes, banqueiros, industriais), que enriquecera com a prosperidade do país. Tendo consciência de sua força, a burguesia passou a lutar por mudanças que lhe permitissem exercer maior controle sobre o governo e o Estado.

## **A REVOLUÇÃO EM CURSO**

### **ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE**

Enquanto a Assembleia estava reunida, uma agitação crescente tomava conta das ruas. Luís XVI, temeroso da revolta popular, concentrou tropas às portas de Paris e de Versalhes. A população, por sua vez, procurava se armar a fim de defender a Assembleia Nacional Constituinte de uma possível agressão.

Nesse clima, começaram a ocorrer os primeiros conflitos nas ruas de Paris. Em 14 de julho de 1789, uma grande massa popular tomou de assalto a Bastilha, uma fortaleza utilizada como depósito e presídio, em busca de armas e munição. A Bastilha era um símbolo da opressão, pois em seu interior ficavam trancafiados os prisioneiros políticos.

A revolução se espalhou por todo o país. Os sangrentos episódios que se seguiram forçaram o rei a retirar as tropas, mostraram a força da população e levaram à formação de um conselho de cidadãos para administrar Paris. Conduziram, finalmente, à organização de um corpo de voluntários armados que se intitulou Guarda Nacional, cuja chefia foi entregue ao general La Fayette, o mesmo que havia lutado nas treze colônias americanas durante o processo de independência.

As mudanças estavam em curso, e numerosos nobres, temendo as represálias dos revolucionários, começaram a deixar a França. Refugiados nos países vizinhos procuravam convencer os governantes europeus do perigo que o movimento revolucionário francês representava para as demais monarquias absolutas da Europa.

Na França, as antigas estruturas começaram a ser alteradas pela ação dos revolucionários. Em 4 de agosto de 1789, a Assembleia Nacional Constituinte decidiu abolir os resquícios do feudalismo, privando a nobreza e o clero de muitos privilégios, como o não pagamento de impostos. Inspirada nos ideais iluministas também nesse mesmo ano foi proclamada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

Em 1790, com a aprovação da Constituição Civil do Clero, os bens da Igreja foram confiscados e os membros do clero passaram a ser funcionários do governo.

No ano seguinte, Luís XVI tentou fugir da França para a Áustria, de onde pretendia combater, com os nobres franceses exilados, o regime recém-criado. No entanto, foi reconhecido por populares e levado de volta a Paris, onde o mantiveram sob vigilância.

Ainda em 1791, passou a vigorar a nova Constituição, que transformava a França em monarquia constitucional e a reorganizava, de acordo com a teoria da tríplice divisão dos poderes do Estado.

**ATIVIDADE:**

Qual a situação em que vivia a população da França que a levou a colocar em prática os ideais iluministas na Revolução Francesa?

---

**A MONARQUIA CONSTITUCIONAL (1791-1792)**

Ao concluir a Constituição, os membros da Assembleia deram seu trabalho por encerrado e a dissolveram em 30 de setembro de 1791. Ficou estabelecido que os novos deputados seriam eleitos pelo voto censitário (segundo a renda de cada um) e constituiriam a Assembleia legislativa. O poder executivo ficou nas mãos do rei, responsável pela nomeação dos ministros. O terceiro poder – o judiciário – foi formado por juízes eleitos.

Na Assembleia legislativa, os grupos políticos ficaram assim posicionados: do lado direito da Assembleia, sentavam-se os girondinos, políticos moderados que defendiam o respeito à Constituição; do lado esquerdo, ficavam os deputados mais radicais, que lutavam pela implantação da República e queriam limitar o poder real, caso dos jacobinos (liderados por Maximilien Robespierre) e dos cordeliers (liderados por Georges Danton e Jean-Paul Marat) ; e, entre esses dois grupos, sentavam-se os centristas, políticos de pouca expressividade, ainda sem posição definida).

Vários problemas, entretanto, já ameaçavam a estabilidade do novo governo. Em certas regiões, o clero insuflava os camponeses contra a revolução. Em Paris, o rei e a rainha conspiravam contra o movimento, mantendo contatos com os nobres que haviam deixado o país.

Em abril de 1792, o governo francês, receando que os exilados organizassem a contrarrevolução, declarou guerra à Áustria e à Prússia, países que abrigavam a maioria desses refugiados. Os austríacos, com o apoio da Prússia, partiram para a invasão da França. A Assembleia Legislativa, então, convocou todos os franceses a pegar em armas e defender o país.

A partir desse momento, as ações revolucionárias tornaram-se mais radicais. Luís XVI, suspeito de traição por colaborar com os invasores na guerra, teve seus poderes suspensos pela Assembleia. Foi convocada a eleição para uma nova assembleia, que adotou o nome de Convenção – dessa vez, os deputados foram eleitos por sufrágio universal masculino, isto é, sem exigência de renda.

**A ÉPOCA DO TERROR**

A Convenção tomou posse no mesmo dia em que os franceses venceram os exércitos austríaco e prussiano e detiveram a invasão do território. Seu primeiro ato foi a proclamação da República, seguido da adoção de um novo calendário e de uma nova contagem do tempo: o ano de 1792 passava a ser considerado o Ano I. Com isso, os revolucionários queriam marcar o início de um novo tempo, diferente daquele do passado.

Confirmadas as suspeitas de traição de Luís XVI, ele foi condenado à morte e guilhotinado em janeiro de 1793. Sua execução só fez aumentar a oposição interna e externa ao regime revolucionário e levou à formação da Primeira Coalizão contra a França, na qual Áustria, Prússia, Inglaterra, Rússia, Espanha e Portugal investiam contra a revolução.

Diante de tantas dificuldades, a Convenção teve de tomar medidas mais duras. Convocou a população para a defesa do país e instituiu a Lei dos Suspeitos, pela qual qualquer pessoa denunciada como contrarrevolucionária podia ser condenada à morte.

A cada dia aumentavam as divergências entre girondinos e jacobinos sobre o encaminhamento da revolução. Em junho de 1793, os jacobinos, o grupo mais forte da Convenção, fizeram uma demonstração de força: com o apoio de aproximadamente 80 mil homens e sessenta canhões, obrigaram a Convenção a decretar a prisão dos principais líderes



girondinos. A partir desse momento, os jacobinos instalaram a ditadura na França e estabeleceram o regime do Terror.

À frente desse movimento estava o jacobino Robespierre, apelidado de "o incorruptível", que levava ao extremo os ideais democráticos de Rousseau. Para se fortalecer, o governo da Convenção reuniu um grupo de ferrenhos defensores da revolução e formou o Comitê de Salvação Pública, que tinha como atribuições cuidar da administração do país e promover a defesa externa.

## O PERÍODO NAPOLEÔNICO

Em 1799, com um golpe militar, Napoleão Bonaparte tomou o poder na França. Logo em seguida foi instituído o Consulado, e ele se tomou primeiro cônsul. Em 1804, foi proclamado cônsul vitalício e, finalmente, imperador.

Nos quinze anos em que permaneceu no poder, Napoleão construiu um dos maiores mitos da história. Admirador do conquistador romano Júlio César, acalentava o desejo de transformar a França na maior potência mundial. E não mediu esforços para alcançar seu objetivo. Governando de forma ditatorial, arrastou grande parte da Europa à guerra. Em 1810, já controlava quase toda a porção ocidental do continente, faltando apenas a Inglaterra.

Com suas conquistas, vários governos absolutos foram extintos e os ideais da Revolução Francesa se disseminaram. No plano interno, Napoleão conseguiu restabelecer a estabilidade política e criou uma infraestrutura capaz de impulsionar os negócios burgueses na França.

### ATIVIDADE:

Qual era o desejo de Napoleão e o que fez para realizá-lo?

---

## A INCONFIDÊNCIA MINEIRA

O descontentamento causado pela opressão metropolitana era evidente em algumas regiões da colônia, principalmente em Minas Gerais.

A partir de 1750, a produção de metais preciosos diminuiu e os mineiros não conseguiam completar a cota mínima de 100 arrobas de ouro, exigida como imposto pela Coroa portuguesa. Entre 1774 e 1785, por exemplo, o rendimento médio do quinto havia sido de apenas 68 arrobas por ano. Relatórios enviados do Brasil informavam à Coroa dos problemas da mineração, explorada com técnicas rudimentares, e sugeriam medidas para aumentar a produção. Entretanto, o governo português preferia creditar a queda do rendimento à sonegação e ao contrabando.

Em julho de 1788, chegou a Minas o novo governador, dom Luís Antônio Furtado de Mendonça, Visconde de Barbacena, trazendo ordens expressas para lançar a derrama, cobrança forçada dos impostos atrasados, que somavam 538 arrobas de ouro. Barbacena também estava autorizado a investigar as reiteradas denúncias de corrupção dos funcionários e cobrar as dívidas dos contratadores da arrecadação de impostos.

A chegada do governador causou pânico em Minas Gerais. Nessas circunstâncias, um grupo de intelectuais da elite local começou a se reunir em Vila Rica para planejar uma revolta contra o domínio português, movimento que ficaria conhecido como Inconfidência Mineira.

Os participantes desses encontros, os conjurados ou inconfidentes, eram fortemente influenciados pelos ideais iluministas defendidos pela Revolução Francesa e pelo modelo democrático estabelecido pela constituição norte-americana depois da independência das treze colônias. Muitos deles haviam estudado na Europa, onde tinham entrado em contato com as obras de pensadores como Voltaire e Rousseau, que pregavam direitos políticos e sociais iguais para todos.

## **A REVOLTA DENUNCIADA**

Os planos, no entanto, não seguiram adiante. Os revoltosos foram delatados pelo português Joaquim Silvério dos Reis, também integrante do movimento, que era contratador de arrecadação de impostos e devia muito dinheiro à Coroa. Para ele, a separação da colônia significava a possibilidade de resolver seus problemas financeiros, por isso, havia aderido à revolta.

Em 15 de março de 1789, porém, procurou o governador e denunciou o movimento, em troca da anistia da dívida. Logo depois, a delação também foi confirmada por outras pessoas.

Na manhã de 21 de abril de 1792, numa cerimônia pública no Rio de Janeiro, marcada por discursos e aclamações à rainha, Tiradentes foi executado. Em seguida, como ordenava a sentença e era costume na época, ele teve a cabeça cortada e o corpo, esquartejado.

## **A FAMÍLIA REAL NO BRASIL**

Em 1806, com a decretação do Bloqueio continental por Napoleão Bonaparte, Portugal se viu diante de um dilema insolúvel. O decreto exigia que as nações europeias deixassem de comerciar com a Inglaterra, fechando seus portos aos navios ingleses. Com isso, Napoleão pretendia quebrar o poderio econômico de seu principal inimigo e exercer total domínio sobre a Europa.

Só havia um problema: como vimos, Portugal e Inglaterra eram velhos parceiros comerciais, e acatar o bloqueio imposto por Napoleão significava para Lisboa expor o reino e suas colônias às represálias inglesas. Não acatá-lo, porém, seria uma afronta, e o país correria os riscos de uma invasão iminente. Durante quase dois anos, a diplomacia portuguesa procurou ganhar tempo, dilatando as negociações. Foi até o extremo de fingir uma guerra contra os ingleses para enganar a França. Esses esforços, no entanto, não surtiram efeito. Em agosto de 1807, com a paciência esgotada, Napoleão ordenou a invasão de Portugal.

Comandadas pelo general Junot, as tropas invasoras chegaram às portas de Lisboa em novembro de 1807. No dia 27 desse mês, dom João e sua corte bateram em retirada, embarcando para a colônia portuguesa na América.

## **A ABERTURA DOS PORTOS**

Dom João governava Portugal como príncipe regente, depois de sua mãe, dona Maria I, ter sido afastada do trono por problemas mentais. Ao sair de Lisboa, ele estava acompanhado de toda a corte, que incluía, além da família real e de diversos funcionários graduados, muitos membros da nobreza com seus familiares e criados. Eram, ao todo, de 12 a 15 mil pessoas, embarcadas em catorze navios escoltados por navios de guerra de bandeira inglesa e carregados de móveis, joias, prataria, roupas luxuosas e obras de arte. Em moeda sonante, essa gente transportava metade do dinheiro em circulação no reino português. Para os ingleses, isso significava enorme injeção de recursos no mercado colonial, que logo estaria aberto às suas mercadorias e investimentos.

Tomada em caráter provisório, a medida estabelecia uma tarifa alfandegária de 24% sobre os produtos importados e de 16% sobre as mercadorias de origem portuguesa. Depois, seguiram-se os tratados de aliança e comércio com a Inglaterra, firmados em 1810. Por esses acordos, o governo português concedeu aos produtos ingleses tarifa preferencial de 15%, abaixo da taxa que incidia sobre os próprios artigos provenientes de Portugal.

Na prática, essa política abolia o pacto colonial e introduzia a liberdade de comércio no que restava do antigo império lusitano. Sua consequência imediata foi o crescimento do comércio exterior brasileiro e, no momento seguinte, do comércio interno da colônia, estimulado pela presença de comerciantes de várias nacionalidades.

Em abril de 1808, já tendo fixado residência no Rio de Janeiro, dom João decretou a suspensão do alvará de 1785, que proibia a criação de indústrias no Brasil. Ficavam, assim, autorizadas as atividades industriais em território colonial. A medida permitiu a instalação, em 1811, de duas fábricas de ferro, em São Paulo e em Minas Gerais. Mas o sopro de desenvolvimento parou por aí, pois a presença de artigos ingleses bem elaborados e a preços relativamente acessíveis bloqueava a produção de similares em território brasileiro.

### **ATIVIDADE:**

Para fugir de Napoleão Bonaparte, em 1808, a família real portuguesa veio para o Brasil. Por que a Inglaterra foi favorecida com este fato?

---

## **INDEPENDÊNCIA OU MORTE!**

### **DOM PEDRO, REGENTE DO BRASIL**

Imposta pelas Cortes de Lisboa, a volta de dom João VI para Portugal não foi tranqüila. Em fevereiro de 1821 a população e vários militares exigiram que o rei jurasse obediência à Constituição que seria elaborada pelas Cortes portuguesas.

Com o aumento das pressões e temeroso de perder o trono, dom João decidiu retornar a Portugal. Para governar o Brasil, nomeou então seu filho, dom Pedro, príncipe regente e anunciou eleições para a escolha dos representantes brasileiros nas Cortes de Lisboa.

### **OS CONSTRUTORES DA INDEPENDÊNCIA**

Comemorada com grande entusiasmo, a independência ocorreu, na verdade, sem nenhuma participação popular efetiva e não alterou profundamente o modo de vida de grande parte dos brasileiros. Os escravos, por exemplo, continuaram submetidos à opressão do regime escravista, praticamente excluídos dos acontecimentos políticos.

Durante muito tempo, existiu uma versão oficial da independência que procurava demonstrar a emancipação do Brasil como resultado de um gesto heroico e solitário de dom Pedro. Na realidade, porém, nossa independência decorreu de vários fatores econômicos, políticos e sociais, bem como da atuação de um pequeno grupo de indivíduos, entre os quais se destacaram José Bonifácio, Gonçalves Ledo, Clemente Pereira e, evidentemente, o príncipe dom Pedro. Hoje, ao estudar esse período, a historiografia procura focalizar não a ação desses ou daquele personagem, mas a influência de determinados grupo sociais.

Na verdade, o Sete de Setembro concretizou os ideais da aristocracia agrária, especialmente dos grandes proprietários ligados à produção açucareira. Esse setor era liderado por uma elite ilustrada, herdeira das influências europeias, formada por intelectuais, magistrados e membros da burocracia e do clero. Foi graças a essa camada de intelectuais que o príncipe regente passou a apoiar os objetivos da aristocracia rural, transformando-se num instrumento de suas reivindicações.

Ao pisar no Rio de Janeiro, o príncipe foi aclamado Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, com o título de dom Pedro I.

### **ATIVIDADE:**

A independência do Brasil não alterou o modo de vida de grande parte dos brasileiros, beneficiando apenas a elite agrária. Explique por quê:

---

## **SOB O DOMÍNIO DO CAPITAL**

### **LIBERALISMO, NACIONALISMO E SOCIALISMO NA EUROPA**

#### **Liberalismo e democracia**

Embora atualmente seja confundido com a noção de democracia, o liberalismo não era no início, uma teoria de caráter democrático. A democracia é uma forma de organização política da sociedade baseada no princípio da participação da maioria e da igualdade. Esse princípio se manifesta, entre outros temas, no sufrágio universal – no direito de voto atribuído a todas as pessoas – e determina que todos sejam considerados iguais perante a lei e tenham as mesmas oportunidades, sem privilégios de nascimento, etnia, sexo, credo religioso etc.

Já o liberalismo é uma teoria da liberdade política e econômica. Em suas origens, pregava a plena realização da liberdade de mercado, o Estado de direito – ou seja, o Estado regido por uma Constituição livremente votada pelos representantes ou integrantes da nação – e a divisão de poderes entre o Executivo, o Legislativo e o Judiciário.

Em um ponto fundamental, os liberais do século XVIII e do começo do século XIX divergiam dos que lutavam pela democracia: na questão do voto. Enquanto os democratas propunham o sufrágio universal masculino (poucas pessoas lutavam pelo voto feminino nessa época), os liberais se satisfaziam com o voto censitário, isto é, o sufrágio limitado apenas aos que comprovavam certa renda mínima. O voto censitário, na verdade, excluía da participação política os trabalhadores e outros grupos sociais que, juntos, formavam a maioria da população em todos os países europeus.

#### **O liberalismo econômico**

Na área da economia, os pensadores liberais argumentavam que a única forma de se alcançar o bem-estar geral de uma sociedade seria assegurar aos indivíduos e às empresas plena liberdade de iniciativa. A intervenção do Estado, para os liberais, deveria ser limitada ao mínimo indispensável.

O liberalismo econômico começou a ser proposto em meados do século XVIII pelos fisiocratas franceses, cujo princípio fundamental era "deixe fazer, deixe passar" ("*laissez faire, laissez passer*", em francês), sugerindo que o mercado, e não o Estado regulasse a economia. Entretanto, foi o escocês Adam Smith, autor de *Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações* (1776), quem deu ao liberalismo econômico sua formulação mais completa. Smith defendia o princípio fisiocrata do *laissez-faire*, afirmando que o caminho para a prosperidade das pessoas e dos países estava na livre organização das atividades produtivas e comerciais. Segundo ele, seria o próprio mercado, por meio de sua "mão invisível", que se encarregaria de melhorar a distribuição de renda entre os indivíduos, corrigindo as injustiças sociais.

#### **ATIVIDADE:**

O que pregava o liberalismo econômico?

---

#### **Em cena, as lutas de classes**

A industrialização iniciada em meados do século XVIII deu origem a duas classes sociais bem diferenciadas: a burguesia e o proletariado. A burguesia, evidentemente, não foi criação da Revolução Industrial, pois já existia desde o final da Idade Média. No entanto, com a industrialização, assumiu características inteiramente novas. Como a principal fonte de riqueza deixou de ser o comércio e passou a ser a produção de mercadorias, houve um fortalecimento da burguesia industrial, mais ligada à produção, com maior controle do poder e maior participação no Estado.

As duas classes tinham como espaço comum as fábricas, pois ambas participavam da produção, a burguesia como gestora e a classe operária como executora das metas de produção. Mas havia entre elas um abismo de desigualdades sociais e diferenças culturais. Enquanto o trabalho dos operários era coletivo, a apropriação da riqueza produzida era individual; a maior parte ficava nas mãos do empresário capitalista.

A vida imposta ao trabalhador pela produção em série era dura. As longas jornadas de trabalho chegavam até dezoito horas diárias. O escasso tempo que sobrava para descanso obrigava-o a morar nas imediações das fábricas, ocupando porões ou cortiços. Relatórios da época informam que, em cada quarto, às vezes dormiam de quinze a vinte pessoas, deitadas no chão, sobre montes de palha.

Durante muito tempo, as relações de trabalho não foram regulamentadas. Nas fábricas e minas, a jornada de trabalho se estendia por seis dias da semana. Não havia férias remuneradas nem aposentadoria – condição válida para homens, mulheres e crianças a partir de cinco ou seis anos. As menores faltas por parte do trabalhador estavam sujeitas a multas e descontos.

A ausência de uma legislação trabalhista não deixava de ter coerência com o espírito inicial do liberalismo econômico dominante na época. Segundo essa corrente, as relações entre patrões e empregados se baseavam no livre contrato firmado no mercado de trabalho entre duas partes iguais. O Estado deveria ficar fora dessa discussão e manter uma posição de neutralidade entre as partes, proibindo a associação tanto de empregados quanto de patrões.

## **AS ORIGENS DO IMPERIALISMO**

A formação do capitalismo monopolista representou uma ruptura das teorias econômicas liberais que defendiam a livre concorrência das empresas e um mercado competitivo, sem interferência do Estado.

Na disputa por mercados, os capitalistas eram obrigados a investir cada vez mais em tecnologia. Por isso, procuravam incentivar o desenvolvimento de novas invenções e o aperfeiçoamento das técnicas existentes, visando ao aumento da produtividade e ao barateamento dos produtos para vencer a competição com outras empresas. Ao mesmo tempo, na prática podia-se verificar a crescente substituição do trabalho humano por máquinas – processo que ficou conhecido como mecanização ou automação.

Porém, como os concorrentes também faziam a mesma coisa, isso gerava uma corrida que acabava levando à diminuição dos lucros. Muitas empresas iam à falência e as que sobreviviam passavam a controlar fatias cada vez maiores do mercado. Desse modo, a concorrência acabou provocando a concentração da produção industrial nas mãos de poucos grupos econômicos, com a conseqüente formação de grandes monopólios.

No final do século XIX, era tão forte a tendência à criação de monopólios nos Estados Unidos que o Congresso aprovou, em 1890, a lei Sherman – aprimorada em 1914, quando recebeu o nome de lei antitruste –, proibindo que uma única empresa, ou grupo de empresas, exercesse controle sobre o mercado de qualquer produto. Mesmo com a medida, a tendência à concentração de capital prosseguiu.

Nessa época, outro fenômeno daria novos rumos ao sistema capitalista e à relação entre os povos: a separação entre o capital industrial e o capital bancário. Dessa separação surgiu, na Europa e nos Estados Unidos, o chamado capital financeiro, caracterizado pela criação de grandes instituições financeiras.

Essa nova estrutura do capitalismo estava voltada para o mercado mundial e para a conquista de territórios.

No caso das indústrias, a abertura para o mercado mundial tinha a finalidade de controlar as fontes de matérias-primas, minérios, produtos agrícolas e, mais tarde, petróleo – e, ao



mesmo tempo, conquistar mercados consumidores para os produtos industrializados. Como nesse momento a concorrência se dava entre grandes grupos econômicos de nacionalidades diferentes, a disputa assumia formas extremamente agressivas. Na verdade, para assegurar o controle das fontes de matérias-primas e de mercados, as nações imperialistas não mediam esforços e chegariam se necessário, até a medida extrema de declarar guerra.

Para o capital financeiro, o mercado mundial representava a possibilidade da aplicação de capitais em setores lucrativos da economia de um país pouco desenvolvido. Durante o século XIX, por exemplo, empresas inglesas investiram grandes somas de capital destinadas à construção de ferrovias e ao aperfeiçoamento de serviços públicos, como transporte urbano e iluminação a gás, em países como o Brasil.

Com o objetivo de assegurar o domínio desse mercado colonial, os países industrializados lançaram-se à conquista de territórios e à criação de colônias. As potências europeias adotaram essa política principalmente na África, mas estenderam-na também à Ásia e à América Latina. Surgia dessa forma uma espécie de neocolonialismo, isto é, impérios coloniais semelhantes em muitos aspectos aos que existiram entre o século XVI e o começo do século XIX.

A expansão colonial reuniu lado a lado as grandes empresas capitalistas (indústrias e bancos) e os governos dos países desenvolvidos, ou seja, os interesses do Estado acabaram se confundindo com os interesses privados na busca do aumento de poder, de lucros e da conquista de mercados.

Nessa conjuntura, as relações entre as nações passaram a ser regidas pela força, levando ao domínio dos países mais fracos pelos mais poderosos. Essas relações obrigaram os países desenvolvidos a se armar para conquistar novos territórios e enfrentar a ameaça das potências concorrentes.

## **A ÁFRICA DESPEDAÇADA**

A conquista do território africano pelas potências europeias no final do século XIX foi um processo rápido. Resultado de verdadeira "corrida" entre essas potências, a conquista provocou a divisão arbitrária da África em colônias e a dominação dos povos nativos. A justificativa ideológica para esse tipo de iniciativa teve como base a doutrina da "missão civilizadora" da cultura europeia, pela qual caberia às nações da Europa difundir seus hábitos, costumes e tradições entre povos "atrasados" e "primitivos". Em longo prazo, essa "missão" deixou uma herança de fome, destruição, miséria, divisões tribais, guerras e estagnação econômica entre os povos africanos, que até hoje sofrem as consequências da dominação.

### **ATIVIDADE:**

Quais os interesses das nações imperialistas em relação à indústria?

---

## **BRASIL: O ESTADO NACIONAL SE ORGANIZA**

### **O RECONHECIMENTO EXTERNO DA INDEPENDÊNCIA**

A primeira manifestação formal de reconhecimento da independência brasileira partiu da Argentina, em agosto de 1823. A essa iniciativa seguiram-se a dos Estados Unidos, em 1824, e a do México, em 1825. Não por acaso, eram nações americanas, cuja autonomia fora recém-conquistada após anos de luta contra as metrópoles.

## A ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

De acordo com as propostas defendidas, os integrantes da Assembleia se dividiram no Partido Português, defensores de dom Pedro, e no Partido Brasileiro, adeptos da Constituição soberana. Apesar de serem chamados de partidos, esses grupos não chegavam a constituir agremiações políticas como conhecemos hoje. Eram, antes, agrupamentos de pessoas com afinidades políticas.

O grupo do Partido Brasileiro dominava a Constituinte, cujos trabalhos começaram a tomar rumos incômodos ao imperador que via seu poder absoluto ameaçado. A resposta de dom Pedro foi drástica: em novembro de 1823, ele fechou a Assembleia Constituinte e ordenou a prisão de vários deputados.

## A CONSTITUIÇÃO OUTORGADA DE 1824

Logo após fechar a Assembleia Constituinte, dom Pedro I nomeou um Conselho de Estado de dez membros, encarregado de elaborar um novo projeto de Constituição. Depois de quarenta dias de trabalho, o documento foi aprovado pelo Imperador, que o apresentou à nação como a primeira Constituição do Brasil, outorgada por meio de um decreto imperial em 25 de março de 1824.

A Carta definia o sistema de governo como uma monarquia constitucional, hereditária e vitalícia, sob a forma imperial. O imperador, auxiliado por ministros de sua escolha, era o chefe do poder Executivo. Entre suas atribuições, ele deveria conceder títulos de nobreza não-hereditários e nomear os governos provinciais, o que tornava o Brasil um Estado unitário não-federativo, de poder fortemente centralizado.

O poder Legislativo compunha-se da Câmara dos Deputados e do Senado. Os deputados seriam eleitos para mandatos de três anos, enquanto os senadores teriam cargo vitalício – cabendo ao imperador escolhê-los entre três candidatos mais votados em cada província. O voto era censitário e o sistema eleitoral estava organizado em duas etapas. A primeira consistia em eleições primárias, às quais compareciam apenas as pessoas livres do sexo masculino, maiores de 25 anos, que provassem possuir uma renda anual de pelo menos 100 mil-réis. Nessa etapa, escolhiam-se os chamados eleitores de segundo grau – cuja renda devia ser de no mínimo 200 mil-réis – para integrar uma espécie de colégio eleitoral encarregado de eleger, na segunda etapa, os deputados e os senadores. Os candidatos a esses cargos tinham de ser católicos e comprovar um rendimento de 400 e 800 mil-réis, respectivamente.

A Constituição estabelecia ainda a igualdade perante a lei. O catolicismo era declarado religião oficial e a Igreja Católica ficava subordinada ao Estado. Nesse contexto, os padres e os bispos passavam a ser funcionários do governo, do qual recebiam salários.

Além do Legislativo e do Executivo, mais dois poderes foram instituídos: o Judiciário, exercido por um Supremo Tribunal, com juízes nomeados pelo imperador; e o poder Moderador, exercido pelo soberano, auxiliado por um Conselho de Estado. A justificativa para esse quarto poder era manter o equilíbrio entre os demais poderes. Na prática, porém, ele acabou sendo um instrumento da vontade pessoal do imperador, que poderia intervir nos três poderes, dissolver a Câmara, nomear senadores, juízes e presidentes de províncias, entre outras prerrogativas.

Com algumas alterações, a Constituição outorgada de 1824 vigoraria até a Proclamação da República, em 1889. Com ela, o que existia, na verdade, era um tipo de absolutismo constitucional. O fato de haver uma Constituição, mesmo que imposta e de feição centralizadora e autoritária, permitia ao Estado apresentar-se como monarquia constitucional, mascarando o absolutismo.

## A ABDICAÇÃO DO IMPERADOR

Afastado dos liberais e com a imagem muito desgastada, o imperador apoiava-se cada vez mais no Partido Português, que estimulava seu autoritarismo e aspirava à reunificação entre Brasil e Portugal. Ao mesmo tempo, a oposição ao governo crescia no Legislativo e na imprensa. Os jornais de oposição, por sinal, tornavam-se cada dia mais numerosos. Entre eles, destacavam-se “A Sentinela da Liberdade”, de Cipriano Barata; “Aurora Fluminense”, de Evaristo da Veiga; “O Tribuna do Povo”, de Oliveira França; “Observador Constitucional”, de Líbero Badaró.

Em novembro de 1830, Líbero Badaró foi assassinado numa rua de São Paulo. Suas últimas palavras foram uma acusação direta ao absolutismo do imperador: “Morre um liberal, mas não morre a liberdade”. De boca em boca, a frase percorreu rapidamente o país. A oposição responsabilizou de forma direta o imperador pelo assassinato. Em dezembro de 1830, ao visitar Minas Gerais, dom Pedro foi recebido com cerimônias fúnebres em homenagem a Líbero Badaró. Em março de 1831, manifestantes portugueses partidários do imperador entraram em choque com estudantes e populares no Rio de Janeiro. As arruaças se estenderam por vários dias e culminaram no episódio conhecido como Noite das Garrafadas, no qual portugueses e brasileiros se enfrentaram abertamente nas ruas do Rio. No dia 7 de abril, acossado pela opinião pública e sem contar com o apoio da população, dom Pedro I renunciou ao trono, abdicando em favor de seu filho, Pedro de Alcântara, então com cinco anos de idade. Terminava assim o Primeiro Reinado e tinha início o período regencial, um dos mais conturbados da história do Império.

### ATIVIDADE:

Quais os problemas ocorridos no governo de D. Pedro I que o levaram a abdicar do trono?

---

## DA REGÊNCIA AO SEGUNDO REINADO

### OS AGITADOS ANOS DA REGÊNCIA

Apesar das concessões liberais do Ato Adicional de 1834, os problemas sociais, políticos e econômicos, herdados do período colonial, persistiam. Grande parte deles era resultado da escravidão, do abandono em que viviam as populações do interior, das profundas desigualdades entre ricos e pobres, da má distribuição da terra e do crescimento da população urbana, causa do estado precário em que vivia a maioria dos habitantes.

Alimentando as tensões, a crise econômico-financeira – arrecadação insuficiente, exportações em baixa e elevado custo de vida – deteriorava ainda mais as condições de vida das classes populares, aumentando o descontentamento geral. A partir de 1835, a insatisfação generalizada explodiu em numerosas revoltas e revoluções provinciais, uma das quais chegou a se transformar em guerra civil de longa duração: a Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, que se prolongou de 1835 a 1845. Muitas dessas revoltas, surgidas no período regencial, só teriam fim após a posse de dom Pedro de Alcântara como imperador, em 1840.

### A GUERRA DOS FARRAPOS

Ocorrida no extremo sul do país, a Guerra dos Farrapos, também chamada de Revolução Farroupilha, foi uma das mais importantes revoltas do período pelo fato de os rebeldes terem constituído e conservado por dez anos um Estado republicano. As condições para que isso acontecesse eram favoráveis: nessa região, o espírito republicano já estava consolidado entre amplos setores das elites e da população, devido à proximidade das repúblicas do Prata (Uruguai, Paraguai e Argentina). Ao mesmo tempo, o preparo militar dos gaúchos, habituados às lutas nas fronteiras desde o período colonial, garantiu a sustentação do conflito durante anos.

Antes da guerra, os fazendeiros do Rio Grande do Sul (ou estancieiros) se dedicavam, entre outras atividades, à criação de gado e à produção de charque, carne seca conservada com sal. Esse produto era consumido em todo o país, principalmente pelos escravos. Entretanto, em várias províncias, os senhores de terras e de escravos preferiam comprar charque proveniente da Argentina e do Uruguai, vendido a preços mais baixos.

Sentindo-se prejudicados, os donos de charqueadas do Rio Grande do Sul exigiam que o governo central elevasse os impostos sobre o produto importado dos países platinos. Para os compradores de charque, porém, era mais interessante continuar comprando o produto importado. O governo acabou satisfazendo os interesses dos proprietários das outras regiões, taxando o charque gaúcho nos portos do Sudeste e do Nordeste. A medida provocou o descontentamento dos estancieiros do Rio Grande do Sul e acabou fortalecendo a propaganda dos farroupilhas, que pregavam o separatismo e a criação de uma república.

A insatisfação das elites gaúchas atingiu o auge quando o presidente da província, Antônio Rodrigues Braga, nomeado pela Regência, fixou um imposto sobre as propriedades rurais. Como consequência imediata, eclodiu a rebelião. Em setembro de 1835, o coronel farroupilha Bento Gonçalves e seus homens ocuparam Porto Alegre e depuseram Rodrigues Braga. No ano seguinte, proclamaram a República Rio-Grandense, com sede na cidade de Piratini. Começava assim a Guerra dos Farrapos.

Em outubro de 1836, Bento Gonçalves foi capturado por tropas da Regência e enviado para uma prisão na Bahia, de onde fugiria no ano seguinte com o auxílio de membros da maçonaria. Nesse meio tempo, a luta prosseguia no Rio Grande do Sul. De volta a província, Bento Gonçalves retomou a liderança do movimento, que contava agora com a participação do italiano Giuseppe Garibaldi, que se destacaria anos depois no processo de unificação da Itália. Em julho de 1839, os revoltosos ocuparam Laguna, em Santa Catarina, onde proclamaram a República Juliana, nome derivado do mês de julho.

No mês de novembro de 1842, chegava ao Rio Grande do Sul, Luís Alves de Lima e Silva, futuro duque de Caxias, nomeado presidente e comandante de armas da província. Combinando ações militares com medidas políticas, ele conseguiu encerrar a luta. Por proposta sua, por exemplo, os rebeldes foram anistiados e os oficiais do exército farroupilha integrados ao exército brasileiro, na mesma patente que ocupavam nos exércitos revoltosos. Além disso, o governo central manteve um imposto, introduzido em 1840 para tentar apaziguar os ânimos na província, de 25% sobre a importação do charque proveniente dos países do Prata.

## **A MAIORIDADE**

As medidas adotadas durante a reação conservadora, contudo, não foram suficientes para estancar a agitação que tomava conta de várias províncias do país. Entre os liberais, generalizou-se a opinião de que os problemas só seriam definitivamente resolvidos com a ascensão de dom Pedro de Alcântara. Porém, a Constituição estabelecida que só aos dezoito anos, ao atingir a maioridade, ele poderia ser sagrado imperador. Como isso só viria a acontecer no final de 1843, os liberais criaram o Clube da Maioridade, em Abril de 1840, e passaram a apresentar na Câmara projetos antecipando a maioridade.

Os conservadores opunham-se à ideia, pois viam nessa iniciativa uma manobra para afastá-los do poder. Em meados de 1840, consultado sobre a questão, o próprio dom Pedro, então com catorze anos, manifestou ser apoio à reforma. Somada a uma opinião pública favorável, a manifestação do príncipe quebrava as últimas resistências no Parlamento que, em 23 de julho, declarou sua maioridade. Nesse mesmo dia, o jovem foi coroado imperador com o título de dom Pedro II. No dia seguinte, compôs seu ministério com os liberais.

O episódio seria chamado mais tarde de Golpe da Maioridade. Momentaneamente fora do governo, os conservadores passavam para a oposição. Era o fim da Regência e o começo do Segundo Reinado.

**ATIVIDADE:**

Por que ocorreram as rebeliões regenciais?

---

## **O SEGUNDO REINADO E A CONSTRUÇÃO DA ORDEM**

Em 1840, nosso país passava por um quadro de instabilidade social, política e econômica. A posse de dom Pedro como imperador do Brasil representava para grande parte da população e dos políticos uma esperança de estabilidade. Afinal, restabelecia-se o princípio pelo qual tinha se organizado o Estado brasileiro: o da centralização do poder na figura do imperador.

### **A CONSOLIDAÇÃO DO IMPÉRIO**

A partir de 1850, uma série de medidas procuraria consolidar ainda mais a ordem política, econômica e social do país. A primeira datava já de 1847, antes mesmo da eclosão da revolta pernambucana, quando foi criada a figura do presidente do Conselho de Ministros.

A medida representava uma tentativa de introduzir no Brasil o sistema político de inspiração inglesa, pelo qual o Parlamento indicava para primeiro-ministro o líder do partido que tinha a maioria parlamentar, e o monarca simplesmente acatava a indicação.

Só que no Brasil, ao contrário, a supremacia do Parlamento não existia, pois quem indicava o presidente do Conselho de Ministros era o imperador.

De todo modo, o cargo de presidente do Conselho de Ministros funcionou como elemento estabilizador do sistema político, pois favoreceu a alternância no poder dos diversos grupos políticos em que se dividia a elite do país. Enquanto isso, as camadas mais pobres da população ficavam cada vez mais à margem dos processos de tomada de decisões.

Em 1850, para cumprir uma exigência da Inglaterra – principal parceiro comercial do Brasil - foi aprovada a Lei Eusébio de Queirós, que estabelecia a extinção do tráfico negreiro.

Desde os tratados de 1810, já havia acordos com a Inglaterra prevendo o fim do tráfico negreiro. Os ingleses vislumbravam nessa medida a possibilidade de ampliar o mercado consumidor de seus produtos industrializados. Na década de 1840, as pressões internacionais aumentaram. Além da opinião pública desfavorável à manutenção do tráfico, a Inglaterra decretou

que todos os navios que transportassem escravos africanos seriam apreendidos por sua Marinha e sua tripulação julgada por pirataria. Diante da pressão, o governo brasileiro decidiu aprovar a lei, que causaria grande impacto na economia do país. O tráfico concentrava grandes somas de capital, que acabaram se desviando, depois da lei, primeiro para o consumo interno e, depois, para o incremento da produção agrícola e da industrial.

### **O CAFÉ E A EXPANSÃO DAS FERROVIAS**

O Brasil tinha entrado no século XIX com uma economia baseada na produção e exportação de produtos agrícolas. Passados cinquenta anos, a situação não era diferente. Mas, no lugar do açúcar e do algodão, começava a despontar um outro produto tropical de grande aceitação no mercado internacional: o café.

Do Vale do Paraíba, os cafezais logo alcançaram São Paulo e o sul de Minas. A partir de 1870, as plantações chegaram ao Oeste paulista, em cidades como Campinas, Ribeirão Preto, Campos Novos Paulistas e São José do Rio Preto. Dez anos depois, por volta de 1880, o Brasil já produzia mais da metade de todo o café cultivado no mundo.



As atividades ligadas a essa expansão provocaram profundas mudanças na sociedade, deslocando o eixo da economia do Nordeste açucareiro e das regiões mineradoras, esgotadas na época, para o Centro-Sul do país, onde o café encontrou melhores condições de clima e solo para seu desenvolvimento. Surgia assim uma nova camada de prósperos senhores de terra: os cafeicultores.

No começo, os cafeicultores do Rio de Janeiro e do vale do Paraíba seguiam um estilo de vida semelhante ao dos senhores de engenho nordestinos. Tinham uma mentalidade tradicionalista, defendiam com unhas e dentes o regime de trabalho escravo, moravam em suas fazendas e empregavam os lucros apenas no consumo de artigos de luxo e na compra de novos escravos. A partir de 1870, contudo, com a chegada do café ao Oeste paulista, começou a surgir um novo tipo de cafeicultor, com uma mentalidade bem diferente.

O novo cafeicultor utilizava em sua fazenda métodos mais racionais e modernos de produção agrícola. Admitia também a substituição da mão-de-obra escrava por trabalhadores imigrantes vindos da Europa.

### **ATIVIDADE:**

Explicar a importância do café no Segundo reinado:

## **A REPÚBLICA CHEGA AO BRASIL**

### **O FIM DA ESCRAVIDÃO?**

Herança do período colonial, a escravidão formou, com a grande propriedade rural, um dos pilares da economia brasileira durante o Império. Por isso mesmo, a extinção do sistema escravista não fazia parte da pauta de reivindicações da maioria das revoltas surgidas no Brasil até 1848.

Em meados do século XIX, porém, essa situação tomou novo rumo. As pressões internacionais para a supressão do trabalho escravo, sobretudo da Inglaterra, se intensificaram. E, embora o real interesse dos governos internacionais fosse de ordem econômica, vinha disfarçado por princípios humanitários.

Os ingleses alegavam que o trabalho escravo era uma vergonha para a humanidade. Mas eles mesmos haviam praticado a escravidão em suas colônias nos séculos anteriores. Contradições à parte, nesse momento o que os levava a exigir o fim do trabalho servil em nosso país eram as necessidades criadas pela expansão do capitalismo. Explica-se: para continuar crescendo, as indústrias inglesas precisavam ampliar cada vez mais os mercados consumidores. Só que havia um entrave: os escravos não tinham poder aquisitivo para consumir produtos manufaturados, por isso era urgente que o Brasil substituísse esse sistema de trabalho pela mão-de-obra assalariada.

O primeiro passo foi extinguir o tráfico negreiro por meio da Lei Eusébio de Queirós, em 1850.

Os senhores de escravos repudiaram a medida, argumentando que a lavoura entraria em crise por falta de trabalhadores. O estardalhaço feito na imprensa e no Parlamento surtiu efeito, e os grandes proprietários conseguiram frear a ideia da abolição imediata, aprovando leis parciais, como a do Ventre Livre, em 1871, e a dos Sexagenários, em 1885.

Na verdade, a nova situação acabou se mostrando extremamente perversa aos escravos libertos, que não conseguiam competir em igualdade de condições no mercado de trabalho nem desempenhar funções que exigiam o mínimo de qualificação profissional, pois a maioria não sabia ler nem escrever.

Todas essas dificuldades fizeram com que muitos ex-escravos preferissem permanecer junto a seus antigos senhores, trabalhando em troca de um salário miserável. Outros migraram para as cidades, onde passaram a viver em moradias insalubres e a trabalhar em atividades de

remuneração incerta, como ambulantes, garrafeiros, pedreiros, carregadores, coletores de lixo, varredores de rua e outras.

### **ATIVIDADE:**

Qual o interesse inglês no fim da escravidão?

---

## **O MOVIMENTO REPUBLICANO NO BRASIL**

As duas campanhas – a republicana e a abolicionista – correram paralelamente, mas não se confundiram uma com a outra. Diversos abolicionistas eram republicanos, mas entre estes havia muitos fazendeiros escravistas mais interessados numa boa indenização pela perda dos escravos e na autonomia das províncias do que em promover a mudança de regime com participação popular. Pouco depois de lançado o Manifesto, começariam a surgir os partidos republicanos. Mas os dois episódios passaram quase despercebidos, pois a população estava muito mais envolvida com a campanha abolicionista.

Aos poucos, o ideal republicano se difundiu pelo país, conquistando adeptos entre as camadas médias da população urbana. O movimento ganhou importante impulso, porém, duas crises abalaram o regime imperial: a Questão Religiosa e a Questão Militar.

Entre os fatores que contribuíram para desgastar o regime imperial, o conflito entre o governo e dois bispos católicos teve grande importância e deu origem à chamada Questão Religiosa (1872-1875).

De acordo com a Constituição de 1824, a Igreja Católica estava subordinada ao Estado, que pagava os padres e nomeava os bispos. Nenhuma determinação do papa podia entrar em vigor no Brasil sem a aprovação do imperador. Em 1872, os bispos de Olinda e de Belém, dom Vidal Maria e dom Macedo Costa, foram presos e condenados por proibir a participação de maçons nas irmandades religiosas, como recomendava o papa. Três anos depois, os dois foram anistiados, mas a punição deixou claro que havia dificuldades incontornáveis na relação de dependência estabelecida entre a Igreja e o Estado. Em 1887, a Igreja aderiu oficialmente à campanha abolicionista.

A Questão Militar foi uma sucessão de conflitos entre 1883 e 1887, suscitados pelos embates entre oficiais do Exército Brasileiro e a monarquia, conduzindo a uma grave crise política que culminou com o fortalecimento da campanha republicana.

## **A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA**

A Guerra do Paraguai, além de contribuir para difundir ideias republicanas e abolicionistas, estimulou também a formação do chamado "espírito de corpo" entre os membros do Exército. Esse "espírito" levava-os a pensar como grupo, ou como corporação dotada de qualidades e valores que a colocavam acima das ambições dos políticos profissionais, chamados depreciativamente por eles de "casacas".

Em 15 de novembro de 1889, depois de ocupar o Ministério da Guerra com suas tropas, o marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República. Em seguida, desfilou pelo centro da cidade à frente de seus homens. Nas ruas, a população carioca foi surpreendida com a parada militar, sem saber direito o que estava acontecendo.

### **ATIVIDADE:**

Quais as questões que levaram à Proclamação da República?

---

---

## O MUNDO EM GUERRA

### A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

#### As rivalidades imperialistas

Os países europeus de industrialização mais antiga, como a Inglaterra e a França, haviam ocupado no século XIX vastas regiões de outros continentes, formando enormes impérios coloniais. Enquanto isso, a Itália e a Alemanha, cuja unificação e desenvolvimento industrial se deram tardiamente, esforçavam-se para acompanhar suas rivais na partilha da África e da Ásia. Insatisfeitas com a parte que lhes coube na grande divisão dos dois continentes, ambas passaram a reivindicar, por meio de pressões diplomáticas e militares, áreas do mundo colonial, desafiando a hegemonia da França e da Inglaterra.

No fim do século XIX, os produtos industriais da Alemanha, unificada desde 1871, ganhavam cada vez mais os mercados tradicionalmente dominados pela Inglaterra. Ao mesmo tempo, a engenharia e a indústria navais alemãs ameaçavam a supremacia inglesa nos mares. A diplomacia alemã, por sua vez, exigia que houvesse uma nova divisão das imensas áreas coloniais, em grande parte ocupadas pelos ingleses.

#### O nacionalismo

O nacionalismo europeu deu origem a diversos fenômenos ideológicos, dos quais três se destacam. O primeiro deles, como vimos, foi o revanchismo francês, provocado pela derrota da França na Guerra Franco-Prussiana. Propagandeado nas escolas, igrejas e na imprensa, o revanchismo alimentava o nacionalismo militarista e o ódio aos alemães.

O pan-eslavismo russo constituiu outro fenômeno importante e surgiu do dever que o governo russo assumiu de proteger os povos eslavos. Como grande nação eslava, a Rússia constantemente se envolvia em conflitos com os impérios Austro-Húngaro e Turco-Otomano, que tinham domínios nos Bálcãs, onde se localizavam várias nações de mesma origem étnica, entre elas a Sérvia.

#### O sistema de alianças e o início da guerra

Esse clima de exacerbação nacionalista e disputas imperialistas deu origem à formação de dois blocos antagônicos de nações. O primeiro a surgir foi a Tríplice Aliança, que reunia a Alemanha, a Austro-Hungria e a Itália. Logo depois, foi formada a Tríplice Entente, aliança militar entre a Inglaterra, a Rússia e a França.

As seis maiores potências da Europa estavam, assim, prontas para a guerra. Faltava apenas um pretexto para iniciar o confronto, e este surgiu no dia 28 de junho de 1914, quando um estudante sérvio assassinou a tiros o herdeiro do trono austríaco, o arquiduque - Francisco Ferdinando, e sua esposa, na capital da Bósnia, Sarajevo.

#### A entrada dos Estados Unidos e a saída da Rússia

Até o começo da guerra, os Estados Unidos cultivavam uma política isolacionista, isto é, de não-intervenção nos assuntos europeus. Essa atitude mudou em abril de 1917, quando o presidente Woodrow Wilson declarou guerra à Alemanha, depois de vários navios mercantes norte-americanos serem afundados por submarinos alemães em águas internacionais.

Nesse mesmo ano, a Rússia foi abalada por duas revoluções no curto período de nove meses. Em fevereiro de 1917, uma rebelião popular derrubou o monarca russo (ou czar), que foi substituído por um governo liberal-burguês. Em outubro, outra insurreição popular, liderada pelo Partido Bolchevique (mais tarde, Partido Comunista), destituiu o novo governo e instaurou a ditadura do proletariado, que tomou a decisão de firmar a paz com os alemães.

## O fim do conflito

Em março de 1918, os alemães lançaram uma grande ofensiva na frente ocidental, utilizando aviões, tanques e canhões de longo alcance. Em junho, chegaram a 46 quilômetros de Paris, onde foram detidos pelas defesas aliadas, reforçadas então por tropas e armamentos norte-americanos. A reação aliada imprimiu à guerra nova direção. Obrigados a recuar, sob intenso fogo do inimigo, os alemães começaram a perder aliados: Bulgária, Turquia e Áustria, uma após a outra, retiraram-se da guerra. No segundo semestre de 1918, a situação militar da Alemanha tornou-se insustentável.

Ao mesmo tempo, o bloqueio naval imposto pelos Aliados causava séria escassez de alimentos em território alemão, provocando manifestações de protesto em todo o país. Em novembro de 1918, a população de Berlim se sublevou contra o governo monárquico, obrigando o imperador Guilherme II a abdicar. Formou-se então um governo provisório, sob a liderança do Partido Social-Democrata (socialista moderado), que proclamou a República – conhecida como República de Weimar – e assinou um acordo de paz com os Aliados, suspendendo as hostilidades. Terminava, assim, a Primeira Guerra Mundial.

Em junho de 1919, vencedores e vencidos se reuniram nas proximidades de Paris para firmar o tratado de Versalhes.

Pelo acordo, a Alemanha perdeu a Alsácia-Lorena para a França e outras regiões para a Bélgica, a Tchecoslováquia e a Polônia. Além disso, foi criada uma estreita faixa de terra ligando a Polônia ao mar Báltico. Denominada corredor polonês, essa faixa atravessava o norte da Alemanha, cortando o país em duas partes.

O tratado tinha também uma cláusula econômico-financeira, que obrigava a Alemanha a pagar pesada indenização em dinheiro, a título de "reparações de guerra", e a entregar parte de sua frota mercante, de suas locomotivas e de suas reservas de ouro as nações vencedoras. Uma cláusula militar proibia que o governo alemão tivesse marinha de guerra, tanques e artilharia pesada, fixando seu exército em 100 mil soldados.

## Consequências da Guerra

Além de provocar incalculável destruição material, a Primeira Guerra Mundial deixou o saldo de 9 milhões de mortos na Europa.

A guerra marcou também o fim da hegemonia inglesa no mundo. Embora estivesse entre as nações vencedoras, a Inglaterra perderia pouco a pouco sua supremacia para os Estados Unidos. Quanto à Alemanha, a humilhação que lhe foi imposta pelo Tratado de Versalhes seria fonte de ódios e ressentimentos entre o povo alemão. Criava-se assim, nesse país, um clima propício ao despertar de sentimentos extremistas, alimentados pelo espírito de revanche. Como veremos, esses sentimentos seriam capitalizados pelo nazismo que, uma vez no poder, lançaria o mundo numa guerra mundial, muito mais destrutiva do que a anterior.

### ATIVIDADE:

Quais as consequências da 1ª Guerra Mundial?

---

## BRASIL: A POLÍTICA NA REPÚBLICA DO “CAFÉ-COM-LEITE” O GOVERNO PROVISÓRIO

Os líderes do movimento escolheram o marechal Deodoro da Fonseca, um antigo monarquista e amigo de dom Pedro II, para chefiar o novo governo.

As medidas iniciais ao Governo Provisório foram publicadas no Diário Oficial do dia 16 de novembro de 1889. O país passava a ser uma República Federativa com o nome de Estados

Unidos do Brasil e as províncias eram transformadas em estados. Poucos dias depois, o Estado foi separado da Igreja e o regime adotou uma nova bandeira, com o lema positivista Ordem e progresso. Ao mesmo tempo, para elaborar uma Constituição de caráter republicano, o governo convocou uma Assembleia Nacional Constituinte. Revisado por Rui Barbosa, o conjunto de leis instituiu uma República federativa presidencialista, delegando maior autonomia aos estados. Em 24 de fevereiro de 1891, depois de votada pela Assembleia, a Constituição republicana entrou em vigor.

## **A REPÚBLICA DAS OLIGARQUIAS**

A forma federativa de República, instituída pela Constituição de 1891, criou de fato um sistema de governo descentralizado, fortalecendo os poderes estaduais e municipais, que ficaram com uma série de atribuições. Com a entrada em vigor do novo documento, os estados puderam eleger seus presidentes e passaram a contar com uma legislação própria, que tornava possível a criação de impostos, a manutenção e o controle das forças policiais e o estabelecimento de um poder judiciário de abrangência estadual.

Em todos os estados, quem formava a base das oligarquias eram os chefes políticos locais, em geral grandes fazendeiros ou comerciantes, que controlavam o processo eleitoral em cada região, os chamados coronéis.

## **SÃO PAULO E MINAS GERAIS**

Nos primeiros anos da República, o poder central era exercido pelos militares positivistas, como Floriano Peixoto. Com a eleição de Prudente de Moraes em 1894, as elites agrárias de São Paulo, por intermédio do PRP ganharam força e passaram a controlar o poder. A partir da presidência de Campos Sales (1898-1902), o PRP se uniu aos republicanos de Minas Gerais, estado mais populoso do país e com maior número de eleitores. Assim nasceu a chamada política do "café-com-leite", por meio da qual a oligarquia mineira e a paulista começaram a se revezar no poder até 1930.

A alternância das duas maiores oligarquias no governo foi aprovada pelas elites dos outros estados, em função das vantagens que oferecia. Para que os políticos desses estados não se sentissem alijados do poder. Campos Sales instituiu, por volta de 1900, a chamada política dos governadores. Tratava-se na verdade de um complicado mecanismo que dava direito ao governo federal de aprovar ou não os candidatos eleitos para o legislativo federal. Desse modo, apenas os aliados eram referendados. Em troca do apoio dado ao governo federal, eles recebiam favores, dinheiro e cargos públicos para distribuir entre seus correligionários nos respectivos estados que representavam. Formava-se, então, uma cadeia de troca de favores, que tornava permanentes as estruturas políticas do País.

### **ATIVIDADE:**

Durante a República Velha brasileira (1889-1930), o poder era exercido pelos coronéis e o poder central pela política do café com leite. Quem eram os coronéis e o que foi a política do café com leite?

---

## **ENTRE DUAS GUERRAS**

### **A GRANDE DEPRESSÃO**

Logo após a Primeira Guerra Mundial, a Europa viveu um período relativamente curto de crise econômica. Ao mesmo tempo, nos Estados Unidos, que não tinham sido atingidos pelo conflito, a economia continuava a crescer. Durante a guerra a indústria norte-americana abasteceu os países da Tríplice Entente com equipamentos, armas, alimentos e matérias-



primas e conseguiu suprir os mercados de outras regiões que deixaram de ser atendidas por eles. Por isso sua produção aumentou tanto.

Por volta de 1921, a Inglaterra, a França e outros países europeus retomaram o crescimento. Mas nada que se comparasse a expansão econômica norte-americana, que atingiu o auge entre 1920 e 1929. Em 1929, por exemplo, quase metade da produção industrial do mundo estava concentrada nos EUA. Uma das razões de tamanha prosperidade era o aumento real dos salários no país proporcionado pela produtividade crescente e pelo *fordismo*.

Ao longo dos anos 1920, a economia europeia aos poucos recuperou sua capacidade produtiva, o que permitiu aos países do continente importar cada vez menos dos EUA e competir com os produtos norte-americanos no mercado internacional.

Com a queda das exportações para a Europa e outras regiões do mundo, os EUA deveriam ter desacelerado o ritmo de expansão. Mas, ao contrário, os empresários insistiram em investir no aumento da produção. Conclusão: no começo de 1929, as indústrias norte-americanas, saturadas de produtos, não tinham como dar vazão a eles. Nesse momento, a economia do país entrou numa crise de superprodução.

O que viria logo a seguir seria catastrófico para a economia do país. Em 21 de outubro de 1929, o valor das ações negociadas na Bolsa de Valores de Nova York começou a cair. Tinha início o “crack” (ou “crash”) da mais importante Bolsa de Valores do mundo, que alcançaria seu ponto mais baixo oito dias depois, na chamada “terça-feira negra”. Nos onze meses seguintes, 20 mil empresas norte-americanas fecharam as portas e 13 milhões de trabalhadores (cerca de um quarto da mão-de-obra) perderam o emprego.

O “crack” da Bolsa de Nova York detonou a mais séria crise econômica vivida pelo sistema capitalista: a Grande Depressão, que se estenderia por toda a década de 1930. Dos EUA, ela se propagou quase instantaneamente para os países industrializados da Europa, atingindo em seguida outras nações do mundo capitalista, inclusive o Brasil.

## O FASCISMO ITALIANO

Desde 1918, já havia movimentos ultranacionalistas e autoritários em várias regiões da Europa, principalmente na Itália, onde o Partido Fascista chegou ao poder em 1922. Para entendermos a transição por que passou o país, é importante destacar que, pouco antes, em 1919 um antigo militante de esquerda que romperia com o socialismo, Benito Mussolini, fundou o *Fascio di Combattimento*, embrião do Partido Nacional Fascista.

Mussolini prometia acabar com a luta de classes, implantar um forte, destinado a afastar o perigo de uma revolução socialista, e transformar a Itália numa grande potência. Para isso, ele e seus partidários se propunham a esmagar os grupos de esquerda – socialistas, anarquistas e, mais tarde, comunistas (na Itália, o Partido Comunista seria fundado em 1921, a partir de uma dissidência do Partido Socialista).

Na luta por esses objetivos, os fascistas organizavam-se em milícias armadas, uniformizadas com camisas negras e treinadas no uso da violência física contra os adversários. Sua principal base de apoio eram as classes médias insatisfeitas com a crise e assustadas com a possibilidade de uma revolução socialista como a que ocorrera na Rússia, em 1917. Mas havia todo tipo de pessoas entre seus militantes, principalmente ex-soldados, jovens sem emprego, desordeiros, marginais e desocupados. Os alvos preferidos das suas ações violentas eram líderes sindicais, operários em greve, socialistas e democratas em geral.

Nessas condições, em outubro de 1922, Mussolini, chamado de *Duce* (guia) por seus partidários, pôs-se à frente de 50 mil “camisas negras”, e realizou uma gigantesca demonstração de força, a “Marcha sobre Roma”. A resposta do rei Vítor Emanuel III foi nomeá-lo para o cargo de primeiro-ministro. No poder, o *Duce* convocou novas eleições, que deram 65% dos votos ao Partido Fascista, graças às fraudes e à violência.

## A REPÚBLICA DE WEIMAR E A ASCENÇÃO DO NAZISMO

Na Alemanha, a ideologia fascista deu origem ao nazismo e chegou ao poder somente em 1933, depois de longo período de crise.

Trata-se, portanto, de um Estado policial em que qualquer tipo de crítica ou manifestação de oposição são inadmissíveis. Na prática, combina a repressão e o terror policial com a propaganda ideológica sistemática, permanente e maciça. A ideologia totalitária procura explicar com certeza absoluta e de maneira global o curso da história, para mostrar que o Estado totalitário é a forma mais perfeita de organização da sociedade. Esse bombardeio ideológico começa nas escolas, entre as crianças pequenas, que são condicionadas a pensar de acordo com os padrões e valores estabelecidos pelo partido único no poder.

No plano econômico, as perdas sofridas com o conflito e o pagamento das indenizações de guerra aos vencedores provocaram dificuldades financeiras que colocaram o país à beira do colapso. Para enfrentá-las, o governo alemão passou a emitir papel-moeda de forma descontrolada, o que gerou inflação e o aumento galopante do custo de vida. A desvalorização do marco, a moeda alemã, assumiu proporções assustadoras: em 1919, um marco era comprado por 8, 9 dólares; em novembro de 1923, eram necessários 4 bilhões de marcos para comprar um dólar.

O Partido Nazista surgiu no começo da década de 1920, como o desdobramento de um partido pequeno, o Partido Trabalhista Alemão. Hitler aderiu ao grupo em 1919 e mudou o nome da organização para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. A inclusão da palavra "socialista" foi uma manobra oportunista, pois o socialismo gozava de enorme popularidade entre os trabalhadores do país.

Assim que chegou ao poder, Hitler partiu para a execução do plano de estabelecer uma ditadura totalitária. Em 1933, os nazistas puseram fogo na sede do Parlamento ("Reichstag") e responsabilizaram os comunistas pelo atentado. Era o pretexto de que Hitler precisava para reprimir com violência a esquerda e os sindicatos.

Em 1934, com a morte do marechal Hindenburg, Adolf Hitler acumulou as funções de primeiro-ministro e de presidente da República. A partir de então, adotou o título de Führer e passou a governar com poderes ilimitados. As primeiras medidas tomadas pelo novo governo foram a extinção de todos os partidos políticos, com exceção do Nazista, e a submissão dos sindicatos ao poder do Estado.

Em seguida, entrou em vigor uma legislação antissemita (ou antijudaica), conhecida como Leis de Nuremberg (1935), pela qual os judeus foram destituídos dos direitos de cidadania, afastados do serviço público, das universidades e proibidos de exercer qualquer profissão. Os que não deixaram o país foram presos.

Para completar a escalada de violência, o governo criou campos de concentração destinados a confinar judeus, comunistas, socialistas e opositores em geral. Mais tarde, essas grandes prisões cercadas de arame farpado e fios eletrificados se transformaram em campos de extermínio, onde foram mortos 6 milhões de judeus, além de comunistas, homossexuais, ciganos etc.

### NAZISMO: UMA IDEOLOGIA RACISTA

As ideias de Hitler foram reunidas em *Mein Kampf* (Minha luta), livro que escreveu por volta de 1923, quando esteve preso por alguns meses, depois de tentar promover uma espécie de "Marcha sobre Berlim" a partir da cidade de Munique.

Minha luta expõe uma ideologia fortemente marcada por ideias totalitárias e de superioridade racial. Para Hitler, os alemães pertenceriam a uma "raça pura" destinada a dominar a humanidade. Todas as outras "raças" humanas seriam inferiores, principalmente os judeus, "raça impura", à qual Hitler atribuía grande parte dos males da humanidade

(antisemitismo). Para ele, os judeus eram os responsáveis pelo marxismo e pelo capitalismo financeiro internacional, que deviam ser combatidos.

Outros inimigos que precisavam ser eliminados, segundo a ótica hitlerista, eram a democracia, o liberalismo, o socialismo e o comunismo. Aos alemães deveria ser concedido, pela paz ou pela guerra, um "espaço vital", isto é, um grande território na Europa destinado a abrigar os povos germânicos num só reino ou império (o Reich).

Essas ideias formavam as premissas de uma visão totalitária da sociedade, pela qual os indivíduos deveriam pertencer ao Estado, sob a liderança de um único chefe, o Führer. Ele seria o responsável pelas grandes decisões, em nome da comunidade dos povos germânicos organizados num grande império – o Terceiro Reich –, que duraria mil anos.

#### **ATIVIDADE:**

O que pregava a ideologia nazista de Hitler?

---

## **A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

### **A ECLOSÃO DA GUERRA**

Os problemas internacionais começaram já em 1931, ano em que o Japão invadiu e anexou a Manchúria, região pertencente à China. A agressão foi recebida com protestos pela Sociedade das Nações, mas nada se fez de concreto para obrigar o Japão a devolver o território ocupado aos chineses. Isso criou um precedente que logo seria seguido pela Alemanha e pela Itália.

A passividade dos governos da Inglaterra, da França e dos EUA era interpretada pelos alemães como uma espécie de sinal verde as suas ambições expansionistas.

Assim, ainda em 1936, Hitler e Mussolini firmaram um acordo de apoio mútuo, o Pacto ítalo-Germânico, chamado de Eixo Roma-Berlim. Quatro anos depois, em setembro de 1940, os dois países selariam com o Japão o Pacto *Anti-Komintern*, visando o combate ao comunismo. Esse acordo ampliou o Eixo, que agora englobava Roma, Tóquio e Berlim.

Em 1937, o Japão lançou-se à guerra contra a China. No ano seguinte, a Alemanha ocupou e anexou a Áustria. Ainda em 1938, os alemães invadiram a região dos Sudetos, na Tchecoslováquia, a pretexto de que ali viviam populações de origem germânica. Para resolver o impasse, foi realizada a Conferência de Munique, que reuniu a França, a Inglaterra, a Itália e a Alemanha. Na reunião, firmou-se um compromisso, pelo qual as potências democráticas aceitavam a anexação dos Sudetos pelos alemães, desde que Hitler não partisse para novas conquistas territoriais.

Hitler, evidentemente, queria apenas ganhar tempo. Em agosto de 1939, a Alemanha e a URSS firmaram o Pacto Germano-Soviético de Não-Agressão, que estabelecia a divisão da Polônia entre as duas potências. No dia 1º de setembro, os alemães invadiram a Polônia. Foi só então que a França e a Inglaterra reagiram, declarando guerra à Alemanha dois dias depois.

Tinha início a Segunda Guerra Mundial, que reuniria grande parte das nações do mundo divididas em dois blocos. De um lado, os países do Eixo, liderados pela Alemanha, pela Itália e pelo Japão, e do outro, os Aliados, comandados principalmente pelos EUA, pela URSS e pela Inglaterra.

### **A DIVISÃO DO MUNDO**

A partir de 1942, a Inglaterra e os EUA, de um lado, e a URSS, de outro – os chamados Três Grandes –, deixaram suas divergências ideológicas momentaneamente de lado e passaram a colaborar entre si para combater o inimigo comum, o nazi-fascismo. Foi assim que

os dois países capitalistas ofereceram significativa ajuda aos soviéticos para enfrentar a invasão alemã.

Em dezembro de 1943, quando já se podia prever o desfecho do conflito, realizou-se a Conferência de Teerã, reunindo o primeiro-ministro da Inglaterra, Winston Churchill, o presidente norte-americano Franklin Roosevelt e o secretário-geral do Partido Comunista soviético, Josef Stalin. No encontro, os líderes tomaram decisões importantes em relação ao mapa da Europa após a guerra, como a divisão da Alemanha em várias áreas de ocupação e a anexação dos países bálticos à URSS.

A Alemanha foi dividida em quatro zonas de ocupação, distribuídas entre a Inglaterra, a França, a URSS e os EUA. Da mesma forma, a capital alemã, Berlim, localizada na zona de ocupação soviética (futura Alemanha Oriental), também dividida em áreas de administração francesa, inglesa, norte-americana e soviética. Quanto ao Japão, decidiu-se que seu território ficaria sob ocupação norte-americana por tempo indeterminado.

A Segunda Guerra Mundial teve um saldo de 50 milhões de mortos e mudou a face do mundo. No final do conflito, a economia europeia estava arrasada. Os grandes vencedores foram os EUA e a URSS, que passaram a ser as duas maiores potências mundiais. Esses países dividiram o mundo em dois blocos antagônicos: um socialista, liderado pela URSS, e o outro capitalista, sob a influência dos EUA. Com a divisão, teve início um conflito bipolar entre as duas potências que passaria à história com o nome guerra fria.

#### **ATIVIDADE:**

Citar os acontecimentos que levaram à eclosão da Segunda Guerra Mundial e os principais países envolvidos:

---

O que foi a Guerra Fria iniciada após a Segunda Guerra Mundial?

---

---

## **O BRASIL DE VARGAS**

Ao assumir o poder em novembro de 1930, Getúlio Vargas suspendeu a Constituição em vigor, dissolveu o Congresso Nacional e nomeou interventores para o governo dos estados. Além dessas medidas, criou dois novos ministérios: o da Educação e Saúde, entregue ao mineiro Francisco Campos, e o do Trabalho, Indústria e Comércio, que ficou com o gaúcho Lindolfo Collor.

Com a criação do Ministério do Trabalho, o governo de Vargas inaugurava uma nova atitude do Estado em relação à classe trabalhadora. Até então, o poder público no Brasil havia respondido às reivindicações operárias com a repressão. A partir de novembro de 1930, a principal característica da relação entre o Estado e os trabalhadores seria o diálogo. Um diálogo às vezes difícil, às vezes acompanhado de repressão, e no qual a voz dominante seria sempre a do poder público. Mas, enfim, agora havia diálogo.

#### **NOVOS RUMOS**

Definiu-se, assim, uma política trabalhista que incorporou e transformou em lei antigas reivindicações operárias, como férias e descanso remunerado, proibição do trabalho noturno para mulheres e menores de dezoito anos, jornada de oito horas de trabalho, aposentadoria e, mais tarde, salário mínimo. Essas medidas foram bem recebidas pelos trabalhadores.

## PROTEÇÃO AO CAFÉ E À INDUSTRIALIZAÇÃO

O Governo Provisório encontrou o país sob os efeitos da crise econômica internacional iniciada em 1929: desemprego, fábricas fechadas, ameaça de quebra dos cafeicultores, devido à violenta queda dos preços do café no mercado externo. Para proteger a cafeicultura, o governo aplicou um plano de compra e queima de grandes quantidades de café excedente, destruindo cerca de setenta milhões de sacas do produto entre 1930 e 1937.

Ao comprar o café excedente, o governo injetava dinheiro na economia, estimulando a procura por produtos manufaturados. Dada a dificuldade de importar, por causa da crise, os fabricantes nacionais puderam aumentar e diversificar sua produção para atender à demanda. Isso explica por que, a partir de 1933, o Brasil foi um dos primeiros países a sair da crise.

### ATIVIDADE:

Já ao assumir o poder no Brasil em 1930, Getúlio Vargas tomou medidas inovadoras. Quais foram elas?

---

## A CONSTITUIÇÃO DE 1934

A nova Constituição, promulgada em julho de 1934, trazia a marca das mudanças pelas quais o Brasil passara desde a Revolução. Em seu texto foram incorporados os direitos consagrados na legislação trabalhista, como jornada de oito horas de trabalho, férias etc. Ao mesmo tempo, ela conferiu maiores atribuições ao poder Executivo central, em detrimento da autonomia dos estados que era a principal característica da Constituição anterior. No entanto, mais uma vez, manteve-se intacta a estrutura agrária no país.

No dia seguinte à promulgação da nova Carta, a Assembleia Constituinte elegeu Getúlio Vargas para outro período na Presidência da República, fixado em quatro anos. Com essa decisão, o Governo Provisório dava lugar a um governo legitimado pela Constituição.

## O ESTADO NOVO (1937-1945)

Em setembro de 1937, os aliados de Getúlio anunciaram a descoberta de um plano terrorista atribuído aos comunistas. Conhecido como Plano Cohen, o documento previa a eclosão de uma revolução comunista seguida do assassinato de centenas de pessoas. O plano era falso, mas se transformou no pretexto de que Getúlio precisava para dar o golpe de Estado que instituiu o *Estado Novo*, em 10 de novembro de 1937.

No mesmo dia em que anunciou a implantação do novo regime, Getúlio comunicou também que o país passava a ter outra Constituição. Inspirada nas constituições fascistas da Itália e da Polônia, a Carta de 1937 suprimiu o que restava da autonomia dos estados e substituiu a democracia representativa por um sistema de governo autoritário e centralizado. Os partidos foram extintos e a imprensa passou a sofrer censura. Entretanto a legislação trabalhista foi mantida.

## O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL E O NOVO PAPEL DO ESTADO

No âmbito econômico, as principais características do Estado Novo foram o impulso à industrialização, o nacionalismo, o protecionismo e a intervenção do Estado na economia. Assim, Vargas suspendeu o pagamento da dívida externa em 1937, mas manteve as negociações destinadas a atrair capitais externos para projetos de desenvolvimento econômico, como o da construção da primeira usina siderúrgica brasileira, instalada em Volta Redonda, Rio de Janeiro, em 1941, com o auxílio de capitais norte-americanos.



Essa política de desenvolvimento teve como elemento dinamizador a intervenção do Estado nas atividades econômicas, com a criação de empresas estatais diretamente ligadas à produção industrial, como a Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda (1941), a Companhia Vale do Rio Doce (1942), voltada para a mineração, e a Fábrica Nacional de Motores (1943), além de várias outras.

O processo de industrialização foi também favorecido, a partir de 1939, pela Segunda Guerra Mundial, que dificultou as importações e estimulou a produção interna de manufaturados.

### **A QUEDA DO ESTADO NOVO**

A entrada do Brasil na guerra, a partir de 1942, criou uma contradição para o Estado Novo, pois, externamente, o Brasil apoiava as democracias na luta contra o fascismo, e, internamente, mantinha um regime ditatorial. Além disso, por essa época, tinha início a derrocada do totalitarismo nazifascista. A conjuntura era favorável às manifestações de oposição contra o autoritarismo.

Nas novas circunstâncias, surgiram diversos partidos para disputar as eleições, como a União Democrática Nacional (UDN), que lançou á candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República; o Partido Social Democrático (PSD), cujo candidato era o general Eurico Dutra; e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que também apoiou Dutra. Além desses, havia outros partidos de menor potencial eleitoral. Um deles, o Partido Comunista do Brasil (PCB), conseguiria eleger uma bancada pequena, mas combativa para a Assembleia Nacional Constituinte. Dessa bancada fazia parte Luís Carlos Prestes, eleito senador.

### **ATIVIDADE:**

Qual a contradição existente no governo ditatorial de Vargas, que fez com que ele fosse deposto? \_\_\_\_\_

## **AMÉRICA LATINA**

### **EUA, OS NOVOS DONOS**

Desde o século XIX, os norte-americanos procuravam cumprir um papel de liderança entre os países do continente. Foram os primeiros a reconhecer a independência das novas nações latino-americanas e, em 1823, criaram a Doutrina Monroe, pela qual se posicionaram contra qualquer intervenção europeia no continente.

Durante boa parte do século XIX, essa liderança não se traduziu em intervenção direta nos problemas internos dos países latino-americanos. A principal exceção ocorreu em relação ao México, que teve parte de seu território anexada pelos EUA.

Os espanhóis saíram de Cuba, mas ficaram as tropas norte-americanas, sob o pretexto de proteger a região da tentativa de recolonização. Os EUA deixariam a ilha apenas em 1902, com a inserção de uma emenda na Constituição cubana que preservava os interesses norte-americanos na ilha, autorizando-os inclusive a intervir militarmente no país.

No início do século XX, os norte-americanos injetaram ainda mais capital na América Latina e se transformaram no segundo maior investidor da região, ficando atrás apenas da Inglaterra.

### **DUTRA, EM TEMPOS DE GUERRA FRIA**

Eurico Gaspar Dutra assumiu o poder em 31 de janeiro de 1946. Seu governo foi conservador e pôs em prática uma política de contenção das reivindicações trabalhistas e de apoio quase incondicional aos EUA. Em 1947, por exemplo, Dutra rompeu relações diplomáticas com a URSS e proibiu o funcionamento do PCB, caçando o mandato de todos os seus filiados.

Na área trabalhista, além de restringir o direito de greve, o governo adotou uma política de contenção salarial, sob a alegação de que, com essa medida, seria possível combater a inflação. Isso provocou acentuada queda no poder aquisitivo dos trabalhadores, fazendo com que várias categorias entrassem em greve. As paralisações foram reprimidas com rigor pelo presidente, que decretou a intervenção do Estado em vários sindicatos.

### **A abertura de mercado**

Ao contrário da política nacionalista adotada no Estado Novo, Dutra preferiu promover a abertura do mercado nacional, com o objetivo de combater a alta de preços. Além disso, diminuiu também os investimentos na área industrial.

Com essa política, as importações aumentaram bruscamente, ocasionando a diminuição das reservas cambiais brasileiras, acumuladas durante o período de guerra. Ao perceber a decisão equivocada, o governo mudou sua estratégia e passou a controlar as importações, com exceção dos produtos destinados ao parque industrial. A medida deu certo e o país retomou o crescimento econômico. Ao final do mandato de Dutra, o Brasil tinha crescido, em média, 6% ao ano.

## **O POVO PEDIU, GETÚLIO VOLTOU**

Nas eleições de 1950, Getúlio Vargas retornou à cena política, liderando uma coligação partidária que reunia o PTB, o PSD e o Partido Social Progressista (PSP). Eleito presidente da República, com 48, 7% dos votos, Getúlio afirmava ter voltado ao cargo nos "braços do povo".

Dessa vez, o país que o presidente iria governar tinha mudado muito desde que ele deixara o poder. A população brasileira já era de 52 milhões de habitantes, e o Brasil vivia num regime democrático, com vários partidos políticos, liberdade de imprensa e debates acalorados.

As propostas de Getúlio para o governo eram de cunho nacionalista, voltadas para o desenvolvimento da indústria nacional. Só que o novo presidente formou um ministério conservador, em busca de apoio no Congresso Nacional.

### **O projeto nacionalista de Getúlio**

Desde o final do Estado Novo, para obter apoio popular e sustentação política, Getúlio tinha assumido um discurso nacionalista cada vez mais radical. Em seu governo, houve sérias restrições ao capital estrangeiro. Para entrar no país, por exemplo, esse deveria estar associado a capitais nacionais. Além disso, a remessa de lucros das multinacionais para o exterior também sofreu limitações.

Foi no campo da produção de energia, porém, que o nacionalismo de Getúlio se manifestou com maior força. Em dezembro de 1951, o presidente enviou ao Congresso um projeto de lei para a criação da Petrobras, empresa que deveria ter o monopólio da extração e distribuição do petróleo no país. Esperava-se que uma instituição dessa natureza diminuísse a dependência do Brasil em relação a outras nações e estimulasse o desenvolvimento nacional.

A discussão sobre a criação da Petrobras dividiu a opinião pública. Setores mais liberais criticavam a iniciativa, ao passo que pessoas identificadas com os projetos nacionalistas defendiam a ideia. A campanha pró-Petrobras ganhou as ruas e um slogan: "O petróleo é nosso". Diante da pressão, o Congresso aprovou o projeto que criou a estatal em outubro de 1953.

## ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO

No início dos anos 1950, uma discussão mobilizava o Brasil: o modelo de desenvolvimento que o país deveria seguir. Havia duas correntes – uma, a favor da ampla utilização do capital estrangeiro, e a outra, a favor de uma política nacional-desenvolvimentista. Escolher uma ou outra significava assumir uma posição ideológica e política.

O debate tornou-se cada vez mais inflamado à medida que se discutiam temas vitais para a economia nacional, como os destinos da exploração das riquezas do subsolo (petróleo, por exemplo).

Os defensores do capital estrangeiro, além de querer ampla abertura do mercado nacional, pretendiam um controle orçamentário rígido – para evitar o déficit público e a inflação – e a diminuição das pressões dos trabalhadores. Essa concepção era apoiada pelos principais órgãos de imprensa, pela UDN e por alguns setores das Forças Armadas.

A segunda corrente, a nacional-desenvolvimentista, acreditava que o governo deveria intervir na economia, por meio da criação de empresas estatais e do protecionismo às empresas nacionais. Defendia ainda restrições à entrada de capital estrangeiro, sobretudo em áreas consideradas estratégicas para o desenvolvimento nacional, como petróleo e energia. Essa corrente contava com o apoio de parte do empresariado, das Forças Armadas e de políticos do PTB e do PSD.

### ATIVIDADE:

Qual era o projeto nacionalista de Getúlio Vargas, ao ser eleito em 1951?

---

### A crise toma conta do governo

Em 1953, o alto custo de vida e a inflação começaram a gerar instabilidade no governo. A situação desagradava à classe média, mas afetava principalmente os trabalhadores. O salário-mínimo, decretado em 1943, por exemplo, permaneceu congelado até dezembro de 1951, quando houve um pequeno reajuste, o que não resolveu o problema. No primeiro semestre de 1953, os trabalhadores desencadearam uma série de lutas, que culminaram numa greve de trezentas mil pessoas em São Paulo.

Para tentar contornar a situação, Getúlio reformulou o seu ministério. Nomeou Tancredo Neves para o Ministério da justiça e João Goulart para a pasta do Trabalho. A indicação desse último, que possuía bom trânsito entre as lideranças sindicais, revelava o interesse do governo com os trabalhadores.

A oposição decidiu então pedir o afastamento do presidente. Os ataques mais contundentes partiam de Carlos Lacerda, jornalista e político que ganhou rápida projeção na UDN. No dia 5 de agosto, Lacerda sofreu um atentado no Rio de Janeiro e ficou ferido no pé. No episódio, morreu seu segurança, o major da Aeronáutica, Rubens Vaz da Costa.

Durante as averiguações, descobriu-se que o mandante do crime era o chefe da guarda pessoal de Getúlio, Gregório Fortunato, que também mantinha estreita ligação com o mundo do crime. Os resultados da investigação provocaram a indignação geral e surgiram numerosas manifestações exigindo a renúncia do presidente. Café Filho, o vice-presidente, aliou-se à oposição e, em discurso no Congresso, propôs que ele e Getúlio renunciassem.

Na noite de 23 de agosto, o presidente reuniu seu ministério para discutir a crise. Tentou resolver o impasse, sugerindo seu afastamento temporário do cargo, a título de licença, mas os militares recusaram a proposta e insistiram na renúncia. No dia seguinte, Getúlio trancou-se em seu quarto, no Palácio do Catete, e cometeu suicídio. Deixou uma carta em que afirmava: “Eu

vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História".

## **JK, CINQUENTA ANOS EM CINCO**

Em 1955, Juscelino Kubitschek, conhecido como JK, foi eleito presidente do Brasil. Antigo prefeito de Belo Horizonte e governador de Minas Gerais, JK havia prometido em sua campanha uma gestão desenvolvimentista, sob o slogan "cinquenta anos em cinco".

### **O plano de metas**

No início de seu governo, JK lançou o Plano de Metas, que deixou clara a prioridade de sua política: o desenvolvimento dos setores de energia, de transportes e de indústrias de base. As áreas de educação e agricultura ficaram relegadas a segundo plano, e a saúde foi completamente ignorada.

As orientações da política econômica de JK inauguraram uma nova fase na industrialização brasileira, marcada pela associação do Estado e da empresa nacional com o capital estrangeiro.

O Plano de Metas acelerou o crescimento da economia, principalmente do setor industrial, cuja produção cresceu em 80%. São muitos os exemplos bem-sucedidos dessa época.

A instalação da indústria automobilística no país foi, sem dúvida, um passo importante do governo JK. E só se tornou possível porque o governo ofereceu grandes vantagens aos investidores estrangeiros, como facilidades na importação de máquinas e na obtenção de crédito, além do direito de remeter parte significativa dos lucros à suas matrizes no exterior.

Para implantar seu projeto econômico, o governo promoveu amplo programa de investimentos públicos voltados à ampliação da infraestrutura de transportes e energia, com a construção de estradas, usinas hidrelétricas e siderúrgicas.

### **A construção de Brasília**

Outro símbolo do governo JK é a capital do país, Brasília. A nova cidade, segundo o presidente, era um instrumento necessário à integração territorial e à ocupação do interior do Brasil.

O projeto de JK rapidamente ganhou força e foi aprovado pelo Congresso Nacional. O governo construiu Brasília em ritmo acelerado, com projetos do arquiteto Oscar Niemeyer e do urbanista Lúcio Costa. Em 21 de abril de 1960, a cidade foi inaugurada.

## **JÂNIO, O HOMEM DA VASSOURA**

Nas eleições presidenciais de 1960, um candidato se destacava no cenário político: Jânio Quadros. Jânio se apresentava ao público como a alternativa de oposição aos herdeiros do getulismo. Era um político conservador e personalista, que contava com o apoio da UDN. Havia feito rápida carreira política em São Paulo, onde fora vereador, prefeito e governador. Prometia um governo moralizador e austero. Político contraditório, o símbolo de sua campanha era uma vassoura, que, segundo ele, varreria as irregularidades cometidas por seus antecessores.

No discurso de posse, Jânio Quadros criticou seu antecessor e apontou os dois maiores problemas que teria de enfrentar: o alto índice de inflação e a crescente dívida externa.

Coerente com a sua promessa de campanha, Jânio adotou um programa econômico de combate à inflação, com reforma cambial, restrição ao crédito, redução dos subsídios ao trigo e ao petróleo. As medidas atraíram o apoio do FMI, o que facilitou a negociação da dívida

externa e a obtenção de novos empréstimos. Logo, porém, o efeito dessa política se faria sentir com a recessão e o consequente descontentamento popular.

Outra promessa de campanha de Jânio foi moralizar a administração pública. No governo, porém, não conseguiu atingir esse objetivo, o que frustrou as expectativas dos eleitores. A antipatia ao governo aumentou com medidas impopulares, como a proibição do uso de lança-perfume no Carnaval e de biquíni nas praias. Em pouco tempo, Jânio estava isolado.

Na noite de 24 de agosto, Carlos Lacerda, líder da oposição, fez um violento discurso contra Jânio pelo rádio, e o acusou de estar tramando um golpe de Estado. No dia seguinte, numa atitude que pegou de surpresa toda a nação, Jânio Quadros encaminhou ao Congresso sua carta de renúncia, encerrando seu governo apenas sete meses após ter tomado posse. A renúncia de Jânio tinha um objetivo: deflagrar uma série de manifestações populares a favor de sua permanência no cargo, o que fortaleceria o seu poder. Pelos seus cálculos, o Congresso Nacional não iria acatar o pedido de renúncia. Além disso, acreditava que os militares não aceitariam que a Presidência fosse exercida pelo vice, João Goulart, em função de seu discurso mais à esquerda. Jânio se equivocou.

Ao receber o pedido de renúncia, o Congresso nomeou o deputado Ranieri Mazzili para ocupar a Presidência, pois Jango estava no exterior, em viagem oficial à China.

Os militares tentaram impedir que Jango assumisse a Presidência. Alegavam que o vice-presidente poderia levar o país ao caos e à desorganização. Na verdade, temiam suas tendências políticas mais à esquerda. Ao saber da renúncia, o vice-presidente iniciou uma demorada viagem de volta ao Brasil, realizando várias escalas. Finalmente, chegou ao Uruguai, onde ficou aguardando o desfecho da crise criada pelo veto militar.

Poucos apoiaram o discurso dos quartéis. Ao contrário, um amplo movimento popular exigindo a posse de Jango eclodiu no país, mandando um recado direto aos militares, em defesa do regime constitucional.

O Congresso Nacional propôs uma solução conciliatória: a mudança do regime político do país para o parlamentarismo. Assim, Jango assumiria a Presidência, mas dividiria os poderes com um primeiro-ministro, indicado pelo próprio Congresso. Ficou estabelecido que, em 1965, haveria um plebiscito para decidir pela continuidade do parlamentarismo ou pela volta do presidencialismo.

Jango não teve outra escolha senão aceitar. Retornou ao Brasil e tomou posse no dia 7 de setembro. Como primeiro-ministro, assumiu Tancredo Neves.

Liderados pelo próprio João Goulart, vários setores da sociedade passaram a exigir a antecipação do plebiscito. Diante da pressão, o Congresso Nacional antecipou a consulta popular que, em 6 de janeiro de 1963, deu expressiva vitória ao presidencialismo.

A sociedade civil organizada passou a se posicionar de maneira clara em relação ao governo de João Goulart. Muitos apoiavam o governo e o defendiam abertamente; outros faziam oposição direta e se organizavam para combatê-lo.

A imprensa desempenhou importante papel na época. De modo geral, além de não apoiar Jango, fez duras críticas a seu governo. Os porta-vozes da oposição eram O Estado de S. Paulo, "O Globo", os "Diários Associados" e a "Tribuna da Imprensa". Entre os poucos jornais a favor do governo, estava o diário Última Hora.

O governo Goulart se viu numa situação complicada. A esquerda julgava que as medidas do presidente eram insuficientes para alterar o quadro social do país. E a direita o acusava de corrupto, de preparar um golpe de Estado e de conduzir, o país ao regime comunista.

## ATIVIDADE:



Analisando o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek e as suas realizações, pode-se dizer que ele cumpriu a sua promessa de “50 anos de progresso em 5 de governo”? Por quê?

---

## **Golpe de estado**

O governo de João Goulart percebeu que precisava do apoio popular para avançar em seu programa de reformas. Por isso, em 13 de março de 1964, no Rio de Janeiro, Jango fez o “Comício das Reformas”, e anunciou dois decretos: um, nacionalizando refinarias de petróleo, e o outro, desapropriando terras para fins da reforma agrária.

As medidas “de esquerda” desagradaram aos conservadores do país. Em resposta, a direita deu início a uma série de manifestações, visando criar um clima propício à desestabilização do governo e à preparação de um golpe de Estado. Em São Paulo, saiu às ruas a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, da qual participaram milhares de pessoas.

Na madrugada de 31 de março, para manter a ordem, o general Mourão Filho; comandante da IV Região Militar, em Minas Gerais, conduziu suas tropas em direção ao Rio de Janeiro, com o objetivo de depor o presidente. Outros comandos militares o seguiram. Jango não esboçou reação. Do Rio de Janeiro, onde se encontrava, voou para Brasília e, de lá, para o Rio Grande do Sul. Mais tarde, exilou-se no Uruguai.

No dia 1º de abril, o Congresso Nacional declarou vaga a Presidência da República, embora João Goulart ainda estivesse em território nacional. No dia seguinte, o presidente da Câmara, Ranieri Mazzili, tomou posse como presidente da República. Poucas horas depois, o presidente dos EUA enviava um telegrama saudando o novo governo.

### **ATIVIDADE:**

Após a renúncia de Jânio Quadros, João Goulart assumiu o poder. O que desencadeou o golpe de estado que colocou os militares no poder?

---

## **OS ANOS DE CHUMBO NO BRASIL**

### **O INÍCIO DA DITADURA**

Os novos donos do poder ignoraram a existência do poder Legislativo e da Constituição e passaram a emitir decretos, chamados Atos Institucionais (AI), para regulamentar o novo regime. O primeiro deles, o AI-I, foi introduzido no dia 9 de abril de 1964. A principal preocupação era aumentar o poder do presidente da República, que poderia, a partir de então, cassar mandatos de parlamentares e suspender os direitos políticos dos cidadãos, pelo prazo de dez anos. Foi o que aconteceu com muitos senadores, deputados, juízes, líderes sindicais, funcionários públicos, estudantes, militares e operários. Os ex-presidentes João Goulart, Jânio Quadros e Juscelino Kubitschek também não escaparam das medidas arbitrárias. O país entrou em uma era sombria, marcada por inúmeras prisões e casos de tortura.

Os movimentos populares – estudantil camponês e operário – foram duramente atingidos. A União Nacional dos Estudantes (UNE), declarada ilegal pelo governo militar, teve sua sede no Rio de Janeiro incendiada por manifestantes de direita. Universidades foram invadidas e muitos sindicatos sofreram intervenção. Os militares criaram um clima de terror e incerteza que, por si só, colaborava para frear as reivindicações de diversos setores sociais.

### **Eleições indiretas**

Em outubro de 1965, realizaram-se eleições para governador em vários estados do país. Em alguns, como Rio de Janeiro e Minas Gerais, foram eleitos candidatos da oposição, o que

desagradou aos líderes do golpe, sobretudo um grupo mais radical, que começava a ser conhecido como a “linha dura” do regime militar.

O governo reagiu rapidamente, baixando dois outros atos institucionais. O primeiro, o AI-2, estabeleceu eleições indiretas para presidente e para vice a serem realizadas no Congresso Nacional. Além disso, extinguiu os partidos existentes e implantou o bipartidarismo, com duas novas agremiações: a Aliança Renovadora Nacional (Arena) – reunião dos que apoiavam o governo – e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) – formado pelos opositores do regime.

O outro ato, o AI-3, foi decretado em janeiro de 1966. Estendia o princípio da eleição indireta também aos governadores, nas respectivas assembleias estaduais, e determinava que os prefeitos das capitais fossem nomeados pelos governadores.

## **A sucessão presidencial**

Em 1966, a oposição aos militares começou a se manifestar com mais força. Ocorreram protestos estudantis em várias partes do Brasil e foi anunciada a formação da Frente Ampla, movimento que reunia opositores das mais diferentes correntes políticas, como Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek e João Goulart, muitos no exílio. Sem conseguir apoio popular e unidade política, a Frente Ampla acabou desaparecendo.

## **1968, O JOGO ENDURECE**

O general Costa e Silva assumiu a Presidência da República no dia 15 de março de 1967. Durante seu governo, a oposição ao regime se intensificou em função da falta de liberdade e dos resultados limitados da política econômica adotada logo após o golpe de 1964.

Para superar o impasse, o governo implantou um modelo econômico que provocou a queda da inflação. Ao mesmo tempo, a economia voltou a crescer, tendo como carros-chefes o setor industrial e a construção civil. Essa fase, que se estendeu de 1968 a 1973, foi denominada milagre-brasileiro, e serviu para aplacar a ira da classe média, a principal beneficiária dessas medidas, e diminuir os ímpetos da oposição.

No dia 28 de agosto de 1969, o presidente Costa e Silva sofreu uma trombose cerebral e foi substituído provisoriamente por uma junta de três ministros militares.

Costa e Silva morreu em 17 de dezembro de 1969, e a Junta Militar escolheu seus sucessores: o general Emílio Garrastazu Médici para presidente e Augusto Rademaker para vice-presidente da país.

## **O país se rebela**

A maior mobilização popular contra o regime militar partiu dos estudantes. Em 1968, a agitação estudantil eclodiu em várias partes do mundo. Os jovens saíam às ruas para combater questões como as formas tradicionais de ensino, o racismo, a Guerra do Vietnã, a repressão sexual e o controle da mulher pelos homens.

No Brasil, a força do movimento foi maior entre os universitários, que protestavam contra o arcaico sistema de ensino e a falta de liberdade imposta pelo regime militar. Os estudantes estavam mobilizados em torno de entidades representativas, como a UNE, que agia na clandestinidade após ter sido considerada ilegal.

Um episódio acabou favorecendo a linha-dura nas Forças Armadas: o discurso do deputado Márcio Moreira Alves, no Congresso Nacional. Em seu pronunciamento, ele conclamou a população do país a boicotar os desfiles de 7 de setembro. Os ministros militares resolveram processar o deputado, mas precisavam de autorização da Câmara, e não conseguiram.

Diante da derrota, os militares muniram-se novamente de poderes excepcionais e passaram por cima da Constituição que eles mesmos haviam instituído. Assim, foi promulgado

o AI-5, a mais violenta das medidas do governo. O AI-5 devolveu ao presidente da República, por tempo indeterminado, os poderes para cassar mandatos e suspender direitos políticos; demitir ou aposentar funcionários públicos; intervir nos estados e municípios; e fechar provisoriamente o Congresso Nacional.

Inaugurou-se, assim, um novo ciclo de perseguições, cassações e demissões. A imprensa e todos os meios de comunicação passaram a sofrer rigorosa censura.

### **MILAGRE ECONÔMICO OU REPRESSÃO POLÍTICA?**

Emílio Garrastazu Médici assumiu a Presidência da República em 1969. Seu mandato caracterizou-se por intensa repressão e violência contra os movimentos de oposição. Outra característica de seu governo foram as altas taxas de crescimento econômico. Entre 1968 e 1973, o PIB brasileiro aumentou cerca de 10% ao ano. Por isso, o período é conhecido como milagre brasileiro, em decorrência de uma série de fatores. Entre eles, destacamos:

- a grande oferta de capital nos países desenvolvidos. O Brasil, cuja economia estava em crescimento, se tornou um mercado atrativo, e os capitais afluíram para o país tanto na forma de empréstimos públicos como na forma de investimentos diretos;
- a expansão do mercado consumidor interno, provocada pela criação de linhas de crédito acessíveis e pelo incentivo ao consumo de produtos industriais duráveis, como automóveis e eletrodomésticos;
- incentivo às exportações, que cresceram e se diversificaram, com a inclusão de produtos industrializados.

A política econômica do regime militar orientava-se pela ideia de que era preciso fazer a riqueza crescer, para depois distribuí-la. Essa lógica possibilitou ao Brasil se industrializar, mantendo as características de um país subdesenvolvido. A riqueza cresceu, mas nunca foi distribuída equitativamente.

Ao mesmo tempo em que intensificava a repressão aos grupos de oposição, o regime militar procurou ganhar a simpatia popular por meio da propaganda. Essa era feita pelos meios de comunicação, principalmente a televisão. Os símbolos nacionais, a música e o cinema foram largamente explorados para difundir uma ideologia que associava o regime militar a valores positivos, como patriotismo, segurança nacional e desenvolvimento.

### **FIM DO MILAGRE, COMEÇO DA ABERTURA POLÍTICA**

A eleição seguinte, indireta, não apresentou surpresas, confirmando o nome do general Ernesto Geisel, que tomou posse na Presidência no dia 15 de março de 1974, para um mandato de cinco anos.

Geisel tinha um perfil muito diferente de seu antecessor. Era autoritário, centralizador, e fazia questão de exercer pessoalmente o controle da administração. Sua eleição significava o retorno ao poder da linha mais moderada entre os militares.

O novo presidente anunciou que pretendia avançar, aos poucos, na direção de um regime democrático. Segundo ele, seria uma abertura lenta, gradual e segura. Não era tarefa fácil, pois a oposição crescia nas grandes cidades e a linha-dura controlava os órgãos de repressão.

O primeiro teste para a política de abertura de Geisel foi às eleições parlamentares de novembro de 1974, em que os candidatos oposicionistas obtiveram expressiva votação. O resultado mais flagrante ficou por conta do Senado, onde a oposição preencheu dezesseis das 22 vagas disputadas.

### **ATIVIDADE:**

Por que a ditadura militar é conhecida como os “anos de chumbo” do Brasil?

---

## **A DEMOCRACIA SE CONQUISTA NAS RUAS**

Em março de 1979, tomou posse na Presidência o general João Baptista Figueiredo. O novo presidente deu continuidade ao processo de abertura política iniciado por Geisel e prometeu fazer do país uma democracia.

O movimento das Diretas-Já, reivindicando a aprovação de uma emenda no Congresso Nacional que restabelecesse as eleições diretas para presidente, marcou o ano de 1984. Iniciada pelo PT a campanha foi imediatamente encampada por uma frente ampla que reunia vários partidos políticos e acabou se transformando num movimento popular de âmbito nacional.

A eleição presidencial continuou sendo indireta.

## **A NOVA REPÚBLICA**

As Diretas-Já e a vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral deram aos brasileiros a expectativa de novos tempos, com a superação dos anos de repressão. Por isso, o governo que se iniciava foi batizado de Nova República, em alusão à ideia de que iria construir um novo Brasil.

Eleito em 1986, o Congresso Constituinte tomou posse em fevereiro de 1987. Levou quase dois anos para concluir os trabalhos. A nova Constituição, promulgada no dia 5 de outubro de 1988, foi a sexta da história brasileira e a quinta da República, e tornava o Brasil um dos países mais democráticos do mundo.

## **Os problemas da economia**

No momento em que Sarney chegou à Presidência, a economia continuava o processo de crescimento, iniciado após a recessão de 1981-1983. Mas alguns números eram preocupantes. A dívida externa havia chegado à casa dos 100 bilhões de dólares e para pagar seus encargos o país precisava despendar cerca de 5% do PIB. O que mais assustava, porém, era o crescimento da inflação. De um índice anual de 99,7%, em 1981, havia saltado para 400% no início de 1986.

Na tentativa de resolver os problemas, o governo lançou mão de um amplo pacote de medidas, conhecido como Plano Cruzado, que previa o congelamento de preços e salários. Em 1986, o governo lançou o Plano Cruzado II, para tentar corrigir os problemas da gestão anterior, mas não conseguiu evitar o agravamento da crise. Em janeiro de 1987, o governo foi obrigado a decretar unilateralmente a moratória, deixando de pagar os juros da dívida externa. A medida durou alguns meses.

Enquanto isso, a inflação continuou subindo. Até o fim de seu governo, Sarney trocava várias vezes de equipe econômica e lançaria diversos planos, sempre tendo o congelamento de preços como uma de suas bandeiras. Sem surtir efeito, a inflação chegaria a 85% ao mês, em março de 1990, o último do governo Sarney.

## **A sucessão de Sarney**

Em 1989, após quase trinta anos, os brasileiros voltaram a eleger o seu presidente. Na disputa, havia mais de vinte candidatos. A campanha foi marcada por intensa participação popular, com comícios de rua e discussões intensas. Para o segundo turno, passaram

Fernando Collor de Mello e Luís Inácio Lula da Silva, dois políticos jovens e que tinham surgido pouco antes na cena política.

Concorrendo por um partido pequeno, Collor era considerado pelas elites o candidato adequado para enfrentar a candidatura de Lula, um líder sindical, de origem humilde e identificado com as ideias de esquerda.

A imagem pública, os discursos e os motes de campanhas de Collor foram cuidadosamente criados por grandes profissionais do marketing político. Os mais influentes veículos de comunicação trabalharam para consolidar sua imagem de bom administrador, dinâmico, competente e corajoso.

Ao final, Fernando Collor venceu Lula por pequena margem de votos e assumiu a Presidência da República, no dia 15 de março de 1990, substituindo José Sarney.

#### **ATIVIDADE:**

O que foi o período conhecido como Nova República?

---

---

## **RUMO AO TERCEIRO MILÊNIO: O MUNDO GLOBALIZADO**

### **A NOVA ORDEM MUNDIAL**

Após a Segunda Guerra Mundial, foi inaugurada outra etapa na internacionalização do capitalismo, comandada pelo poder militar e econômico dos EUA, cuja moeda – o dólar – se converteu na base do sistema monetário mundial. Essa fase, encerrada na década de 1970 em consequência das crises do petróleo (1973 e 1979), já foi chamada de Era de Ouro do capitalismo, em virtude dos altos índices de crescimento da produção e de geração de empregos, apresentados pelos países industrializados.

Durante os “anos dourados”, contudo, a humanidade viveu sob o risco permanente de uma guerra nuclear, que ameaçava destruir todo o planeta. Nesse período, o mundo não chegou a se globalizar inteiramente porque, como vimos, estava dividido em dois grandes blocos antagônicos, separados por um abismo ideológico. Com a economia estatizada, o bloco soviético era uma barreira intransponível para a internacionalização do capital sob a égide dos EUA.

O fim da guerra fria e a desintegração da URSS puseram fim ao confronto entre o capitalismo e o comunismo. Teve início então uma nova fase no processo de globalização, marcada pela expansão do capitalismo e pela intensificação do comércio internacional. Uma das características da economia globalizada consiste na circulação de grandes massas de capital pelo planeta, em busca das aplicações mais lucrativas no mercado financeiro. Até a China, onde o socialismo ainda se mantém, flexibilizou sua economia por meio de reformas que a inseriram no mercado internacional.

Por isso, costuma-se afirmar que, desde o início dos anos 1990, surgiu uma nova ordem mundial, determinada pelos conceitos de “globalização” ou de “mundo globalizado”.

### **GLOBALIZAÇÃO E ESTADO NACIONAL**

O Estado passou por diversas mudanças nos últimos anos, particularmente a partir do final da década de 1980. Para isso, contribuíram:

- a onda neoliberal que, a partir dos EUA e da Inglaterra, se propagou pelo planeta defendendo a redução do papel do Estado tanto na economia quanto nas funções de previdência social;



- o fim da guerra fria, que reduziu ainda mais a possibilidade de conflitos armados entre as grandes potências. Nesses Estados, as forças armadas continuam a existir, mas interferem cada vez menos nas decisões políticas.

Além disso, as novas tecnologias digitalizadas de comunicação (satélites, fax, redes de computadores) tiraram do Estado o controle exclusivo da informação em seu próprio território. A mídia internacional ignora as distâncias tanto quanto as fronteiras e possibilita, de forma crescente, que pessoas de países diferentes se interliguem. Como consequência, há hoje forte tendência para a globalização dos padrões culturais e de consumo, enquanto a língua inglesa se impõe como idioma universal.

Para alguns estudiosos, a aceleração desse processo poderia provocar o enfraquecimento do Estado e a perda da soberania nacional. Essa posição, no entanto, é polêmica, visto que o Estado continua sendo responsável pela integração dos mais diversos setores da sociedade.

### **Falta de emprego**

Com a revolução tecnológica das três últimas décadas, o trabalho humano passou a ser substituído por máquinas e processos produtivos cada vez mais complexos e sofisticados. Esse processo, conhecido como automação, provocou a extinção de milhões de postos de trabalho em todo o mundo, levando à demissão em massa de trabalhadores na indústria e no setor de serviços.

Dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) revelam que, em 1998, havia no mundo cerca de 150 milhões de pessoas desempregadas. Além delas, mais de 700 milhões de trabalhadores vivem de subempregos, isto é, de atividades sem remuneração fixa que não contam com os benefícios da legislação trabalhista, como as de camelô, catadores de papel, engraxates etc.

Para alguns economistas, a automação extingue funções e, portanto, o aumento do desemprego é inevitável. Para outros, trata-se de uma situação passageira, semelhante à que ocorreu durante a primeira Revolução Industrial, quando as máquinas começaram a substituir o trabalho humano. Nesse caso, a atual onda de desemprego seria seguida da criação em grande escala de novos postos de trabalho, ligados à tecnologia de ponta.

Seja qual for a tendência dominante nos próximos anos, o certo é que, na maioria dos países, as altas taxas de desocupação têm sido associadas aos processos de automação e globalização.

### **EUROPA: COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO**

Tendo permanecido na área de influência dos EUA depois de 1945, a Europa ocidental beneficiou-se dos créditos norte-americanos do Plano Marshall. A prioridade naquele momento era a reconstrução dos países envolvidos na Segunda Guerra Mundial. Alguns anos depois, essa tarefa estava concluída. Por volta de 1950, a Europa já dava início a uma fase de rápida industrialização. O desenvolvimento econômico possibilitou que os europeus ocidentais desfrutassem, nos anos seguintes, de um padrão de vida cada vez mais alto. Embora houvesse desigualdades entre os países – e mesmo entre regiões de um mesmo país –, elas diminuíram acentuadamente nos últimos anos.

Um dos principais instrumentos da prosperidade europeia foi a cooperação econômica. Em 1951, superando velhas rivalidades, França, Alemanha Ocidental, Holanda, Bélgica, Luxemburgo e Itália criaram a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA). Com o tempo, essa entidade deixou de ser um simples órgão de colaboração econômica e passou a contribuir para estreitar os laços políticos e culturais entre as seis nações. Em 1957, a CECA ampliou suas atribuições, convertendo-se em uma entidade mais ampla e mais complexa: a Comunidade Econômica Europeia (CEE), ou Mercado Comum Europeu (MCE). Tratava-se de

uma união aduaneira destinada a promover e intensificar o intercâmbio comercial entre os participantes. O sucesso da iniciativa atraiu outros países. Em 1973, Inglaterra, Irlanda e Dinamarca ingressaram na CEE. Grécia, Espanha e Portugal (em 1986), seguidos por Áustria, Suécia e Finlândia (em 1995), também entraram no grupo.

### **União Europeia: um novo tipo de estado?**

Desde o início, o processo de integração econômica da Europa tem sido acompanhado da unificação política, apontando para a criação de um novo tipo de Estado. No modelo proposto, os Estados europeus conservam a independência, mas renunciam a três características nacionais: a moeda própria, a independência fiscal e o exército autônomo. Além disso, reconhecem instituições supranacionais, como a Comissão Europeia, o Parlamento Europeu e o Tribunal de Justiça. A partir do Tratado de Maastricht, os europeus passaram a ter direito à cidadania em qualquer país da União Europeia onde se encontrem, podendo residir, trabalhar, votar e ser votado etc.

Um fato importante nesse processo de integração foi a criação do Parlamento Europeu, em 1952. Inicialmente, o órgão era composto por representante dos parlamentos nacionais. A partir de 1979, seus membros passaram a ser escolhidos por meio de eleições diretas. O Parlamento Europeu é um órgão mais consultivo do que legislativo, que reúne 518 representantes, distribuídos de acordo com a população de cada país membro.

Em 1993, foi dado um passo importante para a total integração da Europa. Nesse ano, entraram em vigor as decisões do Tratado de Maastricht. Firmado em 1991 na cidade holandesa de Maastricht, esse tratado transformou a CEE em União Europeia (UE), um novo tipo de associação econômica, mas também a unificação política da Europa.

No âmbito econômico, o tratado de Maastricht estabeleceu a formação de um mercado único e de um único Banco Central, ao lado de um sistema financeiro também unificado, no qual deve circular uma só moeda, o euro. Dessa forma, a integração econômica assumiu uma nova dimensão com a criação da União Europeia.

No campo político, Maastricht instituiu políticas externa e de segurança comuns e introduziu o conceito de cidadania europeia, pelo qual foram definidos direitos fundamentais a todos os cidadãos da comunidade: livre circulação, assistência previdenciária, igualdade entre homens e mulheres, melhores condições de trabalho e direito de escolher, por meio de eleições diretas, os membros do Parlamento Europeu. Essa nova concepção de cidadania indica uma tendência cada vez mais forte à unificação política da Europa sob a forma de um Estado federativo supranacional.

Três décadas atrás, a Europa parecia destinada a ocupar um lugar secundário entre as regiões mais ricas e dinâmicas do mundo, atrás dos EUA e do Japão. Mas a cooperação econômica colocou os países do continente novamente em condições de disputar o primeiro lugar. Com seus 374 milhões de habitantes, a União Europeia é responsável por um PIB de 8 trilhões de dólares (1998).

### **AMÉRICA LATINA: A DÉCADA PERDIDA**

Uma das características dos países pobres, como vimos, é o alto grau de dependência em relação ao capital estrangeiro. Por razões diversas, esses países não encontraram seu próprio caminho para o desenvolvimento econômico e social autossustentado. Dessa forma, dependem de recursos externos – empréstimos e investimentos diretos ou capitais especulativos investidos no mercado financeiro. Essas formas de captação de recursos tendem a criar dois tipos de problema para o país receptor: a desnacionalização da economia e o endividamento externo.

O caso da América Latina é um exemplo de como a dívida externa pode levar ao estrangulamento da economia. Formada principalmente por empréstimos tomados em épocas

em que os juros eram baixos, a dívida externa latino-americana disparou nos anos 1980 devido ao aumento das taxas de juros internacionais. Em 1989, a América Latina devia aos bancos e aos governos dos países ricos mais de 400 bilhões de dólares. Sem condições de continuar pagando os juros e serviços da dívida, o México (1982) e o Brasil (1987) declararam moratória unilateral, suspendendo os pagamentos aos credores externos.

Além da "crise da dívida", a América Latina enfrentou, no começo da década de 1980, acentuada queda em seu comércio externo, o que gerou recessão, desemprego e inflação. Foi nesse contexto que o ciclo dos regimes militares latino-americanos chegou ao fim. As dificuldades econômicas fortaleceram os movimentos de oposição, que exigiam o retorno ao Estado de direito (ou Estado democrático). As pressões internas contaram com o apoio dos EUA a partir de 1977 quando o presidente Jimmy Carter passou a patrocinar no continente uma política em favor dos direitos humanos e pela volta da democracia. Essa nova postura norte-americana foi fundamental para que regimes autoritários chegassem ao fim na Bolívia (1982), na Argentina (1983), no Uruguai (1984) e no Brasil (1985). Em 1988, começava no Chile a transição democrática.

Mas na maioria dos casos os militares entregaram aos civis economias debilitadas pelo endividamento externo. Outro problema que esses países enfrentaram foi o agravamento da pobreza, acentuado pela política econômica das ditaduras, que estimularam a concentração de renda em prejuízo da maioria da população. Dessa forma, quando os civis assumiram o poder, viram-se diante de enormes despesas cujo pagamento não podiam adiar.

Sem recursos para cumprir os compromissos, os novos governantes foram obrigados a obter dinheiro por meios que faziam a inflação aumentar, como vender títulos do governo, oferecendo altas taxas de juros como forma de atrair os investidores. Essa política reduziu o ritmo de crescimento da economia, pois desviou recursos do setor produtivo para a especulação com papéis do governo, que apresentavam possibilidades de lucro rápido. Também aumentou a dívida interna dos países e elevou os juros bancários.

Com os juros em alta e o mercado em retração, os empresários preferiram empregar seu dinheiro em aplicações financeiras, em vez de investir na produção. O resultado da queda nos investimentos públicos e privados foi o agravamento da recessão. Ao mesmo tempo, os juros altos provocaram a alta dos preços, gerando inflação.

## **O "CONGRESSO DE WASHINGTON"**

A crise levou os governos latino-americanos a adotar medidas de estabilização econômica –como o corte nos gastos públicos –, combinadas com um programa de privatização das empresas estatais. Essas providências seguiram as orientações de agências internacionais de crédito, como O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Tais diretrizes, por sua vez, obedeceram à política econômica definida no chamado "Consenso de Washington".

O "Consenso de Washington" foi o resultado de um encontro, realizado no início dos anos 1990 na capital dos EUA, que reuniu representantes do pensamento neoliberal, entre eles técnicos do FMI e do governo norte-americano. De acordo com os princípios estabelecidos na reunião, os países em crise só poderiam vencer suas dificuldades adotando uma política de austeridade econômica, com medidas drásticas de estabilização da moeda. Para isso, era preciso que os governos reduzissem as despesas e aumentassem as receitas – o chamado "ajuste fiscal".

Também deveriam abrir o mercado nacional às importações, estimulando a concorrência e melhorando a produtividade das empresas. Ao mesmo tempo, precisavam promover a privatização das empresas estatais e reduzir sensivelmente o papel do Estado na economia.

No início do ano 2000, o neoliberalismo já tinha sido adotado como programa de governo não só de nações da América Latina, mas também de grande parte dos países dos demais continentes.

**ATIVIDADE:**

Quais os principais problemas enfrentados pela América Latina?

---

**ÁSIA: UM CONTINENTE DESIGUAL**

Com cerca de 3,6 bilhões de habitantes, a Ásia é marcada por gigantescas disparidades sociais e regionais. Entre os países que formam esse continente está um dos mais ricos do mundo – o Japão, com renda per capita de 32 mil dólares – e um dos mais pobres – a Índia, com renda per capita de 450 dólares.

O Japão, contudo, é uma exceção, pois a maior parte dos asiáticos vive em condições de pobreza absoluta. Trata-se de uma população majoritariamente camponesa, que convive há décadas com fome, guerras, aumento populacional, rivalidades religiosas e étnicas etc.

Alguns dos países da Ásia optaram por regimes comunistas – entre eles, a China, o Vietnã e a Coreia do Norte. Outros, como a Coreia do Sul e o Japão, preferiram o regime capitalista. Porém, a maioria das nações asiáticas, mesmo as capitalistas, implementou, em momentos diversos, importantes programas de reforma agrária.

**ATIVIDADE:**

Por que a Ásia é um continente desigual? \_\_\_\_\_

**O BRASIL DE HOJE****UM PROGRAMA NEOLIBERAL PARA O BRASIL**

No começo do governo Collor, entrou em vigor o Programa Nacional de Desestatização, aprovado pelo Congresso Nacional. Teve início então um controvertido processo de privatização de empresas estatais. A favor dele argumentava-se que as empresas estatais eram deficitárias (o que nem sempre era verdade), que o Estado não dispunha de recursos para financiar os altos investimentos exigidos para manter a competitividade das empresas estatais e que o dinheiro da venda dessas empresas era necessário para equilibrar as contas do setor público. Além disso, dizia-se que as privatizações eram uma forma de atrair investimentos de capitais externos, por meio da compra das estatais por grupos privados estrangeiros.

Ao mesmo tempo, o governo começou a reduzir gradualmente os impostos sobre a importação, abrindo o mercado brasileiro aos produtos de outros países. As autoridades da área econômica do governo Collor acreditavam que a entrada de mercadorias estrangeiras obrigaria as empresas nacionais a aumentar sua eficiência, baixando, consequentemente, os preços de seus produtos.

Essas medidas representavam uma ruptura com o antigo modelo de industrialização adotado desde a era Vargas. Tal modelo consistia na substituição de importações por meio de uma política de proteção à indústria nacional da concorrência dos produtos estrangeiros, mediante altas taxas alfandegárias. Com a abertura da economia ao mercado mundial, Collor afastava-se dessa tradição e adotava o programa preconizado pelo neoliberalismo para o Brasil, despertando a crítica da oposição. Esta o acusava de estar levando à falência as indústrias nacionais e provocando desemprego.

**O NEOLIBERALISMO NO PODER**

Empossado em 1º de janeiro de 1995. FHC – sigla com que passou a ser chamado o novo presidente – retomou o programa de privatizações, promovendo a venda de grandes empresas estatais, como a Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda e a Companhia Vale do Rio Doce, e do sistema brasileiro de telefonia. Durante seu governo, FHC daria

prioridade à abertura da economia, buscando integrá-la ao mercado mundial, e à promoção de reformas na estrutura do Estado. Entre essas se destacariam as reformas da previdência e da Administração.

A abertura da economia implicou a redução de tarifas de importação, levando à entrada de muitos produtos estrangeiros no mercado nacional. Como resultado, muitas empresas brasileiras, incapazes de enfrentar a concorrência estrangeira, foram à falência ou acabaram sendo compradas por grupos japoneses, norte-americanos ou europeus. Outras, para reduzir custos, tiveram de demitir parte de seus funcionários.

Essa política estimulava as empresas brasileiras a serem mais competitivas no mercado mundial. As consequências sociais imediatas, porém, foram extremamente negativas, já que aumentou o desemprego em todo o país. Assim, durante os anos Collor e os primeiros anos da era FHC, o número de desempregados no Brasil triplicou, passando de 1,6 milhão para 5 milhões, entre 1989 e 1996. Em 1998, esse contingente chegaria a 6 milhões de pessoas, cerca de 7.7% da população economicamente ativa no Brasil.

Apesar desse quadro recessivo provocado pela política econômica do governo, em 1997, FHC obteve do congresso Nacional aprovação para uma emenda constitucional que garantia a reeleição do presidente da República e de outros ocupantes de cargos executivos em eleições sucessivas.

Neoliberalismo é um novo conceito do liberalismo clássico. Sua principal característica é a **defesa de maior autonomia dos cidadãos nos setores político e econômico** e, logo, pouca intervenção estatal.

As características do Neoliberalismo são:

- Privatização de empresas estatais
- Livre circulação de capitais internacionais
- Abertura econômica para a entrada de empresas multinacionais
- Adoção de medidas contra o protecionismo econômico
- Redução de impostos e tributos cobrados indiscriminadamente

O neoliberalismo propiciou as relações econômicas internacionais e Globalização.

## ATIVIDADE:

Explicar o programa neoliberal dos governos brasileiros de Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso:

## O SEGUNDO MANDATO DE FHC

O Plano Real assegurou, mais uma vez, a vitória de Fernando Henrique Cardoso no primeiro turno da disputa presidencial, realizada em outubro de 1998, com 53% dos votos válidos, contra 31,7% dados a Luís Inácio Lula da Silva. Em contrapartida, os partidos da oposição venceram as eleições para governador em alguns dos estados mais importantes, como Rio Grande do Sul (PT) e Rio de Janeiro (PDT /PT). Em Minas Gerais, o eleito foi o ex-presidente Itamar Franco (PMDB), que romperia mais tarde com seu partido, passando a fazer oposição sistemática e ostensiva ao governo federal.

## O BRASIL NA VIRADA DO MILÊNIO

Durante o primeiro mandato de FHC, as oposições criticaram sistematicamente a ausência de medidas destinadas a melhorar o perfil da distribuição de renda e de uma política voltada à solução dos problemas sociais (desemprego, concentração da terra nas mãos de poucos, baixos salários, ausência de investimentos importantes na área de saúde e educação



etc.). Apesar disso, o primeiro governo FHC demonstrou capacidade de iniciativa para promover mudanças – a mais importante foi a extinção da inflação.

Em seu segundo mandato, porém, FHC não mostraria, pelo menos nos dois primeiros anos, o mesmo dinamismo para atacar os grandes problemas que inviabilizam o desenvolvimento nacional.

Em outubro de 2000 as eleições para prefeitos e vereadores revelaram o profundo anseio por mudanças da população brasileira. Prova disso foi o significativo crescimento do PT, que recebeu 11,9 milhões de votos, um aumento de 51,2% em relação às eleições de 1996. O partido elegeu os prefeitos de seis capitais brasileiras: São Paulo, Porto Alegre, Recife, Belém, Aracaju e Goiânia.

## **O GOVERNO LULA (2003 A 2010)**

Nas eleições de 2002, o PSDB lançou como candidato à presidência o ex-ministro da Saúde, José Serra, que foi derrotado no segundo turno por Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, tendo como vice um grande empresário do setor têxtil, o ex-senador mineiro José Alencar. O ex-líder metalúrgico tinha sido derrotado sucessivamente desde 1989 nas disputas presidenciais, mas seu nome agregou diversos setores da sociedade brasileira nas eleições de 2002.

Com um amplo arco de alianças, que superou o isolamento das campanhas anteriores, o candidato recebeu votos de todas as classes sociais de norte a sul do país. A campanha de Lula foi marcada por um apelo à esperança, e muitos viram nele a possibilidade efetiva de mudanças – para essa grande massa de esperançosos, o PT conseguiria acabar com a estagnação da economia, promovendo a inclusão social e modernizando as principais estruturas políticas, econômicas e sociais.

Nas eleições de 2002, a vitória de Lula fez do PT a maior bancada da Câmara dos Deputados, embora não atingisse a maioria no parlamento nacional. Nos estados eleitoralmente mais importantes, no entanto, o partido não obteve êxito com suas candidaturas aos governos estaduais.

A história de um presidente vindo das camadas mais populares conferiu a Lula da Silva uma aura de vencedor após seguidas derrotas eleitorais. Nos dois primeiros anos de seu mandato, a popularidade do presidente era alta, apesar de não terem aparecido os resultados expressivos de um governo que se propunha a grandes transformações.

No campo econômico, o primeiro ano do mandato foi de apreensão nos meios financeiros. Adotando uma política conservadora, o presidente conseguiu reduzir as desconfianças em relação ao seu governo, mas também fez com que muitos aliados criticassem sua política econômica. O governo manteve o compromisso com o ajuste fiscal. A preservação de juros altos inviabilizou um crescimento econômico no primeiro ano de gestão e os índices de desemprego cresceram. Apenas nos anos seguintes do mandato, a economia deu sinais de um pequeno crescimento. Um gesto à esquerda foi a não renovação dos acordos com o FMI, uma antiga reivindicação dos setores nacionalistas em sucessivos governos.

A área social enfrentou grandes problemas operacionais. O principal programa do governo, o "Fome Zero", teve grande repercussão na mídia, inclusive no exterior. Internamente, a adoção do programa teve resultados abaixo do que era anunciado. Os programas de transferência de renda foram ampliados na gestão Lula. O Bolsa-Família chegou a atingir mais de 11 milhões de famílias e se tornou o principal ponto de apoio popular ao presidente, entre as pessoas mais pobres do país.

Lula se reelegeu no segundo turno (29 out. 2006) após a disputa com o candidato Geraldo Alckmin.

A consolidação democrática, experimentada desde 1985, ainda conserva traços como as desigualdades econômicas e sociais do país. Este é um desafio a toda sociedade, por meio do fortalecimento da sociedade civil e do exercício da cidadania dos mais diferentes atores sociais.

## **Governo Dilma Rousseff**

### **O primeiro mandato (2011-2014)**

Com o modelo político de seu antecessor, a presidente Dilma Rousseff manteve as propostas do Estado do Bem-Estar Social implantadas por Lula, com a estrutura social desenvolvimentista. Era nítido, entretanto, que o modelo de crescimento pautado no consumo interno estava saturado, o que provocou a queda nos índices de crescimento e elevação da inflação. Enquanto isso, o governo apontava como grande vilão da economia a crise internacional que provocava a queda dos preços do petróleo.

Para tentar manter o estado estruturado, Dilma recorreu a medidas tidas com antipopulares, como reformas na previdência social, corte de gastos públicos e privatizações disfarçadas de “parcerias público privadas” (PPP) de aeroportos, rodovias, hidrelétricas e refino de petróleo.

Outra forma de tentar montar seu governo com grande base de apoio no Congresso foi a manutenção da aliança entre PT e PMDB, incluindo o vice-presidente, Michel Temer, membro do partido aliado. Era o meio operacional predileto do PMDB, conhecido como fisiologia política.

### **Segundo governo Dilma (2015-2016)**

O segundo mandato da presidente Dilma teve um início difícil, sobretudo no aspecto econômico. Ainda em 2014 o país sentiu a recessão e, em 2015, o crescimento se mostrou negativo em 3,8%. A queda no crescimento, os altos gastos públicos, eventos esportivos internacionais altamente custosos ao Estado, inflação na casa dos dois dígitos foram fatores fundamentais para uma crise institucional. A necessidade de ajustes fiscais e o corte de gastos públicos levaram a aprovação da presidente a níveis negativos históricos.

Logo no primeiro ano do segundo governo, a crise chegava ao Congresso. Uma grande operação investigativa vinculada ao Ministério Público Federal e à Polícia Federal, denominada operação Lava Jato, foi deflagrada. O centro da investigação foi um esquema de corrupção dentro da Petrobras, maior estatal do Brasil, na casa dos bilhões de reais, envolvendo os Poderes Legislativo e Executivo. Por intermédio da Justiça Federal de Curitiba e dos trabalhos do juiz Sérgio Moro, foi descoberta uma operação criminosa que envolvia doleiros, distribuidores de propina enviados por grandes empreiteiras organizadas em cartel, para vencerem licitações fraudulentas dentro das grandes empresas públicas e obras federais.

O resultado político da operação foi a ruptura do fisiologismo político criado no início da era Dilma, sobretudo com a ruptura entre PMDB e PT. Assim, Dilma perdia a base aliada no Congresso e viu protocolado contra ela um pedido de impeachment pelo Legislativo. Esse tipo de processo havia acometido sem sucesso FHC e Lula, presidentes antecessores, que passaram ilesos a eles graças à base aliada de deputados e senadores.

A acusação era a de que a presidente havia cometido crime de responsabilidade, com a execução de “pedaladas fiscais”, por meio do uso de dinheiro de bancos públicos para pagar programas sociais, quitados pouco tempo depois, mas que não entravam nos balanços do governo como negativos, dando a impressão de equilíbrio nas contas públicas.

Como o processo não foi interrompido no Congresso, em votação no plenário da Câmara, os deputados defenderam o afastamento da presidente por 367 votos a favor e 137 contra, em

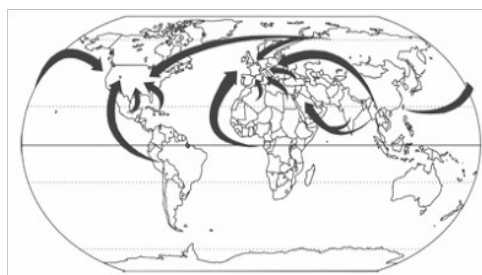
maio de 2016. A presidente foi afastada, o vice Michel Temer assumiu a Presidência interina e, enquanto isso, o processo seguiu ao Senado.

Em uma sessão presidida pelo presidente do STF, o processo foi à votação e os senadores, por 55 votos a favor e 22 contrários, decidiram pelo impeachment da presidente. Grupos da esquerda definem o processo como golpe, pois crime de responsabilidade não seria passível de punição com a perda de mandato, enquanto os de centro e direita defendem sua legitimidade.

## **A HISTÓRIA CONTINUA: DINÂMICAS E QUESTÕES DO INÍCIO DO SÉCULO XX**

A década de 1990, com o fim da "era soviética", na expressão do historiador Eric Hobsbawm, encerrou o "breve século XX". A consolidação da liderança dos EUA era um fato reconhecido naqueles anos. Um cientista político chegou a proclamar que a humanidade alcançara o "fim da história", ou seja, ao longo de tantos processos que acompanhamos neste livro, o desdobramento final seria a consolidação de valores associados à política liberal, como a democracia, a lógica do mercado, o respeito à diversidade e, paradoxalmente, a permanência das desigualdades sociais e regionais, e uma infinidade de questões que desafiam o homem contemporâneo.

Mas a história, como vimos, é feita por homens e mulheres em sua própria época. Desta forma, não há prognósticos que garantam o futuro. Há expectativas e projetos que são construídos e reconstruídos conforme as escolhas feitas em cada uma das circunstâncias e que englobam as dificuldades e possibilidades de transformações individuais e coletivas.



### **AS GUERRAS DA NOVA ORDEM**

#### **OS ATAQUES TERRORISTAS DE 11 DE SETEMBRO**

Em 11 de setembro de 2001, os EUA foram alvo de um grupo de terroristas ligados à al-Qaeda. O mundo assistiu, pelas televisões, aos ataques a ícones do poderio americano, como as Torres Gêmeas de Nova York e ao Pentágono, órgão de defesa dos EUA. Aviões sequestrados por terroristas ligados a grupos fundamentalistas islâmicos foram jogados contra os alvos.

A ação surpreendeu o mundo, que viu a maior economia do globo sendo atacada. A rede terrorista al-Qaeda, dirigida pelo saudita Osama Bin Laden, já havia praticado atentados contra alvos americanos, como às embaixadas dos EUA no Quênia e na Tanzânia em 1998.

Bin Laden e seu grupo fundamentalista foram apresentados ao Ocidente como um grupo que se opõe às ingerências do Ocidente, especificamente dos EUA, em assuntos dos países islâmicos. Nesse contexto se fundem questões como religião e petróleo, a luta por autonomia dos povos árabes e a tensão entre modelos laicos e religiosos. Bin Laden também se opõe a países árabes, como a Arábia Saudita, sua terra natal, que tem relações amistosas com os norte-americanos e abriga bases militares norte-americanas em seu território.

A resposta dos EUA, além de reforçar a segurança interna, foi uma pronta ação militar contra o Afeganistão. O grupo fundamentalista talibã governava o Afeganistão desde 1996 e acolheu Bin Laden e seus seguidores, dando-lhes refúgio e permitindo que instalassem campos de treinamento para AL-Qaeda no país. Os EUA lideraram uma força de coalizão para depor o talibã, desfazer a rede terrorista e prender Bin Laden e outros líderes. A milícia talibã foi derrubada, mas Bin Laden não foi encontrado.

Outros ataques atribuídos à AL-Qaeda ocorreram em Madri, em 2004, e em Londres, em 2005. Espanha e Inglaterra eram os principais parceiros dos EUA na ação militar no Iraque que depôs Saddam Hussein.

## **Migrações**

### **Fluxos da sociedade global**

Os avanços promovidos pela Revolução Técnico-Científica Informacional acarretaram uma maior expansão do sistema capitalista pelo mundo, transcendendo todas as suas fronteiras e ampliando os seus horizontes de ação. Assim, consolidou-se o processo de globalização – visto, por muitos, como uma mundialização –, que permitiu a instauração da chamada “Aldeia Global”.

A globalização, sob vários aspectos (econômico, político, urbano, territorial etc.), atua por meio da consolidação de um sistema informacional, que se estrutura a partir da formação de redes geográficas, ou seja, por um sistema interconectado de pontos e ligações entre eles. A partir disso, podemos entender a relação de nós interconectados entre si ou a composição de fixos e fluxos que estruturam a economia mundial. De toda forma, o processo de globalização seria inimaginável se não houvesse os fluxos internacionais que estruturam a sua existência.

Entende-se por fluxos da sociedade global a cadeia interconectada entre as diferentes partes do mundo que permite a circulação – nem sempre livre – de elementos econômicos, informações e pessoas. Portanto, os fluxos podem ser considerados, em muitas abordagens, como a materialização da globalização no espaço geográfico.

### **Fluxos econômicos**

Os fluxos econômicos na sociedade global apresentam-se por meio do deslocamento de capitais, empresas, mercadorias e investimentos. Com os avanços proporcionados no âmbito dos meios de transporte e comunicação, a economia mundializou-se e passou a integrar todas as diferentes partes do mundo, embora de maneira desigual e hierárquica.

Não obstante, os principais fluxos que acontecem no âmbito atual do Capitalismo Financeiro e Informacional são os de capitais. Todos os dias uma quantidade muito grande de dinheiro circula em todo o mundo na forma de bits de computador, sem, na maioria dos casos, materializar-se totalmente. Na verdade, estima-se que a maior parte de todo o capital existente não se encontre mais na forma de dinheiro impresso.

Os chamados “capitais especulativos” encontram-se no centro desse processo. Muitas vezes, os investidores preferem concentrar-se em títulos, juros de dívidas públicas e privadas, ações e outros para valorização e posterior arrecadação. Com isso, o retorno é mais rápido, embora a ausência de investimentos na produção proporcione uma série de prejuízos em termos internacionais.

A circulação de “capitais produtivos” também é bastante relevante para a economia global. Ela ocorre por meio de investimentos em determinados setores da atividade econômica, tais como fábricas, comércios, lojas etc. Outra forma é o deslocamento das próprias empresas, que migram para países onde os fatores locacionais são mais vantajosos. Em algumas indústrias de empresas multinacionais, a produção é dividida em várias fábricas, cada uma localizada em uma parte do mundo, com a montagem acontecendo em um local igualmente distinto.

### **Fluxos de informações**

Não são poucos os autores que classificam a era atual como a era da sociedade informacional, com destaque para Manuel Castells, Milton Santos e David Harvey. A expansão

dos meios de comunicação e as facilidades geradas fazem com que o mundo inteiro esteja interligado, o que permite a difusão de conceitos, costumes e tradições.

Os principais meios que permitem a difusão dos fluxos de informações são o rádio, a TV, as revistas, jornais e, principalmente, a internet. Em termos de comparação, um acontecimento importante na Europa do século XVIII levava dias ou até meses para ser informado em outros territórios. Atualmente, eventos com a mesma relevância ou até menos importantes são informados em todo o mundo quase que em tempo real.

Com isso, gera-se um acúmulo muito grande de dados e informações sobre os mais diversos elementos e acontecimentos existentes no mundo. Todavia, o acesso a esses sistemas ainda é muito limitado e desigual, de forma que a maior parte desses fluxos obedece a um círculo privilegiado de pessoas.

### Fluxo de pessoas

Por extensão aos avanços tecnológicos provocados ao longo do século XX e início do século XXI, o fluxo internacional de pessoas também vem se intensificando na era da globalização atual. A expansão desse fluxo acontece de duas formas: o turismo e a migração.

O turismo, não por acaso, é a atividade do setor terciário que mais vem crescendo no planeta, com milhões de pessoas se deslocando todos os anos sob os mais diferentes interesses. Com isso, as cidades receptoras e também os meios de transporte vão se adequando a essa realidade, o que resulta na modernização de seus respectivos sistemas de recepção, deslocamento e hospedagem, gerando cifras milionárias em termos de lucros e produção de riquezas.

As migrações internacionais também se intensificam no planeta e configuram-se sob muitos aspectos. Muitas migram por razões humanitárias, sociais, econômicas e afetivas, muito embora existam muitas barreiras estabelecidas pelos países para conter esse processo. É muito comum a migração de pessoas de um país para outro (muitas vezes por meios ilegais) em busca de maior geração de renda e oportunidades.

Portanto, como podemos observar, os fluxos que estruturam a sociedade global e suas redes internacionais são compostos por interações econômicas, informacionais e demográficas. Estas, por sua vez, permitem a expansão mundial de outros elementos, tais como os costumes culturais ou regionais, religiões e as práticas socioespaciais de um modo geral.

Fonte: < <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/fluxos-sociedade-global.htm> > Acesso 26 jul 2018.

## FILOSOFIA





## O SURGIMENTO DA FILOSOFIA

A palavra filosofia tem origem grega e é formada por duas outras palavras. Pelo termo *philia* que significa amizade e *Sophia*, sabedoria. Temos assim a “amizade pela sabedoria”, o desejo de estar próximo do saber, do conhecimento verdadeiro.

Se pensarmos que a filosofia é a ação de pensarmos sobre tudo, que é a investigação curiosa para descobrir a verdade das coisas, então a filosofia surgiu com o primeiro homem racional. Porém, a curiosidade alicerçada em uma forma de pensar lógica e racional só surgiu muito tempo depois.

A filosofia como entendemos hoje, tem seu início no século VI a. C., na Grécia Antiga. Poderia ter surgido em qualquer lugar, mas naquele momento da história diversas coisas ocorriam para que ali fosse seu começo. A Grécia Antiga vivia um momento auge de sua cultura. O comércio envolvendo outros povos trouxe conhecimento. A produção artística era muito ativa. Havia os jogos olímpicos. A linguagem, moeda e tecnologia também marcaram esse período.

Entretanto, naquele momento iniciou-se uma nova tentativa de responder aos questionamentos sobre a existência. Se, para alguns, as narrações fantásticas da mitologia serviam para explicar o mundo, suas catástrofes, seu clima, sua organização, sua origem; outras pessoas começaram a procurar respostas fora dos mitos.

Tales de Mileto (624 - 556 a.C.) é considerado o primeiro filósofo. Os fragmentos que restaram de seus escritos nos mostram a tentativa dele em encontrar resposta para a pergunta sobre o que forma o mundo. Para ele, existe um elemento material que forma todas as coisas, a água. Tales argumentava dizendo que é possível encontrar água em todos os locais. Ao furar o solo, se nos cortarmos, dentro do tronco das árvores, nas rochas das nascentes dos rios. Se a água está em tudo, é porque ela forma tudo. Esta maneira de explicar o mundo, usando a razão, é que irá diferenciar a filosofia da mitologia. Porém, Tales nunca se chamou filósofo. A palavra “filósofo” apareceu anos mais tarde, com um homem chamado Pitágoras (570 – 496 a. C.). Ele, famoso hoje pelo teorema matemático que leva o seu nome, é que se considerou um “amigo da sabedoria”.

## A PERGUNTA FILOSÓFICA

Qual é a coisa mais importante da vida? Se fizermos esta pergunta a uma pessoa de um país assolado pela fome, a resposta será: a comida. Se perguntarmos a mesma coisa a quem está morrendo de frio, então a resposta será: o calor. E quando perguntamos a alguém que se sente sozinho e isolado, então certamente a resposta será: a companhia de outras pessoas.

Mas, uma vez satisfeitas todas essas necessidades, será que ainda resta alguma coisa de que todo mundo precise? Os filósofos acham que sim. Eles acham que o ser humano não vive apenas de pão. É claro que todo mundo precisa comer. E precisa também de amor e de cuidado. Mas ainda há uma coisa de que todos nós precisamos. Nós temos a necessidade de descobrir quem somos e por que vivemos.

Portanto, interessar-se em saber por que vivemos não é um interesse “casual” como colecionar selos, por exemplo. Quem se interessa por tais questões toca um problema quem vem sendo discutido pelo homem praticamente desde quando passamos a habitar este planeta. A questão de saber como surgiu o universo, a Terra e a vida por aqui é uma questão maior e mais importante do que saber quem ganhou mais medalhas de ouro nos últimos Jogos Olímpicos. O melhor meio de se aproximar da filosofia é fazer perguntas filosóficas: *Como o mundo foi criado? Será que existe uma vontade ou um sentido por detrás do que ocorre? Há vida depois da morte? Como podemos responder a estas perguntas? E, principalmente: como devemos viver?* (Jostein Gaarder – O Mundo de Sofia)

Essas perguntas têm sido feitas pelas pessoas de todas as épocas. Não conhecemos nenhuma cultura que não se tenha perguntado quem é o ser humano e de onde veio o mundo.

1 – Comente a frase: “Não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas”.

---



---

2- Qual foi o questionamento que moveu Tales de Mileto? A que conclusão ele chegou?

---



---

3- *Como o mundo foi criado? Será que existe uma vontade ou um sentido por detrás do que ocorre? Há vida depois da morte? Deus existe?*

Por que as perguntas acima são consideradas filosóficas?

---



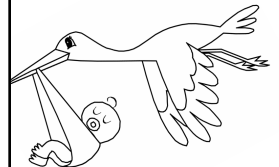
---

## MITO E FILOSOFIA

Os historiadores da filosofia indagam se ela nasceu realizando uma transformação gradual sobre os **mitos** gregos ou produzindo uma ruptura radical com os mesmos. Na Grécia Antiga, a pessoa que tinha a função de narrar o mito era o poeta-rapsodo (narrador). Mas, quem é ele? Por que tinha autoridade? Acredita-se que o poeta é um escolhido dos deuses, que lhe mostram os acontecimentos passados e permitem que ele veja a origem de todos os seres e de todas as coisas para que possa transmiti-la aos ouvintes. Sua palavra – o mito – é sagrada porque vem de uma revelação divina. O mito é, pois, incontestável e inquestionável.

Os deuses fizeram uma mulher encantadora, Pandora, a quem foi entregue uma caixa que conteria coisas maravilhosas, mas que nunca deveria ser aberta. Pandora foi enviada aos humanos e, cheia de curiosidade e querendo dar a eles maravilhas, abriu a caixa. Dela saíram todas as desgraças, doenças, pestes, guerras e, sobretudo, a morte.

(Trecho do Mito de Pandora)



## A PASSAGEM DO PENSAMENTO MÍTICO PARA O FILOSÓFICO

Quando dizemos que o pensamento filosófico-científico surge na Grécia, caracterizando-o como uma forma específica de o homem tentar entender o mundo que o cerca, isto não quer dizer que anteriormente não houvesse também outras formas de se entender essa realidade.

O pensamento mítico consiste em uma forma pela qual o povo explica os aspectos essenciais da realidade em que vive: a origem do mundo, o funcionamento da natureza e dos processos naturais e as origens deste povo, bem como seus valores básicos. O mito caracteriza-se, sobretudo pelo modo como estas explicações são dadas, ou seja, pelo tipo de discurso que constitui. O próprio termo grego *mythos* significa um tipo bastante especial de discurso, o fictício ou imaginário, sendo por vezes até mesmo sinônimo de “mentira”. [...]

Por ser parte de uma tradição cultural, o mito configura assim a própria visão de mundo dos indivíduos, a sua maneira mesmo de vivenciar esta realidade. O mito não se justifica, não se fundamenta, portanto, nem se presta ao questionamento, à crítica ou à correção. Não há discussão do mito porque ele constitui a própria visão de mundo dos indivíduos pertencentes a uma determinada sociedade, tendo, portanto, um caráter global exclui outras perspectivas a partir das quais ele poderia ser discutido. [...]

Um dos elementos centrais do pensamento mítico e de sua forma de explicar a realidade é o apelo ao sobrenatural, ao mistério, ao sagrado, à magia. As causas dos fenômenos naturais, aquilo que acontece aos homens, tudo é governado por uma realidade exterior ao mundo humano e natural, superior, misteriosa, divina, a qual somente os sacerdotes, os magos, os iniciados, são capazes de interpretar, ainda que apenas parcialmente.

Segundo Aristóteles, foi Tales de Mileto, no séc. VI a. C., o iniciador do pensamento filosófico-científico. Podemos considerar que este pensamento nasce basicamente de uma insatisfação com o tipo de explicação do real que encontramos no pensamento mítico. Porque, de fato, se por um lado o pensamento mítico pretende fornecer uma explicação da realidade, por outro lado, recorre nessa explicação ao mistério e ao sobrenatural, ou seja, exatamente àquilo que não se pode explicar, que não se pode compreender por estar fora do plano da compreensão humana.

É nesse sentido que a tentativa dos primeiros filósofos será de buscar uma explicação do mundo natural (a *physis*, daí o nosso termo “física”) baseada essencialmente em causas naturais. A chave de explicação do mundo de nossa experiência estaria então, para esses pensadores, no próprio mundo e não fora dele, em alguma realidade misteriosa e inacessível.

O pensamento filosófico-científico representa assim uma ruptura bastante radical com o pensamento mítico enquanto forma de explicar a realidade. Mas o surgimento desse novo tipo de explicação não significa o desaparecimento por completo do mito, do qual ainda sobrevivem muitos elementos mesmo em nossa sociedade contemporânea, em nossas crenças, superstições, fantasias, isto é, em nosso imaginário. Ele sobrevive e progressivamente vai mudando de função.

## **DIFERENÇAS ENTRE MITO E FILOSOFIA**

O mito é um relato que oferece uma explicação definitiva; ele não precisa de justificativa. Ao contrário, é o mito que justifica uma sociedade, uma cultura, um costume, etc. Da maneira como é elaborado, o mito não é para ser criticado ou discutido. Da mesma forma, ele não precisa ser apresentado através de argumentações – ele simplesmente é comunicado à comunidade por aqueles que se consideram os arautos das Musas ou dos Deuses.

Já a filosofia é uma narrativa que não oferece uma explicação definitiva, já que a discussão é própria da filosofia. Ela sempre precisa se justificar. O próprio ato de filosofar já implica a apresentação de uma justificativa daquilo que vai ser dito. Por ser um processo baseado na experiência e/ou no raciocínio lógico, a filosofia sempre está sujeita a críticas.

## **PENSAMENTO FILOSÓFICO: UMA MANEIRA DE PENSAR O MUNDO**

A filosofia não é um conjunto de conhecimentos prontos, um sistema acabado, fechado em si mesmo. A filosofia é uma maneira de pensar e é também uma postura diante do mundo.

Antes de mais nada, ela é uma forma de observar a realidade que procura pensar os acontecimentos além da sua aparência imediata. Ela pode se voltar para qualquer objeto. Pode pensar a ciência, seus valores e seus métodos; pode pensar sobre a religião, a arte; o próprio homem, em sua vida cotidiana.

Uma história em quadrinhos ou uma canção popular, por exemplo, podem ser objeto da reflexão filosófica. A filosofia é um jogo irreverente que parte do que existe, critica, coloca em dúvida, faz perguntas importunas, abre a porta das possibilidades, faz-nos ver outros mundos e outros modos de compreender a vida.

A filosofia já foi chamada de “uma disciplina indisciplinada”, já que ela incomoda e questiona o modo de ser das pessoas, das sociedades, do mundo. Discute as práticas políticas, científicas, técnica, ética, econômica, cultural e artística. Não há área onde ela não se meta, não indague, não perturbe. E, nesse sentido, a filosofia pode ser perigosa ou subversiva, pois pode virar a ordem estabelecida de cabeça para baixo.

1 – Quem tinha a função de narrar o mito na Grécia Antiga? Por que o mito não era narrado por qualquer pessoa?

2 - Descreva quais são as principais diferenças entre Mito e Filosofia?

3 – Por que a Filosofia foi, ou é, chamada de “disciplina indisciplinada”?

4- A partir da tira ao lado, reflita sobre os “mitos” atuais e diga de que forma eles podem inibir o pensamento racional.



## QUEM É O FILÓSOFO?

**“A capacidade de nos admirarmos com as coisas é a única coisa de que precisamos para nos tornarmos bons filósofos”.**

Todo mundo sabe que os bebês possuem essa capacidade. Depois de alguns meses na barriga da mãe, eles são empurrados para uma realidade completamente diferente. Mas depois, quando crescem, parece que esta capacidade vai desaparecendo. Como se explica isto? (...)

Vamos ver: se um bebezinho pudesse falar, na certa ele diria alguma coisa sobre o novo e estranho mundo a que chegou. Pois apesar de a criança não saber falar, podemos ver como ela olha ao seu redor e quer tocar com curiosidade todos os objetos que vê.

Quando vêm as primeiras palavras, a criança para e diz “Au! Au!” toda vez que vê um cachorro. Podemos ver como ela fica agitada dentro do carrinho e movimenta os bracinhos dizendo “Au, au, au!”. Para nós, que já deixamos para trás alguns anos de nossas vidas, o entusiasmo da criança pode parecer até um tanto exagerado. “Sim, sim, é um au-au”, dizemos nós, os “vividos”. “Mas agora fique quietinho.” Não ficamos muito entusiasmados, pois já vimos outros cachorros antes.

Esta cena insólita talvez se repita algumas centenas de vezes, até que a criança passe por um cachorro, ou por um elefante, ou por um hipopótamo sem ficar fora de si. Mas muito antes de a criança aprender a falar corretamente – ou muito antes de ela aprender a pensar filosoficamente -, ela já se habituou com o mundo.

Uma pena, se você quer saber o que eu acho.

(...)

Certa manhã, mamãe, papai e o pequeno Thomas – a esta altura já com dois ou três anos – estão sentados na cozinha tomando o café. De repente, mamãe se levanta, vira-se para a pia e então... bem, então papai começa a flutuar sob o teto da cozinha.

O que você acha que Thomas diria? Talvez ele apontasse o dedo para seu pai e dissesse: “Papai voando!”.

Na certa Thomas ficaria espantado, mas ficar espantado não é novidade para ele. Afinal, o papai faz tantas coisas estranhas que, a seus olhos, um pequeno vôo sobre a mesa do café da manhã não faz lá muita diferença. Todos os dias, por exemplo, seu pai faz a barba com um

aparelhinho esquisito, às vezes sobe no telhado e vira a antena da TV, outras vezes enfia a cabeça no compartimento do motor do carro e sai com a cara toda preta lá de dentro.

Agora é a vez da mamãe. Ela ouviu o que Thomas disse e vira-se resoluto. Como você acha que ela reagiria à visão de seu marido voando sobre a mesa da cozinha?

Na mesma hora ela deixa cair o vidro de geleia e solta um grito de pavor. Talvez ela até precise de um médico, depois que papai voltar e sentar-se em sua cadeira. (Há muito tempo ele deveria ter aprendido a se comportar à mesa!)

Por que será que Thomas e mamãe reagem de forma tão diferente? O que você acha?

É uma questão de hábito. (Grave bem isso!) Mamãe aprendeu que as pessoas não podem voar. Thomas não. Ele ainda não tem muita certeza do que é possível e do que não é possível neste mundo.

(...)

O triste de tudo isto é que, à medida que crescemos, nos acostumamos não apenas com a lei da gravidade. Acostumamo-nos, ao mesmo tempo, com o mundo em si.

Ao que tudo indica, ao longo da nossa infância nós perdemos a capacidade de nos admirarmos com as coisas do mundo. Mas com isto perdemos uma coisa essencial – algo de que os filósofos querem nos lembrar. Pois em algum lugar dentro de nós, alguma coisa nos diz que a vida é um grande enigma. E já experimentamos isto, muito antes de aprendermos a pensar.

Para ser mais preciso: embora as questões filosóficas digam respeito a todas as pessoas, nem todas se tornam filósofos. Por diferentes motivos, a maioria delas é tão absorvida pelo cotidiano que a admiração pela vida acaba sendo completamente reprimida. (Elas se alojam bem no fundo do pêlo do coelho, fazem um ninho bem confortável e ficam lá embaixo pelo resto de suas vidas.)

Para as crianças, o mundo – e tudo o que há nele – é uma coisa nova; algo que desperta a admiração. Nem todos os adultos veem a coisa dessa forma. A maioria deles vivencia o mundo como uma coisa absolutamente normal.

E precisamente neste ponto é que os filósofos constituem uma louvável exceção. Um filósofo nunca é capaz de se habituar completamente com este mundo. Para ele ou para ela o mundo continua a ter algo de incompreensível, algo até de enigmático, de secreto. Os filósofos e as crianças têm, portanto, uma importante característica comum. Podemos dizer que um filósofo permanece a sua vida toda tão receptivo e sensível às coisas quanto um bebê. (...)

Vamos resumir: um coelho branco é tirado de dentro de uma cartola. E porque se trata de um coelho muito grande, este truque leva bilhões de anos para acontecer. Todas as crianças nascem bem na ponta dos finos pêlos do coelho. Por isso elas conseguem se encantar com a impossibilidade do número de mágica a que assistem. Mas conforme vão envelhecendo, elas vão se arrastando cada vez mais para o interior da pelagem do coelho. E ficam por lá. Lá embaixo é tão confortável que elas não ousam mais subir até a ponta dos finos pêlos, lá em cima. Só os filósofos têm ousadia para se lançar nesta jornada rumo aos limites da linguagem e da existência. Alguns deles não chegam a concluí-la, mas outros se agarram com força aos pêlos do coelho e berram para as pessoas que estão lá embaixo, no conforto da pelagem, enchendo a barriga de comida e bebida:

— Senhoras e senhores — gritam eles —, estamos flutuando no espaço!

Mas nenhuma das pessoas lá de baixo se interessa pela gritaria dos filósofos.

— Deus do céu! Que caras mais barulhentos! — elas dizem.

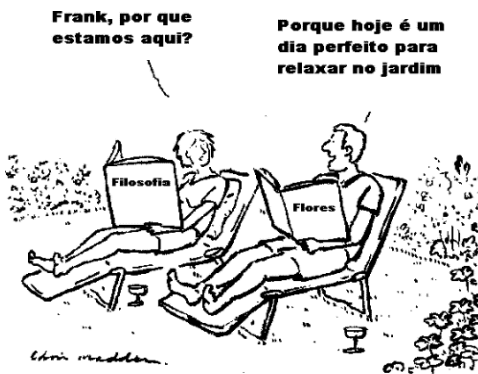
E continuam a conversar: será que você poderia me passar a manteiga? Qual a cotação das ações hoje? Qual o preço do tomate? Você ouviu dizer que a Lady Di está grávida de novo? (...)

(Excerto do Livro o Mundo de Sofia de Jostein Gaarder, Páginas 27-31.)

1- Segundo o autor, qual é a característica imprescindível do filósofo? Por quê?



2- Por que nós, adultos, vamos perdendo a capacidade de admirarmo-nos com o que está a nossa volta?



3- Analise a charge e estabeleça um paralelo entre o filósofo e o homem comum.

### AFINAL, O QUE É FILOSOFIA?

Ao perguntarmos **o que é Filosofia**, *Chauí (1995)* nos responde que poderia ser a decisão de não aceitar as coisas como óbvias, as ideias, os fatos, as situações, os valores e os comportamentos; em síntese, Filosofia pode ser definida como a não aceitação dos elementos da existência humana sem antes havê-los investigados e compreendidos.

Filosofia não é uma ciência, não é história, não é política, não é arte, não é psicologia e nem sociologia; é uma reflexão crítica das ciências, dos acontecimentos no espaço e no tempo, das origens e natureza das formas de poder, dos sentidos e significados artísticos, dos conceitos e metodologias da psicologia, da sociologia e de todas as ciências. Filosofia é o conhecimento do conhecimento, situada em vários momentos históricos da humanidade.

Para Nietzsche é uma forma libertária do ser, superando os calabouços dos valores até então construídos. Para Schopenhauer, é uma forma de superação da dor e sofrimento da existência. Para Marx a filosofia deveria transformar o mundo trazendo justiça e felicidade para os seres humanos, em detrimento da filosofia que busca apenas conhecer o mundo. E no berço filosófico, encontramos Platão que definia a filosofia como um saber verdadeiro para ser usado em benefício aos seres humanos.

Entre tantos significados e interpretações filosóficas diferentes, o útil da filosofia você saberá se achar que for útil abandonar os preconceitos e crenças impregnados no senso comum e nas formas ideológicas que definem os elementos da vida e do mundo a favor de uns em detrimento dos outros.

### ATITUDE CRÍTICA

A primeira característica da atitude filosófica é **negativa**, isto é, um dizer não ao senso comum, aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às ideias da experiência cotidiana, ao que “todo mundo diz e pensa”, ao estabelecido.

A segunda característica da atitude filosófica é **positiva**, isto é, uma interrogação sobre o que são as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores, nós mesmos. É também uma interrogação sobre o porquê disso tudo e de nós, e uma interrogação sobre como tudo isso é assim e não de outra maneira. O que é? Por que é? Como é? Essas são as indagações fundamentais da atitude filosófica.

A face negativa e a face positiva da atitude filosófica constituem o que chamamos de atitude crítica e pensamento crítico.

A Filosofia começa dizendo não às crenças e aos preconceitos do senso comum e, portanto, começa dizendo que não sabemos o que imaginávamos saber; por isso, o patrono da Filosofia, o grego Sócrates, afirmava que a primeira e fundamental verdade filosófica é dizer: “Sei que nada sei”. Para o discípulo de Sócrates, o filósofo grego Platão, a Filosofia começa com a admiração; já o discípulo de Platão, o filósofo Aristóteles, acreditava que a Filosofia começa com o espanto.

Admiração e espanto significam: tomarmos distância do nosso mundo costumeiro, através de nosso pensamento, olhando-o como se nunca o tivéssemos visto antes, como se não tivéssemos tido família, amigos, professores, livros e outros meios de comunicação que nos tivessem dito o que o mundo é; como se estivéssemos acabando de nascer para o mundo e para nós mesmos e precisássemos perguntar o que é, por que é e como é o mundo, e precisássemos perguntar também o que somos, por que somos e como somos.

### PARA QUE FILOSOFIA?

Afinal, para que Filosofia? É uma pergunta interessante. Não vemos nem ouvimos ninguém perguntar, por exemplo, para que matemática ou física? Para que geografia ou história?

Em geral, essa pergunta costuma receber uma resposta irônica, conhecida dos estudantes de Filosofia: “*A Filosofia é uma ciência com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual*”. Ou seja, a Filosofia não serve para nada.

Em nossa cultura e em nossa sociedade, costumamos considerar que alguma coisa só tem o direito de existir se tiver alguma finalidade prática, muito visível e de utilidade imediata.

Por isso, ninguém pergunta para que as ciências, pois todo mundo imagina ver a utilidade das ciências nos produtos da técnica, isto é, na aplicação científica à realidade.

Parece, porém, que o senso comum não enxerga algo que os cientistas sabem muito bem. As ciências pretendem ser conhecimentos verdadeiros, obtidos graças a procedimentos rigorosos de pensamento; pretendem agir sobre a realidade, através de instrumentos e objetos técnicos; pretendem fazer progressos nos conhecimentos, corrigindo-os e aumentando-os.

Ora, todas essas pretensões das ciências pressupõem que elas acreditam na existência da verdade, de procedimentos corretos para bem usar o pensamento, na tecnologia como aplicação prática de teorias, na racionalidade dos conhecimentos, porque podem ser corrigidos e aperfeiçoados.

Verdade, pensamento, procedimentos especiais para conhecer fatos, relação entre teoria e prática, correção e acúmulo de saberes: tudo isso não é ciência, são questões filosóficas. O cientista parte delas como questões já respondidas, mas é a Filosofia quem as formula e busca respostas para elas.

Assim, o trabalho das ciências pressupõe, como condição, o trabalho da Filosofia, mesmo que o cientista não seja filósofo. No entanto, como apenas os cientistas e filósofos sabem disso, o senso comum continua afirmando que a Filosofia não serve para nada.

### ATITUDE FILOSÓFICA: INDAGAR

Se, portanto, deixarmos de lado, por enquanto, os objetos com os quais a Filosofia se ocupa, veremos que a atitude filosófica possui algumas características que são as mesmas, independentemente do conteúdo investigado.

A atitude filosófica inicia-se dirigindo essas indagações ao mundo que nos rodeia e às relações que mantemos com ele. Pouco a pouco, porém, descobre que essas questões se referem, afinal, à nossa capacidade de conhecer, à nossa capacidade de pensar.

Por isso, pouco a pouco, as perguntas da Filosofia se dirigem ao próprio pensamento: o que é pensar, como é pensar, por que há o pensar?

A Filosofia torna-se, então, o pensamento interrogando-se a si mesmo. Por ser uma volta que o pensamento realiza sobre si mesmo, a Filosofia se realiza como reflexão.

## A REFLEXÃO FILOSÓFICA

Reflexão significa movimento de volta sobre si mesmo ou movimento de retorno a si mesmo. A reflexão é o movimento pelo qual o pensamento volta-se para si mesmo, interrogando a si mesmo.

A reflexão filosófica é radical porque é um movimento de volta do pensamento sobre si mesmo para conhecer-se a si mesmo, para indagar como é possível o próprio pensamento.

Não somos, porém, somente seres pensantes. Somos também seres que agem no mundo, que se relacionam com os outros seres humanos, com os animais, as plantas, as coisas, os fatos e acontecimentos, e exprimimos essas relações tanto por meio da linguagem quanto por meio de gestos e ações.

A reflexão filosófica também se volta para essas relações que mantemos com a realidade circundante, para o que dizemos e para as ações que realizamos nessas relações.

Como vimos, a **atitude filosófica** inicia-se indagando: O que é? Como é? Por que é? Dirigindo-se ao mundo que nos rodeia e aos seres humanos que nele vivem e com ele se relacionam. São perguntas sobre a essência, a significação ou a estrutura e a origem de todas as coisas.

Já a **reflexão filosófica** indaga: Por quê? O quê? Para quê? Dirigindo-se ao pensamento, aos seres humanos no ato da reflexão. São perguntas sobre a capacidade e a finalidade humanas para conhecer e agir.

## FILOSOFIA: UM PENSAMENTO SISTEMÁTICO

Essas indagações fundamentais não se realizam ao acaso, segundo preferências e opiniões de cada um de nós. A Filosofia não é um “eu acho que” ou um “eu gosto de”. Não é pesquisa de opinião à maneira dos meios de comunicação de massa. Não é pesquisa de mercado para conhecer preferências dos consumidores e montar uma propaganda.

As indagações filosóficas se realizam de modo sistemático. Que significa isso?

Significa que a Filosofia trabalha com enunciados precisos e rigorosos, busca encadeamentos lógicos entre os enunciados, opera com conceitos ou ideias obtidos por procedimentos de demonstração e prova, exige a fundamentação racional do que é enunciado e pensado. Somente assim a reflexão filosófica pode fazer com que nossa experiência cotidiana, nossas crenças e opiniões alcancem uma visão crítica de si mesmas. Não se trata de dizer “eu acho que”, mas de poder afirmar “eu penso que”.

A Filosofia não é ciência: é uma reflexão crítica sobre os procedimentos e conceitos científicos. Não é religião: é uma reflexão crítica sobre as origens e formas das crenças religiosas. Não é arte: é uma interpretação crítica dos conteúdos, das formas, das significações das obras de arte e do trabalho artístico. Não é sociologia nem psicologia, mas a interpretação e avaliação crítica dos conceitos e métodos da sociologia e da psicologia. Não é política, mas interpretação, compreensão e reflexão sobre a origem, a natureza e as formas do poder. Não é história, mas interpretação do sentido dos acontecimentos enquanto inseridos no tempo e compreensão do que seja o próprio tempo. Conhecimento do conhecimento e da ação humanos, conhecimento da transformação temporal dos princípios do saber e do agir, conhecimento da mudança das formas do real ou dos seres, a Filosofia sabe que está na História e que possui uma história.

## QUAL SERIA, ENTÃO, A UTILIDADE DA FILOSOFIA?

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se

buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes.



Merleau-Ponty escreveu que “A **Filosofia é um despertar para ver e mudar nosso mundo**”.

Na imagem ao lado está expressa a falta que a Filosofia faz. Cite e explique os elementos que endossam a afirmativa.

---

### SÓCRATES (470-399 A.C.) “SÓ SEI QUE NADA SEI”

Sócrates talvez seja a personagem mais enigmática de toda a história da filosofia. Ele não escreveu uma única linha e, não obstante, está entre os que maior influência exerceu sobre o pensamento europeu. Conhecemos a vida de Sócrates, sobretudo, através de *Platão*, seu discípulo e também um dos maiores filósofos da história. Seu fim trágico talvez seja o que o tornou famoso até mesmo entre os que conhecem pouco de filosofia. Sócrates foi condenado à morte em razão de sua atividade como filósofo. Nasceu em Atenas e que ali passou toda a sua vida, sobretudo nas praças dos mercados e nas ruas, onde conversava com toda a sorte de pessoas. Sócrates dizia que a relva e as árvores do campo não podiam lhe ensinar nada. E ele era capaz de ficar horas parado, totalmente mergulhado em pensamentos.

O ponto central de toda a atuação de Sócrates como filósofo estava no fato de que ele não queria propriamente ensinar as pessoas. Para tanto, em suas conversas, Sócrates dava a impressão de ele próprio querer aprender com seu interlocutor. Ao “ensinar”, ele não assumia a posição de um professor tradicional. Ao contrário, ele *dialogava, discutia*. Mas Sócrates não teria se tornado um filósofo famoso se apenas tivesse prestado atenção ao que os outros diziam. E é claro que também não teria sido condenado à morte por causa disso. Geralmente, no começo de uma conversa, Sócrates só fazia perguntas, como se não soubesse de nada. Durante a conversa, frequentemente conseguia levar seu interlocutor a ver os pontos fracos de suas próprias reflexões. Uma vez pressionado contra a parede, o interlocutor acabava reconhecendo o que estava certo e o que estava errado. Dizem que a mãe de Sócrates era parteira, e o próprio Sócrates costumava comparar a atividade que exercia com a de uma parteira. Não é a parteira quem dá à luz o bebê. Ela só fica por perto para ajudar durante o parto. Sócrates achava, portanto, que sua tarefa era ajudar as pessoas a “parir” uma opinião própria, mais acertada, pois o verdadeiro conhecimento tem de vir de dentro e não pode ser obtido “espremendo-se” os outros. Só o conhecimento que vem de dentro é capaz de revelar o verdadeiro discernimento. E justamente porque fingia que não sabia de nada, Sócrates forçava as pessoas a usar a razão. Sócrates era capaz de se fingir ignorante, ou de mostrar-se mais tolo do que realmente era. Chamamos a isto de *ironia socrática*. Foi assim que ele conseguiu expor as fraquezas do pensamento dos atenienses. E isto podia acontecer bem no meio da praça do mercado, no meio de toda a gente. Um encontro com Sócrates podia significar expor-se ao ridículo, ao riso do grande público. Não é de espantar, portanto, que ele incomodasse e irritasse muitas pessoas, sobretudo os que detinham poder na sociedade. Sócrates dizia que Atenas era como uma égua preguiçosa e ele um mosquito que lhe picava o flanco para mostrar-lhe que ela ainda estava viva. (O que fazemos com os mosquitos? Você pode me dizer?).

Sócrates acreditava ouvir uma voz divina dentro de si, e esta “consciência” lhe dizia o que era certo. Para ele, quem sabe o que é bom acaba fazendo o bem. Sócrates acreditava que o conhecimento do que é certo leva ao agir correto. E só quem faz o que é certo – assim dizia Sócrates – pode se transformar num homem de verdade. Quando agimos erroneamente, isto acontece porque não sabemos como fazer melhor. Por isso é tão importante ampliar nossos conhecimentos. Sócrates estava preocupado justamente em encontrar definições claras e válidas universalmente para o que é certo e o que é errado.

Qual era a postura de Sócrates ao ensinar?

---

Por que Sócrates comparava Atenas a uma égua preguiçosa e ele a um mosquito que lhe picava o flanco?

---

### **PLATÃO ( 427 – 347 A.C.)**

#### **O ANSEIO DE VOLTAR À VERDADEIRA MORADA DA ALMA**

Platão achava que tudo o que vemos ao nosso redor na natureza, tudo o que podemos tocar pode ser comparado a uma bolha de sabão. Pois nada do que existe no mundo dos sentidos é duradouro. Você concorda que todas as pessoas e todos os animais mais cedo ou mais tarde morrem e desaparecem, não é mesmo? Até um bloco de mármore aos poucos vai se desfazendo e se desintegrando. Platão é da opinião de que nunca podemos chegar a conhecer verdadeiramente algo que se transforma. Sobre as coisas do mundo dos sentidos, coisas tangíveis, portanto, não podemos ter senão *opiniões* incertas. E só podemos chegar a ter um *conhecimento seguro* daquilo que reconhecemos com a razão.

Se você está numa sala de aula com trinta alunos e o professor pergunta qual a cor mais bonita do arco-íris, certamente ele ouvirá muitas respostas diferentes. Mas se ele perguntar quanto é três vezes oito, a classe inteira deve chegar ao mesmo resultado. É que neste caso é a razão quem julga; e a razão é de certa forma, o extremo oposto de achar e sentir. Podemos dizer que a razão é eterna e universal, justamente porque ela só se manifesta sobre dados que são eternos e universais. Platão interessou-se muito por matemática, exatamente porque os dados matemáticos nunca se alteram.

Para Platão a realidade se divide em duas partes: a primeira parte é o *mundo dos sentidos*, do qual não podemos ter senão um conhecimento aproximado ou imperfeito, o *mundo das ideias*, do qual podemos chegar a ter um conhecimento seguro, se para tanto fizermos uso de nossa razão. Este mundo das ideias não pode, portanto, ser conhecido através dos sentidos. Para Platão, portanto, o homem também é um ser dual. Temos um *corpo*, que “flui” e que está indissolivelmente ligado ao mundo dos sentidos, compartilhando do mesmo destino de todas as outras coisas presentes neste mundo (por exemplo, uma bolha de sabão). Todos os nossos sentidos estão ligados a este corpo e, conseqüentemente, não são inteiramente confiáveis. Mas também possuímos uma *alma* imortal, que é a morada da razão. E justamente porque a alma não é material, ela pode ter acesso ao mundo das ideias.

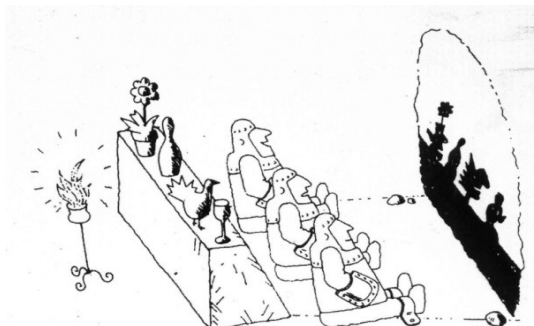
Platão também achava que a alma já existia *antes* de vir habitar nosso corpo. E ela existia no mundo das ideias. Entretanto, no momento mesmo em que a alma passa a habitar o corpo humano, ela se esquece das ideias perfeitas. E então tem início um processo extraordinário: quando as pessoas entram em contato com as formas da natureza, aos poucos uma vaga lembrança vai emergindo dentro de sua alma. O homem vê um cavalo, mas um cavalo imperfeito (ou uma broa em forma de cavquinho!). E isto é suficiente para despertar na sua alma a vaga lembrança do cavalo ideal que ela conheceu um dia no mundo das ideias. Ao



mesmo tempo em que ocorre, isto desperta no homem um anseio de retornar à verdadeira morada da alma. Platão chamava este anseio, esta saudade, de *Eros*, que significa amor. A alma experimenta, portanto, um “anseio amoroso” de retornar à sua verdadeira morada. A partir de então, ela passa a perceber o corpo e tudo o que é sensorial como imperfeito e supérfluo. Nas asas do amor, a alma deseja voar “de volta para casa”, para o mundo das ideias.

### O Mito da Caverna

O Mito da Caverna, também conhecido como “Alegoria da Caverna” é uma passagem do livro “A República” do filósofo grego Platão. É mais uma alegoria do que propriamente um mito. É considerada uma das mais importantes alegorias da história da Filosofia. Através desta metáfora é possível conhecer uma importante teoria platônica: como, através do conhecimento, é possível captar a existência do mundo sensível (conhecido através dos sentidos) e do mundo inteligível (conhecido somente através da razão).



O mito fala sobre prisioneiros (desde o nascimento) que vivem presos em correntes numa caverna e que passam todo tempo olhando para a parede do fundo que é iluminada pela luz gerada por uma fogueira. Nesta parede são projetadas sombras de estátuas representando pessoas, animais, plantas e objetos, mostrando cenas e situações do dia-a-dia. Os prisioneiros ficam dando nomes às imagens (sombras), analisando e julgando as situações.

Vamos imaginar que um dos prisioneiros fosse forçado a sair das correntes para poder explorar o interior da caverna e o mundo externo. Entraria em contato com a realidade e perceberia que passou a vida toda analisando e julgando apenas imagens projetadas por estátuas. Ao sair da caverna e entrar em contato com o mundo real ficaria encantado com os seres de verdade, com a natureza, com os animais e etc. Voltaria para a caverna para passar todo conhecimento adquirido fora da caverna para seus colegas ainda presos. Porém, seria ridicularizado ao contar tudo o que viu e sentiu, pois seus colegas só conseguem acreditar na realidade que enxergam na parede iluminada da caverna. Os prisioneiros vão o chamar de louco, ameaçando-o de morte caso não pare de falar daquelas ideias consideradas absurdas.

O que Platão quis dizer (mostrar, ensinar) com o Mito da Caverna?

### ARISTÓTELES (384-322 A.C.)

**"O HOMEM QUE É PRUDENTE NÃO DIZ TUDO QUANTO PENSA, MAS PENSA TUDO QUANTO DIZ."**

Se para Platão, o grau máximo de realidade está em *pensarmos* com a razão. Para Aristóteles, ao contrário, era evidente que o grau máximo de realidade está em *percebermos* ou *sentirmos* com os sentidos. Platão considera tudo o que vemos ao nosso redor na natureza são meros reflexos de algo que existe no mundo das ideias e, por conseguinte, também na alma humana. Aristóteles achava exatamente o contrário: o que existe na alma humana nada mais é do que reflexos dos objetos da natureza. Aristóteles nos chama a atenção para o fato de que não existe nada na consciência que já não tenha sido experimentado *antes* pelos sentidos. Platão poderia ter dito que não existe nada na natureza que não tivesse existido antes no mundo das ideias. Aristóteles achava que, desta forma,

Aristóteles achava que todas as nossas ideias e pensamentos tinham entrado em nossa consciência através do que víamos e ouvíamos. Mas nós também temos uma razão inata. Temos uma capacidade inata de ordenar em diferentes grupos e classes todas as nossas impressões sensoriais. É assim que surgem conceitos como os de “pedra”, “planta”, “animal” e “homem”. É assim que surgem os conceitos de “cavalo”, “lagosta” e “canarinho”. Aristóteles não negava que o homem tivesse uma razão inata. Muito pelo contrário: para ele, a razão era precisamente a característica mais importante do homem. Só que nossa razão permanece “vazia” enquanto não percebemos nada. Uma pessoa, portanto, não possui “ideias” inatas.

Aristóteles pergunta: como o homem deve viver? Do que o homem precisa para viver uma boa vida? Ele entende que o homem só é feliz se puder desenvolver e utilizar todas as suas capacidades e possibilidades. Aristóteles acreditava em três formas de felicidade: a primeira forma de felicidade é uma vida de prazeres e satisfações. A segunda forma de felicidade é uma vida como cidadão livre, responsável. E a terceira forma de felicidade é a vida como pesquisador e filósofo. Aristóteles sublinha o fato de que é preciso integrar essas três formas a fim de que o homem possa levar uma vida realmente feliz. Ele recusa, portanto, toda e qualquer decisão unilateral. Se Aristóteles vivesse hoje, talvez ele dissesse que a vida de uma pessoa que só cultiva o corpo é tão unilateral – e, portanto, tão lacunosa – quanto a vida de outra que só usa a cabeça. Ambos os extremos são expressões de um modo errado de viver a vida. Também no que concerne às virtudes, Aristóteles chama a atenção para um “meio-termo de ouro”. Não devemos ser nem covardes, nem audaciosos, mas *corajosos*. Para ele, “coragem de menos significa covardia e coragem demais significa audácia”. Também não devemos ser nem avarentos, nem extravagantes, mas *generosos*. “Generosidade de menos é avareza e generosidade demais é extravagância”.

O texto aponta uma importante diferença entre o pensamento de Platão e o pensamento de Aristóteles. Que diferença é essa?

---

Segundo Aristóteles, para viver bem o que devemos evitar? O que deve nos guiar?

---

## CONSCIÊNCIA, MORAL E ÉTICA

### PRECISA-SE DE MATÉRIA PRIMA PARA CONSTRUIR UM PAÍS

A crença geral anterior era que Collor não servia, bem como Itamar e Fernando Henrique. Agora dizemos que Lula não serve. E o que vier depois de Lula também não servirá para nada. Por isso estou começando a suspeitar que o problema não está no ladrão corrupto que foi Collor, ou na farsa que é o Lula. O problema está em nós. Nós como POVO. Nós como matéria prima de um país. Porque pertencemos a um país onde a “ESPERTEZA” é a moeda que sempre é valorizada, tanto ou mais do que o dólar. Um país onde ficar rico da noite para o dia é uma virtude mais apreciada do que formar uma família, baseada em valores e respeito aos demais.

Pertencemos a um país onde, lamentavelmente, os jornais jamais poderão ser vendidos como em outros países, isto é, pondo umas caixas nas calçadas onde se paga por um só jornal E SE TIRA UM SÓ JORNAL, DEIXANDO OS DEMAIS ONDE ESTÃO. Pertencemos ao país onde as “EMPRESAS PRIVADAS” são papelarias particulares de seus empregados desonestos, que levam para casa, como se fosse correto, folhas de papel, lápis, canetas, cliques e tudo o que possa ser útil para o trabalho dos filhos ...e para eles mesmos. Pertencemos a um país onde a gente se sente o máximo porque conseguiu “puxar” a tevé a cabo do vizinho, onde a gente fraudava a declaração de imposto de renda para não pagar ou pagar menos impostos. Pertencemos a um país onde a impontualidade é um hábito. Onde os diretores das empresas não valorizam o capital humano. Onde há pouco interesse pela ecologia, onde as pessoas atiram lixo nas ruas e depois reclamam do governo por não limpar os esgotos. Onde pessoas fazem “gatos” para roubar luz e água e nos queixamos de como esses serviços estão caros. Onde não existe a cultura pela leitura e não há consciência nem memória política, histórica nem econômica. Onde nossos congressistas trabalham dois dias por semana para aprovar projetos e leis que só servem para afundar ao que não tem, encher o saco ao que tem pouco e beneficiar só a alguns. Pertencemos a um país onde as carteiras de motorista e os certificados médicos podem ser “comprados”, sem fazer nenhum exame. Um país onde uma pessoa de idade avançada, ou uma mulher com uma criança nos braços, ou um inválido, fica em pé no ônibus, enquanto a

pessoa que está sentada finge que dorme para não dar o lugar. Um país no qual a prioridade de passagem é para o carro e não para o pedestre. Um país onde fazemos um monte de coisa errada, mas nos esbaldamos em criticar nossos governantes. Quanto mais analiso os defeitos do Fernando Henrique e do Lula, melhor me sinto como pessoa, apesar de que ainda ontem "molhei" a mão de um guarda de trânsito para não ser multado. Quanto mais digo o quanto o Dirceu é culpado, melhor sou eu como brasileiro, apesar de ainda hoje de manhã passei para trás um cliente através de uma fraude, o que me ajudou a pagar algumas dívidas. Não. Não. Não. Já basta.

Como "Matéria Prima" de um país, temos muitas coisas boas, mas nos falta muito para sermos os homens e mulheres que nosso país precisa. Esses defeitos, essa "ESPERTEZA BRASILEIRA" congênita, essa desonestidade em pequena escala, que depois cresce e evolui até converter-se em casos de escândalo, essa falta de qualidade humana, mais do que Collor, Itamar, Fernando Henrique ou Lula, é que é real e honestamente ruim, porque todos eles são brasileiros como nós, ELEITOS POR NÓS. Nascidos aqui, não em outra parte... Me entristeço. Porque, ainda que Lula renunciasse hoje mesmo, o próximo presidente que o suceder terá que continuar trabalhando com a mesma matéria prima defeituosa que, como povo, somos nós mesmos. E não poderá fazer nada... Não tenho nenhuma garantia de que alguém o possa fazer melhor, mas enquanto alguém não sinalizar um caminho destinado a erradicar primeiro os vícios que temos como povo, ninguém servirá. Nem serviu Collor, nem serviu Itamar, não serviu Fernando Henrique, e nem serve Lula, nem servirá o que vier. Qual é a alternativa? Precisamos de mais um ditador, para que nos faça cumprir a lei com a força e por meio do terror? Aqui faz falta outra coisa. E enquanto essa "outra coisa" não comece a surgir de baixo para cima, ou de cima para baixo, ou do centro para os lados, ou como queiram, seguiremos igualmente condenados, igualmente estancados... igualmente sacaneados!!! É muito gostoso ser brasileiro. Mas quando essa brasilidade autóctone começa a ser um empecilho às nossas possibilidades de desenvolvimento como Nação, aí a coisa muda... Não esperemos acender uma vela a todos os Santos, a ver se nos mandam um Messias.

Nós temos que mudar, um novo governador com os mesmos brasileiros não poderá fazer nada. Está muito claro..... Somos nós os que temos que mudar. Sim, creio que isto encaixa muito bem em tudo o que anda nos acontecendo: desculpamos a mediocridade mediante programas de televisão nefastos e francamente tolerantes com o fracasso. É a indústria da desculpa e da estupidez. Agora, depois desta mensagem, francamente decidi procurar o responsável, não para castigá-lo, senão para exigir-lhe (sim, exigir-lhe) que melhore seu comportamento e que não se faça de surdo, de desentendido. Sim, decidi procurar o responsável e ESTOU SEGURO QUE O ENCONTRAREI QUANDO ME OLHAR NO ESPELHO. AÍ ESTÁ. NÃO PRECISO PROCURÁ-LO EM OUTRO LADO. E você, o que pensa?.... MEDITE!!!!!"

Autor desconhecido // publicado em 2006

Elabore um comentário procurando explicitar qual foi a intenção do autor ao escrever o texto acima. Que mensagem quis nos transmitir? \_\_\_\_\_

## O HOMEM, UM SER CONSCIENTE

O termo *consciência* é de uso frequente na linguagem diária. Vejamos o que ele significa nas situações seguintes:

- Paulo perdeu a consciência.
- Paulo agiu de acordo com a sua consciência.

O que significa "perder a consciência"?

Perder a consciência é perder o sentimento da existência de nós mesmos e do mundo. Quando estamos despertos, esse sentimento acompanha todos os nossos atos. Trata-se da **consciência psicológica**, que é o conhecimento de nós mesmos: temos consciência de existir, temos consciência de nossos estados psíquicos, de nossas lembranças e sentimentos. Temos consciência de que há livros sobre a mesa, de que o dia está chuvoso ou ensolarado. Portanto, a consciência psicológica se estende à experiência do meio em que vivemos. A consciência psicológica revela, pois, quem somos, o que fazemos e que mundo nos rodeia.

Na segunda situação (“agir de acordo com sua consciência”), trata-se da **consciência moral**, aquele pensamento interior que nos orienta, de maneira pessoal, sobre o que devemos fazer em determinada situação. Antes da ação, a consciência moral emite seu juízo como uma voz que aconselha ou proíbe. Após a realização da ação, a consciência moral se manifesta como um sentimento de satisfação (força recompensadora) ou arrependimento, remorso (força condenatória).

A consciência psicológica e a consciência moral estão relacionadas. Na realidade, se o problema moral se estabelece para o homem é porque, inicialmente, ele tem consciência psicológica. Se todos os seus atos fossem desencadeados pela pressão dos instintos ou dos hábitos, se o homem não tivesse consciência do que faz, não existiria o problema moral.

### Consciência – Liberdade - Responsabilidade

Considerando o que foi exposto, como fica a responsabilidade moral de um psicótico que mata num momento de crise aguda e de um cleptomaníaco que rouba por um impulso irresistível? Tais pessoas agem sob uma coação interna (tendências patológicas doentias) a que não podem resistir. Tal coação anula a liberdade (possibilidade de escolha). Um sujeito, por exemplo, é obrigado, por alguém de revólver na mão, a escrever uma carta que difama outra pessoa. Nesse caso, ele pode ser considerado culpado pelo que escreveu? Em algumas situações, a coação é tão forte, acarretando riscos para a própria vida, que não resta margem para decidir e agir de acordo com a vontade própria, pois a resistência física e espiritual tem um limite, além do qual o sujeito perde o domínio sobre si mesmo.



Analise a tirinha ao lado.

Quem é o “inquilino” a quem Mafalda, personagem principal, faz referência?

---



---

### AS ETAPAS DA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA MORAL

O psicólogo e pedagogo Jean Piaget realizou, a partir de uma pesquisa com crianças dos bairros de Genebra, na Suíça, um estudo pioneiro sobre o desenvolvimento do critério moral. Segundo ele, a formação da consciência moral na pessoa segue, basicamente, quatro etapas:

1ª) **Anomia** (do grego a = negação, ausência + nomos = lei ; **sem lei**). É a etapa do comportamento puramente instintivo, que se orienta apenas pelo prazer e pela dor. A criança procura o prazer e foge da dor, sem relaciona-los a normas morais.

No adulto, a anomia revela um nível muito baixo de moralidade, ou seja, falta de responsabilidade e de ideal moral. Exemplificando, seria o caso do motorista que “voa” com seu automóvel apenas pelo prazer de correr, sem considerar as consequências de seu ato.

2ª **Heteronomia** (do grego héteros = outro + nomos = lei; **lei estabelecida ou imposta por outrem**). Nessa fase, a criança obedece às ordens para receber a recompensa ou para evitar o castigo. Entre adultos, é o caso do motorista que observa as leis de trânsito só para não ser multado.

3ª **Socionomia** ( do latim socius = companheiro, colega + nomos = lei; **lei interiorizada pelo convívio**). Nessa etapa, os critérios morais da criança vão se afirmando por meio de suas relações com outras crianças. Ela vai interiorizando as noções de responsabilidade, obrigação, respeito, justiça. Começa a não fazer aos outros o que não gostaria que fizessem a ela. Age sempre buscando a aprovação e evitando a censura dos outros. Entre adultos, é o caso do motorista que dirige preocupado consigo mesmo e sobretudo com o que os outros pensam dele.

4ª **Autonomia** (do grego autos = próprio + nomos = lei; **lei própria**). Nessa fase, a criança já interiorizou as normas morais e passa a comportar-se de acordo com elas. É a etapa mais elevada do comportamento moral. Entre adultos, é o caso do motorista que, na direção do automóvel, orienta-se pelas leis de trânsito e por seus princípios internos de conduta.

## DIFERENÇA ENTRE MORAL E ÉTICA

### OS CONSTITUINTES DO CAMPO ÉTICO

O campo ético é constituído pelos valores e obrigações que formam o conteúdo das condutas morais, isto é, as virtudes. Estas são realizadas pelo **sujeito moral**, principal constituinte da ética.

O sujeito ético ou moral, isto é, a **pessoa** só pode existir se preencher as seguintes condições:

- ser consciente de si e dos outros, isto é, ser capaz de refletir e de reconhecer a existência dos outros como sujeitos éticos iguais a ele;
- ser dotado de vontade, isto é, de capacidade para controlar desejos, impulsos, tendências, sentimentos (para que estejam em conformidade com a consciência) e de capacidade para deliberar e decidir entre vários possíveis;
- ser responsável, isto é, reconhecer-se como autor da ação, avaliar os efeitos e consequências dela sobre si e sobre os outros, assumi-la, bem como às suas consequências, respondendo por elas;
- ser livre, isto é, ser capaz de oferecer-se como causa de seus sentimentos, atitudes e ações, por não estar submetido a poderes externos que o forcem e o constringam a sentir, a querer e a fazer alguma coisa. A liberdade não é tanto o poder para escolher entre vários possíveis, mas o poder para autodeterminar-se, dando a si mesmo as regras de conduta.



ÉTICA	MORAL
É a <b>reflexão filosófica</b> sobre a moral (caráter teórico)	Tem caráter prático (com <b>força normativa</b> )
É <b>permanente</b> , pois é universal	É <b>temporária</b> , pois é cultural
É <b>princípio</b>	São aspectos de condutas específicas
É a ciência que <b>estuda a moral</b> (diretamente relacionada à Política e à Filosofia)	Está relacionada com os <b>hábitos e costumes</b> (determinados grupos sociais)

Qual é o último estágio da da consciência moral, segundo Piaget? Explique-o.

formação

Como podemos diferenciar Ética e Moral?

## SOCIEDADE CIVIL E ILUMINISMO

Você já deve ter ouvido falar sobre a Revolução Francesa. Muitas das ideias que a inspiraram foram produzidas por filósofos que acreditavam que a característica mais essencial dos seres humanos é sua racionalidade. Mas você já se perguntou o que significa a palavra razão? Essa palavra possui muitos usos e significados. Na maioria das vezes, as pessoas a utilizam mais com o significado de “motivo” ou “certeza que leva a algo”, do que com o significado da capacidade racional. Por exemplo, é comum dizermos “por qual razão ele tomou essa atitude?” ou “você não tem razão no que diz”. Ou seja, no uso corriqueiro da palavra, não pensamos muito sobre qual seu significado mais forte.

Em filosofia, podemos entender a razão como a faculdade do entendimento que permite que compreendamos e interpretamos o mundo ao nosso redor. A capacidade que nossa mente possui de produzir ideias, problematizar situações ou criar soluções para problemas reais e imaginários. Uma maneira de organizar a realidade e conhecer suas características mais específicas.

O filósofo francês René Descartes (1596-1650), em seu livro Discurso do método, afirmou que:

*A capacidade de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é o que propriamente se denomina o bom senso ou razão, é naturalmente igual em todos os homens.*

Ele também afirmou que esse bom senso é a coisa mais bem partilhada que pode existir, já que cada ser humano está satisfeito com a qualidade que dele tem. Isto implica que cada um é tomado de uma característica própria e fundamental que é a racionalidade. Ele defende, assim, a universalidade da razão como o único caminho para o conhecimento claro e distinto das coisas.

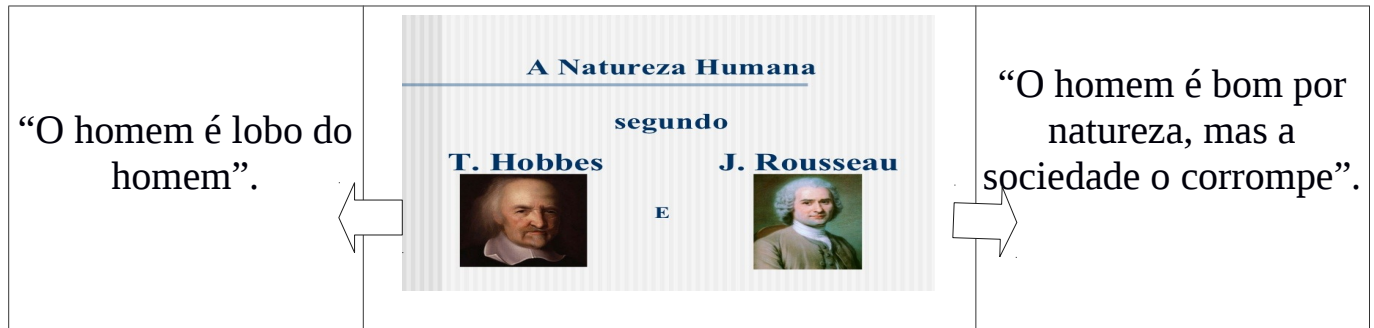
A razão seria então a luz natural que permite ao ser humano se relacionar com o mundo e seus problemas, visando respectivamente compreendê-los e superá-los. Daí o sentido do termo “iluminismo”.

O Iluminismo, ou “Século das Luzes”, foi um movimento artístico-filosófico que teve seus momentos e representantes mais profundos no século XVIII. Contudo, as teorias que a inspiraram e lhe deram sustentação, como as de Descartes, surgiram no século anterior.

Se pensarmos a partir de uma perspectiva política, os iluministas defendiam as liberdades individuais do cidadão e seus direitos, o que os posicionava contra toda a forma de abuso de poder e autoritarismo. A emancipação do homem se daria por meio do saber e da razão. O conhecimento, assim, deveria ser de livre acesso para todos.

Do ponto de vista da Filosofia, o que significa a palavra razão?

O que defendiam os iluministas? Na concepção dos iluministas, como se chega à emancipação?



### THOMAS HOBBS (1588-1679)

#### “O HOMEM É O LOBO DO PRÓPRIO HOMEM”

Para compreendermos algumas questões políticas necessárias que surgem com o Iluminismo é necessário que compreendamos o pensamento de Thomas Hobbes, filósofo que não se relacionava diretamente com esse período, visto que viveu entre os séculos XVI e XVII. No entanto, os temas que ele apresenta em filosofia se relacionam com a ideia de contrato social, um dos fundamentos presentes em grande parte da teoria política iluminista.

Hobbes é um contratualista, ou seja, acredita que a sociedade civil se fundamenta em um acordo que permite que os homens vivessem bem e de maneira a ter garantida a conservação de suas vidas. Essa ideia, que virá a se denominar pacto ou contrato social, perpassa o pensamento de muitos daqueles que se debruçam sobre questões com as do estado de natureza, da liberdade civil e do direito natural.

No ano de 1651, Hobbes, refugiado na França, publica seu livro mais marcante e decisivo, o *Leviatã*. A obra é uma reflexão sobre o poder do Estado, que dotado de caráter absoluto, torna-se o mantenedor da vida, da segurança e da paz de seus súditos.

Este momento da história inglesa é repleto de conflitos reais e sangrentos que poderiam levar o indivíduo, a qualquer momento, a enfrentar a morte de maneira violenta. Esse sentimento de insegurança, esse medo que poucos filósofos se aventuraram a analisar é o dará sentido a sua frase mais célebre e repetida inúmeras vezes na história: “o homem é o lobo do homem”. Para ele, a tendência mais profunda e primitiva dos seres humanos não é a socialização, mas a desconfiança e o egoísmo. Para ele, a humanidade, sem o contrato social, estaria condenada a uma eterna “guerra de todos contra todos”. O fundamento dessa afirmação vem do fato de que a discórdia surgiria entre os homens por serem iguais, o que geraria três motivos para ela: a competição, a desconfiança e a glória.

- **A competição:** aqui seria a causa dos ataques que visam o lucro, fazendo uso da violência para obter dos outros seus bens e para se tornar seus senhores.
- **A desconfiança:** surgiria daqueles que, no intuito de defender suas posses e seus familiares, atacariam o outro para evitar a violência que este utilizaria por mera competição.

- **A glória:** seria baseada em ninharias como pequenas desavenças, em olhares de desprezo que levariam à defesa da honra de quem os recebeu, para obter, assim, a glória.

Este é um ponto muito importante para entendermos a teoria política de Hobbes. Para ele, a maior busca do homem não é a procura desesperada pelo acúmulo de bens. O que está em jogo, na verdade, é a busca e a manutenção da honra, que consiste no valor que se atribui a alguém não pelo que ele é, mas pelo que ele aparenta ser. Assim, o interesse maior do indivíduo não é produzir ou tomar riquezas, é possuir uma imagem que transmita a aparência da honra. A riqueza é apenas um sinal, um meio para se obter essa imagem.

O homem, portanto, é um ser que vive basicamente daquilo que ele mesmo imagina, ou seja, imagina possuir o poder, imagina ser coroado com o respeito dos outros, mas também imagina as ofensas que poderiam surgir pela inveja do seu poder.

Mais do que isso, imagina que poderia ser traído ou enganado por aqueles a quem ele concedeu confiança e, finalmente, que isso tudo pode gerar sua morte pela cobiça que os outros têm de sua glória. É para evitar um suposto ataque furtivo que este homem, pelo medo, inevitavelmente ataca.

Para superar as consequências de uma vida de desconfiança e medo, é necessário que as pessoas se organizem e estabeleçam um acordo que permitam que vivessem bem. Devem substituir sua capacidade de decisão na ação privada por uma confiança superior na capacidade de decisão do governante. Sendo assim, o contrato em Hobbes é um pacto de submissão em que o indivíduo transfere para o governante (um ou mais homens) o poder de agir pela segurança da comunidade, trocando de maneira voluntária sua liberdade individual pela paz proporcionada pela organização da sociedade em um Estado forte.

Para que a sociedade funcione é necessário que o poder do governante seja “ilimitado” e este não participe do contrato social. Se ele “assinasse” o contrato junto aos súditos, estaria obrigado a cumprir os mesmos termos. O soberano não deve ter nenhuma obrigação além de proteger a vida de cada súdito e governar o Estado, para não favorecer ou se submeter a ninguém dentro da sociedade.

Mas você deve estar se perguntando como as ideias apresentadas anteriormente afetam o seu dia a dia. A humanidade ainda não conseguiu dar conta de extinguir os regimes totalitários. Aqui mesmo no Brasil, há pouquíssimo tempo deixamos uma ditadura que ainda representa uma série de feridas ainda não cicatrizadas: presos políticos desaparecidos, traumas psicológicos, falta de liberdade de expressão, governos autoritários, entre outras.

Vemos em inúmeros lugares do mundo os indivíduos lutando pela sua liberdade. A chamada primavera árabe, quando o povo de alguns países do Oriente Médio foi às ruas para derrubar seus ditadores, é exemplo claro de como ainda alguns tentam restringir a liberdade das pessoas em nome de benefícios próprios. Mesmo com a sociedade civil instituída, não conseguimos garantir que a exploração entre as pessoas acabasse. Inevitavelmente, quando em decorrências das tragédias e da miséria coletiva nos vemos sem saídas, quando o Estado não desempenha seu papel de maneira eficaz, será que não experimentamos muito sutilmente as consequências de uma vida hobbesiana da natureza humana?

-----  
 Texto complementar/ Opinião

### **PARA O FILÓSOFO INGLÊS HOBBS, O HOMEM É ESSENCIALMENTE MAU**

Ele acreditava que o homem não queria se tornar um ser social. Para professor Fábio Medeiros, não devemos acreditar na sua teoria.

O motorista que estaciona o carro em local proibido, que tranca o cruzamento e atrapalha o trânsito é uma pessoa má? Levando em consideração a teoria do filósofo inglês Thomas Hobbes, a resposta é sim. O teórico que acreditava que o homem, na sua essência, não é um ser do bem.

“Hobbes se encontra no período entre os séculos 16 e 17. A natureza humana para Hobbes é má. O homem é mau, não presta. Essa tese se encontra na obra "O Leviatã", inspirada em uma figura mitológica, que é uma serpente que fez um acordo com os homens. Na medida em que os homens não cumprem o acordo, a serpente vem e os devora”, comentou o professor de filosofia Fábio Medeiros.

Segundo a teoria de Hobbes, se o homem já nasce mau, ele não sabe viver em sociedade e precisa de um estado autoritário, que dite as regras, as normas de convivência. “Essa tese vai fundamentar sua visão de estado absoluto. A visão é de que homem não tem pretensão de ser social. Ele é mau, o que causa insociabilidade. Para se tornar social, é preciso formar um novo pacto, um novo acordo entre homens, para que eles possam renunciar à coisa mais importante num estado de selvageria, que é a liberdade”, relatou o Professor.

Na rua ou nos noticiários, quando acontecem fatos que demonstram atitudes de extrema maldade, o homem fica inclinado a concordar com Hobbes. “Principalmente quando são atitudes não condizentes com o exercício da cidadania, como cuidado da cidade, do outro, consigo mesmo. A gente tem que continuar fazendo a discussão e redefinir nossos papéis como cidadão, como pessoa, ser humanizado. Acreditar na tese de Hobbes é acreditar que não temos oportunidade de nos mostrar diferentes da maldade”, disse Fábio.

Na Rua da Aurora, no Recife, fica a Praça Padre Henrique, onde está o primeiro monumento construído no Brasil para lembrar os mortos desaparecidos durante o período de ditadura. Com o nome “Tortura nunca mais”, a obra do artista plástico Demétrio Albuquerque lembra, todos os dias, que um homem é capaz de torturar outro homem até a morte.

Por outro lado, as imagens feitas pelas câmeras da Secretaria Estadual de Defesa Social (SDS) mostram que existem pessoas boas, capazes de ajudar o próximo sem receber nada em troca. “A grande dificuldade é se nós nos permitimos fazer coisas certas mesmo se não tiver ninguém olhando, câmeras ou aplicação de multas. [...] Caímos nas justificativas mais diversas, o que é injustificável no ponto de vista da convivência social. É aí que devíamos nos cuidar mais, aprender a perder para ganhar socialmente”, concluiu Fábio.

Fonte: <<http://g1.globo.com/pernambuco/vestibular-e-educacao/noticia/2013/11/para-o-filosofo-ingles-hobbes-o-homem-e-essencialmente-mau.html>>

Acesso em: 18 de dez. de 2017

---

O que é o contrato social para Hobbes?

---

O que Hobbes quis demonstrar com a frase: “o homem é o lobo do homem”? Explique.

---

Por que, segundo Hobbes, o governante não deve participar do contrato social? O que impede a sua participação?

---

## JEAN-JACQUES ROUSSEAU (1712-1778)

### “O HOMEM É BOM POR NATUREZA, MAS A SOCIEDADE O CORROMPE”

Se Hobbes não conseguia conceber a natureza humana de maneira otimista e cooperativa, o filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau é seu contraponto perfeito. Para ele, o processo de civilização não trouxe grandes avanços nas relações sociais entre os homens. O indivíduo seria, por natureza, bom. Na verdade, a vida em sociedade é o que o corromperia. Do mesmo modo que Hobbes, Rousseau era contratualista. Porém, ele acreditava que aqueles que conceberam anteriormente a ideia de um contrato social transportaram características da vida em sociedade para o estado de natureza, confundindo o homem selvagem com o homem civil. Para ele, a discórdia, opressão e orgulho são características da socialização, não da vida no estado de natureza. Podemos afirmar, assim, que os problemas que Hobbes aponta no estado de natureza, para Rousseau são características da sociedade civil.

Em sua obra *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade*, ele aponta que na sua origem o homem viveria livre e feliz ao caminhar pelas florestas, dotado apenas de

seu instinto de autopreservação, sem a necessidade de relacionar-se com os outros para viver bem. Buscava apenas satisfazer as necessidades de seu corpo, sem recorrer a maiores reflexões ou à criação de laços familiares. O querer, o desejar e o temer eram as primeiras e quase únicas operações de sua alma.

Neste momento ele ainda ignora o vício e traz consigo um coração tranquilo. Para Rousseau, esse seria o cenário mais propício para o surgimento da única virtude por ele considerada natural: a piedade. Sem esta, a razão não serviria de nada e os homens se tornariam monstros, já que o amor de si mesmo contribui para a preservação de toda a espécie.

Quando vemos alguém sofrer, sem maiores reflexões, nosso intuito é o de ajudá-lo. No estado de natureza, seria a piedade que desempenharia o papel que, na sociedade civil, têm as leis e a virtude.

É a partir dessas suposições que Rousseau conceberia a noção de **bom selvagem**. Esta carregaria em si uma outra característica essencial ao processo de agrupamento e socialização: a tendência a sempre aperfeiçoar-se. Este aspecto comum e natural do homem permitiu que ele abandonasse seu estado inicial de tranquilidade e desenvolvesse vícios e erros, mas com eles também novas virtudes.

Por meio do convívio encontrou o prazer, que se dava no canto, na dança, no amor e na amizade. Todavia, junto a esses prazeres veio o sofrimento, fruto da inveja e do ódio, propiciando a discórdia, mãe da guerra. O desenvolvimento das técnicas, sobretudo as da metalurgia e da agricultura, legitimou o conceito da propriedade privada, juntamente à percepção, agora nítida, de que uns possuíam mais do que outros.

*O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassinios, misérias e horrores não poupou ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: “Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdido se esquecerdes de que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!”.*

É importante destacar que não era a ideia de Rousseau retomar a igualdade inicial que existia entre os homens no estado de natureza. Aliás, isso nem é considerado possível. Na verdade, seu objetivo era minimizar as injustiças que a desigualdade social gerada pelo convívio humano propicia. Dessa maneira, algumas de suas ideias estão alinhadas com desafios sociais que temos que enfrentar mesmo nos dias de hoje, como a injusta distribuição de renda que gera o luxo demasiado de alguns e a miséria degradante de outros.

Para ele, é necessário que primeiro haja igualdade de direitos e deveres políticos entre ricos e pobres. Em seu livro *Do Contrato Social*, ele afirma que a vontade daqueles que são privilegiados economicamente não deve ser maior do que a vontade geral, de modo que os interesses particulares dos ricos não estejam acima da vida ou da liberdade de ninguém.

A vontade geral não seria simplesmente a soma ou o agrupamento das vontades individuais dos cidadãos. A vontade geral é aquela que busca realizar o que é melhor para a sociedade como um todo, fundamentando-se naquilo que é de interesse público. Todo cidadão deve estar submetido a ela, mesmo que seus interesses como indivíduo por sejam por ela beneficiados. O governo deveria agir como um corpo submisso à vontade geral, que é soberana.

Portanto, o povo somente é livre quando elabora suas próprias leis em condição de igualdade e respeita essas mesmas leis, que são frutos da vontade de todos. Respeitar a lei que se impõe a si mesmo é a verdadeira liberdade. Desse modo, quando o governante age em causa própria, o povo tem o direito e o dever de destruí-lo, porque já não mais representa a vontade geral, mas a sua própria.

Para Rousseau, a educação, por exemplo, deveria ser um dever público. As pessoas deveriam aprender a ser livres, realizando o que o coração manda, mas também autônomas e autênticas, conduzindo o próprio destino. Essa soberania, porém, está intimamente ligada ao sentido da coletividade. As questões públicas devem ser colocadas acima das questões



privadas. O homem civil, na ótica de Rousseau, será o patriota que agirá em função do coletivo e não de si mesmo.

-----  
 Texto complementar/Opinião

### **O HOMEM NASCE BOM OU A SOCIEDADE O CORROMPE?**

Durante muito tempo desde meus estudos do Romantismo, esbarrava em um pensamento: seria o homem naturalmente bom ou a convivência em sociedade o teria corrompido como é o pensamento de Rousseau? O pensamento de um homem bom puro, desprovido de cobiça, inveja ou qualquer outro sentimento mundano sempre seduziu o pensamento escritores e historiadores. A figura do bom selvagem está na literatura, tanto nos livros quanto nos filmes.

Todavia resta ainda um pensamento, se esse homem nasce bom, sem vícios ou maldades em que momento na vida social ele seria corrompido se a sociedade nada mais seria do que a organização desse mesmo homem em famílias e grupos? Para a existência de uma sociedade há a necessidade de um pacto - como bem expõe Rousseau - um contrato social. Nesse contrato o homem abriria mão de direitos naturais para uma vida pacífica em grupo. Como seria necessário esse pacto social se todos os pensamentos e comportamentos seriam bons e pacíficos, assim sendo entende-se que haveria o pressuposto de que o homem natural não seria de todo bom e pacífico, porque sempre necessitou de sobreviver e de proteger-se das forças que lhe poderiam prejudicar. Desta forma há no homem, mesmo no bom selvagem, o instinto de sobrevivência que o torna o lobo do próprio homem.

O pensamento mais coerente seria de que o homem seria um ser complexo, capaz de nutrir em si dois sentimentos antagônicos, o de ser bom ou mau ao mesmo tempo. Dependendo das circunstâncias um desses seria predominante. Segundo Hobbes, o pacto social é o abrir mão de um direito visando um bem maior, neste caso, sua própria sobrevivência. O homem então no contrato social estabelece e constitui uma entidade superior a si e aos outros homens capaz de direcionar todos as pessoas ao cumprimento de suas obrigações. Esse ser superior aplicaria às partes uma sanção negativa maior que o benefício desejado para o caso de descumprimento do acordo. Se há a necessidade de esse ser superior existir é porque há a possibilidade de seu descumprimento. Esse medo se funda não nas relações sociais, mas na essência do próprio homem. Assim sendo o mau não estaria no relacionamento entre as pessoas, mas na própria pessoa. Entendendo desta forma o homem nasce com esses dois mundos: o bem e o mal em si.

É acertado, porém, entender que tanto uma ou outra forma poderia desenvolver-se no coração humano, sendo assim não seria apenas a sociedade o elemento corruptor do homem. Seria o homem corruptível em uma sociedade corrupta ou o homem corruptível em uma sociedade justa. Neste caso, não se poderia apenas culpar a sociedade pela corrupção humana. Seriam os dois elementos trabalhando em conjunto: homem e sociedade, homem mais sociedade.

Pelo que se entende, os dois pensamentos são complementares. O homem nasce com a possibilidade de ser bom ou mal e a sociedade o desenvolve. Estamos em uma terra fértil capaz de fazer crescer o joio e o trigo ao mesmo tempo. Temos nossas falhas e virtudes. Dependendo do adubo ou d'água utilizada poderemos uma grande ou raquítica árvore. A semente em si não traz sozinha a culpa. Ela pode trazer alguns males, mas a terra tem de contribuir.

Voltando à literatura, Peri, do livro O Guarani de José de Alencar, foi a personificação deste bom selvagem, dotado de pensamentos bons e capaz de fazer tudo pela mulher amada e pelo grupo social a que pertencia. Seria bom por estar fora da sociedade corrompida e corruptível, todavia seus irmãos de selva nutriam sentimentos totalmente opostos ao dele. Assim se conclui que não seria apenas o ambiente determinante para a composição do ser 'Peri' mas também os elementos particulares trazidos com ele. Sua capacidade de determinar-se entre o bem e o mal. Sua estrutura pessoal, sua capacidade de escolhas. Portanto, acreditamos que o homem não nasça bom ou mal. Acreditamos que ele nasça com a capacidade de ser bom ou mal e que a sociedade seria determinante para esse desenvolvimento.

Fonte: <http://macsprofessor.blogspot.com.br/2012/01/o-homem-nasce-bom-ou-sociedade-o.html> Acesso em: 18 de dez. 2017

No pensamento referente à natureza humana, qual é a principal diferença entre a filosofia de Hobbes e Rousseau?

## Política é coisa de idiota?

Mario Sergio Cortella

"**Política é coisa de idiota!**". Mas não poder ser! Essa sentença aparece em comentários indignados, cada vez mais frequentes no **Brasil**, e, em nome da verdade histórica, o que podemos constatar é que acabou se invertendo o conceito original de idiota, pois a expressão *idiótes*, em grego, significava aquele que só vive a vida privada, que recusa a política, que diz não à política. Em outros termos, os **gregos antigos** chamavam de idiota a pessoa que achava que a regra da vida é "cada um por si e Deus por todos".

Os mesmos gregos davam um nome apropriado a quem cuidasse também da vida pública, da comunidade, e que acreditasse que a mais nobre regra é "um por todos e todos por um": este era chamado de *político*. E se entendia que todas e todas éramos e deveríamos ser políticos, a partir da noção de que *pólis* é a comunidade, a cidade, a sociedade, e é nela, com ela e por ela que vivemos.

No cotidiano, o que se fez foi um sequestro semântico, uma inversão do que seria o sentido original de idiota, a ponto de muitas e muitos hoje pensarem que só deixa de ser idiota aquele que vive fechado dentro de si e só se interessa pela vida no âmbito pessoal. Sua expressão generalizada é: "Não me meto em política".

Recusemos tal percepção negativa da política, pois afeta a convivência decente e saudável e, antes de mais nada, esquece que "os ausentes nunca tem razão". De fato, muitos se sentem assim em relação a um determinado modo de fazer política, mas não corresponde à ideia mais abrangente de política, dado que ausentar-se em nome da liberdade e do interesse próprio esbarra novamente no mundo clássico, para o qual o idiota não é livre (porque toma conta só do próprio nariz), pois entendiam que só é livre aquele que se envolve na vida pública, na vida coletiva.

Assim, a política é vista aí como convivência coletiva, mesmo que moremos cada um em nossa própria, usando o latim, *domus*, ou seja, em casa, nosso domínio. Porém, na prática, porque vivemos juntos e só assim o conseguimos, a questão é que não temos *domus*, só temos *condomínios*. Viver é *conviver*, seja na cidade, ainda que em casa ou prédio, seja no país, seja no planeta.

A vida humana é *condomínio*. E só existe política como capacidade de *convivência* exatamente em razão do condomínio.

## DEMOCRACIA

Que significam as eleições? Muito mais do que a mera rotatividade de governos ou a alternância no poder. Simbolizam o essencial da democracia: que o poder não se identifica com os ocupantes do governo, não lhes pertence, mas é sempre um lugar vazio que os cidadãos,

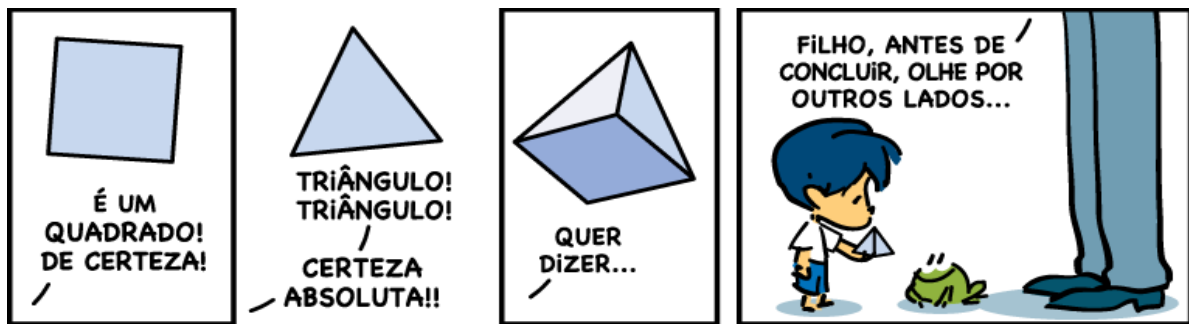
periodicamente, preenchem com um representante, e podem revogar seu mandato se não cumprir o que lhe foi delegado para representar.

Que significam as ideias de situação e oposição, maioria e minoria, cujas vontades devem ser respeitadas e garantidas pela lei? Elas vão muito além dessa aparência. Significam que a sociedade não é uma comunidade una e indivisa voltada para o bem comum, obtido por consenso, mas, ao contrário, que esta internamente dividida e que as divisões são legítimas e devem expressar-se publicamente.

A democracia é a única forma política que considera o conflito legítimo e legal, permitindo que ele seja trabalhado politicamente pela própria sociedade.

Da mesma maneira, as ideias de igualdade e liberdade como direitos civis dos cidadãos vão muito além de sua regulamentação jurídica formal. Significam que os cidadãos são sujeitos de direitos e que, onde tais direitos não existam nem estejam garantidos, tem-se o direito de lutar por eles e de exigí-los. É esse o cerne da democracia.

Qual o verdadeiro “cerne” da democracia, segundo o texto acima?



<https://i.pinimg.com/originals/d0/1e/3a/d01e3a3e50b0fb5deb0dbe2635805ab4.jpg>

Após a leitura deste módulo, seu contato (inicial ou não) com a Filosofia, analise a imagem e pense nas suas certezas. São absolutas?

*"Nós vos pedimos com insistência nunca diga isto é natural!!*

*Diante dos acontecimentos de cada dia,  
Numa época em que reina a confusão,  
Em que corre o sangue, em que a  
arbitrariedade tem força de lei,  
Em que a humanidade se desumaniza....  
Não diga nunca: Isso é natural!  
A fim de que nada possa ser imutável."*

*Bertold Brecht*

## SOCIOLOGIA

### Sociologia e Sociedade

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos. Sem a vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando nas cidades, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia. Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças. Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos. Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais. (Dalmo de Abreu Dallari - Jurista brasileiro, Professor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo)

## **Ciências Sociais**

### **1- De que se ocupam as Ciências Sociais**

O comportamento humano é muito diversificado. Cada indivíduo recebe influências de seu meio, forma-se de determinada maneira e age no meio social de acordo com sua formação. O indivíduo aprende com o meio, mas também pode transformá-lo em sua ação social.

Há comportamentos individuais como andar, respirar, dormir, que se originam na pessoa enquanto organismo biológico. São comportamentos estudados pelas Ciências Físicas e Biológicas. Por outro lado, receber salário, fazer greve, participar de eventos, casar-se, educar os filhos são comportamentos sociais, pois se desenvolvem no contexto da sociedade.

Ao longo da História a espécie humana organizou sua vida em grupo. As Ciências Sociais (a Sociologia é um de seus ramos) pesquisam e estudam o comportamento social humano e suas várias formas de organização.

### **2- Objeto e objetivo das Ciências Sociais**

Pode-se dizer que as Ciências Sociais são o estudo sistemático do comportamento social do ser humano. Ocupando-se ordenadamente do comportamento social humano, o objeto das Ciências Sociais é, portanto, o ser humano em suas relações sociais.

Tendo como objeto de interesse o ser humano em suas relações sociais, o objetivo das Ciências Sociais é ampliar o conhecimento sobre o ser humano em suas interações sociais.

Assim, as Ciências Sociais contribuem para um melhor entendimento da sociedade em que vivemos e dos fatos e processos sociais que nos rodeiam.

### 3- Divisão das Ciências Sociais

Com o avanço do conhecimento, tornou-se necessária uma divisão das Ciências Sociais em diversas disciplinas, para facilitar a sistematização dos estudos e das pesquisas. Essa divisão atualmente abrange as seguintes disciplinas:

**Sociologia** – estuda as relações sociais e as formas de associação, considerando as interações que ocorrem na vida em sociedade. A sociologia abrange, portanto, o estudo dos grupos sociais; dos fatos sociais; da divisão da sociedade em camadas; da mobilidade social; dos processos de cooperação, competição e conflito na sociedade. A sociologia não pretende ser um método para nos ensinar a conviver com os outros, mas é uma ciência que quer descobrir como e por que convivemos. É uma investigação sistemática sobre aquilo que já fazemos na prática, uma reflexão construída a partir de teorias, questionamentos e métodos.

**Antropologia** – estuda e pesquisa as semelhanças e as diferenças culturais entre os vários agrupamentos humanos, assim como a origem e a evolução das culturas. Além de estudar a cultura dos povos pré-letrados, a antropologia ocupa-se com a diversidade cultural existente nas sociedades industriais. São objetos de estudo da Antropologia os tipos de organização familiar, as religiões, a magia, os ritos de iniciação dos jovens, o casamento entre outros.

**Ciência Política** – investiga a política como uma esfera própria da ação humana. Analisa as questões de poder e dominação na sociedade. Estuda os sistemas políticos e a distribuição de poder na sociedade, bem como a formação e o desenvolvimento das diversas formas de governo.

Não existe uma divisão clara entre essas disciplinas. Cada uma das Ciências Sociais se ocupa de mais de um aspecto da realidade social. Elas se completam entre si e atuam muitas vezes juntas, para explicar os variados fenômenos da vida em sociedade.

## Sociologia, o estudo da sociedade humana

### 1 – Victor, o “selvagem de Aveyron”

O “menino selvagem” Victor de Aveyron é um dos casos mais conhecidos de seres humanos criados livres em ambiente selvagem. Provavelmente abandonado numa floresta aos 4 ou 5 anos, foi objeto de curiosidade e provocou discussões acaloradas principalmente na França, onde o caso ocorreu.

Sua história oficial começa em 1797, quando um menino inteiramente nu, que fugia do contato com as pessoas, foi visto pela primeira vez na floresta de Lacauene. Em 09 de janeiro de 1800 foi registrado seu aparecimento num moinho em Sain-Sernein, distrito de Aveyron. Tinha a cabeça, os braços e os pés nus; farrapos de uma velha camisa cobriam o resto do corpo. Era um menino de 12 anos de idade, media 1,36 m, tinha pele branca e fina, rosto redondo, olhos negros e fundos, cabelos castanhos e nariz comprido e recurvo. Sua fisionomia





foi descrita como graciosa; sorria involuntariamente e tinha o corpo estava coberto de cicatrizes.

Victor não pronunciava nenhuma palavra e parecia não entender nada do que falavam com ele. Apesar do rigoroso inverno europeu, rejeitava roupas e também o uso de cama, dormindo no chão sem colchão. Quando procurava fugir, locomovia-se apoiado nas mãos e nos pés, correndo como os animais quadrúpedes.

### 1.1- Estudo sociológico do caso

Alguns médicos, como os franceses Esquirol (1772-1840) e Pinel (1745-1826), diagnosticaram o menino selvagem como “idiota” (nomenclatura que hoje corresponde à deficiência mental grave). Talvez por essa razão tenha sido abandonado pelos pais.

O médico psiquiatra Jean-Marie Gaspard Itard, diretor de um instituto de surdos-mudos, não compartilhava da opinião dos colegas. Propôs uma questão: quais as consequências da provação do convívio social e da ausência absoluta da educação social humana para a inteligência de um adolescente que viveu assim, separado de indivíduos de sua espécie? Ele acreditava que a situação concreta de abandono e afastamento da civilização explicativa o comportamento diferente do menino Victor, contrapondo-se ao diagnóstico de deficiência mental para o caso.

Em seu livro *A educação de um homem selvagem*, publicado em 1801, Itard apresenta seu trabalho com o menino selvagem de Aveyron, descrevendo as etapas de sua educação: “ele já é capaz de sentar-se convenientemente à mesa, tirar a água necessária para beber, levar ao seu benfeitor as coisas de que necessita; diverte-se ao empurrar um pequeno carrinho e começa também a ler”. Cinco anos mais tarde já reforçou sua tese de que os hábitos selvagens e a aparente deficiência mental inicial eram apenas e tão somente resultados de uma vida afastada de seus semelhantes e da civilização.

Acompanhando de perto e trabalhando vários anos com Victor para educá-lo, Itard formula a hipótese de que a maior parte das deficiências intelectuais e sociais não é inata, mas tem sua origem na ausência da socialização, na falta de comunicação com os semelhantes principalmente pela palavra. Aproximando-se da visão sociológica dos fatos sociais, o pesquisador concluiu que o isolamento social prejudica a sociabilidade do indivíduo. E a sociabilidade é a base da vida em sociedade.

## 2- O que é Sociologia?

A Sociologia se debruça sobre fenômenos sociais que nos afetam diariamente. Esses fenômenos muitas vezes nos provocam indagações. Por que a vida em sociedade é como é? Por que uns têm tanto e outros tão pouco? Por que obedecemos ou contestamos? Por que as pessoas se unem ou se tornam rivais? Por que os governos se organizam de uma forma e não de outra? Essas e outras questões que nos intrigam são questões sociológicas.

Estudando a sociedade podemos entender as relações de grupo, a formação das instituições, o exercício do poder, as manifestações e experiências culturais. A Sociologia nos ajuda a entender a organização social à medida que amplia nosso campo de visão ajudando-nos a entender a complexidade do mundo social.

A Sociologia nos ajuda a refletir sobre as certezas que temos e também nos provoca muitas dúvidas. Ela é importante porque nos permite compreender melhor a sociedade em que vivemos e conseqüentemente, explicar e buscar soluções para a complexidade das questões sociais. A sociologia vem se tornando uma ciência imprescindível para o conhecimento do

mundo atual.

---

## Leitura complementar

### **O que é a Sociologia**

[Léa Mougeolle](#)

**1. Quem criou a palavra “sociologia”?** A palavra “sociologia” foi criada por Auguste Comte, um filósofo francês: “socio” do latim “sociedade” e “logia” do grego, ciência. Então, a primeira ideia da sociologia foi criar a “ciência da sociedade”.

**2. O que estuda a sociologia?** Estuda os fatos sociais, ou seja, os fenômenos, os comportamentos, as representações ideológicas, religiosas, as maneiras de pensar, de atuar, de sentir, etc. dos indivíduos numa sociedade. Trata das relações, das ações e das representações sociais produzidas pelos grupos sociais.

**3. Quais os interesses a sociologia?** A sociologia se interessa principalmente pelas relações entre os indivíduos que pertencem à mesma sociedade. Para dizer de maneira mais simples, o que ocorre na sociedade pode ser tratado na sociologia. Existem diversos [campos a serem tratados na sociologia](#). Podemos falar das desigualdades na escola, do stress no trabalho, da violência urbana, etc. Por isso, existem diferentes categorias de áreas, como a [sociologia da educação](#), a sociologia urbana, a sociologia da saúde, a sociologia econômica, a [sociologia jurídica](#), a sociologia financeira, a [sociologia do trabalho](#), a [sociologia da família](#), etc. Por exemplo, a Sociologia pode tratar da delinquência, da exclusão social, da organização do trabalho, da homossexualidade, da família, etc. Ela tenta entender como as sociedades funcionam e se transformam para controlá-las e modificá-las. Por isso, a Sociologia procura também as dificuldades de funcionamento.

**4. Se eu tenho minha própria opinião sobre um fenômeno social, sou um sociólogo?** Cada pessoa tem a sua própria opinião sobre os fenômenos sociais, sobre a sociedade. Porém, a diferença entre o sociólogo e as demais pessoas é que o primeiro é um cientista, então, tem que demonstrar de maneira científica os fatos reais, e não só o que ele pensa. Na verdade, podemos enquadrá-la como uma ciência humana e social. A sociologia não é uma ideologia, não é uma literatura, mas é uma ciência. O sociólogo vai se aproximar da realidade social. Quando vai dar o seu ponto de vista, ele vai pesquisar e verificar os fatos antes de falar. Como disse Peter Berger, “O sociólogo estuda grupos, instituições, atividades que os jornais falam todos os dias. A sedução da sociologia provem de ela nos fazer ver sob uma outra luz o mundo da vida cotidiana no qual todos vivemos”.

**5. O que faz o sociólogo?** O sociólogo sempre tenta compreender os mecanismos das atividades humanas, as relações entre os indivíduos ou os grupos sociais. Para compreender a sociedade, na maioria das vezes, o sociólogo faz estudos de campos para fazer observações e buscar respostas às perguntas.

**6. O sociólogo faz um trabalho social?** O sociólogo não faz um trabalho social. Na verdade, o trabalhador social, como o assistente social, procura soluções para os problemas sociais. O sociólogo não tem essa finalidade. Os estudos do sociólogo ajudam o trabalhador social, mas, o sociólogo não existe para propor soluções, ele está aqui para procurar, compreender, investigar e interpretar.

**7. Qual é a diferença entre sociologia e psicologia?** A diferença é que a sociologia estuda grupos de indivíduos, enquanto a psicologia se interessa só a um único indivíduo. Então, a

sociologia estuda a maneira que a sociedade se forma e se transforma. Para isso, a sociologia estuda as instituições, os grupos sociais e as interações entre os indivíduos. Na verdade, a sociologia estuda a vida social. Enquanto que a psicologia estuda só o comportamento, as ações e as crenças de um determinado indivíduo.

**8. Onde pode trabalhar um sociólogo?** O sociólogo pode ser professor nos cursos do Ensino Médio ou coordenar cursos no Ensino Superior em função do seu nível de ensino. Pode publicar seus resultados em revistas especializadas, colunas de jornais, sites, etc. Os mesmos podem trabalhar também, nas funções relativas à política local, regional e nacional, nos ministérios, nas instituições sindicais, associativas e patronais, nas gestões de empresas públicas, nas ONGs e nas empresas privadas, geralmente para trabalhar sobre projetos sociais. Pode exercer funções como assessoria e prestação de consultorias, mediação de conflitos, levantamento de dados para o diagnóstico e análise de programas de educação, trabalho, etc.; elaboração e edição de textos para material didático na área da sociologia.

**9. Quais são as qualidades de um sociólogo?** O sociólogo precisa ter curiosidade para saber mais coisas sobre a sociedade e a respeito dos indivíduos que nela atuam. Além disso, deve ser objetivo para produzir um trabalho justo. Não deve escutar seus preconceitos. O sociólogo é rigoroso para verificar o que ele pensa. É também uma pessoa inovadora, que tenta se perguntar coisas que os outros não se perguntavam antes. Precisa desta capacidade de se colocar na situação de outras pessoas. Também, é característica fundamental ao sociólogo gostar de ler, pois passa muito tempo em contato com os livros, sejam as atualidades ou as obras de outros sociólogos. E, com certeza, o sociólogo deve gostar de escrever para explicar o que ele estudou, para explicar os seus resultados.

**10. Para que serve a sociologia?** A sociedade é cada vez mais complexa, então existem, cada vez mais, fenômenos sociais que não são tratados. A sociologia é uma ciência sempre necessária para poder analisar os novos fenômenos sociais, para ajudar as instituições, os grupos, a conhecer melhor as desigualdades, a vida social, as normas, a cultura, as crenças, as representações. Nós, sociólogos, somos encarregados de fazer as perguntas-chaves a fim de tentar encontrar soluções para diminuir os problemas sociais como a violência, a exclusão social, etc. Para melhorar o mundo, temos que compreendê-lo. A sociologia está aqui também para isto. A um nível mais individual, a sociologia permite ter crenças e visões mais justas sobre o mundo, mais próximas da realidade social, porque são justificadas. Por exemplo, com o estudo da sociedade, podemos compreender nossas crenças, comportamentos, escolhas e até mesmo razões dos comportamentos que costumamos ter.

Fonte: <http://www.sociologia.com.br/o-que-e-a-sociologia-em-10-pontos/> . Acesso em: 03 jul. 2015 – com adaptações.

## 2.1 - Breve história da Sociologia

O estudo dos fatos sociais é muito antigo. Pode-se afirmar que, desde o surgimento dos primeiros grupos humanos, estes não deixaram de se preocupar com a melhor forma de organizar-se para alcançar seus objetivos de sobrevivência. Entretanto, foi apenas no século XIX que a sociologia passou a constituir-se como ciência autônoma, independente. Ao lado do desenvolvimento das ciências modernas (Física, Química, Biologia, etc.), as transformações pelas quais passou a sociedade europeia nos séculos XVIII e XIX contribuíram de maneira acentuada para o surgimento da sociologia. Tanto a Revolução Industrial quanto a Revolução Francesa provocaram transformações radicais na sociedade da época. Muitos estudiosos dedicaram-se a estudar essas transformações e suas consequências para a vida humana. Foi essa a origem da sociologia como ciência. Vejamos a evolução da sociologia através do estudo de alguns autores:

a- Augusto Comte (1798-1857) foi o primeiro a empregar a palavra “sociologia”, em sua

obra *Filosofia Positiva*, publicada em 1838. Comte pretendia adotar o “critério da verdade” para o estudo da sociedade, assim como as ciências exatas e biológicas. Para ele, a sociedade obedecia leis gerais, como ocorre com a física. Portanto, a análise científica aplicada à sociedade é o centro da sociologia.

b- Émile Durkheim (1858-1917) formulou os primeiros conceitos da sociologia através da aplicação do rigor científico. Foi com ele que a sociologia passou a ser considerada uma ciência. Para Durkheim, a sociologia é o estudo dos fatos sociais. Da mesma maneira que a Biologia, a Química e a Física estudam os fatos da natureza, a sociologia usa os fatos sociais como base de estudo.

c- Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1903), contribuíram muito para o desenvolvimento da sociologia, enquanto disciplina específica. Em suas obras podem ser encontrados elementos de muitas disciplinas - antropologia, política, economia, sociologia, história - interligados para uma explicação global da sociedade. Mas, com seus estudos, Marx e Engels acabaram contribuindo para desenvolver o conhecimento sociológico crítico da sociedade capitalista. Segundo eles, a história marcha inevitavelmente do capitalismo para o socialismo.

d- Max Weber (1864-1920) define como objeto da sociologia a ação social, que é qualquer ação que o indivíduo faz orientando-se pela ação de outros. Toda vez que se estabelecer uma relação significativa, isto é, algum tipo de sentido entre várias ações sociais, terá então relações sociais. Só existe ação social quando o indivíduo tenta estabelecer algum tipo de comunicação a partir de suas ações com os demais.

No Brasil, os estudos de sociologia em nível superior começaram, praticamente, na década de 1930, com a fundação da Universidade de São Paulo (1934). Um dos principais expoentes foi Fernando de Azevedo que contribuiu na formação de várias gerações de sociólogos.

## 2.2 – Fatos Sociais

Durkheim define fato social como: “cada maneira de agir, fixa ou não, capaz de exercer um constrangimento (uma coerção) externo sobre o indivíduo”. Alguém pode pensar que age por vontade ou decisão pessoal; na realidade, age-se deste ou daquele modo por força da estrutura da sociedade, isto é, das normas e padrões estabelecidos.

Um exemplo nos ajuda a entender o conceito de fato social, segundo Durkheim. Se um aluno chegasse à escola vestido com roupa de praia, certamente ficaria numa situação desconfortável: os colegas ririam dele, o professor lhe daria uma enorme bronca e provavelmente o diretor o mandaria de volta para pôr uma roupa adequada.

Existe um modo de vestir que é comum, que todos seguem. Isso não é estabelecido pelo indivíduo. Quando ele entrou no grupo, já existia tal norma, e, quando ele sair, a norma permanecerá. Quer a pessoa goste ou não, vê-se obrigada a seguir o costume geral. Se não o seguir, sofrerá punição. O modo de vestir é um fato social. São fatos sociais também a língua, o sistema monetário, a religião, as leis e vários outros fenômenos.

Para Durkheim, fatos sociais são o modo de pensar, sentir e agir de um grupo social. Embora os fatos sociais sejam exteriores, eles são absorvidos pelo indivíduo e exercem sobre ele poder coercitivo. Resumindo, os fatos sociais têm as seguintes características:

- a) generalidade – para todas as pessoas, o fato social é comum aos membros de um grupo;
- b) exterioridade – o fato social é externo ao indivíduo, existe independentemente de sua vontade;
- c) coercitividade – os indivíduos se sentem obrigados a seguir o comportamento



estabelecido, ou serão punidos e/ou constrangidos.

### Leitura complementar

*Se não me submeto às normas da sociedade, se ao vestir-me não levo em conta os costumes seguidos no meu país e no meu grupo, o riso que provoço e o afastamento a que me submeto produzem, embora de forma mais leve, os mesmos efeitos de uma pena criminal propriamente dita. Aliás, apesar de indireta, a coação não deixa de ser eficaz.*

*Não sou obrigado a falar a língua de meu país, nem a usar as moedas legais, mas é impossível agir de outro modo. Se tentasse escapar a essa necessidade, minha tentativa seria um completo fracasso. Se for industrial, nada me proíbe de utilizar equipamentos e métodos do século passado; mas, se fizer isso, com certeza irei à falência.*

*Mesmo quando posso libertar-me e desobedecer, sempre serei obrigado a lutar contra tais regras. A resistência que elas impõem é uma prova de sua força, mesmo quando as pessoas conseguem finalmente vencê-las. Todos os inovadores, mesmo os bem-sucedidos, tiveram de lutar contra oposições dos fatos sociais estabelecidos.*

*Temos aqui, portanto, certos fatos que apresentam características especiais; estas consistem em maneiras de agir, pensar e sentir exteriores ao indivíduo e dotadas de um poder coercitivo em virtude do qual se impõem a nós como obrigação. Tais fatos não podem ser confundidos com fenômenos orgânicos, pois consistem em representações e ações; nem com os fenômenos psíquicos, pois estes só existem na mente dos indivíduos e devido a ela. Constituem, portanto, uma espécie diferente de fatos, que devem ser qualificados como fatos sociais.*

(Adaptado de: DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo, Abril Cultural, 1973)

### **2.3- A Sociologia na sociedade contemporânea**

A partir da segunda metade do século XX, com o desenvolvimento da sociedade industrial, a sociologia ganhou novo impulso, passando a estudar e a explicar problemas com os quais até então não havia se defrontado. Problemas como exclusão social, desagregação familiar, drogas, cidadania, diversidade, violência urbana e outros, representam desafios para os quais a sociologia tem procurado respostas.

É inegável que vivemos dias complexos, desse modo, os problemas sociais se somam.

O problema da violência, por exemplo, não é um problema isolado. Ao observarmos o quadro atual da violência urbana, muitas vezes não nos atentamos para os fatores que conduziram a tal situação, no entanto, podemos exemplificar citando o crescimento urbano desordenado. Em razão do acelerado processo de êxodo rural, as grandes cidades brasileiras absorveram um número de pessoas elevado, que não foi acompanhado pela infraestrutura urbana (emprego, moradia, saúde, educação, qualificação, entre outros); fato que desencadeou uma série de problemas sociais graves, dentre eles, a criminalidade. A criminalidade, embora não seja um “privilegio” exclusivo dos grandes centros urbanos do país, é largamente maior nas cidades grandes do que em cidades menores. É nas grandes cidades brasileiras que se concentram os principais problemas sociais, como desemprego, desprovimento de serviços públicos assistenciais (postos de saúde, hospitais, escolas e outros), além da ineficiência da segurança pública. Tais problemas são determinantes para o estabelecimento e proliferação da marginalidade e, conseqüentemente, da criminalidade que vem acompanhada pela violência. Os bairros marginalizados das principais cidades brasileiras respondem por aproximadamente 35% da população nacional, nesses locais pelo menos a metade das mortes são provocadas por causas violentas, como agressões e homicídios. Isso é explicado quando nos deparamos com dados de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde 21% de



todas as mortes são provenientes de atos violentos.

O Brasil responde por 10% de todos os homicídios praticados no mundo, segundo dados de um estudo realizado a pedido do governo suíço, divulgado no ano de 2008, em Genebra. E os números só crescem como mostra o gráfico ao lado.

## Leitura complementar

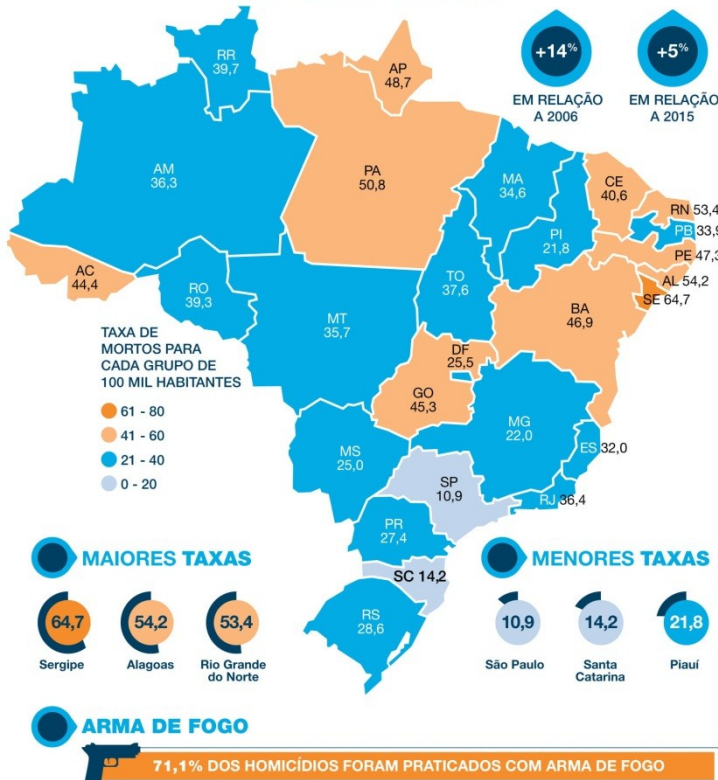
# Atlas da Violência 2018



ATLAS DA  
VIOLÊNCIA



**62.517**  
homicídios em 2016



## JUVENTUDE PERDIDA



33.590 JOVENS FORAM ASSASSINADOS NO PAÍS EM 2016

+7,4%

EM RELAÇÃO A 2015

65,5 Taxa de homicídio de jovens por 100 mil jovens no Brasil em 2016

## PIORES CENÁRIOS



## O PESO DA DESIGUALDADE RACIAL



Taxa de homicídio de negros

40,2



Taxa de homicídio de não negros

16,0

DE 2006 A 2016...



EM 2016 A TAXA DE HOMICÍDIO DE NEGROS EQUIVALE A 2,5 VEZES A DE NÃO NEGROS



A taxa de homicídio de negros cresceu 23,1%



A taxa entre os não negros teve redução de 6,8%

## GÊNERO, RAÇA E VIOLÊNCIA LETAL

(Taxas de homicídio para cada grupo de 100 mil mulheres de cada segmento)



Mulheres = 4,5



Mulheres negras = 5,3



Mulheres não negras = 3,1

Em 10 anos, a taxa de homicídio de mulheres negras aumentou 15,4%;

Entre mulheres não negras houve queda de 8%

## ESTUPROS

Registros no sistema de saúde

22.918

Registros policiais

49.497

### IDADE DAS VÍTIMAS

50,9% = Crianças (até 13 anos)  
17,0% = Adolescentes (14 a 17 anos)  
32,1% = Acima de 18 anos

### QUEM É O AGRESSOR?

30% dos casos de estupro contra crianças são perpetrados por familiares próximos como pais, irmãos e padrastos

46,1% das pessoas adultas foram vítimas de pessoas conhecidas

## Conceitos básicos para a compreensão da vida social

### 1- Sociabilidade e socialização

A vida em grupo é uma exigência da natureza humana. O homem necessita de seus semelhantes para sobreviver, perpetuar sua espécie e para se realizar plenamente como pessoa.

A sociabilidade, capacidade natural da espécie humana para viver em sociedade, desenvolve-se pelo processo de socialização. Pela socialização, o indivíduo se integra ao grupo em que nasce adquirindo os hábitos e costumes característicos daquele grupo.

Participando da vida em sociedade, aprendendo suas normas, valores e costumes o indivíduo se socializa. Quanto mais o indivíduo socializar-se, mais sociável ele poderá se tornar.

### 2- Contato sociais

Contatos sociais são as formas que os indivíduos estabelecem as relações sociais e as associações humanas. Ao dar uma aula, o professor entra em contato com os alunos. O cliente e o vendedor de uma loja estabelecem contato na venda de uma mercadoria. Duas pessoas conversando também estabelecem um contato social. A convivência humana pressupõe uma variedade de contatos sociais. Você mesmo pode relacionar diversas formas, a começar pela maneira como adquiriu este módulo ou pelas relações ou contatos sociais que manteve para chegar até esta etapa de sua educação formal.

O contato social é a base da vida em sociedade, sem eles é praticamente impossível vivermos. É o primeiro passo para que ocorra qualquer associação humana.

## 2.1-Tipos de contatos sociais

Podemos considerar que existem dois tipos de contatos sociais: primários e secundários.

**Contatos sociais primários.** São os contatos pessoais, diretos, íntimos e que têm uma forte base emocional, pois as pessoas envolvidas compartilham experiências individuais. São exemplos de contatos sociais primários: familiares (que ocorrem entre pais e filhos, entre irmãos, entre marido e mulher); de vizinhança (entre amigos, grupos de brincadeira e lazer); as relações sociais na escola, clube, etc. Assim, as primeiras experiências do indivíduo se dão em contatos sociais primários.

**Contatos sociais secundários.** São os contatos impessoais, calculados, formais, onde não há intimidade. Trata-se de um meio para atingir determinado fim. Dois exemplos: contato do passageiro com o cobrador do ônibus, apenas para pagar a passagem; contato do cliente com o caixa do banco, para descontar um cheque.

É importante destacar que as pessoas que têm uma vida baseada mais em contatos primários, desenvolvem uma personalidade diferente daquelas que têm uma vida com predominância de contatos secundários. Um agricultor, por exemplo, apresenta uma personalidade bastante diferente da de um executivo. Com a industrialização e o crescimento das cidades, diminuíram os grupos de contatos primários, pois nesta área há mais grupos nos quais predominam os contatos secundários. As relações humanas nas grandes cidades são mais distantes e impessoais, caracterizando uma tendência aos contatos sociais secundários e ao individualismo, pois a proximidade física não significa necessariamente proximidade afetiva. A vida nas metrópoles, por exemplo, facilita os conflitos. Um exemplo de individualismo cultivado nas grandes cidades são as brigas no trânsito, cada vez mais frequentes, muitas com desfecho violento.

## 3 - Convívio social, isolamento e atitudes

A história demonstra que o convívio social foi e continua a ser decisivo para o desenvolvimento da humanidade. As descobertas feitas por um grupo, quando comunicadas às outras pessoas, tornam-se estímulo e ponto de partida para aperfeiçoamento e novas descobertas. Transmitidas de geração a geração, esses conhecimentos compartilhados não se perdem com a morte de seus descobridores. No convívio social, o compartilhamento das aprendizagens entre indivíduos se dá pelos contatos sociais. A ausência de contatos sociais caracteriza o isolamento social. Existem mecanismos que reforçam o isolamento social. Entre eles estão as atitudes de ordem social e as atitudes de ordem individual.

As atitudes de ordem social que levam ao isolamento envolvem os vários tipos de preconceitos (de cor, de religião, de sexo). Um exemplo histórico de preconceito é o antissemitismo, voltado contra os judeus. Tal atitude foi especialmente violenta durante a Idade Média e também entre os anos de 1933 e 1945, nos países dominados pela ideologia nazista. A África do Sul é outro exemplo de país onde por várias décadas imperou uma legislação que afastava do convívio social com os brancos a maior parte da população: era o *apartheid*, que a minoria branca impunha à maioria negra, relegando seus membros à condição de cidadãos

inferiores.

Em 28 de abril de 1994, negros e brancos formavam juntos grandes filas para votar na primeira eleição multirracial da história da África do Sul. Nelson Mandela – um dos principais líderes do movimento que levou ao fim do *apartheid* e que ficou preso durante 32 anos – venceu as eleições, tornando-se presidente da República. O pior e mais cruel regime de discriminação racial da história chegava ao fim sem guerra civil, mas não sem ter causado milhares de vítimas ao longo dos quase 50 anos em que vigorou.

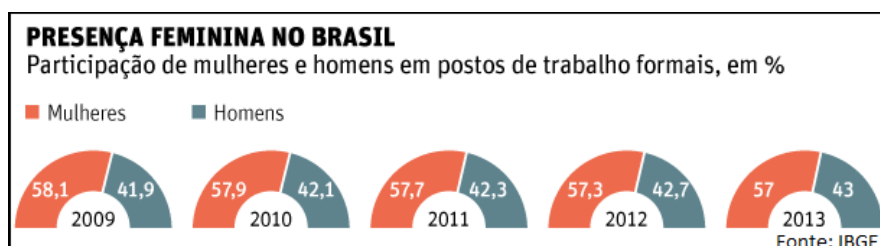
Uma atitude de ordem individual que reforça o isolamento social, por exemplo, é a timidez. O sociólogo Karl Mannheim considera que a timidez, o preconceito e a desconfiança podem levar o indivíduo a um isolamento parcial, semelhante ao ocasionado de modo geral pelas deficiências físicas, quando os portadores são agregados dentro de seu próprio grupo primário.

Atualmente, um fator que tem gerado isolamento social, sobretudo entre crianças e adolescentes, é o chamado *bullying*, onde muitas vezes alguém é motivo de piada entre seus colegas por motivos diversos.

### 3.1 - Quebrando as regras

O ser humano se guia pela inteligência. Sobre a necessidade de vida gregária (em grupo), construímos o convívio social. As formas de convívio social são diversificadas, pois cada cultura, cada povo, tem suas regras particulares de convivência humana.

As condições de convivência podem se modificar de acordo com certas transformações que ocorrem nas sociedades. Por exemplo, a situação da mulher de maneira geral foi se modificando rapidamente ao longo das últimas décadas do século XX. Quem imaginaria, nos anos de 1920, a mulher brasileira votando? Pois as brasileiras obtiveram direito de voto apenas em 1933. Difícil também imaginar, há cinquenta anos, mulheres ocupando cargos executivos em grandes empresas ou trabalhando em fábrica de montagem lado a lado com homens, ou dirigindo a economia e a política de uma grande nação. O cenário atual, porém, é diferente. No Brasil, a participação das mulheres no mercado de trabalho cresce e quase se iguala a dos homens, como mostram os gráficos abaixo.



### Leitura complementar

#### FEMINICÍDIO

O **feminicídio** é o homicídio praticado contra a mulher em decorrência do fato de ela ser mulher (**misoginia** e menosprezo pela condição feminina ou **discriminação de gênero**, fatores que também podem envolver violência sexual) ou em decorrência de **violência doméstica**. A lei 13.104/15, mais conhecida como **Lei do Feminicídio**, alterou o Código Penal brasileiro, incluindo como qualificador do crime de homicídio o feminicídio. **Tipos de feminicídio**

A Lei do Feminicídio não enquadra, indiscriminadamente, qualquer **assassinato de mulheres** como um ato de feminicídio. O desconhecimento do conteúdo da lei levou diversos setores, principalmente os mais conservadores, a questionarem a necessidade de sua implementação. Devemos ter em mente que a lei somente aplica-se nos casos descritos a seguir:

- **Violência doméstica ou familiar:** quando o crime resulta da violência doméstica ou é praticado junto a ela, ou seja, quando o homicida é um familiar da vítima ou já manteve algum tipo de laço afetivo com ela. Esse tipo de feminicídio é o mais comum no Brasil, ao contrário de outros países da América Latina, em que a violência contra a mulher é praticada, comumente, por desconhecidos, geralmente com a presença de violência sexual.
- **Menosprezo ou discriminação contra a condição da mulher:** quando o crime resulta da discriminação de gênero, manifestada pela misoginia e pela objetificação da mulher.

A violência contra a mulher, muitas vezes, acontece na própria casa da vítima e é praticada por um familiar.

Quando o assassinato de uma mulher é decorrente, por exemplo, de **latrocínio** (roubo seguido de morte) ou de uma briga simples entre desconhecidos ou é praticado por outra mulher, não há a configuração de feminicídio.

Fonte: < <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/feminicidio.htm> > Acesso em 02 dez. 2019.

## Agrupamentos Sociais

### 1- Grupo Social

Para a sociologia, **grupo social** é toda reunião de duas ou mais pessoas associadas pela interação. Devido à interação social, os grupos mantêm uma organização e são capazes de ações conjuntas para alcançar objetivos comuns a todos os seus membros. Os grupos sociais são formas estáveis de integração social. Um fator mantém a estabilidade e a integração do grupo: os contatos sociais são duradouros. Nos grupos sociais há normas, hábitos e costumes próprios, divisão de funções e posições sociais definidas. Como exemplos temos a família, a escola, a Igreja, o clube.

#### 1.1- Principais características dos grupos sociais

Dentre as características de um grupo social, as principais são:

- pluralidade de indivíduos** - há sempre mais de um indivíduo no grupo; grupo dá ideia de algo coletivo;
- interação social** – no grupo, os indivíduos comunicam-se uns com os outros;
- organização** – todo grupo, para funcionar bem, precisa de uma certa ordem interna;
- objetividade e exterioridade** – os grupos sociais são superiores e exteriores ao indivíduo, isto é, quando uma pessoa entra no grupo, ele já existe; quando sai, ele continua a existir;
- conteúdo intencional ou objetivo comum** – os membros de um grupo unem-se em torno de certos princípios ou valores, para atingir um objetivo de todo o grupo; a importância dos valores pode ser percebida pelo fato de que os grupos geralmente se dividem quando ocorre um conflito de valores; um partido político, por exemplo, pode dividir-se quando uma parte de seus membros passa a discordar de seus princípios básicos;
- consciência grupal ou sentimento de “nós”** – são as maneiras de pensar, sentir e agir próprias do grupo; existe um sentimento mais ou menos forte de compartilhar uma série de ideias, de pensamentos, de modos de agir. Um exemplo disso é o jogador de futebol que, quando fala da vitória de seu time, diz “nós ganhamos!”;
- continuidade** – as interações passageiras não chegam a formar grupos sociais organizados; para isso, é necessário que as interações tenham certa duração; como exemplo, temos a família, a escola, a igreja. Mas há grupos de duração efêmera, que aparecem e



desaparecem com facilidade, como por exemplo, os mutirões para a construção de casas.

### Leitura complementar

---

#### ROLEZINHOS: JOVENS DA "NOVA CLASSE MÉDIA" COLOCAM EM XEQUE MODELO DE INCLUSÃO SOCIAL

---

*É um costume dos adolescentes se reunirem em shoppings para passear. Mas quando centenas de jovens de periferia começaram a promover encontros em shopping centers de São Paulo, em dezembro do ano passado, os chamados “rolezinhos” viraram caso de polícia e ganharam repercussão nacional. Além da discussão sobre a adequação ou não do local para essas reuniões, os rolezinhos também levantaram outra questão: a relação entre e inclusão social desses jovens e o consumo.*

*A palavra “rolê” é uma gíria associada a dar uma volta e se divertir. Os primeiros rolezinhos aconteceram em dezembro de 2013, organizados por cantores de funk, em resposta à aprovação de um projeto de lei que proibia bailes nas ruas de São Paulo (proposta que depois foi vetada pelo prefeito Fernando Haddad).*

*Depois, MC’s passaram a promover encontros ao vivo com suas fãs, seguidos pelos “famosinhos”, pessoas com milhares de seguidores nas redes sociais, que também entraram na onda e levaram seus fãs do Facebook aos shoppings. O objetivo era conhecer gente nova, ser visto, paquerar, se divertir e escutar funk ostentação, gênero musical que mistura batidas de funk a letras sobre consumo e marcas de luxo.*

*A situação que fugia da rotina habitual desses centros comerciais causou pânico (...).*

Fonte: <http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/sociedade-os-rolezinhos-e-a-inclusao-social-pelo-consumo.htm>. Acesso em 10 nov.2015

---

## 2 - Agregados sociais

Diferentemente dos grupos sociais, agregados sociais são a reunião de pessoas com fraco sentimento global e frouxamente aglomeradas. Mesmo assim, conseguem manter entre si um mínimo de comunicação e de relações sociais. O agregado social não é organizado e as pessoas que dele participam são relativamente anônimas. Destacamos como agregados sociais a multidão, o público e a massa.

### **Multidão**

Um grupo de pessoas observando um incêndio ou fugindo de um edifício em chamas, uma população que se junta para um linchamento e um grupo que se encontra na rua para brincar o carnaval são exemplos de multidão.

Principais características da multidão: falta de organização – apesar de poder ter um líder, a multidão não possui um conjunto próprio de normas; seus membros não ocupam posições definidas no agregado;

anonimato – os componentes da multidão são anônimos, pois, ao se integrarem à multidão, seu nome, sua profissão ou sua posição social não são levados em conta, não têm importância alguma no agregado;

objetivos comuns – os interesses, as emoções e os atos são coletivos numa multidão;

indiferenciação – não há espaço para as diferenças individuais se manifestarem, o que torna iguais os membros da multidão;

proximidade física – os componentes da multidão ficam próximos uns dos outros, mantendo contato direto e temporário.

A multidão pode assumir forma pacífica ou tumultuosa.



## **Público**

O público é um agrupamento de pessoas que seguem os mesmos estímulos. É espontâneo, amorfo, não se baseia no contato físico, mas na comunicação recebida pelos diversos meios de comunicação.

Os indivíduos que assistem a um jogo ou a uma representação teatral ou a um show de música formam públicos. Todos os indivíduos que compõem o público recebem o mesmo estímulo (que vem do jogo, da peça de teatro, da música, etc.) Não se trata de uma multidão porque a integração dos indivíduos que formam o público é mais ou menos intencional (decidiram ir assistir ao jogo ou à peça ou ao show). Na multidão a integração é muito mais ocasional. Os modos de pensar, agir e sentir do público compõe o que é conhecido como opinião pública.

## **Massa**

As pessoas que assistem ao mesmo programa de televisão, veem o mesmo anúncio num cartaz ou leem em casa o mesmo jornal constituem a massa.

Portanto, a massa: é formada por indivíduos que recebem, de maneira mais ou menos passiva, opiniões formadas, que são veiculadas pelos meios de comunicação de massa; consiste num agrupamento relativamente grande de pessoas separadas e desconhecidas umas das outras.

Como não obedecem às normas, a formação das massas é espontânea. Existe uma certa semelhança entre público e massa, pois os componentes da massa também estão unidos por um estímulo. Mas há uma diferença muito importante entre um e outro: o público não tem uma atitude passiva diante da mensagem que recebe; ele opina (nos exemplos dados anteriormente, com palmas, críticas, discussões). Ou seja, o público não apenas recebe opiniões, mas também exprime a sua. Isso em geral não ocorre com a massa. Numa sociedade de massa, o tipo de comunicação que predomina é aquele transmitido pelos veículos de massa.

## **3- Mecanismos de sustentação dos grupos sociais**

Toda sociedade tem uma série de forças que mantêm os grupos sociais. As principais são a liderança, as normas sociais, os símbolos sociais e os valores sociais

### **a- Liderança**

A liderança é uma ação exercida por um líder. Este é o que dirige o grupo, transmitindo ideias e valores aos outros membros.

Há dois tipos de liderança:

**Liderança institucional** – deriva da autoridade que uma pessoa tem em virtude da posição social ou cargo que ocupa; o gerente de uma fábrica, o pai de uma família e o diretor de uma escola são líderes institucionais; seu poder de mando vem de seu cargo e de sua posição no grupo.

**Liderança pessoal** – é aquela que se origina das qualidades pessoais da pessoa que é líder (inteligência, prestígio social e moral, poder de comunicação, atitudes, encanto pessoal, etc.).

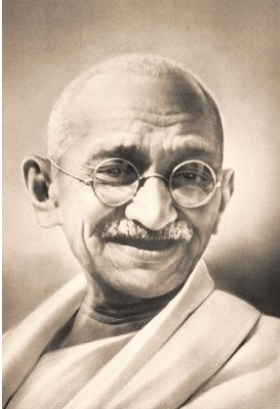
É entre os líderes pessoais que costumam aparecer os líderes carismáticos, ou seja, líderes dotados de um encanto pessoal tão forte que são considerados frequentemente proféticos, iluminados ou mesmo sobrenaturais. Relacionamos como exemplos: Antônio Conselheiro, Padre Cícero, Mao Tse-tung, Getúlio Vargas, Evita Perón, Adolf Hitler.

Como peça importante de sustentação do grupo, o líder desempenha um papel integrador entre seus membros, transmitindo-lhes ideias, normas e valores sociais, ao mesmo tempo que

representa os interesses e valores do grupo.

Nos grupos sociais criativos destaca-se a proeminência do líder pessoal caracterizado como *líder-fundador*. Trata-se de um produtor de ideias, capaz de uma dedicação quase heroica para com o objetivo; fortemente orientado para a tarefa, para o grupo e para si próprio; carismático e competente; inconscientemente inclinado a comportar-se como se desejasse que a organização por ele criada morresse com ele; atento em alimentar a memória e a história do grupo com notas biográficas, cartas, fotografias, uma documentação meticulosa capaz de transformar os conflitos em estímulos para a idealização e a solidariedade.

Os grupos quase sempre aceitam a liderança com respeito. Há lideranças que chegam a ser veneradas, como é o caso de Gandhi (1869-1948), líder espiritual e político dos hindus, que lutou pela paz e pela unificação da Índia, mas acabou assassinado em seu próprio país.



### Leitura complementar

#### *Gandhi, um grande líder*

*Quando Gandhi nasceu, a Inglaterra já exercia total domínio sobre seu país, a Índia. Esse domínio só terminou 78 anos depois, graças à liderança que Gandhi exerceu sobre o povo indiano. Toda a ação que ele desencadeou para forçar o governo britânico a conceder a independência a seu país baseava-se no princípio da não-violência, da resistência pacífica e da não-cooperação com os ingleses. Cada vez que a Inglaterra tomava medidas contrárias aos interesses do povo indiano, Gandhi respondia com jejuns prolongados, que punham em risco sua vida. Quando isso acontecia, os indianos se mobilizavam em orações, pedindo pela saúde de seu líder. O sacrifício de Gandhi também chamava a atenção do mundo para a condição de miséria em que vivia o povo na Índia. As atitudes de Gandhi levaram a opinião pública mundial a pressionar a Inglaterra para que concedesse a independência ao país, o que ocorreu em 1947, um ano antes de seu assassinato.*

### **b- Normas e sanções sociais**

Toda sociedade e todo grupo social têm uma série de regras de conduta, que orientam e controlam o comportamento das pessoas. Essas regras de ação são chamadas normas sociais.

Em função do que está socialmente estabelecido, as normas sociais indicam o que é “permitido” – e como tal pode ser seguido – e o que é “proibido” – não podendo ser praticado.

A toda norma social corresponde uma sanção social. A sanção social é uma recompensa ou uma punição que o grupo ou a sociedade atribuem ao indivíduo, em função de seu comportamento social.

A sanção social é:

Aprovativa – quando vem sob a forma de aceitação, aplauso, promoções; é o reconhecimento do grupo por ter o indivíduo cumprido o que se esperava dele; quando a pessoa corresponde à expectativa da sociedade, esta a gratifica e recompensa.

Reprovativa – quando corresponde a uma punição imposta ao indivíduo que desobedece a alguma norma social; essa punição varia de acordo com a importância que a sociedade dá à norma infringida; assim, são sanções reprovativas desde o insulto, a zombaria e a vaia até a perda dos bens, a prisão e, em alguns países, a pena de morte.

### **c- Símbolos sociais**

Nossa sociedade é cheia de símbolos, muitas vezes nem percebemos a influência que estes exercem sobre nós. Por exemplo, quando, na igreja, os cristãos tomam uma atitude de respeito e reverência com a cruz, demonstram que ela simboliza para eles a sua fé.

O símbolo é algo cujo valor ou significado é atribuído pelas pessoas que o utilizam. Em nossa sociedade, por exemplo, a aliança é um objeto que simboliza a união e a fidelidade entre os cônjuges.

Qualquer coisa pode tornar-se um símbolo. As pessoas atribuem significado a um objeto, uma cor ou um gesto, e estes se tornam símbolos de algo, como a riqueza, o prestígio, a posição social elevada, etc. Por exemplo, entre nós, a cor que simboliza o luto é o preto; entre os povos orientais, é o branco. Isso mostra que os símbolos são convenções, ou seja, cada sociedade ou grupo social pode se utilizar de símbolos diferentes para exprimir o mesmo significado.

A linguagem é um conjunto de símbolos. Por exemplo, as palavras menino, boy, garçom e bambino significam todas “crianças do sexo masculino”, respectivamente em português, inglês, francês e italiano. A linguagem é a mais importante forma de expressão simbólica. Sem a linguagem não haveria organização social humana, em nenhuma de suas manifestações: política, econômica, religiosa, militar, etc. Sem ela provavelmente não existiria nenhuma norma de comportamento, nenhuma espécie de lei, nenhuma criação literária ou científica tal como as concebemos hoje.

A criança amadurece e se socializa à medida que aprende a usar símbolos. Podemos dizer que todo comportamento humano é simbólico e todo comportamento simbólico é humano, já que a utilização de símbolos é exclusividade da espécie humana. Um simples gesto ou expressão facial podem simbolizar diversas coisas.

Há muitos sistemas de símbolos dentre uma população, mas entre os mais importantes estão: a) sistemas de linguagem que as pessoas usam na comunicação; b) sistemas de tecnologias que incorporam o conhecimento sobre meio ambiente; c) sistemas de valores que dizem respeito aos princípios de bom e mau, de certo e errado; d) sistemas de crença que organizam as noções das pessoas sobre o que deveria existir e realmente existe em situações e espaços específicos; e) sistemas reguladores que explicam como as pessoas devem se comportar em diversas situações; e f) noções de conhecimento, com informação implícita, que as pessoas inconscientemente usam para compreender as situações.

#### **d- Valores sociais**

Os valores sociais variam no espaço e no tempo, em função de cada época, geração e cada sociedade. Ex.: o que é bonito para os jovens nem sempre é aceito pelos mais velhos. As roupas, os cabelos, modo de dançar, as ideias, os comportamentos, enfim, entram em choque com os valores sociais já estabelecidos e cultivados por seus pais, criando uma certa tensão entre jovens e adultos.

#### Leitura complementar

##### ***No Projeto Educação, professor de sociologia explica os valores sociais***

Na aula do Projeto Educação, o professor de sociologia Fábio Medeiros explica o que são os valores sociais. A Colônia Penal Feminina de Abreu e Lima, na Região Metropolitana do Recife, foi construída há quase quatro anos para abrigar 180 pessoas. Mulheres que em algum momento da vida fizeram escolhas erradas e agiram contra os valores da sociedade.

“Os valores sociais são construídos pela sociedade. Não é o indivíduo que necessariamente nasce com os valores e individualmente os constrói. É sempre o coletivo. Apesar dos valores sociais serem uma construção social o indivíduo também tem a capacidade da escolha. As condições podem inibir, neutralizar ou determinar a escolha, mas o ser humano é sempre livre e assume as consequências de suas decisões. Se a sociedade diz que isto não é o correto e que tal ação é a correta, você tem uma escolha a fazer. Essa escolha vai ter um peso que é você quem vai determinar”, explica o professor.

Ir contra os valores sociais é o que chamamos de contravalor.

“A criminalidade é algo que a sociedade não admite como valor. É um contravalor. Diante de certas condições que em sociologia chamamos de determinações sociais e econômicas, muitas vezes as pessoas são empurradas, o que não é uma justificativa, a viver um contravalor, a fazer ações inaceitáveis do ponto de vista social, como tirar a vida de alguém ou você cometer um furto”, acrescenta Medeiros.

O que essas mulheres buscam, agora, é uma oportunidade. E o governo do estado, responsável por elas, tem a obrigação de oferecer através da ressocialização.







## Multiculturalidade



Vive-se atualmente o contexto do mundo globalizado, a era da informação. Dentro desta realidade tem-se que o mundo é multicultural. O que, afinal, vem a ser multiculturalismo? O multiculturalismo é o reconhecimento das diferenças, da individualidade de cada um. Daí então surge a confusão: se o discurso é pela igualdade de direitos, falar em diferenças parece uma contradição. Mas não é bem assim. A igualdade de que se fala é igualdade perante a lei, é igualdade relativa aos direitos e deveres. As diferenças às quais o multiculturalismo se refere são diferenças de valores, de costumes etc., posto que se trata de indivíduos diferentes entre si. No Brasil, o convívio multicultural não deveria representar uma dificuldade, afinal, a sociedade brasileira resulta da mistura de raças - negra, branca, índia - cada uma com seus costumes,

seus valores, seu modo de vida, e da adaptação dessas culturas umas às outras, numa "quase reciprocidade cultural". Dessa mistura é que surge um indivíduo que não é branco nem índio, que tampouco é negro, mas que é simplesmente brasileiro. Filhos desse hibridismo e tendo como característica marcante o fato de abrigar diversas culturas, nós, brasileiros, deveríamos lidar facilmente com as diferenças. Mas não é exatamente isso o que ocorre. Sendo as culturas produto de determinados contextos sociais, se determinada cultura é posta em contato com outra, necessariamente, sob pena de ser sufocada, uma delas se adaptará à outra. Tal exigência de adaptação às necessidades sociais não é especificidade do mundo globalizado. Historicamente tem se dado este confronto necessário entre culturas diferentes. Adaptar-se é, enfim, sobreviver. A adaptação das culturas é algo próprio de cada momento, uma vez que a sociedade se transforma conforme se constrói a história. Cada sociedade busca para si aquilo de que necessita em dado momento. Assim, se determinada cultura não lhe serve, então, deverá adaptar-se ou desaparecerá. As sociedades contemporâneas, nas quais é preciso diferenciação dos indivíduos para que se identifiquem enquanto seres humanos e enquanto membros de determinado contexto social, e, sobretudo, diante das possibilidades postas pela globalização, o conflito de culturas é inevitável e necessário. A globalização cada vez mais aproxima grupos de culturas diferentes. Assim, a diversidade cultural passa a ser alvo de intensos debates. Um grande desafio frente ao colocado por essa realidade, é que se pretende o igual, mas ao mesmo tempo, exige-se o diferente. Sejam quais forem as exigências do mundo globalizado, atualmente se afirma a certeza do necessário convívio em uma sociedade cuja realidade é multicultural. Para tanto, é preciso que se reconheça e se respeite as diferenças próprias de cada indivíduo. O reconhecimento da diferença é ponto de partida para que se possa conviver em harmonia, não com os iguais, já que igualdade só deve existir do ponto de vista legal, mas do ponto de vista humano, social, o que nos interessa é realmente ser diferentes. Atualmente a escola, por se configurar como espaço legítimo onde se dá o processo de socialização, é o ambiente no qual mais se discute a questão da diversidade - cultural, racial, social. No momento atual, para que este processo aconteça é necessário o convívio multicultural que implica respeito ao outro, diálogo com os valores do outro.

Fonte: Francisca Socorro Araujo, disponível em: <http://www.infoescola.com/sociologia/multiculturalidade/> Acesso em: 28 jul.2015

## Cidadania



**Cidadania** é o exercício dos **direitos e deveres civis, políticos e sociais** estabelecidos na Constituição. Uma boa cidadania implica que os direitos e deveres estão interligados, e o respeito e cumprimento de ambos contribuem para uma sociedade mais equilibrada.

Exercer a cidadania é ter consciência de seus direitos e obrigações e lutar para que sejam colocados em prática. Exercer a cidadania é estar em pleno gozo das disposições constitucionais. Preparar o cidadão para o exercício da cidadania é um dos objetivos da educação de um país.

O conceito de cidadania também está relacionado com o país onde a pessoa exerce os seus direitos e deveres. Assim, a **cidadania brasileira** está relacionada com o indivíduo que está ligado aos direitos e deveres que estão definidos na Constituição.

A Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988, pela Assembleia Nacional Constituinte, composta por 559 congressistas (deputados e senadores), consolidou a democracia, após longos anos da ditadura militar no Brasil. Em seus artigos 5º e 6º estabelece os deveres e direitos do cidadão:

a- Deveres do cidadão	b- Direitos do cidadão
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Votar para escolher os governantes.</li> <li>• Cumprir as leis.</li> <li>• Educar e proteger seus semelhantes.</li> <li>• Proteger a natureza.</li> <li>• Proteger o patrimônio público e social do País.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Direito à saúde, educação, moradia, trabalho, previdência social, lazer, entre outros.</li> <li>• Votar para escolher os governantes.</li> <li>• O cidadão é livre para escrever e dizer o que pensa, mas precisa assinar o que disse e escreveu.</li> <li>• Todos são respeitados na sua fé, no seu pensamento e na sua ação na cidade.</li> <li>• O cidadão é livre para praticar qualquer trabalho, ofício ou profissão, mas a lei pode pedir estudo e diploma para isso.</li> <li>• Só o autor de uma obra tem o direito de usá-la, publicá-la e tirar cópia, e esse direito passa para os seus herdeiros.</li> <li>• Os bens de uma pessoa, quando ela morrer, passam para seus herdeiros.</li> <li>• Em tempo de paz, qualquer pessoa pode ir de uma cidade para outra, ficar ou sair do país, obedecendo a lei feita para isso.</li> </ul>

### O que significa ser cidadão? 0,49cm

**Cidadão** é um indivíduo que tem consciência de seus direitos e deveres e participa ativamente de todas as questões da sociedade. Tudo o que acontece no mundo, acontece comigo. Então eu preciso participar das decisões que interferem na minha vida. “Um cidadão com sentimento ético forte e consciência da cidadania não deixa passar nada, não abre mão desse poder de participação (...). A ideia de cidadania ativa é ser alguém que cobra, propõe e pressiona o tempo todo. O cidadão precisa ter consciência de seu poder.” Palavras de Herbert de Souza – o cidadão Betinho –, maior símbolo brasileiro de construção da cidadania ativa.

A cidadania está diretamente vinculada aos direitos humanos, uma longa e penosa conquista da humanidade, que teve seu reconhecimento formal com a Declaração Universal dos Direitos do Homem (DUDH), aprovada em 1948 pela Organização das Nações Unidas (ONU). Naquela época vivia-se o fim da Segunda Guerra Mundial e a vitória contra o nazismo, fato que garantiu leis em todo planeta para todas as pessoas.

Ser cidadão significa, portanto, ter direitos e deveres. Isso vale para todas as pessoas que vivem num país: homens, mulheres, idosos, crianças e adolescentes. É participar da vida política e social do país, lutando por seus direitos, cumprindo seus deveres e procurando construir uma sociedade mais justa e igualitária, ou seja, que busca a igualdade de todos os seres humanos.

Como cidadãos brasileiros, temos **direitos políticos**, ou seja, podemos escolher, por meio de voto, nossos governantes e representantes, e sermos eleitos para esses mesmos

cargos. Nem sempre o candidato que escolhemos vence as eleições, mas certamente é a vontade da maioria que prevalece. Para cada um dos cargos, é eleita a pessoa que receber o maior número de votos. Mas não são apenas os direitos políticos que nos tornam cidadãos. Temos também os **direitos civis**, isto é, o direito à vida, à liberdade, à propriedade e à igualdade perante a lei. Temos ainda os **direitos sociais**, que nos garantem o direito a uma vida digna, com trabalho, salário justo, aposentadoria por tempo de serviço, educação, moradia e saúde.

Embora assegurados pela Constituição, será que todos os brasileiros desfrutam plenamente desses direitos?

---

## Leitura complementar

### DIREITOS HUMANOS

Os direitos humanos são comumente compreendidos como aqueles direitos inerentes ao ser humano. O conceito de Direitos Humanos reconhece que cada ser humano pode desfrutar de seus direitos humanos sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outro tipo, origem social ou nacional ou condição de nascimento ou riqueza.

Os direitos humanos são garantidos legalmente pela lei de direitos humanos, protegendo indivíduos e grupos contra ações que interferem nas liberdades fundamentais e na dignidade humana.

Estão expressos em tratados, no direito internacional consuetudinário, conjuntos de princípios e outras modalidades do Direito. A legislação de direitos humanos obriga os Estados a agir de uma determinada maneira e proíbe os Estados de se envolverem em atividades específicas. No entanto, a legislação não estabelece os direitos humanos. Os direitos humanos são direitos inerentes a cada pessoa simplesmente por ela ser um humano.

Tratados e outras modalidades do Direito costumam servir para proteger formalmente os direitos de indivíduos ou grupos contra ações ou abandono dos governos, que interferem no desfrute de seus direitos humanos.

Saiba mais em: <<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/>> Acesso 02 jul. 2020

---

## Minorias

O processo de globalização promoveu a massificação, a homogeneização e a padronização cultural. Vemos isso nas roupas, nos cortes de cabelo, nos calçados, automóveis, na música, na alimentação. Retratando um mundo em que grandes contingentes de pessoas se transformam em robôs vivos, em tudo semelhantes uns aos outros, os filmes de ficção científica parecem tornar-se realidade, o que é um exemplo do padrão imposto pelo processo de globalização.

Mas desse panorama de mudanças sociais e institucionais avassaladoras – em que instituições consideradas inabaláveis parecem atravessar irreversível debilidade ou descrédito, em que a padronização parece fortemente instalada – emerge uma sociedade complexa e diferenciada. Nela, diversos *grupos sociais minoritários* – as *minorias* étnicas, religiosas, políticas e regionais – buscam seu espaço social e geográfico, sua originalidade, sua identidade social e cultural. As minorias se organizam cada vez mais para defender seus princípios, ressaltando suas individualidades.

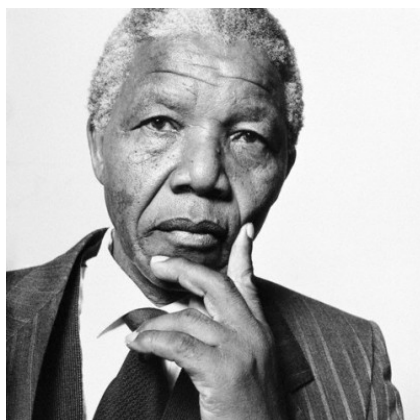
Afirmando sua própria identidade, as minorias imprimem marcantes diferenças na realidade atual. À medida que reivindicam direitos e contestam certas normas sociais, por se sentirem excluídas, as minorias organizam movimentos sociais, políticos, étnicos, raciais e sexuais, que vêm dando um novo sentido à noção de cidadania.

A *exclusão social* é muito forte entre as minorias e origina diferentes grupos de excluídos. É comum as minorias organizadas passarem do discurso à ação política, reafirmando sua própria identidade e buscando seus direitos na sociedade democrática.

## Quando a minoria é maioria

As minorias geralmente se originam da avaliação negativa que se tem delas, da sua discriminação e segregação. Pode acontecer, e não é raro, de uma minoria ser formada pela maior parte da população. São as minorias majoritárias. Isso pode parecer contraditório, mas o fato é que as minorias majoritárias ocupam na estrutura de poder uma posição de subordinação diante de uma minoria autoritária e poderosa.

Os escravos de qualquer época e lugar são exemplos de minorias majoritárias diante dos governos escravocratas que formam o grupo minoritário nesses sistemas. Outro exemplo é o *apartheid* da África do Sul, em que a maioria negra foi subjugada pela minoria branca.



### Leitura complementar

**Nelson Mandela** (1918-2013) foi um líder político africano. Foi o principal representante do movimento contra o regime de Apartheid. Em 1993, recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Foi presidente da África do Sul de 1994 a 1999.

Nelson Mandela nasceu em Mvezo, África do Sul, no dia 18 de julho de 1918. Nascido em família de origem tribal da etnia Xhosa, recebeu o nome de Rolihlana Dalibhunga Mandela. Em 1925 recebeu da professora primária o nome inglês de Nelson. Aos nove anos de idade, com a morte do pai, foi levado para a vila real onde ficou aos

cuidados do regente do povo Tambu.

Em 1939 ingressou no curso de Direito na Universidade de Fort Hare, a primeira a ministrar cursos para negros. No final do primeiro ano envolveu-se com o movimento estudantil num boicote contra a falta de democracia racial, sendo expulso da universidade. Em 1943, morando em Joanesburgo, concluiu o bacharelado em artes na Universidade da África do Sul. Concluiu, por correspondência, o curso de Direito da Universidade de Fort Hare, que mais tarde veio lhe conceder o título de “Doutor Honoris Causa”.

Em Joanesburgo, Nelson Mandela se depara com o regime de “Apartheid” o terror imposto à maioria negra. A segregação racial, a falta de direitos políticos e civis, e o confinamento dos negros em regiões determinadas pelo governo branco. Liderando o Conselho Nacional Africano (CNA), o principal instrumento de representação política dos negros, fundou em 1944, A “Liga Jovem do CNA”, principal representante na luta contra o regime de “Apartheid” – legislação que segregava os negros no país.

Em 1956, Nelson Mandela é preso pela primeira vez, acusado de conspiração. Em 1962 é caçado pelas autoridades brancas da África do Sul, e em 1964 é condenado à prisão perpétua, em Robben Island, à margem da cidade do Cabo. Em 1980, um plebiscito aprova o fim do regime. Em 1990 Nelson Mandela foi libertado.

Em abril de 1994, Nelson Mandela foi eleito presidente da República da África do Sul, governando até 1999. Recebeu diversos prêmios internacionais pela luta em favor dos direitos humanos. Anunciou seu apoio à campanha de arrecadação de fundos contra a AIDS. Faleceu em Joanesburgo, no dia 5 de dezembro de 2013.

## As instituições sociais

Desde o nascimento, começamos a aprender as regras e os procedimentos que devemos seguir em sociedade. À medida que a pessoa amadurece e entende melhor o mundo

em que vive, percebe que em todos os grupos de que participa existem certas regras, padrões que a sociedade considera fundamentais. Essas regras, instituídas pelos nossos antepassados, receberam modificações maiores ou menores através do tempo. E a sociedade exerce grande pressão para que todos cumpram essas regras.

## Reflexão e definição

Instituição é o que está instituído, constituído na sociedade. São os modos de pensar, de sentir e de agir que a pessoa encontra preestabelecidos e cuja mudança se faz lentamente, com dificuldades. Portanto, as instituições sociais servem principalmente como meio para satisfazer as necessidades da sociedade. Nenhuma instituição surge sem que tenha surgido antes uma necessidade. As instituições sociais servem também de instrumento de regulação e controle das atividades humanas. No estudo das instituições sociais, dois aspectos devem ser levados em conta: a diferenciação entre grupo e instituição; a interdependência entre as instituições.

## Diferenças entre grupo social e instituição social

Apesar de dependerem basicamente um do outro, grupo e instituição são duas realidades distintas. Os *grupos sociais* se referem a indivíduos com objetivos comuns, envolvidos num processo de interação contínuo. Já as *instituições sociais* se referem a regras e procedimentos dos diversos grupos. Por exemplo: o pai, a mãe e os filhos formam um grupo primário; as regras e os procedimentos que regulamentam essa relação fazem parte da instituição familiar.

## Interdependência das instituições

Vamos começar com um exemplo. A escravidão era uma instituição que existiu no Brasil até 1888. Com a libertação dos escravos, ocorreu uma modificação básica na instituição econômica do país: os trabalhadores passaram a receber salário pelo seu trabalho; imediatamente, a instituição familiar, a religiosa e a educativa sofreram mudanças decorrentes do processo, na medida em que tiveram de reorganizar seu sistema de *status*, seus padrões de comportamento e suas normas jurídicas em relação aos negros. Uma instituição não existe isolada das outras. Todas possuem uma interdependência mútua, de forma tal que uma modificação em uma instituição pode acarretar mudanças em outras.

## Principais tipos de instituição

As principais instituições sociais são: instituição familiar; instituição educativa; instituição religiosa; instituição jurídica; instituição econômica; instituição política.

**A família** é o primeiro grupo social a que pertencemos. Embora as normas sociais institucionalizadas determinem as regras de funcionamento da instituição familiar, cada família tem ainda suas próprias regras de comportamento e controle. Em cada grupo familiar os membros se reconhecem biológica e culturalmente, pois cada família possui uma cultura particular.

A família pode ser definida como um tipo de agrupamento social primário, cuja estrutura em alguns aspectos varia no tempo e no espaço. Essa variação pode ser quanto: ao número de casamentos; à forma de casamento; ao tipo de família; aos papéis familiares.

## Número de casamentos

Quanto ao número de casamentos, a família pode ser monogâmica e poligâmica.

A *família monogâmica* é aquela em que cada esposo e cada esposa têm apenas um cônjuge, quer seja uma aliança indissolúvel, quer se admita o divórcio (como é o caso da nossa sociedade). A lei brasileira permite um novo casamento após o término do casamento anterior.

A *família poligâmica* é aquela em que cada esposo pode ter dois ou mais cônjuges. Ao casamento de uma mulher com dois ou mais homens dá-se o nome de *poliandria*. Esse tipo de família existe, por exemplo, entre tribos do Tibete e entre os esquimós. Ao casamento de um homem com várias mulheres damos o nome de *poliginia*.

## Formas de casamento

Quanto às formas de casamento, temos a endogamia e a exogamia.

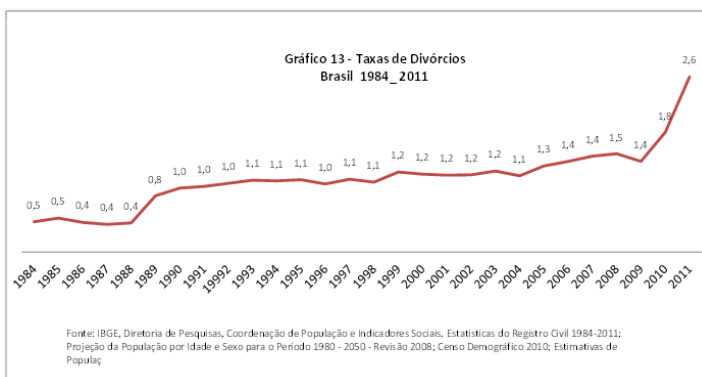
*Endogamia* quer dizer casamento apenas dentro do mesmo grupo, da mesma tribo. Era comum nas sociedades primitivas, e encontrado ainda hoje no sistema de castas na Índia.

*Exogamia* é o tipo de casamento encontrado na maioria das sociedades modernas; é o casamento com alguém de fora do grupo. Por exemplo, são comuns os casamentos de pessoas de religião, raça ou classe social distintas.

## Papeis familiares

A sociedade pós-industrial criou um novo padrão de família. No modelo em rápido desenvolvimento, o “chefe da casa” não mais se chama pai, e mãe deixou de ser sinônimo de “rainha do lar”. Os filhos são criados por pai e mãe trocando constantemente papéis entre si, não sendo raro pais cuidando dos filhos e mães trabalhando fora. A participação do homem em tarefas do lar cresceu muito. Os índices de divórcio sofreram elevação no mundo moderno; nos anos de 1980, podia-se prever que a metade dos casamentos de norte-americanos terminaria em divórcio e a proporção de divorciados em relação ao número de casados quadruplicaria em

apenas 30 anos. Produto do divórcio, do abandono, da viuvez e da produção independente, a nova família é monoparental. Os filhos geralmente moram só com o pai ou com a mãe. O papel do pai varia de cultura para cultura, e mesmo dentro de uma mesma cultura. Há pais que se envolvem na educação e na nutrição dos filhos; outros agem como meros fornecedores de dinheiro.



## Leitura complementar

### As NOVAS FAMÍLIAS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO

**Qual o conceito de família e como os pais e educadores têm trabalhado estes novos padrões na formação das crianças e jovens?**

O conceito de família mudou. Na nova realidade mostrada pelo último levantamento do IBGE a formação tradicional - pai, mãe e filhos - divide lugar com outros grupos que vivem sob o mesmo teto. Qual o conceito de família e como os pais e educadores têm trabalhado estes novos padrões na formação das crianças e jovens?



*Pesquisas recentes revelam que a família é uma instituição em constante movimento e sujeita a determinações econômicas que forçam reorganizações e, conseqüentemente, novas formas de relacionamento com parentes, novas organizações familiares, para dar respostas às necessidades e mudanças causadas.*

*Dentro desta nova configuração, alguns dados se destacam, segundo o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010. Atualmente a formação clássica 'casal com filhos' representa 49,9% dos domicílios, enquanto outros tipos de famílias já somam 50,1%; são 10,197 milhões de famílias em que só há mãe ou pai; em 37% dos lares, as mães já são as principais responsáveis pelo sustento de todos e existem pelo menos 60 mil famílias homoafetivas brasileiras, das quais 53,8% são formadas por mulheres.*

*Os pesquisadores do IBGE encontraram vivendo sob o mesmo teto, mãe criando filho sozinho, pai criando filho sozinho, mãe com filho gerado de forma "independente", pai que assumiu o filho de uma relação ocasional, marido e mulher vivendo juntos com os pais, irmãos e filhos de outros casamentos, "famílias" formadas por grupos de amigos, casais gays com filhos de relacionamentos tradicionais, adotados ou concebidos a partir de barrigas de aluguel, entre outros tantos arranjos identificados em todo o País.*

*As novas composições recebem novas nomenclaturas, com as quais passamos a nos familiarizar. Entre elas estão: "família margarina", "família mosaico", "família monoparental", "família estendida", "família homoafetiva". Outro termo para designar um tipo específico de composição familiar é o DINK - sigla em inglês que define os casais onde os dois têm renda e não têm filhos.*

Fonte: [http://www.fundacaobunge.org.br/jornalcidadania/materia.php?id=11988&as\\_novas\\_familias\\_e\\_os\\_desafios\\_da\\_educacao](http://www.fundacaobunge.org.br/jornalcidadania/materia.php?id=11988&as_novas_familias_e_os_desafios_da_educacao)

Acesso em: 28 jul.2015

## A igreja

Todas as sociedades conhecem alguma forma de religião. A religião é um fato social universal, sendo encontrada em toda parte e desde os tempos mais remotos.

Ao longo da História surgiram muitas formas de manifestação religiosa. Das religiões que surgiram, algumas desapareceram e outras existem até hoje, congregando milhões de fiéis. A crença em algum tipo de divindade e o sentimento religioso são fenômenos generalizados em todas as sociedades.

Dentro das mais variadas culturas, o culto ao sobrenatural apresenta-se como fator de estabilidade social e de obediência às normas sociais. As religiões e as liturgias variam, mas o aspecto religioso é bem evidente. As pessoas procuram no misticismo e no sobrenatural algo que lhes transmita paz de espírito e segurança. Por isso, a religião sempre desempenhou uma função social indispensável.

Essa crença está associada a sentimentos de respeito, temor e veneração, e se expressa em atitudes públicas destinadas a lidar com esses poderes.

As religiões ocidentais sofreram profundas modificações devido à mudança da economia agrícola para a economia industrial e também em razão do progresso da ciência e das artes, com as conseqüentes transformações da visão que o ser humano tem de si mesmo e da vida. Atualmente, as religiões no mundo ocidental têm procurado, em geral, conciliar suas doutrinas com o conhecimento científico.

É inegável a tendência moderna de dar mais ênfase aos valores sociais do que aos dogmas religiosos, de valorizar mais os aspectos sociais e humanos. Prova disso é o surgimento, dentro da Igreja Católica, da doutrina da Teologia da Libertação, que defende a necessidade de a Igreja lutar por mais justiça entre as pessoas. Muitos líderes religiosos têm defendido uma participação cada vez maior das igrejas nos problemas sociais e têm ressaltado mais o conteúdo ético do que os dogmas da religião.

Por outro lado, setores conservadores das igrejas procuram manter inalterável o papel da instituição, defendendo a tradição e dando ênfase às atividades missionárias.

## O Estado

A palavra **Estado**, grafada com inicial maiúscula, é uma forma organizacional cujo significado é de natureza política. É uma entidade com poder soberano para governar um povo dentro de uma área

territorial delimitada.

Quando um indivíduo tem seu imposto de renda retirado na fonte, ou quando compra um determinado bem (alimento, bebida, calçado), ele está sendo tributado, isto é, ele está pagando impostos ao Estado. No primeiro caso o imposto é direto, porque ele incide diretamente sobre o salário da pessoa. No segundo caso ele é indireto, porque quem o recolhe é o comerciante, pelo Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), ou industrial, através do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

Assim, os tributos são uma apropriação de recursos de particulares pelo Estado. Esses recursos devem financiar os gastos do Estado com seus funcionários, com as obras que deve realizar.

Mas em que o Estado se baseia para retirar recursos de pessoas e empresas? A ação tributadora se fundamenta numa qualidade que integra a própria essência do Estado: o seu poder de coerção. Esse poder é a possibilidade que tem o Estado de recorrer à violência física para cumprir os seus fins.

### **Direitos e poder do Estado**

Em qualquer sociedade, apenas o Estado tem o direito de recorrer à violência, à coação, para obrigar alguém a fazer alguma coisa. Em suma, o Estado é a instituição social que tem a exclusividade, o monopólio da violência legítima; e assim é porque a lei lhe confere o direito de recorrer à violência, caso seja necessário. Esse direito é executado pelas instituições policiais e militares. O poder e a autoridade centralizam-se de maneira mais clara no Estado. Desse modo, o Estado é uma das agências mais importantes de controle social; o Estado executa suas funções por meio da lei, apoiado em última instância no uso da força.

Max Weber entende por poder as oportunidades que uma pessoa ou um grupo de pessoas tem de realizar sua vontade numa ação comum, mesmo contra a resistência de outras pessoas que participam da ação. Ter poder, portanto, é conseguir impor sua vontade sobre a vontade de outros indivíduos.

As pessoas que exercem o poder no Estado compõem o governo. Em virtude do seu legítimo (mas jamais completo) monopólio da força, o governo, evidentemente, detém o poder supremo da sociedade. Ele reserva para si o direito de impor e de obrigar. Qualquer outro uso ou ameaça do uso de força (por bandos criminosos, soldados amotinados, grupos rebeldes, etc.) é legítimo e será suprimido, se possível pelo Estado. Se ele não conseguir eliminar a violência, perderá sua característica principal, deixará de existir. Isso acontece quando um Estado não consegue acabar com uma revolução ou uma insurreição.

### **Elementos do Estado**

O Estado é um agente de controle social. Difere de outras instituições – como a família e a igreja, o Estado tem poder para regular as relações entre todos os membros da sociedade. O Estado constitui-se de três elementos:

- 1- território** – é a base física do Estado, sobre a qual ele exerce sua jurisdição;
- 2- população** – composta pelos habitantes do território;
- 3- governo** – grupo de pessoas colocadas à frente dos órgãos fundamentais do Estado e que em seu nome exercem o poder público.

## Organização dos Três Poderes

O território brasileiro está dividido em estados, e estes estão divididos em municípios. Como eles são governados? Quem governa o município, o estado e o país?



Os municípios são governados pelos prefeitos e vice-prefeitos. Os estados, pelos governadores e vice-governadores e o país é governado pelo/a presidente e pelo vice-presidente. Todos eles são eleitos pela população, ou seja, são escolhidos por meio do voto da maioria das pessoas, para que assim possam exercer o poder em nome delas. São cargos públicos que podem ser preenchidos tanto por homens quanto por mulheres.

O poder exercido pelos prefeitos, governadores e presidente recebe o nome de **poder Executivo**. Recebe este nome porque cabe a seus representantes colocar as leis em prática, ou seja, executá-las e administrar os negócios públicos, como cobrar impostos, decidir onde o dinheiro recolhido será aplicado, quantas escolas ou hospitais públicos serão construídos em um ano, quantas e quais as ruas receberão calçamento, etc. O poder executivo é auxiliado, em sua tarefa de governar, pelo poder Legislativo e pelo poder Judiciário.

O **poder Legislativo** é responsável pela elaboração e aprovação das leis. Para compor o poder Legislativo, também são eleitos através do voto, os vereadores, os deputados (estaduais e federais) e os senadores.

O **poder Judiciário** é o fiscalizador. Ele cuida para que essas leis sejam cumpridas e zela pelos direitos dos indivíduos. Do poder Judiciário fazem parte os juízes e os promotores de justiça.

Desde 1889 até os dias atuais, a forma de governo, no Brasil, é republicana. A palavra República significa "coisa pública, coisa de todos", indicando um sistema de governo que tem como objetivo atender aos interesses de todos os cidadãos. Em uma República, o país é governado pelo presidente.

Numa República, como é o caso do Brasil, o governo não é hereditário, ou seja, não passa de pai para filho. Os governantes são eleitos por meio de voto para exercer o poder durante um tempo determinado (no caso do Brasil, por 4 anos), podendo ser reeleito uma única vez.

## Sistemas de Governo

Quadro comparativo dos sistemas de governo	
PRESIDENCIALISMO	PARLAMENTARISMO
Só funciona em repúblicas.	Funciona em repúblicas e monarquias.
Presidente é, ao mesmo tempo, <i>chefe de Estado</i> e <i>chefe de governo</i> (exerce certas funções especiais e tem responsabilidade política).	Presidente é apenas <i>chefe de Estado</i> (exerce funções restritas e especiais). O primeiro-ministro, ou <i>premier</i> , é o <i>chefe de governo</i> (tem responsabilidade política).
Ministros de Estado podem ser livremente exonerados pelo presidente.	Ministros de Estado não podem ser exonerados, pois governam em conjunto com o <i>premier</i> .

Todos nós queiramos ou não, somos seres políticos. A política está presente em todas nossas ações. Quando compramos um alimento, quando abastecemos nosso carro, quando

aceitamos como verdadeira determinada informação, quando votamos, etc. Em todas essas situações estamos participando da política de nosso país. O que diferencia uma pessoa de outra no que diz respeito à política é que alguns têm uma postura mais crítica e ativa, através da informação e da participação social, enquanto outros têm uma postura alienada (desinteressada por questões políticas) frente à sociedade e às questões que dizem respeito à sua própria vida.

Vivemos num regime democrático. Para alcançarmos a democracia foi preciso muita luta social e participação política das pessoas. Essas lutas visavam a liberdade para todos poderem se expressar, criticar, apoiar, participarem da vida social de seu país. A democracia é isso: sistema político onde as pessoas têm a liberdade para escolherem seus governantes e também construírem, através de sua participação, uma sociedade melhor.

Portanto, lembre-se que uma sociedade democrática é construída através da ação de todas as pessoas.

---

## Leitura complementar

### ***Exercer a cidadania: afinal, do que estamos falando?***

*O que você entende quando alguém fala em exercer a cidadania? Para muitos, essa expressão tão utilizada, está ligada à participação em programas sociais, ao engajamento a causas que lutam por direitos que não estão sendo respeitados, a processos burocráticos, etc. De modo geral, a ideia é a de que o exercício da cidadania dá trabalho.*

*Acordar, tomar café, ir para o trabalho, cuidar das crianças, estudar, encontrar os amigos, namorar, comparecer a eventos sociais, cuidar do corpo, e outras tantas atividades que compõem o dia a dia parece mais que bastante nesses tempos corridos.*

*É mais fácil se queixar dos políticos, culpar a má qualidade dos serviços prestados à população e seguir encapsulado na própria individualidade. Aceita-se o inaceitável porque denunciar, exigir seus direitos demanda uma atitude. Com isso, vai-se deixando pra lá o que não faz sentido deixar passar.*

*Hoje, vi um motorista de ônibus arrancar o veículo antes de a passageira acabar de descer o último degrau. Faltou muito pouco para um grave acidente. Quantas vezes você observou a cidade cheia de lixo, flanelinhas atacando carros, idosos em luta com calçadas esburacadas, etc.? Preços abusivos, condutas desrespeitosas, práticas ilícitas. Todas essas coisas fazem parte de um grande pacote alimentado pela indiferença com que nós, cidadãos, terminamos por tolerar o intolerável.*

*Exercer a cidadania pode ser tomar uma atitude para denunciar, exigir, cobrar. Pode ser participar de uma associação de moradores, procurar órgãos de proteção ambiental, às crianças, aos idosos, aos animais. Qualquer forma de participação: individual, coletiva, organizada ou ocasional. O fundamental é não tomar o inaceitável como*

*natural.*

Disponível em: < <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/vai-dar-certo/exercer-cidadania-afinal-do-que-estamos-falando-411958.html> >. Acesso em 26 jul. 2018.

## Leitura complementar

---

### REDES SOCIAIS SE TORNAM IMPORTANTES FERRAMENTAS DE PROTESTO

*O crescimento das redes sociais no Brasil é cada vez mais evidente e as mesmas se propagam de forma assustadora. Todas elas se tornaram grandes ferramentas – não só para os usuários fazerem amizades, mas também para reclamarem e protestarem contra situações que julgam errado. As redes sociais funcionam hoje em dia como uma espécie de “arma” na hora de reivindicar direitos, expor ideias ou simplesmente elogiar determinada ação. Nesses sites, os usuários criam conteúdo e compartilham com sua rede de amigos. Os manifestos sociais acontecem da mesma forma: o usuário que não gostou de algo expõe sua indignação na rede e seu protesto é repassado para todos aqueles que compartilham o mesmo pensamento.*

*Para o analista de mídias sociais Vinícius Pinto, os internautas têm reclamado de uma forma que dificilmente fariam na “vida real”. “Eles têm um sentimento de que estão ‘blindados’ pela tela do computador, pensam*

que o que eles falam não vai ter impacto em sua vida offline”, observa o analista.

*Com a facilidade das redes sociais na divulgação de um manifesto, os protestos vêm acontecendo de forma bem expressiva. Assim, diversas empresas estão agora monitorando o que é falado sobre elas nas redes. Bruna Schoch, analista de mídias sociais, lembra o caso da empresa Brastemp, em que um consumidor, insatisfeito com um produto, fez um vídeo reclamando da marca e compartilhou o mesmo na internet. “O vídeo teve um grande número de visualizações e fez com que a Brastemp tomasse as devidas providências, resolvendo o problema do consumidor”, conta.*

*Agora, as pessoas estão procurando cada vez mais a internet para realizarem campanhas nas redes sociais.*

Fonte: <http://viniciuspinto.com/midias-sociais/redes-sociais-se-tornam-importantes-ferramentas-de-protesto/>

Acesso em: 24 jul. 2018

## Fundamentos econômicos da sociedade

Para compreendermos a sociedade é necessário entender seu processo de produção e distribuição econômica.

As pessoas através de seu trabalho produzem bens e serviços. Quando estamos trabalhando estamos ajudando a produzir e, com nosso salário, compramos coisas e participamos de sua distribuição. Todo processo de produção necessita de três fatores: trabalho, matéria-prima e instrumentos de produção.

### Estratificação e mobilidade social

Estratificação social identifica uma estrutura social que classifica o indivíduo, conforme sua posição na sociedade. Então, na sociedade capitalista a estratificação se dá por classes sociais, havendo, conforme a renda, classe alta, média e baixa. Na Índia, a estratificação se dá por castas, conforme a família de nascimento da pessoa. Na idade média, a estratificação se dava por estamentos, determinados pela importância da família e pela profissão. Mobilidade social significa a mudança de posição na sociedade. Nas classes sociais, a mobilidade é constante, alguém que é rico pode tornar-se pobre ou o contrário. Na sociedade de castas, a mobilidade é impossível, pois as pessoas já nascem com a condição de pertencerem a um grupo. E nos estamentos, havia mobilidade, mas de forma rara.

Vale lembrar ainda que existe duas formas de classificar nossa sociedade capitalista: pode-se analisar, conforme o nível de renda em três classes (alta, média e baixa), ou numa visão marxista (Karl Marx, criador da teoria comunista), considerando apenas burguesia (proprietários dos meios de produção), e proletariado (trabalhadores).

### Sociologia do Trabalho

Uma das áreas com as quais a Sociologia se preocupa, é com o **trabalho**. Afinal, para muitos de nós, ele é fonte de subsistência econômica além de realização pessoal e de identidade social. Assim, se a Sociologia volta-se para análises da sociedade, da vida em sociedade e das relações sociais, a especificidade do ramo da sociologia do trabalho está no fato de esta voltar-se mais particularmente para a busca da compreensão da organização e evolução do mundo do trabalho na sociedade, as relações de trabalho e as implicações sociais dos mesmos. Essas preocupações não são tão antigas. As transformações no mundo do trabalho foram responsáveis por atrair o olhar desses estudiosos, além disso, a visão que se tem do próprio trabalho foi construída ao longo do tempo. Os modos de produção nos quais as sociedades já se inseriram vem se modificando, e junto com isso vem se transformando o conceito do trabalho bem como as relações sociais suscitadas pelo mesmo e as preocupações referentes a isso.



## **A Sociologia do Trabalho e a História**

Historicamente sabe-se que o trabalho já foi considerado uma atividade extremamente depreciável. Os gregos da antiguidade clássica consideravam que o ócio criativo era digno apenas de homens livres, e também somente esses homens livres estariam aptos para dedicar-se a vida pública e a erudição. De outro lado estavam os escravos, que se dedicavam as atividades cotidianas, aos cuidados com afazeres domésticos e etc. Assim foi durante muito tempo, visto que se considerava a escravidão como a mais adequada relação laboral. As transformações pelas quais o mundo do trabalho vem passando desde então são importantíssimas para que se compreenda a organização atual dessas relações, bem como as preocupações dos sociólogos dessa área. Desde o escravismo antigo, passando pelo artesanato, servidão, e tantas outras formas de trabalho até chegarmos aos moldes do trabalho industrial no mundo moderno acarretaram transformações que dizem respeito à própria vida em sociedade, organização desses sujeitos e relações de poder entre os proprietários dos meios de produção e aqueles que vendem sua força de trabalho.

O impacto de novas tecnologias no mundo do trabalho, novas formas de organização, obsolescência de diversas profissões, o aumento do mecanismo de exclusão, a exigência de cada vez mais qualificação da mão de obras são fatores ainda presentes e que nos mostram o quanto o mundo do trabalho ainda encontra-se em contínuo processo de transformação. Contudo, o advento do capitalismo e as bruscas transformações acarretadas pela revolução industrial são ainda o grande ponto de transformação da lógica do trabalho. Essa transformação da forma de viver, destruição de costumes e instituições, a automação, a formação do proletariado, etc. tudo isso fez com que se despertasse a atenção daqueles que observam cientificamente a sociedade. O estudo científico dessa sociedade resultou de fato no advento da sociologia, e assim sendo vemos que a sociologia do trabalho é um campo de estudos e observações inerente ao próprio pensamento social, já que ambos foram originados a partir das mesmas preocupações.

## **A Sociologia do Trabalho e a alienação do trabalhador**

Uma das grandes críticas que a sociologia do trabalho tece ao mundo moderno e ao modo capitalista de produção é de fato a alienação do trabalhador em relação à sua atividade. Esse conceito de alienação do trabalho mostra de fato como o trabalhador está posto como um mero vendedor de sua força de trabalho, estando muitas vezes colocado à parte da função de sua atividade e do produto final de seu esforço. Mais do que isso, na esmagadora maioria das vezes a remuneração auferida por esse trabalhador não é suficiente para que ele possa ter igual acesso àquilo que produziu. Essa crítica refere-se a um sistema de produção fragmentado, onde cada vez mais o trabalhador encontra-se forçosamente distanciado do produto de seu trabalho. Distancia-se por estar cada vez mais desenvolvendo uma atividade mínima, especializada e repetitiva, onde muitas vezes desconhece o produto final do qual resulta a junção de tantas pequenas tarefas. E distancia-se também pelo fato de muitas vezes a remuneração por ele auferida ser insuficiente para ter acesso àquilo que é produto de seu próprio trabalho. O trabalhador, no capitalismo, é infinitamente diferente do artesão. Enquanto o artesão tinha total domínio sobre seu local de trabalho, seus horários, atividades, matérias primas e valor monetário de seu produto o trabalhador hoje se encontra submetido aos horários, condições e atividades pré-determinados pelo patrão, detentor dos meios de produção. As relações nesse sistema são fortemente marcadas pelo poder.

Desta feita, a fim de complementar, o principal alvo da crítica da sociologia do trabalho deve-se ao fato de as transformações no mundo do trabalho ter-nos levado a uma condição onde uns são tão poderosos e detêm tanto capital que podem comprar os outros que estão submetidos a condições tão degradantes que necessitam vender-se sob condições muitas vezes questionáveis.

## Trabalho e salário

Nas sociedades europeias, depois da Idade Média, a ideia do trabalho regular se impõe aos poucos. É o início do Capitalismo. Essa nova concepção vai além da atividade agrícola marcada pelos ciclos da natureza. À medida que se aprofundam as relações típicas da sociedade capitalista, ocorre a valorização do capital, com a transformação de insumos em produtos, em mercadorias e em lucros.

Os donos do capital se apropriam dos meios de produção, o que significa que eles compram, com salários, a força de trabalho daqueles que passam a viver desse trabalho. As longas jornadas são definidas pelo capital e perdem a relação natural com o movimento da Terra, com as estações do ano ou clima. O tempo pertence ao capital, que exige trabalho.

As pequenas oficinas onde se produziam os artefatos vão perdendo espaço para o surgimento das fábricas. As guildas ou as corporações de ofício, que reuniam mestres e artesãos, começam a tomar a forma dos primeiros sindicatos.

## Trabalho e emprego

Para que os trabalhadores vendessem seu trabalho em troca de salário, foi preciso destruir formas autônomas de sobrevivência, criar leis que obrigassem pessoas livres a trabalhar, reprimir todos aqueles vistos pela elite dominante como vagabundos e indignos. Desse modo, o trabalho no mundo capitalista ganhou cada vez mais a forma de emprego assalariado e sua ausência recebeu o nome de desemprego.

As palavras emprego e desemprego só passam a ter existência no vocabulário europeu a partir do final do século XIX. Até então, aqueles que conseguiam prover a própria existência eram identificados como trabalhadores (no sentido genérico), ou como profissionais pertencentes a alguma “corporação” de ofício (com sua estrutura de mestres, oficiais e respectivos liceus de artes e ofícios). Já os que não alcançavam tal intento, necessitando de algum tipo de assistência ou perambulando pelas ruas em busca de alimento, eram rigorosamente identificados e tratados pelas leis da época como pobres, vagabundos, incapazes, inválidos ou vadios.

Pouco a pouco se separam dois grupos de pobres: de um lado, aqueles sem vínculos com o mundo do trabalho ou com vínculos esporádicos e intermitentes; ficavam à mercê da assistência social ou da caridade; de outro, os pobres trabalhadores regulares que podiam encontrar-se temporariamente sem trabalho. Identificados como desempregados, nesse caso, terão acesso aos direitos sociais – indenização, seguro-desemprego, assistência médica etc. – garantidos pelo Estado.

## Produção e consumo

Se parte dos trabalhadores foi forçada a entrar na relação de trabalho assalariada, não foi sem resistência que os trabalhadores nela permaneceram. Assim, empresas e estados precisaram construir estratégias para controlar os trabalhadores e assegurar a produção e o consumo das mercadorias. De nada adiantaria produzir se não fosse possível vender, e nas primeiras décadas do século XX, constrói-se um modelo de organização do trabalho conhecido como taylorismo-fordismo.

Em primeiro lugar emerge o taylorismo: cada movimento do trabalhador será rigorosamente controlado por uma gerência que o vigia permanentemente. O fordismo acentua essas mudanças por meio da linha de montagem: a cada trabalhador caberia apenas uma tarefa, a ser executada em seu posto de trabalho, em um tempo determinado, por exemplo, enquanto a esteira rolante passa. Não sem razão, o movimento operário vai posicionar-se fortemente contrário a essa intensa disciplina.

O fordismo está associado a uma nova dinâmica do modo capitalista: produção em quantidade, custos baixos, grandes fábricas que produzem tudo. Começam os tempos da

produção e do consumo em massa. Tal dinâmica predominará no século XX, particularmente entre a Segunda Guerra Mundial e meados dos anos 1970, nos países desenvolvidos.

Grande parte desses países viverá um período marcado pelo crescimento econômico: emprego e direitos sociais garantidos aos trabalhadores, aumentando a renda e o consumo nas diversas classes sociais. Adolescentes e jovens pobres conseguem utilizar parte de sua renda para consumo próprio, contribuindo para a construção de mercado e cultura juvenis.

Alguns fatores – ampliação da escolaridade obrigatória para oito anos e novos padrões de comportamento, incluindo menor autoridade e controle paternos, além de maior disponibilidade de renda para consumo – foram fundamentais para que a categoria juventude ganhasse força, expandindo-se para além dos jovens estudantes das classes média e alta, bem como dos considerados “delinquentes”. Vários pesquisadores chamam atenção para o aparecimento dos grupos juvenis reunidos em torno da diversão e do consumo, com estilos próprios de vestuário e comportamento, e também para manifestações juvenis contrárias à própria sociedade de consumo.

## Distribuição de renda e crise

O perfil e a trajetória histórica da distribuição de renda no Brasil certamente limitam a capacidade de consumo, e, por conseguinte, a aquisição de bens e serviços pelo cidadão comum. Embora apresente uma das maiores populações do planeta, a renda vergonhosamente concentrada é uma imensa barreira ao crescimento econômico. Se o trabalho caracterizado pelo emprego formal era fonte de direitos e caminho seguro de acesso à renda e, portanto, ao consumo, os “bicos” ou o não-trabalho associados ao desemprego são portas fechadas nesse caminho.

No final do século XX, despreparado, o país abriu as portas e foi inundado pelas importações. Somem-se a isso a crise fiscal do Estado, incapaz de sustentar investimentos com a subtração dos juros da dívida, e a reestruturação das empresas em busca de novas condições para competir. O resultado é o desaparecimento de milhões de empregos na economia brasileira, especialmente na indústria. A sensação predominante é de insegurança.

A carteira de trabalho assinada passa a ser um sonho, objeto de desejo e de veneração. Agora, é o chamado mercado informal que dá as cartas, um trabalho incerto e inseguro, literalmente temporário. Não é ainda o fim dos empregos, mas é o tempo do desemprego como epidemia social e econômica.

Disponível em: < <http://carlosmina.com.br/2019/04/16/o-mundo-do-trabalho-contexto-e-sentido/> > com adaptações; acesso em 12 set. 2019

## Trabalho no mundo contemporâneo

ARIA CARLA CORROCHANO E LUÍS PAULO BRESCIANI

O teórico alemão Karl Marx (1818-1883) definiu trabalho como a ferramenta com a qual o homem altera a natureza em seu benefício, a atividade fundadora da humanidade e de todo o contexto social. Por meio dele, o homem pré-moderno, agrário em sua origem, produzia o que necessitava para sua subsistência e construía o seu mundo com seu próprio labor. Partindo dessa lógica, o trabalho para Marx seria o “bem inalienável do homem,” isto é, algo que não poderia ser vendido ou cedido, uma vez que seria a ferramenta de manutenção de sua própria sobrevivência. Nessa relação entre trabalho e sobrevivência, Marx enxergava a essência da própria vida humana. Portanto, vender a força de trabalho por um salário seria o mesmo que vender a própria vida.

### ***A Revolução Industrial e o Trabalho Assalariado***

Vender a própria mão de obra, ou o chamado trabalho assalariado, entretanto, tornou-se atividade comum. A **Revolução Industrial** iniciou uma série de mudanças nas relações sociais e nas relações de trabalho do indivíduo, que até então vivia ligado diretamente à terra. O **êxodo rural** propiciado pelos cercamentos provocava o **inchamento das cidades**, que agora ficavam abarrotadas de pessoas que não mais possuíam meios de produzir seu próprio sustento como antes. Marx observou que esse **novo homem urbano perdeu seu acesso à terra**, o que fez surgir uma classe de trabalhadores cuja única forma de subsistência era a venda de sua força de trabalho.

Com essa nova forma de se relacionar com o trabalho, o sujeito, antes intimamente ligado ao seu labor, passou a se ver **desconectado** do que produzia. Assim, nunca colhia os frutos de seu trabalho, que passou a ser comprado por um salário que, na maior parte das vezes, **era suficiente apenas para manter-se vivo**. Esse fenômeno desencadeou grandes problemas sociais, que se alastraram por todo o século XIX e grande parte do século XX, momento em que ações de melhorias das condições de trabalho e o estabelecimento de leis trabalhistas surgiram em defesa do trabalhador.

### Trabalho em tempos recentes

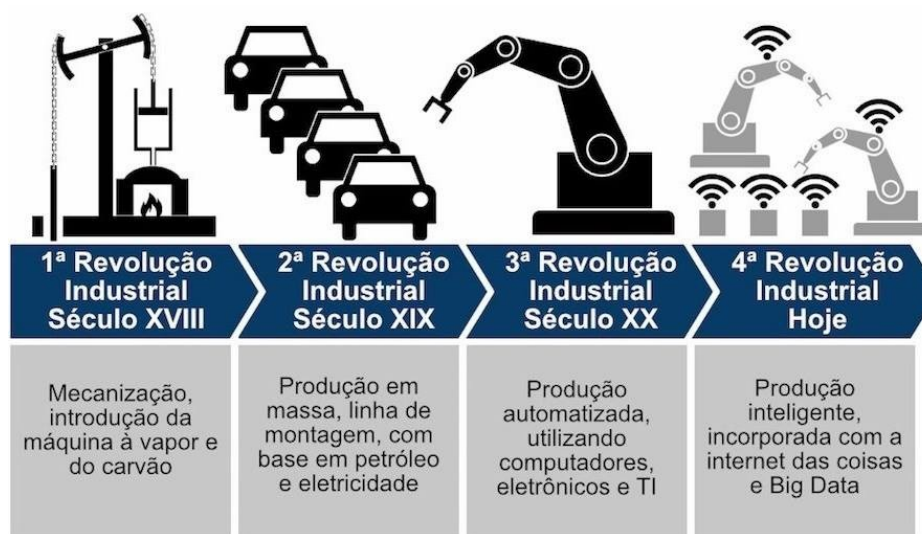
Todavia, ainda hoje enfrentamos problemas em relação ao trabalho, em virtude da busca constante pela redução dos custos de produção e, conseqüentemente, aumento do lucro. De várias maneiras, a **produção industrial automatizada** tornou a mão de obra humana obsoleta em muitos aspectos, forçando aqueles que necessitam de vender sua força de trabalho para sobreviver, principalmente aqueles que possuem menor grau de especialização, a fazê-lo de forma cada vez mais barata. Esse fenômeno tornou-se mais evidente em tempos mais recentes se observarmos a realidade da **produção de bens de consumo em escala global**, em que países em desenvolvimento e com grande população encontram-se no topo se considerarmos o aspecto da produção industrial. Entretanto, ao observarmos os índices de qualidade de vida e de trabalho, vemos que a grande produção industrial não se converte em melhoria de condição de vida para o trabalhador que produz. Isso se deve à exploração do enorme exército de trabalho existente nesses países e das leis trabalhistas mais frouxas que permitem que grandes produtoras industriais mantenham uma alta rotação de trabalhadores com baixos salários.

### Trabalho no Setor Terciário

É preciso salientar que nossa realidade distingue-se bastante da retratada por Karl Marx no início da chamada Revolução Industrial. Enquanto a maioria dos trabalhadores daquela época concentrava-se em atividades de manufatura relacionadas com a produção industrial, hoje o **setor de serviços** é o que mais possui trabalhadores. No Brasil, por exemplo, o **setor terciário**, ou setor de serviços, foi responsável por **69,4%** do valor adicionado ao **PIB** do ano de **2013**, segundo as Contas Nacionais Trimestrais do **IBGE**. Embora não se trate de bens concretos, a lógica da exploração do trabalho ou da mais-valia ainda se aplica. Isso porque mesmo quando o trabalho não é aplicado na produção material, ele ainda possui valor agregativo. O trabalho de um professor que se dedicou a aprender a ensinar, por exemplo, possui valor agregado ao ato de ministrar as aulas. Esse contexto histórico-social é importante para que entendamos os conflitos que nossas novas formas de relação com o trabalho trazem. O desemprego associado com esse processo torna-se um dos principais problemas de nossa sociedade moderna. Ao negar o direito ao trabalho, nega-se também o direito do sujeito de subsistir no meio social. Podemos, então, relacionar o agravamento de problemas como a violência, a miséria e a falta de acesso à educação a esse tipo de exclusão social.

Disponível em: <https://alunosonline.uol.com.br/sociologia/trabalho-no-mundo-contemporaneo.html> - Acesso em 07 out. 2019.

### O que é a 4ª revolução industrial - e como ela deve afetar nossas vidas



*Especialistas dizem que o mundo como conhecemos está a ponto de mudar - principalmente o modo como produzimos e trabalhamos.*

No final do século 17 foi a máquina a vapor. Desta vez, serão os robôs integrados em sistemas ciberfísicos os responsáveis por uma transformação radical. E os economistas têm um nome para isso: a quarta revolução industrial, marcada pela convergência de tecnologias digitais, físicas e biológicas.

Eles antecipam que a revolução mudará o mundo como o conhecemos. Soa muito radical? É que, se cumpridas as previsões, assim será. E já está acontecendo, dizem, em larga escala e a toda velocidade.

"Estamos a bordo de uma revolução tecnológica que transformará fundamentalmente a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Em sua escala, alcance e complexidade, a transformação será diferente de qualquer

coisa que o ser humano tenha experimentado antes", diz Klaus Schwab, autor do livro "A Quarta Revolução Industrial", publicado este ano.

A industrialização mudará de uma maneira radical e, com ela, o universo do emprego. Os "novos poderes" da transformação virão da engenharia genética e das neurotecnologias, duas áreas que parecem misteriosas e distantes para o cidadão comum.

No entanto, as repercussões impactarão em como somos e como nos relacionamos até nos lugares mais distantes do planeta: a revolução afetará o mercado de trabalho, o futuro do trabalho e a desigualdade de renda. Suas consequências impactarão a segurança geopolítica e o que é considerado ético.

Disponível em: < <http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2016/10/o-que-e-a-4a-revoluciao-industrial-e-como-ela-deve-afetar-nossas-vidas.html> > acesso em 02 dez. 2019

## Novo Normal?

### Efeitos da pandemia começam a transformar relações de trabalho de grandes empresas

A pandemia do novo Coronavírus mudou radicalmente a rotina e as perspectivas de todo mundo. Nas empresas, não seria diferente. Levantamento da consultoria McKinsey revelou que 88% das companhias avaliam que o pós-pandemia trará mudanças significativas nas relações e estruturas de trabalho. Entre elas, aparece o aumento do trabalho remoto e a ampliação de modelos de trabalho por projetos.

As empresas de tecnologia que, normalmente, guiam as tendências nas relações de trabalho, já começam a implementar mudanças internas dando a opção dos trabalhadores permanecerem mais tempo em casa. (...)

As carreiras profissionais, consequentemente, também passarão por mudanças. Outro ponto a ser alterado mencionado pela especialista é de que os modelos de liderança baseados em hierarquia e plano de carreira rígidos devem ficar fragilizados pós pandemia.

O plano de carreira tradicional, que inicia no Júnior passa pelo Pleno e depois pelo Sênior, por exemplo, deve diminuir. As funções devem se encaixar cada vez mais de acordo com as competências de cada um e não por tempo de empresa, atrelando-se muito mais a um critério meritocrático. (...)

Síntese do texto publicado em Zero Hora em 09/06/2020

## Atividades:

- 1- No texto "Multiculturalidade", a autora diz: "O reconhecimento da diferença é ponto de partida para que se possa conviver em harmonia, não com os iguais, já que igualdade só deve existir do ponto de vista legal, mas do ponto de vista humano, social, o que nos interessa é realmente ser diferentes".  
Explicar o que a autora concebe como:
  - a- **igualdade** do ponto de vista legal
  - b- **diferença** do ponto de vista humano
- 2- Elaborar um conceito de cidadania.
- 3- Explicar e dar exemplos de: 1) direitos políticos- 2) direitos civis – 3) direitos sociais
- 4- O que é estratificação? O que é mobilidade social?
- 5- Que preconceitos estão presentes na sociedade atual?
- 6- Explicar a competência de cada um dos três poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e dizer quem os representa no âmbito municipal, estadual e federal.
- 7- Com base nos textos lidos e na seus conhecimentos, quais são suas expectativas de trabalho e renda após a Pandemia?



## Referências Bibliográficas

### Geografia

COELHO, Marcos de Amorim e TERRA, Lygia. Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Moderna, 2007.  
 MOREIRA, João Carlos SENE, Eustáquio de. Geografia Geral e do Brasil – Espaço Geográfico e Globalização. 4ª Ed. São Paulo: Scipione. 2008.  
 PIFFER, Osvaldo. Geografia no Ensino Médio. São Paulo: IBEP, 2008.  
 TÉRCIO, Lúcia Marina &. Geografia - Série Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2011.  
 MAGNÓLI, Demétrio. Geografia para o Ensino Médio. 1ª Ed. São Paulo: Atual, 2008  
[www.vulcanoticias.hpg.ig.com.br/](http://www.vulcanoticias.hpg.ig.com.br/) <último acesso, janeiro de 2014>  
<http://www.suapesquisa.com/geografia/nafta.htm> <último acesso, janeiro de 2014>  
<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/meio-tecnico-cientifico-informacional.htm> <último acesso, junho de 2017>  
<http://escolakids.uol.com.br/fome-no-mundo.htm> <último acesso, junho de 2017>  
<http://geografalando.blogspot.com.br/2013/04/exerciciocomentado-projecoes.html>  
<http://brasilecola.uol.com.br/biologia/problemas-ambientais-brasileiros.htm> <último acesso, janeiro de 2018>

### História

Portal da Sociologia. <http://www.sociologia.com.br/>. Acesso em: 03 jul. 2015  
 Café com Sociologia. <http://www.cafecomsociologia.com/> Acesso em: 22 jul. 2015  
 CORTI, Ana Paula et al. Tempo, espaço e cultura: ciências humanas: ensino médio: Educação de Jovens e Adultos. São Paulo, Global, 2013  
 DIMENSTEIN, Gilberto. Aprendiz do Futuro. Ed. Ática, São Paulo, 2005  
 \_\_\_\_\_, Gilberto. O Cidadão de Papel: a Infância, a Adolescência e os Direitos Humanos no Brasil. Ed. Ática, São Paulo, 2005  
 NOVAES, Carlos Eduardo; LOBO, César. Cidadania para Principiantes. Ed. Ática, São Paulo, 2003  
 PERSIO, Santos de Oliveira. Introdução à Sociologia. Ed. Ática, São Paulo, 2001  
 PILETTI, Nelson. Sociologia da Educação. Ed. Ática, São Paulo

### Filosofia

*Tempo, espaço e cultura: ciências humanas: ensino médio: Educação de Jovens e Adultos* – 1. Ed. – São Paulo: Global, 2013. – (Coleção viver, aprender).  
 CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.  
 \_\_\_\_\_, Marilena. *Iniciação à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2012.  
 COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia: Ser, Saber e Fazer*. 11ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1995.  
 GAARDER, Joestein. *O Mundo de S O Mundo de Sofia: Romance da História da Filosofia*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

### Sociologia

Portal da Sociologia. <http://www.sociologia.com.br/>. Acesso em: 03 jul. 2015  
 Café com Sociologia. <http://www.cafecomsociologia.com/> Acesso em: 22 jul. 2015  
 CORTI, Ana Paula et al. Tempo, espaço e cultura: ciências humanas: ensino médio: Educação de Jovens e Adultos. São Paulo, Global, 2013  
 DIMENSTEIN, Gilberto. Aprendiz do Futuro. Ed. Ática, São Paulo, 2005  
 \_\_\_\_\_, Gilberto. O Cidadão de Papel: a Infância, a Adolescência e os Direitos Humanos no Brasil. Ed. Ática, São Paulo, 2005  
 NOVAES, Carlos Eduardo; LOBO, César. Cidadania para Principiantes. Ed. Ática, São Paulo, 2003  
 PERSIO, Santos de Oliveira. Introdução à Sociologia. Ed. Ática, São Paulo, 2001  
 PILETTI, Nelson. Sociologia da Educação. Ed. Ática, São Paulo